

CLÁSSICOS  NACIONAL

O último dos
Moicanos

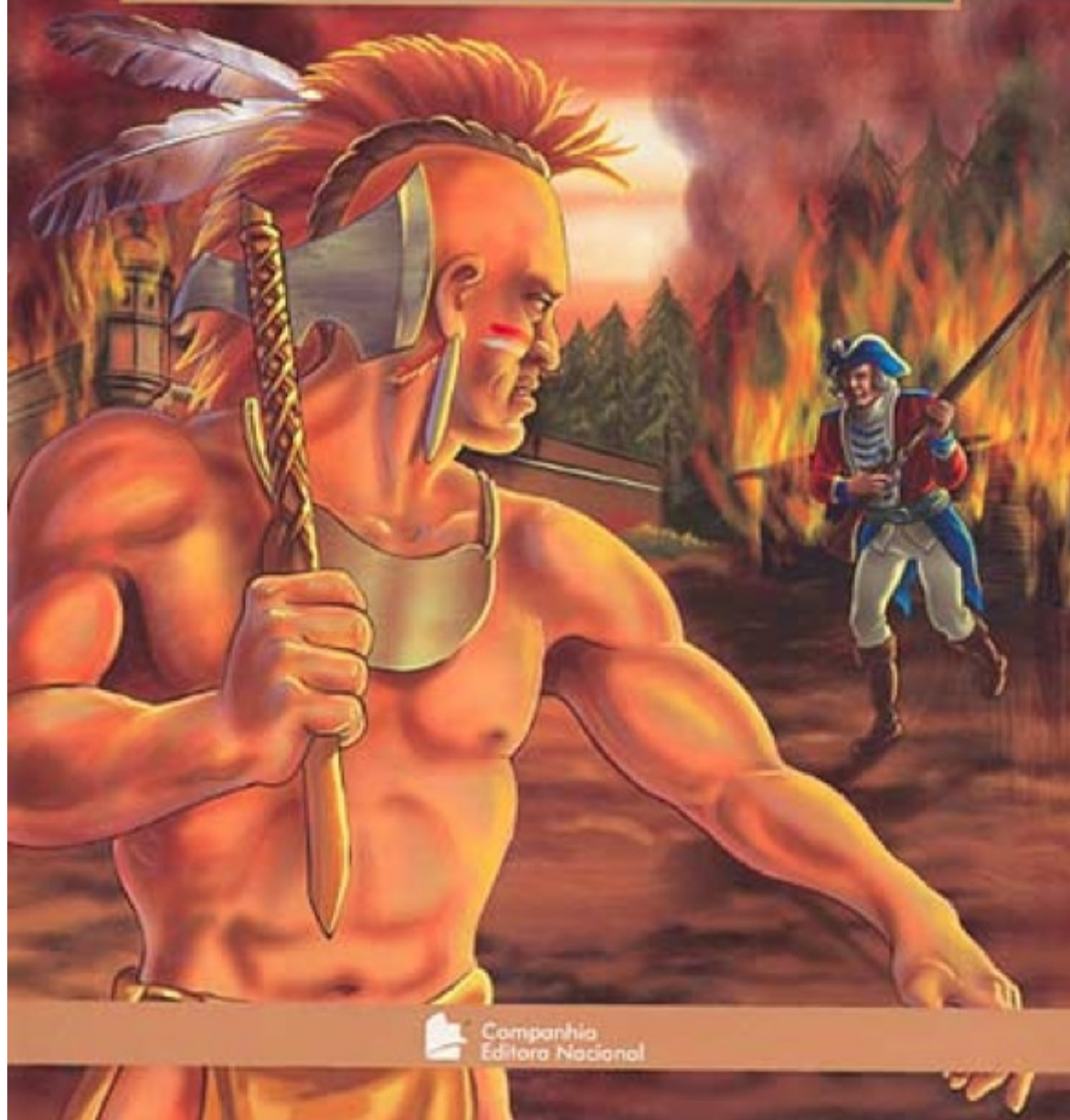
J. Fenimore Cooper



CLÁSSICOS NACIONAL

O último dos Moicanos

J. Fenimore Cooper



Companhia
Editora Nacional

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Net](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.



Sinopse

Nos vastos territórios, que separam o Canadá das possessões inglesas da América, Cora e Alice Munro, escoltadas pelo major Duncan Heyward, tentam chegar até junto de seu pai, o comandante do Forte William Henry, sitiado pelos Franceses.

Traída pelo índio Magua, chefe dos Hurões, que tenta assim vingar-se de Munro, a expedição é salva pelo batedor Olho-de-Águia e seus amigos índios, um dos quais, Uncas, o Último dos Moicanos, e chegará ao forte sã e salva. Contudo, os Ingleses têm de se render e de retirar. Mulheres e crianças são atacadas pelos Hurões, que matam parte delas e aprisionam as demais, incluindo Alice e Cora. Munro e os seus amigos - entre eles Uncas - tentam localizar as jovens: irão encontrá-las vivas?

I

Uma das particularidades das guerras coloniais travadas na América do Norte era ser preciso superar as fadigas e os perigos, em regiões tão selvagens e vastas como aquelas, antes de entrar em confronto com os inimigos. Uma extensa e aparentemente impenetrável fronteira, formada por densas florestas, separava as possessões hostis francesas e inglesas. Os intrépidos colonizadores e as milícias europeias que combatiam a seu lado, por vezes, levavam meses a debater-se contra os rápidos das correntes ou a transpor os escarpados desfiladeiros das montanhas buscando oportunidades para exhibir a sua coragem em conflitos mais bélicos. Mas, seguindo os exemplos de paciência e abnegação dados pelos experientes guerreiros nativos, aprenderam a superar quaisquer dificuldades. Talvez nenhum outro distrito, em toda aquela enorme extensão de fronteiras intermédias, poderá dar uma ideia mais real da crueldade e da ferocidade das lutas selvagens desse período da história, do que a região que se estende entre os afluentes do Hudson e os lagos adjacentes. As facilidades que a natureza oferecera aí ao avanço dos combatentes eram demasiado óbvias para serem negligenciadas. O comprido lago Champlain estendia-se desde as fronteiras do Canadá e penetrando profundamente nos limites da vizinha província de Nova Iorque, formava uma passagem natural através de metade da distância que os Franceses eram forçados a dominar a fim de atacarem o inimigo. Perto do extremo sul, recebia um contributo de outro lago, cujas águas eram tão límpidas que haviam sido até escolhidas pelos missionários jesuítas para efectuar a simbólica purificação do baptismo e para merecer, por essa razão, a designação apropriada de “Santo Sacramento”.

Os Ingleses, menos fervorosos, acharam que prestavam suficiente preito às suas fontes imaculadas, conferindo-lhe o nome do seu príncipe reinante, o segundo da Casa de Hanôver. E todos se uniram para roubar aos ingênuos possuidores de tal lugar o seu direito natural de perpetuar a sua primitiva denominação: “Horican”.

No prosseguimento dos seus ousados planos, durante as contínuas explorações dos Franceses, que tentavam alcançar os distantes e escarpados desfiladeiros de Alleghahy, não é difícil imaginar que a sua proverbial sagacidade não perdia de vista a importância natural do distrito de que acabámos de falar, e que se tornou, preferentemente, a arena sangrenta onde a maior parte das batalhas para a preponderância das colónias se travou.

Aqui foram erigidos vários fortes, em pontos de onde se poderiam facilmente dominar as comunicações, e que foram tomados e retomados, arrasados e reconstruídos, segundo a vitória sorria ou as conveniências exigiam.

Foi neste cenário de lutas sangrentas que ocorreram os incidentes que vamos relatar, durante o terceiro ano de guerra que a Inglaterra e a França sustentaram para a posse de uma região que, felizmente, nenhuma delas estava destinada a conservar. Por conseguinte, quando foi recebida, no forte que se situava no extremo sul da passagem entre o Hudson e os lagos, a informação de que Montcalm tinha sido visto a dirigir-se para Champlain com um exército “tão numeroso como as folhas das árvores”, esta verdade foi admitida com a maior relutância por aqueles mais dados às artes da paz do que com a satisfação que um guerreiro deve sentir ao saber um inimigo ao alcance dos seus disparos. As notícias haviam sido trazidas, ao cair da tarde de um dia de Verão por um mensageiro índio, que também era portador de um pedido urgente de Munro, que comandava o forte nas margens do “lago sagrado”, solicitando um rápido e poderoso reforço. A distância entre estes dois fortes não era mais de cinco léguas. O atalho que inicialmente era a linha de comunicação entre os dois fortes fora alargado para a passagem de carros; por isso, se a distância fora vencida por aquele filho da floresta em duas horas, com mais facilidade seria efectuada por um destacamento de soldados, com a bagagem necessária, entre - um nascer e um pôr do Sol de Verão.

Os leais servidores da coroa britânica tinham dado a uma destas fortalezas o nome de William Henry, e, à outra, o de Forte Edward, nomes esses de príncipes da família reinante. O

veterano escocês, que acima foi mencionado, comandava o primeiro, com um regimento de soldados regulares e alguns habitantes da região, uma força na verdade bem pequena para fazer frente ao formidável poder com que Montcalm se aproximava das suas muralhas. No outro, encontrava-se o general Webb, que comandava os exércitos do rei, nas províncias do Norte, com uma força militar de mais de cinco mil homens. Tendo reunido vários destacamentos sob o seu comando, este oficial deveria dispor de quase o dobro de combatentes para opor aos arrojados Franceses, que se tinham aventurado a ir para tão longe dos seus reforços, com um exército ligeiramente superior em número.

Mas, tanto os oficiais como os soldados pareciam mais predispostos a esperar a aproximação de tão formidável antagonista, dentro do aquartelamento, do que opor-se ao avanço da sua marcha, seguindo o exemplo bem sucedido dos Franceses no Forte du Quesne, e disparar assim que o avistassem. Depois que o efeito causado pela surpresa provocada pela mensagem se acalmou um pouco, correu o rumor entre os defensores do forte que um destacamento especial de mil e quinhentos homens iria partir para William Henry. O que de entrada era apenas um rumor tornou-se uma certeza, quando foram transmitidas as ordens do comandante-chefe para que as várias unidades que ele seleccionara para aquele serviço se preparassem para uma partida rápida.

Em consequência das ordens da noite anterior, o sono pesado dos soldados foi interrompido pelo rufar dos tambores, cujo eco reboou pelo ar humido da manhã, para além da floresta, assim que o dia começou a desenhar os contornos hirsutos de alguns dos pinheiros mais próximos, na claridade de um céu sem nuvens. Dentro em pouco, todo o exército se encontrava em movimento, pois os demais soldados levantaram-se das tarimbas para assistirem à partida dos camaradas e compartilharem da excitação e dos incidentes daquele momento. Enquanto os soldados regulares e os mercenários do rei marchavam com pronta altivez para o lado direito da formação, os colonos, mais modestos, tomavam humildemente posição do lado esquerdo, com uma docilidade que a longa prática tornara fácil. Os batedores partiram; uma forte guarda seguia à frente e atrás dos pesados veículos que transportavam os equipamentos. E antes que a luz prateada da manhã se doirasse sob os raios do sol nascente, o corpo principal dos combatentes formou em coluna e deixou o aquartelamento, fazendo uma exibição de aprumo militar, suficiente para dissipar as apreensões de muitos novatos, que iam fazer a sua estreia nas armas. Enquanto avistados pelos camaradas, mantiveram o porte altivo e a formação, até as notas dos pífaros se perderem na distância e a floresta parecer engolir aquela massa viva que lentamente a fora penetrando até ao coração.

Já aqueles sons haviam deixado de ser trazidos pela brisa, e já o último retardatário desaparecera, quando se notaram indícios de uma outra partida, junto a um barracão de tamanho pouco vulgar, em frente do qual faziam sentinela os soldados pertencentes à guarda pessoal do general inglês. Nesse ponto, encontrava-se meia dúzia de cavalos, dois dos quais aparelhados de um modo que dava a entender serem destinados a transportar senhoras de uma condição social que não era vulgar encontrar ali, naquela região, tão afastada da civilização. Um terceiro trazia os arreios e as armas de um oficial do estado-maior; enquanto os restantes, pela simplicidade dos xairéis e pelas malas de viagem com que os haviam carregado, era evidente serem destinados aos criados que aparentemente esperavam as ordens daqueles a quem serviam.

A respeitável distância deste invulgar espectáculo, agrupavam-se alguns curiosos, uns, admirando a elegância dos fogosos cavalos do exército, e outros contemplando todos aqueles preparativos com o ar pasmado de mera curiosidade. Contudo, havia um homem que, pela expressão e modos, se distinguia de todos esses espectadores, por não se mostrar curioso nem parecer ignorante.

Esta notável personagem era extremamente desgraciosa sem que, no entanto, fosse anormal. De pé, a sua estatura ultrapassava a dos seus companheiros; mas sentado, parecia ficar reduzido aos limites habituais da nossa raça. Esta contradição dos seus membros parecia estender-se a todo o seu ser. Tinha a cabeça grande, ombros estreitos e braços compridos, enquanto as mãos eram pequenas, quase delicadas; as pernas e as coxas eram finas, muito magras, mas de um comprimento extraordinário; e os joelhos poderiam ser considerados enormes se não fossem sobrepujados por uma estrutura ainda maior na qual todas as regras se confundiam impiedosamente. A maneira extravagante como se encontrava vestido só servia para tornar mais notada a sua deselegância: um casaco azul-celeste, com abas enormes e largas, e uma capa curta faziam parecer o pescoço mais magro e alto e as pernas ainda mais compridas e mais magras. As calças eram amarelas, muito estreitas, e atadas nos joelhos com fitas brancas cheias de nós bastante encardidas pelo uso. Meias altas de algodão e sapatos, num dos quais se encontrava uma espora prateada, completavam as extremidades inferiores desta personagem. Por debaixo da pala de uma enorme algibeira de uma camisa de seda

lavrada e cheia de nódoas, ornamentada com pesados galões de prata, saía um instrumento que, por se encontrar em tão marcial companhia, poderia ser facilmente tomado por alguma maléfica e desconhecida arma de guerra. Embora pequeno, este objecto pouco vulgar tinha despertado a curiosidade da maior parte dos europeus que se encontravam naquele aquartelamento, apesar de alguns dos habitantes serem vistos com ele, e empunhando-o não só sem temor mas com a maior familiaridade. Um grande tricórnio, tal como o usado pelos eclesiásticos da época, coroava o conjunto, conferindo uma certa dignidade a um rosto bem-humorado e pouco expressivo que manifestamente necessitava de tal ajuda para manter a gravidade de um alto e extraordinário cargo.

Enquanto todos os outros se mantinham afastados do grupo formado pelos viajantes, a personagem que acabámos de descrever andava pelo meio dos criados que tomavam conta dos cavalos, expressando livremente a sua reprovação ou os seus elogios às qualidades destes.

- Parece-me, meu amigo, que este animal não foi criado aqui nestas paragens; veio do estrangeiro? - disse ele, numa voz que denotava uma suavidade de tom que não condizia com as suas invulgares proporções. - Eu posso falar disto, e não é para me gabar, pois já estive em ambos os portos; o que está situado na foz do Tamisa e tem o nome da capital da Velha Inglaterra e aquele que é chamado “Porto” a que acrescentaram “Novo”; e já vi os brigues e os bergantins embarcando manadas, como na Arca de Noé, rumo à ilha da Jamaica, para fazer negócio; mas nunca pus a vista num animal que corresponda ao verdadeiro cavalo de batalha da escritura como este.

Não recebendo resposta a tão extraordinária tirada, voltou-se para a silenciosa criatura, a quem por acaso se dirigira, e encontrou um novo e ainda mais poderoso motivo para admiração naquele com que o seu olhar deparou. Os olhos haviam encontrado pela frente o vulto silencioso e impenetrável do mensageiro índio que tinha trazido para o aquartelamento as notícias desagradáveis da véspera. Embora em atitude de perfeito repouso, e aparentemente alheio à excitação e a fama que o rodeava, havia um misto de ferocidade obstinada e de serenidade no selvagem, que atrairia a atenção de uns olhos mais experientes do que aqueles que o examinavam com mal dissimulado espanto.

Apesar de o indígena trazer o tomahawk(1) e a faca da sua tribo, o seu aspecto, no entanto, não era inteiramente o de um guerreiro. Pelo contrário, apresentava um ar pouco cuidado devido a qualquer grande esforço que despendera e de que ainda se não refizera. As tintas das pinturas do seu rosto feroz haviam-se misturado o que tornava a sua fisionomia ainda mais grosseira e repulsiva. Por instantes, o seu olhar penetrante, ainda que fático, encontrou o olhar surpreendido do outro, mas, virando a cara, parte por astúcia parte por desdém, fixou-o num ponto mais distante.

(1) Machado dos peles-vermelhas. (N. da T.)

Só Deus sabe a que imprevista observação esta troca de olhares, entre dois homens tão diferentes, poderia levar o homem branco, se a sua curiosidade não tivesse sido atraída para outros motivos.

Uma movimentação geral dos criados e um rumor de vozes de mulheres anunciavam a aproximação daqueles cuja presença era esperada, para que se pudesse iniciar a cavalgada.

Um homem ainda novo, envergando a farda do exército, conduziu até junto dos cavalos que lhes estavam destinados, as duas senhoras que, a julgar pelos seus trajes, se encontravam preparadas para defrontar as fadigas de uma jornada através da floresta. Uma delas, que parecia ser a mais jovem, embora as duas fossem novas, deixava entrever uma encantadora tez, uns cabelos loiros e uns olhos azuis e brilhantes, quando permitia que a brisa da manhã lhe afastasse o véu que lhe pendia do chapéu de castor. A outra, que parecia partilhar de igual modo as atenções do jovem oficial, ocultava os seus encantos, aos olhares da soldadesca, com especial cuidado, o que parecia dever-se à experiência dos seus quatro ou cinco anos a mais. No entanto, podia notar-se que o seu corpo era moldado nas mesmas excelentes proporções, que o traje de viagem não conseguia ocultar, mas que era mais cheia e mais amadurecida do que a sua companheira.

Assim que as jovens se instalaram, o seu acompanhante saltou ligeiro também para a sela, e todos três, saudando Webb que, cortesmente, assistia à sua partida, voltaram os cavalos e iniciaram a marcha seguidos pelo seu séquito, em direcção à entrada norte do aquartelamento. Durante este percurso, nenhuma das suas vozes se ouviu; apenas um leve grito que a mais nova das jovens soltou, quando o mensageiro índio passou inesperadamente por ela e tomou a dianteira, na estrada militar.

Embora este súbito e assustador movimento do índio não produzisse qualquer exclamação da outra, o véu, com a surpresa, entreabrira as suas pregas e revelara uma indescritível expressão de comiseração, espanto e horror, enquanto os seus olhos negros seguiam os movimentos do selvagem. As tranças desta jovem eram negras e brilhantes, como as asas de um corvo, embora a sua pele não fosse morena. Sorriu, como se lamentasse o seu momentâneo descuido, descobrindo uma fileira de dentes que poderia causar inveja, pela sua espantosa brancura, ao marfim mais puro; enquanto reajustava o véu, inclinou a cabeça e continuou o caminho silenciosa, como se estivesse entregue aos seus pensamentos e alheada de tudo o que se passava à sua volta.

II

Enquanto uma destas encantadoras jovens que apresentamos anteriormente ao leitor se encontrava mergulhada nos seus pensamentos, a outra depressa se recompôs do ligeiro susto que a fizera soltar a exclamação, e, rindo da sua própria fraqueza, perguntou em ar de brincadeira ao oficial que a seu lado cavalgava:

- É muito frequente encontrar um espectro destes nas florestas, Heyward? Ou este exhibe-se assim em nossa honra? Se assim é, a nossa gratidão obriga-nos a ficar de boca calada; mas se o caso , outro, tanto a Cora como eu precisamos de recorrer amplamente às nossas provisões de coragem hereditária de que tanto nos orgulhamos, até mesmo antes de depararmos com o temível Montcalm.

- Aquele índio , um mensageiro do nosso exército, e, segundo se depreende dos costumes do seu povo, é considerado um herói - retorquiou o oficial, a quem ela se dirigira. - Ele ofereceu-se para nos guiar até ao lago, por um atalho pouco conhecido, para chegarmos mais depressa do que se seguissemos o caminho mais lento da colina.

- Não gosto dele - disse a jovem, estremeando de terror em parte fingido em parte verdadeiro. - Deve conhecê-lo bem, Duncan, de outro modo não confiaria nele com tanta

despreocupação.

- Diga antes, Alice, que as não confiaria nas mãos dele - replicou o oficial, convictamente - se não o conhecesse, e se não lhe desse a minha confiança, e, além do mais, numa altura destas. Dizem que ele é canadiano, e que combateu com os nossos amigos Mohawks(1), que, como sabe, fazem parte das Seis Nações Aliadas(2). Segundo ouvi dizer, foi trazido para cá por qualquer estranha circunstância, em que o seu pai esteve envolvido, e na qual este selvagem estava grandemente implicado. Mas eu já me esqueci de toda a história. O principal , que agora , é nosso amigo.

(1) Indígenas da tribo localizada no vale do rio Mohawk. (N.da T.)

(2) Durante muito tempo, existiu entre as tribos índias uma confederação, que a princípio foi conhecida pelo nome de “Cinco Nações”. Mais tarde, passou a chamar-se “Seis Nações”, por ter sido admitida outra tribo. (N. da T.)

- Se foi inimigo de meu pai, ainda gosto menos dele! - exclamou a jovem agora mais alarmada.

- Quer ter a bondade de falar com ele, major Heyward, para eu lhe ouvir a voz? Embora pareça patético, com certeza que já me ouviu dizer que avalio o carácter das pessoas pelo tom da sua voz.

- Não vale a pena, pois ele só lhe responderia por um monossílabo. Embora compreenda, finge, como a maior parte da sua gente, que não sabe nada de inglês. E agora, menos do que nunca, ele condescenderia em falar-nos na nossa língua, pois esta guerra exige que mantenha toda a sua dignidade. Ele agora parou; com certeza que o atalho por onde temos de meter, deve estar perto.

As conjecturas do major Heyward estavam certas. Quando atingiram o ponto onde o índio se encontrava parado, este apontou para um atalho estreito e meio encoberto, por onde parecia poder passar, e dificilmente, uma só pessoa de cada vez.

- É por aqui então o nosso caminho - disse o oficial, em voz baixa. - Mas não manifeste o seu receio, pois pode atrair o perigo que tanto teme.

- Cora, o que achas? - perguntou, hesitante, a jovem loira. - Se acompanhássemos as tropas, embora podendo achar a sua presença enfadonha, não estaríamos mais em segurança?

- Vê-se que está pouco habituada aos costumes dos indígenas Alice, e enganada quanto aos lugares onde se encontra um verdadeiro perigo - disse Heyward. - O caminho do destacamento é conhecido, enquanto o nosso, por ter sido resolvido à última hora, ainda se mantém secreto.

- E não havemos de confiar num homem, lá porque os seus modos não são como os nossos e a sua pele , mais escura? - retorquiu Cora, friamente.

Alice não hesitou mais, e, tocando ao de leve o seu Narraganset(1), foi a primeira a afastar os ramos dos arbustos e a seguir o mensageiro, através do emaranhado do atalho.

(1) Raça de cavalos da América do Norte cujo nome provém de uma tribo de índios que habitou nas margens de uma baía chamada Narraganset, no estado de Rhode Island. (N. da T.)

O oficial olhou com admiração para Cora e deixou que a jovem loira, mas não mais bonita que a companheira, seguisse sozinha, enquanto abria caminho para a passagem daquela a quem haviam chamado Cora. Era de crer que os criados tinham recebido ordens previamente, pois em lugar de penetrarem na mata, seguiram o mesmo caminho que a coluna, uma medida, como explicou Heyward, exigida pela sagacidade do guia, tendo em vista diminuir os vestígios que deixassem no caminho, se, por acaso, os selvagens canadianos estivessem emboscados à espera do exército. Durante alguns minutos, as dificuldades do caminho não permitiram que o diálogo se prolongasse. Depois, tendo saído do meio do matagal mais espesso, meteram por

debaixo da alta abóbada formada pela floresta; e a marcha pôde fazer-se com menos precalços. Assim que o guia compreendeu que as jovens dominavam bem as montadas, apressou o passo e meteu quase a trote.

O oficial voltara-se para falar a Cora quando o som distante de cascos de cavalo o fez refrear a montada; as suas companheiras puxaram as rédeas também, e todos pararam a fim de procurar uma explicação para tão inesperada intrusão. Pouco depois, viram um garrano, esgueirando-se, habilmente, por entre os troncos dos pinheiros, e, logo a seguir, a tosca personagem descrita no capítulo anterior. Durante o curto tempo que antecederia a sua partida, os viajantes não haviam tido ocasião de reparar no indivíduo que agora se aproximava. Assim como tinha o poder de chamar a atenção sobre si ao exhibir a sua imponente estatura quando se encontrava de pé, também os seus dons como cavaleiro eram igualmente dignos de nota.

Heyward que, a princípio franzira a testa, foi a pouco e pouco transformando a preocupação num sorriso, ao avistar aquele desconhecido. Alice não se esforçou muito por dissimular o riso, e até os olhos pensativos de Cora se iluminaram, bem-humorados.

- Procura alguém? - perguntou Heyward, quando o outro se aproximou o suficiente e abrandou a velocidade. - Espero que não nos traga más notícias.

- É isso mesmo - replicou o desconhecido, abanando-se com o tricórnio de castor, e deixando os seus interlocutores na dúvida a qual das perguntas respondia. Quando se sentiu mais fresco e mais descansado, prosseguiu: - Ouvi dizer que iam para William Henry. Como vou também para lá, concluí que uma boa companhia agradaria a ambas as partes.

- O número das opiniões é que não foi bem levado em conta - retorquiu Heyward. - Nós somos três, e o senhor apenas tem de se consultar a si mesmo.

- Nada mais injusto do que um cavalheiro ter de tomar conta de duas senhoras tão jovens. Estas de certeza que seguirão a sua opinião, e assim o senhor só me terá a mim para consultar.

- Se é sua intenção dirigir-se para o lago, enganou-se no caminho - disse Heyward, com arrogância. - A estrada que vai para lá fica, pelo menos, meia milha mais atrás.

- É isso mesmo - replicou o desconhecido, nada intimidado com tão fria recepção. - Eu demorei-me no Edward uma semana, e só se fosse mudo não perguntaria que caminho tinha a seguir. Não é muito prudente para uma pessoa da minha profissão ter grandes familiaridades com aqueles a quem ensinamos; foi por essa razão que eu não segui o mesmo caminho do exército. Além disso, concluí que uma pessoa como o senhor deve ser entendida em questões de viagens, por isso decidi juntar-me ao grupo para que a jornada fosse mais agradável.

- Uma decisão bastante arbitrária, para não dizer apressada! - exclamou Heyward, indeciso se havia de dar largas ao seu mau humor ou rir na cara do outro. - Mas o senhor falou em ensino e numa profissão. É adjunto a algum corpo do exército, como mestre da nobre arte da ofensiva e da defensiva? Ou talvez um dos que traçam linhas e ângulos, a pretexto de explicar matemática?

O desconhecido, por momentos, fitou espantado o seu interlocutor, e depois, abandonando toda a sua presunção, respondeu com humildade:

- Ofensas espero que não haja de parte a parte; e quanto a defender-me, com a graça de Deus, espero também que não seja preciso. E não percebo o que quer dizer com linhas e ângulos, e eu deixo essas explicações para aqueles que estão destinados a esse santo ofício. Eu não aspiro a dom maior do que possuir alguns conhecimentos da gloriosa arte da súplica e da acção de graças, como é praticada por um cantor de salmos. - Acho que este homem é um discípulo de Apolo - exclamou Alice, divertida - e eu tomo-o sob a minha especial proteção. Vamos, Heyward, ponha de lado esse mau humor e, em consideração para com os meus ouvidos sequiosos, consinta que ele faça caminho connosco. Além disso - acrescentou apressada, e em voz baixa, lançando um olhar a Cora que, mais adiante, seguia as pegadas do taciturno guia - pode ser um amigo que nos dê ajuda em caso de necessidade.

- A Alice julga que eu iria arriscar a vida de pessoas que estimo, ao meter por este atalho, se imaginasse que poderia acontecer qualquer coisa?

- De modo algum! Agora já não acho. Mas este desconhecido diverte-me; e se ele “tem música na alma” não cometamos a grosseria de rejeitar a sua companhia.

Apontou para a frente com o pingalim, enquanto os seus olhos fitavam os do jovem que depois esporeou o cavalo e voltou para junto de Cora.

- Ainda bem que o encontramos, meu amigo - continuou ela, fazendo sinal ao desconhecido para que se aproximasse. Pessoas da minha família persuadiram-me de que não sou desajeitada de todo para cantar duetos, e assim podemos animar a nossa viagem, entregando-nos à nossa distracção favorita. Pode ser vantajoso para mim, ignorante como sou, ouvir a opinião de um mestre nessa arte.

- É uma bênção tanto para o espírito como para o corpo, entregarmo-nos à salmodia, em certas ocasiões - replicou o mestre de canto, obedecendo sem hesitações ao convite para os acompanhar. - A senhora manifesta todos os sinais de possuir uma voz de soprano; eu sou capaz de, com um certo jeito, atingir as notas mais altas de um tenor. Mas falta-nos um tenorino e um baixo! Talvez aquele oficial possa preencher este último, segundo julgo pelas tonalidades da sua voz.

- Não julgue assim tão precipitadamente - disse a jovem, sorrindo - porque embora o major Heyward possa às vezes engrossar a voz, acredite que o seu tom normal é mais o de um tenor do que de um baixo.

- Então ele costuma praticar a arte da salmodia? - perguntou o seu companheiro com a maior simplicidade.

Alice esteve quase a soltar uma gargalhada; no entanto, conseguiu reprimi-la antes de responder:

- Suspeito que seja mais dado a canções profanas. - A voz, dada ao homem, tal como os outros talentos, para ser usada sem abusos - respondeu o seu companheiro. - Ninguém pode dizer que eu, alguma vez, desprezei os meus dons! Dou graças a Deus por isso, embora na minha juventude não fizesse muito bom uso deles, tal como o rei David, no que toca à música, mas nenhuma sílaba de versos indecorosos me profanou os lábios.

- Tem então consagrado todos os seus esforços à música sacra?

- É isso mesmo. Tal como os salmos de David excedem em tudo qualquer outra linguagem, assim a salmodia que foi feita para eles, pelos teólogos e pelos sábios da terra, excede também qualquer vã poesia.

Enquanto falava, o desconhecido tirara o livro do bolso e, ajustando ao nariz umas lunetas de aros de metal, abriu o volume com cuidado e veneração; e, depois de levar à boca aquele estranho instrumento, e de ter extraído dele um som agudo e penetrante, começou a cantar.

Tal inovação, no silêncio e solidão da floresta, não podia ter deixado de ferir o ouvido daqueles que o precediam a curta distância. O índio murmurou algumas palavras em mau inglês a Heyward que, por seu turno, se dirigiu ao desconhecido, interrompendo e pondo fim de imediato às suas tentativas musicais.

- Embora não corramos perigo, a mais elementar prudência aconselha-nos a fazermos a travessia desta região tão calados quanto possível. E vai perdoar-me, Alice, por eu pôr termo ao seu prazer, por uns tempos, pedindo a este senhor que adie os seus salmos para ocasião mais oportuna.

- Mas Duncan, eu também gostava de lhe perguntar quais as causas da incompatibilidade entre os sons e a razão, para ter quebrado o encanto da minha meditação com a sua voz de baixo.

- Eu não sei a que chama a minha voz de baixo - disse Heyward, irritado -, só sei que a sua segurança e a de Cora têm mais importância para mim do que qualquer música de Haendel.

Calou-se, virou rapidamente a cabeça na direção da mata, e depois voltou o olhar desconfiado para o guia que continuava decidido e imperturbável o seu caminho. Sorrindo para si mesmo, porque julgara ver, nas bagas brilhantes de um arbusto, a cintilação dos olhos de um selvagem, continuou a caminhar, prosseguindo a conversa antes interrompida.

O major Heyward cometia um erro ao tolerar que a sua juventude e o seu orgulho tivessem feito abrandar a sua vigilância. Mal a cavalgada passou, os ramos dos arbustos da mata foram desviados com a maior cautela, e um rosto humano, tão ferozmente selvagem quanto as paixões desenfreadas que o moviam, espreitou os viajantes que se afastavam. E um clarão de júbilo brilhou nas feições daquele habitante da floresta.

III

Deixando o despreocupado Heyward e as suas confiantes companheiras penetrarem ainda mais profundamente na floresta que abrigava tantos e tão traiçoeiros perigos, desloquemo-nos para outro lugar, algumas milhas mais para ocidente.

Naquele dia, podiam ver-se dois homens, nas margens de um rio, que corria veloz, a uma hora de caminho do quartelamento de Webb, como se estivessem à espera de alguém e de alguma coisa. A vasta arcaria, formada pela floresta, estendia-se até à margem do rio, projectando-se por sobre as águas da corrente, tornando-as ainda mais escuras. Os raios do Sol começavam a abrandar a sua violência. O silêncio palpitante, característico do calor opressivo de uma paisagem americana em Julho, invadia aquele local isolado e era apenas interrompido pela conversa em voz baixa dos dois homens, por uma ou outra bicada indolente de um picapau, o grito dissonante do gaio ou o bramido melancólico de uma queda-d'água distante.

Contudo, estes sons, indistintos e espaçados, eram por demais familiares aos dois homens para lhes distrair a atenção do assunto principal da sua conversa. Enquanto um deles exhibia o tom de pele e o traje habitual dos nativos das florestas, o outro, apesar de vestir pouco cuidadosamente, tinha a tez clara, embora tisonada pelo Sol, em que se via ser de ascendência europeia.

O primeiro encontrava-se sentado na ponta de um tronco musgoso, numa atitude em que a força da sua linguagem veemente era realçada pelos gestos expressivos de um índio, quando se empenha em qualquer discussão. No seu corpo, quase nu, desenhava-se a preto e branco um horrível símbolo da morte. Na cabeça, quase rapada, apenas se via um tufo de cabelos que não ostentava mais ornamentos além de uma única pena de águia que o atravessava e lhe caía sobre o ombro esquerdo. Um tomahawk e uma faca de escalpar, de fabrico inglês, pendiam-lhe do cinto, enquanto uma espingarda, como aquela com que os brancos haviam equipado os seus aliados selvagens, lhe descansava sobre os joelhos.

O aspecto do homem branco era o de alguém que tivesse conhecido privações e trabalhos duros, desde a sua juventude. Embora musculoso, era delgado; mas cada um dos seus nervos e músculos pareciam ter enrijecido devido a perigos e fadigas constantes. Vestia uma camisa verde-escura de caçador com franjas amareladas, e na cabeça um gorro de cabedal. Também trazia uma faca presa a um cinto de wampum(1) como o que prendia as poucas roupas do índio, mas sem tomahawk algum. Os mocassins eram ornamentados e coloridos como os dos nativos; e nas pernas, as polainas de pele de gamo prendiam acima dos joelhos por tendões de veado. Uma cartucheira e um polvorinho completavam o equipamento, além de uma espingarda que ele encostara ao tronco de uma árvore.

(1) Contas de conchas ou búzios usadas como ornamento ou moeda pelos índios. (N. da T.)

Enquanto conversava, ia olhando em volta, como quem procura alguma peça de caça ou teme a proximidade de um inimigo emboscado.

- As tuas próprias tradições dão-me razão, Chingachgook - dizia ele, falando a língua conhecida por todos os nativos que outrora haviam habitado a região entre o Hudson e o Potomac. - Os teus avós vieram do lado do sol poente, atravessaram o grande rio, lutaram contra os que aí viviam e ficaram com as terras; e os meus vieram do lado do sol nascente, por cima do grande lago salgado, e fizeram o mesmo que os teus. E que Deus seja o juiz nesta questão, e os amigos não gastem mais palavras com ela!

- Os meus avós lutaram contra os peles-vermelhas nus! -olveu o índio, carrancudo, na mesma linguagem. - Não há então diferença, Olho-de-Águia, entre a seta de ponta de pedra do guerreiro e a bala de chumbo com que vocês matam?

- Os índios têm razão, embora a natureza os tenha feito com a pele-vermelha! - disse o homem branco, acenando com a cabeça, como que para mostrar que um tal apelo à justiça não fora em vão. Por momentos, pareceu não ter argumentos; depois, voltando à luta, respondeu à objecção do seu antagonista da melhor maneira que pôde:

- Eu não sou um sábio, mas a julgar pelo que tenho visto nas caçadas aos veados e aos esquilos, acho que uma espingarda nas mãos dos teus antepassados não seria tão perigosa quanto um arco feito de madeira de noqueira e uma boa ponta de pedra, se manejados com a decisão de um índio e arremessada com a pontaria de um índio.

- Tu conheces a história contada pelos teus avós - retorquiu o outro, com altivo desdém. - O que dizem os teus anciãos? Contam aos guerreiros mais novos que os rostos-pálidos encontraram os peles-vermelhas com pinturas de guerra e armados de machados de pedra ou armas de pau?

- Não sou homem de preconceitos, nem pessoa que se gabe dos seus próprios privilégios, embora o pior inimigo que eu tenho na terra, e ele é um iroquês, não se atreva a negar que eu sou um branco genuíno - replicou o batedor, observando, com secreta satisfação, o crestado da sua mão forte e ossuda. - E admito, como homem honesto que sou, que a minha gente por vezes tem uns modos de proceder que eu não aprovo. Mas toda a história tem dois lados; por isso, pergunto-me, Chingachgook, o que se passou quando os nossos antepassados se encontraram pela primeira vez?

Durante os minutos que se seguiram, o índio permaneceu calado; depois, com a dignidade de um chefe, iniciou o seu breve relato, com uma solenidade que mais realce imprimiu à sua veracidade.

- Ouve, Olho-de-Águia, e os teus ouvidos não irão escutar mentiras. Isto foi o que os meus avós disseram, e o que os Moicanos fizeram. Viemos de um lugar onde o Sol se esconde à noite, passámos pelas grandes planícies onde vivem os búfalos, até chegarmos ao grande rio. Aí, lutámos com os Alligewi, até a terra ficar vermelha de sangue. E desde as margens do grande rio até às praias do grande lago salgado, não encontramos ninguém. Os Macuas vieram atrás. Nós dissemos que a terra deveria ser nossa, desde o lugar onde a água deixara de correr até ao rio que fica à distância de vinte dias de jornada para o lado do nascer do Sol. A terra que tomámos como guerreiros, conservámo-la como homens. Empurrámos os Macuas para a floresta, para junto dos ursos: só provavam o sal da terra, não pescavam no grande lago e nós atirávamos-lhes as espinhas.

- Tudo isso já eu ouvi, e acredito - disse o homem branco, quando o índio fez uma pausa. - Mas foi tudo muito antes de os Ingleses virem para este país.

- Havia um pinheiro aqui onde está agora este castanheiro. Os primeiros rostos-pálidos que apareceram não falavam inglês. Vieram num barco grande, quando os meus avós haviam enterrado o tomahawk juntamente com os peles-vermelhas que viviam à sua volta. E então, Olho-de-Águia - continuou ele, mal escondendo a sua emoção -, então, Olho-de-Águia, éramos um só povo, e éramos felizes. O grande lago salgado dava-nos o seu peixe, a floresta os seus veados e o ar as suas aves. Tomámos mulheres que nos deram filhos; adorávamos o Grande Espírito; e mantínhamos os Macuas longe do som dos nossos cânticos de triunfo!

- Que sabes da tua família, nesse tempo? - perguntou o homem branco. - És um homem justo apesar de índio, e como suponho que herdaste os seus dons, os teus avós deviam ter sido guerreiros valentes e grandes chefes.

- A minha tribo era a avó das Nações - disse o indígena -, mas eu sou um homem de raça pura. O sangue dos chefes corre nas minhas veias. Os Holandeses desembarcaram e deram a beber ao meu povo a água-de-fogo; eles beberam-na até a cabeça se lhes transtornar e enlouqueceram, pensando que tinham encontrado o Grande Espírito. Depois, abandonaram as suas terras. Pouco a pouco, foram empurrados das praias, até que eu, que sou um chefe e um Sagamore(1) nunca vi o Sol senão por entre as árvores e nunca visitei as sepulturas dos meus avós.

(1) Chefe supremo de algumas tribos de índios americanos. (N. da T.)

- As sepulturas fazem-nos pensar -olveu o batedor, tocado pelo sofrimento calmo do companheiro - e muitas vezes ajudam as pessoas a manter as suas boas resoluções. Mas onde se encontram os da tua raça que vieram juntar-se ao teu povo, na região do Delaware, há tantos Verões?

- Onde se encontram as flores que cobriram as árvores nesses Verões! Caíram uma a uma. Assim todos os da minha família foram partindo para a terra dos espíritos. Eu estou no topo da colina e também irei descer para o vale; e quando Uncas seguir as minhas passadas, não restará mais ninguém do sangue dos Sagamores, pois o meu filho é o Último dos Moicanos.

- Uncas está aqui - disse, ali ao pé, outra voz igualmente gutural. - O que querem de Uncas?

E logo a seguir, um jovem guerreiro passou, sem ruído, por entre eles e foi sentar-se à beira do rio. Nenhuma exclamação de surpresa saiu da boca do pai, nem qualquer pergunta foi feita. O homem branco também permaneceu discretamente silencioso. Por fim, Chingachgook voltou com lentidão o olhar para o filho e perguntou:

- Os Macuas ousaram deixar as pegadas dos seus mocassins neste bosque?

- Andei no rasto deles - replicou o jovem índio - e sei que são tantos quantos os dedos das minhas mãos; mas escondem-se como cobardes.

- Os ladrões andam à espreita de escalpes e presas de guerra! - disse Olho-de-Águia. - Aquele intrumetido, o francês Montcalm, ainda há-de mandar espiões ao nosso acampamento, para saber que caminho seguimos!

- Hão-de ser expulsos da floresta como os veados das matas - disse o pai, olhando para o Sol, que já estava no ocaso. Olho-de-Águia, agora vamos comer, e amanhã mostraremos aos Macuas que somos homens.

- Estou pronto para uma e outra coisa - replicou o batedor.

- Mas para combater os Iroqueses , preciso saber onde estão esses cobardes; e para comer é preciso arranjar caça... Falai no mau... Está ali um par de armações de veado, como não vi nenhum ainda nesta época, junto aos arbustos daquela colina! Agora, Uncas - continuou ele, em voz baixa e rindo silenciosamente -, aposto que lhe acerto entre os olhos, e mais perto do direito do que do esquerdo.

- Não pode ser! - disse o jovem índio, pondo-se de pé, com a ligeireza própria de quem é moço. - Só se veem as pontas dos galhos!

- Mas que criança! - disse o homem branco, abanando a cabeça e dirigindo-se ao pai. - Não sabe que quando um caçador vê só uma parte do animal, é capaz de dizer onde está todo o resto?

Apontando a arma, preparava-se para exhibir a sua destreza, quando o guerreiro lhe tocou com a mão, perguntando:

- Olho-de-Águia! Queres-te bater contra os Macuas? - Estes índios conhecem por instinto tudo o que se passa na floresta! - volveu o batedor, baixando a espingarda, compenetrado do seu erro. - Deixo o gamo para a tua seta. Uncas, de outro modo, matamo-lo para aqueles ladrões dos Iroqueses o comerem.

Logo que o pai secundou aquela opinião com um gesto expressivo, Uncas, rastejando, aproximou-se do animal com prudência. Quando já se encontrava perto, ajustou a flecha ao arco, com o maior cuidado. E logo a seguir, ouviu-se a vibração do arco, viu-se um risco branco penetrar nos arbustos, e o gamo ferido emergiu do esconderijo e veio cair aos pés do seu inimigo. Evitando os galhos do animal enfurecido, Uncas correu para ele e enterrou-lhe a faca na garganta. O gamo deu um salto em direcção ao rio, onde caiu, tingindo a água de sangue.

- Foi tudo feito com uma destreza digna de um índio - disse o batedor, rindo de prazer. - Foi bonito! Embora a seta tenha pouco poder e precise de uma faca para acabar o trabalho.

- Hum! - exclamou o companheiro, voltando-se rapidamente como um cão de caça ao pressentir a presa.

- Santo Deus! Deve haver uma manada deles! - exclamou o batedor, com os olhos a brilhar. - Se passarem ao alcance de uma bala, abato um! Estás a ouvir alguma coisa? Para os meus ouvidos, a floresta está muda.

- Só há um veado e esse está morto - disse o índio, curvando-se até quase encostar o ouvido ao chão. - O que ouço são passos!

- Talvez os lobos tenham afugentado o veado e estejam a seguir-lhe o rasto.

- Não. Vêm aí cavalos de homens brancos - retorquiu o outro, erguendo-se com dignidade e voltando a sentar-se no tronco, tal como anteriormente. - Olho-de-Águia, são teus irmãos. Fala tu com eles.

- Vou fazê-lo, e num inglês de que nem o próprio rei se envergonharia - retorqui o caçador. - Mas não ouço nem vejo sinais de homens ou animais. É estranho que um índio possa distinguir os sons dos brancos melhor do que outro homem sem misturas de sangues, embora tenha vivido com os peles-vermelhas durante tanto tempo! Ah! Agora também já ouço um estalar de ramos secos... Sim, há um ruído que eu tomei pelo de uma queda-d'água... E aí vêm eles. Deus os proteja dos Iroqueses!

IV

Ainda o batedor falava quando apareceu um cavaleiro, cujos passos haviam sido pressentidos pelo ouvido apurado do índio.

- Quem vem lá? - perguntou o batedor, atirando a espingarda para o braço esquerdo e conservando o dedo indicador da mão direita no gatilho. - Quem vem arrostar com os animais e os perigos da floresta?

- Crentes na religião e defensores da lei e do rei - respondeu aquele que cavalgava na dianteira do grupo. - Gente que viaja desde o nascer do Sol, pela escuridão da floresta, sem comer e cansados da jornada.

- Estão então perdidos - interrompeu o caçador - e não sabem bem para que lado estão virados?

- É isso mesmo. Crianças de colo não estão mais dependentes daqueles que as guiam, do que nós, que já somos adultos. Sabe a que distância nos encontramos de um forte chamado William Henry?

- William Henry? - gritou o batedor, sem poder conter o riso. - Se são defensores do rei e têm alguma coisa a ver com o exército, o melhor é seguirem rio abaixo até Edward, e exporem o assunto a Webb, que está fechado lá dentro, em lugar de se meter por desfiladeiros e obrigar os patifes dos Franceses a atravessar o Champlain até ao seu antro. Mas antes que o desconhecido pudesse responder a tão inesperada proposta, surgiu do bosque outro cavaleiro.

- E então a que distância estamos de Forte Edwards? - perguntou o recém-chegado. - O lugar que nos aconselha é aquele de onde partimos esta manhã, e o nosso destino era o extremo do lago.

- Então devem ter perdido a vista, além de se terem perdido no caminho, porque a estrada para lá é larga como as que levam a Londres ou até mesmo ao palácio do rei.

- Não vamos agora discutir isso - retorquiu Heyward, sorrindo. - O que importa é que confiámos num guia índio para nos levar lá por um atalho, e estamos a ver que nos enganámos a respeito dos seus conhecimentos. Para falar claro, não sabemos onde estamos.

- Um índio perdido na floresta! - disse o batedor, abanando a cabeça. - É muito estranho um índio perder-se entre o Horican e a margem do rio! Ele é um mohawk?

- Não de nascimento; foi adotado por essa tribo. Acho que nasceu mais a norte, e é um daqueles a quem dão o nome de “Hurões”.

- Ui! - exclamaram os dois companheiros do batedor, que até aí se haviam mantido calados, sentados e imóveis, aparentemente indiferentes ao que se passava.

- Um hurão! - repetiu o batedor, abanando mais uma vez a cabeça em ar de dúvida. - Se confiaram num homem desses, estou admirado de lhes não terem aparecido mais pelo caminho.

- O senhor esqueceu-se de que eu já lhe disse que o nosso guia é um mohawk, e que está ao serviço das nossas forças, como amigo.

- E eu digo-lhe que quem nasceu mingo morre mingo(1) - retorquiu o outro, peremptoriamente.
- Um mohawk! Não! Dê-me um delaware ou um moicano e eu respondo pela sua honestidade.

(1) Mingo era o termo Delaware para designar os índios das Cinco Nações. Os Holandeses davam-lhes o nome de Macuas e os Franceses chamavam-lhes Iroqueses. (N. da T.)

- Bom, basta! - disse Heyward, impaciente. - Não quero discutir sobre o carácter de um homem que eu conheço e que para si não passa de um desconhecido. Ainda não respondeu à minha pergunta: a que distância nos encontramos de Edward?

- Depende de quem for o seu guia.

- Não desejo entrar numa troca de palavras inúteis consigo, meu amigo - disse Heyward, falando com mais brandura. Se me disser a que distância estamos de Forte Edward, e me levar lá, o seu trabalho não ficará sem recompensa.

- E se eu o fizer como é que sei que não estou a guiar um inimigo, um espião de Montcalm? Nem todo o homem que fala inglês é um súbdito honesto.

- Se o senhor presta serviços ao exército, como batedor, deve conhecer o sexagésimo regimento do rei.

- O sexagésimo! Não pode dizer-me nada sobre os reais americanos que eu já não saiba, embora use uma camisa de caçador e não uma jaqueta escarlate.

- Bom, então, entre outras coisas, deve saber o nome do major desse regimento.

- O seu major? - interrompeu o caçador. - Se há um homem neste país que conheça o major Effingham, ele está aqui na sua frente.

- É um regimento que tem muitos majores. Esse de que falou é o mais velho. Mas eu falo do mais novo de todos, o que comanda as companhias da guarnição militar em William Henry.

- Sim, sim, já ouvi falar que é um homem de valor, de uma das províncias do Sul, quem desempenha essas funções. E que também é muito novo para tal posto e para estar acima de algumas cabeças que começam a embranquecer.

- Seja ele o que for, e se tem ou não qualificações para desempenhar essas funções, é ele mesmo quem está agora a falar consigo, e não pode ser um inimigo.

O batedor fitou Heyward, surpreendido; depois, tirando o gorro, respondeu num tom mais respeitoso do que o anterior:

- Ouvi dizer que um destacamento saía hoje de manhã do aquartelamento, em direcção ao lago.

- Ouviu dizer a verdade; mas eu preferi confiar nos conhecimentos do índio de que já falei.

- E ele enganou-o e, depois, desertou.

- Acho que não; pelo menos, isso não, pois está ali atrás.

- Gostava de dar uma olhadela a essa criatura. Se for um verdadeiro iroquês, posso reconhecê-lo só pelo seu olhar velhaco e pelas pinturas - disse o batedor; e passando por detrás dos cavalos de Heyward e do mestre de canto, meteu pelo carreiro. Depois de ter afastado alguns arbustos, encontrou as duas jovens que aguardavam ansiosas o resultado da conversa, não sem uma certa apreensão. Por detrás delas, continuava o mensageiro, encostado a uma árvore, onde sustentou, firme e impassível, o atento exame do batedor, embora com um olhar tão sombrio e feroz, que só por si despertava medo. Satisfeito com o que observara, o caçador afastou-se, abanou a cabeça e voltou para junto de Heyward.

- Um mingó há-de ser sempre um mingó, e se Deus o fez assim, nem os mohawks nem qualquer outra tribo o pode mudar. Se estivéssemos sós e deixasse esse animal esta noite, à mercê dos lobos, eu próprio o conduziria a Edward, numa hora, pois está a uma hora de jornada daqui; mas com essas senhoras, é impossível!

- E porquê? Estão fatigadas, mas são capazes de andar mais umas milhas.

- É impossível! - repetiu o batedor, determinado. - Eu não andaria uma milha por esta floresta, depois do anoitecer, na companhia desse mensageiro, nem pela melhor espingarda destas colónias. Está cheia de iroqueses escondidos, e esse cão do mohawk sabe muito bem onde encontrá-los.

- Acha que sim? - disse Heyward, curvando-se na sela, e falando quase num murmúrio. Confesso que também senti umas certas suspeitas, embora me tenha esforçado por as disfarçar e fingir uma confiança que nem sempre sentia, por causa das minhas companheiras. Foi por ter desconfiado dele que o fiz vir atrás de mim.

- Eu vi logo que ele era um trapaceiro assim que lhe pus a vista em cima! - retorquiu o batedor. - O patife está encostado à árvore que se vê ali entre os arbustos; posso atingi-lo entre o joelho e o tornozelo, com um só tiro, pondo fim aos seus passeios pela floresta, pelo menos durante um mês.

- Isso não! Pode estar inocente!

- É uma boa coisa, confiar na velhacaria de um iroquês disse o batedor, apontando a espingarda.

- Espere! - atalhou Heyward. - Assim, não. Havemos de descobrir outro processo.

O caçador reflectiu por momentos, depois fez um gesto que de pronto fez aproximar os dois amigos peles-vermelhas. Falaram, entre si, no dialecto delaware, em voz baixa, e, pelos gestos do homem branco, que frequentes vezes apontou para a árvore, era evidente que indicava o sítio onde se escondia o inimigo. Os companheiros depressa compreenderam os seus desejos, e, largando as armas, partiram, cada um por seu lado do atalho, embrenhando-se na mata sem fazerem o menor ruído.

- Agora volte para lá - disse o caçador, dirigindo-se de novo a Heyward - e entretenha aquele diabo com a sua conversa; estes moicanos tomam conta dele, sem lhe darem cabo da pintura.

Heyward dispôs-se a obedecer, mas não sem desagrado, devido à natureza da missão que se via obrigado a executar.

O Sol já se havia posto e a floresta, privada subitamente de qualquer luz, apresentava-se numa penumbra, que lhe trouxe à lembrança não vir longe a hora que os selvagens habitualmente escolhiam para executar os seus mais bárbaros e impiedosos actos de vingança ou hostilidade.

Incentivado pelas suas apreensões, sem retorquir, afastou-se do batedor que, de imediato, iniciou uma longa conversa com o desconhecido que se juntara aos viajantes naquela manhã. Ao passar pelas suas gentis companheiras, Heyward murmurou algumas palavras para as animar; depois, esporeou o cavalo e voltou a puxar as rédeas quando o animal chegou ao lugar onde o carrancudo mensageiro ainda se encontrava encostado à árvore.

- Como vês, Magua - disse ele, esforçando-se por assumir um ar despreocupado -, a noite está a cair e não nos encontramos mais perto de William Henry do que quando deixámos o quartelamento de Webb, ao nascer do Sol. Enganaste-te no caminho. Mas felizmente, encontrámos um caçador, aquele que estás a ouvir falar com o mestre de canto, que está habituado a estes atalhos, e que nos prometeu levar a um sítio onde poderemos descansar, em segurança, até de manhã.

O índio cravou o seu olhar penetrante em Heyward e perguntou num inglês incorrecto:

- Esta sozinho?

- Sozinho! - respondeu hesitante Heyward. - Com certeza que não, Magua, pois sabes que estamos com ele.

- Então o Raposa Matreira vai-se embora - retorquiu o mensageiro, pegando na sacola que poisara a seus pés. - E os rostos-pálidos ficarão só com os homens da sua cor.

- Pois vai! Quem te pôs o nome de Raposa Matreira?

- Foram os pais do Canadá que o puseram a Magua - retorquiou o mensageiro com ar de manifesto orgulho. - A noite é igual ao dia para Raposa Matreira quando Munro está à sua espera. - E que contas darás ao chefe de William Henry das filhas dele? Atrever-te-ias a dizer àquele escocês, que se zanga com tanta facilidade, que as filhas ficaram sem guia, embora Magua promettesse ajudá-las?

- O homem de cabeça branca tem voz grossa e braço comprido, mas, na floresta, o Raposa Matreira não o ouve nem o sente -olveu o prudente mensageiro.

- Mas o que dirão os Mohawks? Mandar-te-ão vestir saias, e ficar na wigwam(1) com as mulheres, por não te poderem confiar o trabalho de um homem.

(1) Barraca de índio. (N. da T.)

- O Raposa Matreira conhece os atalhos dos grandes lagos e será capaz de encontrar os ossos dos seus avós - foi a resposta do impassível mensageiro.

- Basta, Magua! - disse Heyward. - Não somos nós amigos? Porque havemos de trocar palavras desagradáveis? Munro prometeu-te uma recompensa pelos teus serviços quando lá chegasses, e eu também te recompensarei. Descansa, abre a sacola e come. Temos ainda algum tempo; não o desperdicemos em discussões. Quando as senhoras tiverem repousado um pouco, continuamos o caminho.

O índio olhou para Heyward, mas ao encontrar os seus olhos voltou a cabeça depressa e sentou-se no chão: tirou os restos da refeição anterior e começou a comer, não sem, à cautela, relancear a vista em sua volta.

- Assim , melhor - continuou Heyward - e amanhã de manhã, o Raposa Matreira terá mais forças e mais vista para encontrar o caminho. Temos de partir antes do nascer do Sol, senão, poderemos encontrar Montcalm que não nos irá deixar chegar ao forte. A mão de Magua afastou-se da boca, e, embora mantivesse os olhos pregados ao chão, a cabeça voltou-se, as narinas dilataram-se e as orelhas pareceram mais atentas do que habitualmente, dando-lhe a aparência de uma estátua.

Heyward, que notara os seus movimentos, tirou um dos pés do estribo, e levou a mão à pele de urso que lhe cobria os coldres.

Enquanto hesitava no que havia de fazer, o Raposa Matreira levantou-se sorrateiramente, sem fazer o mais pequeno ruído. Heyward sentiu que precisava agir; desmontou, determinado a avançar e a deitar a mão ao seu traiçoeiro companheiro, fiando-se na sua força. No entanto, a fim de evitar um alarme desnecessário, mantinha um ar calmo e amigável.

- Então o Raposa Matreira não come? - disse. - O milho parece não estar bem seco. Deixa ver, pode ser que entre as minhas provisões haja alguma coisa mais apetitosa.

Magua estendeu a sacola disposto a aceitar o oferecimento do outro. Deixou até que as mãos se tocassem, sem trair a menor emoção, ou abrandar a sua atenção. Mas quando sentiu os dedos de Heyward no seu braço deu uma pancada na mão do jovem oficial, e, soltando um grito agudo, embrenhou-se na floresta. Nesse mesmo instante, surgiu o vulto de Chingachgook, como um espectro, e atravessou o atalho em sua perseguição. Logo a seguir, ouviu-se um grito de Uncas, acompanhado pela detonação da espingarda do caçador.

V

A súbita fuga do guia e os gritos dos que lhe iam no encalce fizeram com que Heyward ficasse pregado ao chão de surpresa. Depois, lembrando-se da conveniência em agarrar o fugitivo, afastou os ramos dos arbustos que o rodeavam e procurou ajudar a apanhá-lo. Contudo, poucos metros havia andado quando encontrou os três perseguidores que já voltavam da sua malograda busca.

- Porque desistiram tão depressa? - perguntou. - O patife deve estar escondido por detrás daquelas árvores, e ainda lhe podem deitar a mão. Não estamos em segurança, enquanto ele andar à solta.

- Já viu uma nuvem a perseguir o vento? - retorquiu o batedor, com desânimo. - Eu ouvi o malandro a mover-se sobre as folhas secas, tão cauteloso como uma cobra, vislumbrei-o acolá, ao pé daquele pinheiro alto; fui-lhe no encalce, mas não serviu para nada! E, no entanto, se fosse outra pessoa que tivesse puxado o gatilho, eu diria que não poderia ter sido mais rápida. E eu considero-me com alguma experiência neste assunto. Reparem aqui para este sumagre; as folhas estão vermelhas.

- É o sangue do Raposa Matreira! Está ferido, talvez ainda o apanhemos!

- Não, não - retorquiu o batedor, discordando de tal opinião. - É possível que a bala lhe tenha roçado por uma perna, mas isso ainda o fez correr mais. E uma bala quando passa de raspão num animal tem um efeito semelhante às esporas num cavalo.

- Somos quatro homens válidos contra um ferido!

- Não tem amor à vida? - cortou o batedor. - Antes de o agarrarmos, aquele diabo vermelho conduzir-nos-ia direitinhos aos Tomahawks dos seus confrades. Foi um acto impensado, da minha parte, ter disparado com risco de ser ouvido por alguém que se encontre emboscado! Mas foi uma tentação! É natural! Vamos, amigos, vamos mudar-nos para outro lado, de modo a despistar o manhoso do mingo, de outro modo os nossos escalpes, amanhã a esta hora, estarão a secar ao vento, diante do acampamento de Montcalm.

Esta aterradora declaração que o batedor pronunciou com a fria segurança de um homem que está consciente de um perigo e não o teme afrontar, reavivou a lembrança de Heyward quanto à importância do encargo que lhe havia sido confiado.

- Então, o que é preciso fazer? - perguntou ele. - Não me abandonem por amor de Deus! Fiquem e defendam aquelas que estão à minha guarda e terão a recompensa que desejarem.

Os companheiros que conversavam entre si na língua da sua tribo, não prestaram atenção a tão veemente apelo. Era evidente que discutiam as medidas a tomar para salvar os viajantes. Impaciente por uma demora que parecia aumentar ainda mais o perigo, Heyward aproximou-se do grupo, na intenção de renovar as suas ofertas de recompensa e aumentá-las, quando o caçador levantou a mão para mostrar que encerrara a discussão e se voltou, dizendo em inglês:

- Uncas tem razão! Não seria digno de um homem deixar estas criaturas indefesas entregues à sua sorte, ainda que fique conhecido o nosso refúgio. Se os senhores querem salvar estas flores dos dentes das piores das serpentes, não há tempo a perder!

- E quem duvida disso? Não ofereci eu já...

- Ofereça as suas preces a Quem nos pode dar sabedoria para iludir a astúcia desses diabos que enchem toda a floresta - interrompeu, calmamente, o batedor. - Mas poupe os seus oferecimentos de dinheiro, pois pode acontecer que a sua vida não chegue para os concretizar, nem a minha para os aproveitar. Estes moicanos e eu faremos o máximo que pudermos para poupar estas meninas de qualquer mal, e isso sem esperarmos qualquer outra recompensa senão a que Deus concede sempre a quem procede corretamente. Primeiro, tem de me prometer duas coisas, em seu nome e no dos seus amigos, senão todos seremos prejudicados!

- Diga lá quais são.

- Uma é permanecerem silenciosos como esta floresta adormecida, aconteça o que acontecer;

e a outra, guardarem segredo, para sempre, do lugar para onde os levamos.

- Farei tudo o que estiver ao meu alcance para que essas condições se cumpram.

- Então, venham, pois estamos a perder um tempo que é precioso.

Heyward dirigiu-se rapidamente para o sítio onde deixara os companheiros e expôs-lhes em poucas palavras as condições do guia, diligenciando acalmar as suas apreensões. Em silêncio, e sem perder um instante, desceram para a margem do rio, onde o batedor se encontrava com os outros, quase sem pronunciar uma só palavra.

- O que , que hei de fazer destes cavalos? - murmurou ele. - Deixá-los aqui era o mesmo que dizer aos Mingos que não precisam procurar muito para encontrarem os seus donos!

- Então, solte-os e deixe-os livres na floresta! - sugeriu Heyward.

- Não, é melhor despistar aqueles diabos e fazê-los acreditar que é preciso correr à velocidade de um cavalo para os apanhar.

Os índios, sem hesitar, pegaram nas rédeas e conduziram os cavalos, que pareciam assustados, para o leito do rio. A pouca distância da borda, deram uma volta e ficaram ocultos pelas sombras da margem, sob as quais seguiram na direção oposta à corrente do rio. Entretanto, o batedor puxara uma canoa feita de casca de vidoeiro que se encontrava oculta por debaixo de uns arbustos, e para a qual, sem dizer palavra, convidou as jovens a entrar, o que fizeram sem hesitações, embora, lançando, por várias vezes, olhares para a espessa escuridão que lhes ficava para trás.

Assim que Cora e Alice se sentaram, o batedor encarregou Heyward de segurar a frágil embarcação de um dos lados, e, colocando-se do outro, conduziram-no contra a corrente, seguidos do mestre de canto. E assim continuaram durante alguns metros, num silêncio apenas interrompido pelo murmúrio das águas redemoinhando em sua volta e o chapinhar cauteloso dos pés. De vez em quando paravam; e no medo de tanta quietude, que o crescente rugir da queda-d'água tornava mais impressionante, o batedor punha-se à escuta, atento a qualquer som produzido por algum ser humano na floresta adormecida. Quando se assegurava que tudo permanecia em silêncio, retomava a sua lenta e cuidadosa marcha. Por fim, atingiram um ponto do rio onde o olhar de Heyward ficou pregado num grupo de vultos escuros que se encontrava num ponto onde as margens altas lançavam um sombreado mais escuro sobre as águas já de si escuras. Hesitando em avançar, chamou a atenção do companheiro.

- Os índios esconderam os cavalos, como é hábito dos nativos! A água não deixa rasto e nem os olhos de um mocho veriam qualquer coisa na escuridão daquele buraco - retorquiou o batedor.

De novo juntos, teve lugar outra conferência entre o batedor e os amigos, para observarem a situação com mais detalhe.

O rio encontrava-se entalado entre rochedos altos e escarpados, um dos quais se estendia por sobre o ponto onde a canoa parara. Como estes por sua vez eram coroados por árvores de grande porte que pareciam oscilar por cima do precipício, dava a impressão de que a corrente corria por um fosso estreito e profundo. Tudo o que ficava por debaixo do topo das árvores, que se recortavam no céu, se encontrava também na sombra. Por detrás delas também a vista era limitada pela curvatura das margens e pelo contorno escuro da vegetação; mas em frente, e, aparentemente a pouca distância, a água parecia acumular-se contra a abóbada celeste, de onde se precipitava em cavernas, das quais saíam os ruídos soturnos que oprimiam a atmosfera da noite. Parecia, na verdade, um lugar indicado para uma pessoa se esconder, e as duas irmãs olhavam para aquela beleza romântica, impressionadas pela sua calma segurança.

Os cavalos tinham sido presos a alguns arbustos que cresciam por entre os rochedos, e onde iriam passar a noite, com as patas dentro d'água. O batedor ordenou que todos os viajantes se sentassem à proa da canoa, e postou-se no outro extremo, tão firme como se se encontrasse num navio de maior estabilidade.

Os índios retrocederam, enquanto o batedor, firmando o remo num rochedo e fazendo força, atirou o frágil barquinho para o meio da turbulência da corrente. Durante alguns minutos, a luta entre a leve embarcação e a torrente foi dura e violenta. Proibidos de mover ainda que fosse uma só mão, e quase temendo respirar, para não pôr em perigo a frágil canoa, os passageiros fitavam, ansiosos, as águas revoltas. Vinte vezes pensaram que aquele turbilhão os iria destruir, até que um enorme, vigoroso e derradeiro esforço pôs fim àquela situação. Mesmo na altura em que Alice tapava os olhos horrorizada, sob a impressão de que acabariam por ser envolvidos pelo redemoinho da catarata, a canoa estacionou ao lado da rocha lisa que se encontrava ao nível da água.

- Onde estamos? - inquiriu Heyward, compreendendo que os esforços do batedor haviam cessado.

- Estamos na base da ilha de Glenn - respondeu o outro, falando em voz alta, sem medo de ser ouvido por causa do rugir da queda-d'água - e a próxima coisa a fazer é desembarcar, antes que o barco se vire. Vá, subam para o rochedo, que eu vou buscar os moicanos e o veado.

Satisfeitos, os passageiros obedeceram a esta ordem. Assim que o último desembarcou, a canoa rodopiou, e, levando o batedor, deslizou por sobre as águas, desaparecendo na escuridão impenetrável do rio. Deixados pelo guia, os viajantes ficaram por momentos hesitantes temendo mover-se sobre as rochas, receando que um pé em falso os pudesse precipitar numa daquelas profundas cavernas, dentro das quais a água parecia desabar por todos os lados. Contudo, a sua incerteza depressa se tornou em alívio quando, ajudado pela destreza dos nativos, viram a canoa soltar-se do remoinho e voltar a flutuar ao lado da rocha plana em menos tempo do que eles haviam pensado.

- Isto é como se fosse um forte, com guarnição e provisões - exclamou Heyward, animado - e capaz de desafiar Montcalm e os seus aliados. E agora, sentinela, vê algum daqueles a quem chama “iroqueses”, no continente?

- Chamo-lhes “iroqueses”, porque, para mim, todo o nativo que fala uma língua estrangeira pode considerar-se um inimigo, embora ele diga servir o rei! Se Webb precisar da confiança e da honestidade de um índio vá buscar as tribos dos Delawares, e mande esses Mohawks e Oneidas, que são ambiciosos e falsos, mais as suas seis Nações de velhacos, para onde estão bem, no meio dos Franceses.

- Ouvi dizer que os Delawares enterraram o machado de guerra e não se importam que lhes chamem mulheres.

- Isso são calúnias dos Holandeses e dos Iroqueses! Eu conheço-os há vinte anos, e chamarei mentiroso àquele que disser que o sangue que corre nas veias de um delaware é o de um covarde. Enquanto trocavam estes comentários, o batedor ocupava-se a juntar alguns

utensílios necessários; assim que acabou, passou silencioso pelo grupo dos viajantes, juntamente com os moicanos, e todos três desapareceram, como que engolidos pelo rochedo escarpado, que se elevava alguns metros acima do nível da água.

VI

Heyward e os seus companheiros observavam ansiosos todos os seus movimentos, pois embora o procedimento daquele homem branco estivesse acima de qualquer suspeita, o seu traje e os seus modos rudes, a firmeza das suas aversões aliada à sua amizade com tão silenciosos parceiros eram causa de desconfiança para quem, havia tão pouco, se inquietara com a traição do índio. Apenas o desconhecido não parecia preocupado com o que se passara anteriormente. Sentara-se numa rocha, e não dava outro sinal de vida fora algum suspiro fundo, de vez em quando. Ouviram-se ali perto vozes abafadas como que de homens que falassem nas entranhas da terra, e, de repente, uma luz brilhou diante daqueles que se encontravam do lado de fora, deixando à vista o tão bem dissimulado esconderijo.

Ao fundo de uma estreita e profunda caverna aberta na rocha, cujo comprimento parecia muito maior devido à perspectiva e à luz que a alumiaava, sentava-se o batedor, tendo na mão um ramo de pinheiro a arder. Perto dele, mas mais à frente, encontrava-se Uncas, de pé. Os viajantes fitaram ansiosos esta figura que era a mais visível devido à sua situação e proximidade, e observaram com atenção a figura ágil e aprumada do jovem moicano. Vestia uma camisa verde e franjada tal como a usada pelo homem branco, mas nos seus olhos decididos e escuros, tão terríveis quanto calmos, não havia sombra de dissimulação. Era a primeira oportunidade que se apresentava a Duncan e aos seus companheiros de observarem os rostos dos índios, e por isso se sentiram mais serenos quando depararam com a expressão altiva e determinada do guerreiro índio.

- Eu dormiria sossegada - segredou Alice -, se tivesse como sentinela este jovem de ar tão

destemido e generoso.

- Concordo consigo, Alice - respondeu Duncan - e espero que não fiquemos desiludidos.

Mas a voz do batedor, interrompendo aquela troca de impressões, convidava-os a entrar.

- Esta fogueira está muito forte - prosseguiu ele - e pode revelar aos Mingos o nosso esconderijo. Uncas, baixa a manta. Não vai ser uma ceia como aquela a que um major dos Reais Americanos tem direito, mas conheço muitos e bons oficiais desse regimento que se viram obrigados a comer carne crua e sem condimentos. Aqui, como vê, temos sal com fartura, e podemos grelhá-la. E há também ramos de sassafrás onde as senhoras se podem sentar.

Uncas executou o que lhe fora ordenado e quando a voz de Olho-de-Águia se calou, o rugido da catarata soou como o ribombar de um trovão distante.

- Estamos completamente seguros nesta gruta? - perguntou Heyward. - Não há perigo de nos surpreenderem? Podemos ficar à mercê de um único homem armado.

Um vulto, que mais parecia um espectro, destacou-se da escuridão por detrás do batedor, e, pegando numa acha a arder, levou-a ao extremo mais afastado do esconderijo. Alice soltara um grito, e até mesmo Cora se levantou quando aquela figura assustadora se aproximou da luz;

mas Heyward acalmou-as, assegurando-lhes que era apenas Chingachgook que fora erguer a outra manta, para mostrar que a gruta tinha duas saídas. Depois, sempre segurando o archote, atravessou uma estreita e profunda passagem entre as rochas, tal como a gruta onde se encontravam, mas que era aberta do outro lado, e entrou noutra, igualzinha à primeira.

- Raposas velhas como Chingachgook e eu próprio não se deixam apanhar em lutas só com uma saída - disse Olho-de-Águia, rindo. - Como estão a ver, este lugar é um bom esconderijo. A rocha é de pedra calcária, que é macia como toda a gente sabe, e é confortável quando falta o mato. Houve tempos em que a queda-d'água estava a poucos metros a jusante de nós e corria tão regular como qualquer lençol de água. A água foi corroendo e furando a rocha, até que recuou e se precipitou incontroladamente pelas fendas. A rocha era mais macia de um e outro lado e por isso as águas deixaram o centro do rio livre e seco, tendo antes feito estes dois buracos para nós nos escondermos.

- Estamos então numa ilha?

- Há quedas-d'água de um e outro lado do rio acima e abaixo.

Enquanto falava, o batedor não abandonara as suas tarefas culinárias e todos agora viravam as atenções para a importância mais trivial de uma boa ceia.

A refeição que fora bastante acrescentada com algumas iguarias que Heyward tivera a precaução de trazer com ele, quando haviam deixado os cavalos, foi extremamente reconfortante para quem se sentia tão fatigado. Uncas ia servindo as senhoras e ajudando em

tudo o que estava ao seu alcance, com um misto de dignidade e de solicitude, que muito divertia Heyward, pois sabia ser uma inovação nos hábitos dos índios, que proibiam os seus guerreiros de fazer trabalhos servis, em especial em favor das mulheres. Contudo, como os direitos da hospitalidade eram considerados sagrados entre eles, este pequeno desvio da dignidade masculina não suscitou qualquer comentário. Um bom observador poderia ser levado a imaginar que os serviços prestados pelo jovem chefe não eram de todo imparciais. Pois enquanto estendia, cortesmente, a Alice a cabaça de água fresca e a carne de veado num prato de madeira, ao fazer o mesmo à irmã, deixava que o olhar se demorasse com doçura no seu expressivo rosto. Uma ou outra vez, viu-se obrigado a falar, para chamar a atenção das pessoas a quem servia, e nesse caso falava num inglês imperfeito mas suficientemente inteligível, a que a sua voz gutural e profunda conseguia dar uma tonalidade musical e suave.

Entretanto, o ar grave de Chingachgook não se alterara. Sentara-se mais dentro do círculo da luz, e os olhares inquietos dos viajantes não conseguiam destrinçar a expressão natural do seu rosto das aterrorizadoras pinturas guerreiras. Por outro lado, o olhar do batedor parecia pouco tranquilo. Comia e bebia com apetite que aparentava não estar perturbado por qualquer perigo, mas a sua vigilância não abrandava. Vinte vezes suspendeu a cabaça ou a carne, ao levá-las à boca, enquanto virava a cabeça como se ouvisse qualquer som suspeito. Como estas pausas frequentes não eram seguidas por qualquer comentário, a momentânea inquietação era depressa esquecida.

- Vamos, amigo - disse Olho-de-Águia, sacando de um pequeno barril escondido debaixo de umas folhas, quase no fim da refeição, e dirigindo-se ao desconhecido que se sentava a seu lado, fazendo as honras aos seus dons culinários -, prove esta cerveja. Bebo à nossa amizade. Como se chama?

- Gamut... David Gamut - respondeu o mestre de canto, limpando a boca e preparando-se para afogar as suas mágoas num trago daquela bebida saborosa e aromática.

- É um bom nome - retorquiu o outro, depois de beber um gole - e possivelmente legado por dignos antepassados. E qual é o seu ofício?

- Sou um simples mestre da arte da salmodia. Ensino a cantar os jovens recrutas do Connecticut.

- Podia ter arranjado melhor ocupação. Os jovens já riem e cantam demais na floresta, em vez de quase nem respirarem como uma raposa na toca. Sabe usar uma arma de fogo?

- Graças a Deus, nunca tive ocasião de lidar com tais instrumentos mortíferos. Apenas tenho seguido a minha vocação, que é o ensino da música sacra!

- Estranha vocação! - murmurou Olho-de-Águia, contendo o riso. - Passar a vida como um tordo, a arremedar os altos e baixos que saem das gargantas dos outros homens. Mas então vamos lá a saber o que sabe fazer; é uma boa maneira de nos dar as boas-noites, porque estas senhoras têm de recobrar forças para a estirada de amanhã cedo.

- Com o maior prazer - disse David, ajustando de novo as lunetas e extraíndo do bolso o seu querido livrinho que estendeu a Alice. - Que pode haver de mais adequado e consolador do que uma oração de louvor depois de um dia em que corremos tantos perigos?

Alice sorriu; mas olhando para Heyward, corou, hesitante.

- Esteja à sua vontade - segredou ele. - Não acha que a sugestão deste digno homônimo do salmista se deve tomar em conta, numa altura destas?

Encorajada por esta opinião, Alice seguiu a sua inclinação e o seu gosto pela música, e o livro foi aberto num hino mais ou menos adequado àquela situação. Cora dispôs-se a acompanhar a irmã, e o cântico sagrado começou solene e lento.

Os índios, com os olhos cravados na rocha, ouviam com tanta atenção que pareciam estátuas de pedra. Mas a expressão de fria indiferença do batedor, que encostara o queixo à mão, foi-se gradualmente descontraindo, enquanto o pensamento o levava aos seus tempos de menino, quando os seus ouvidos se haviam acostumado a cânticos de ação de graças semelhantes, embora menos suaves, nos tempos da fundação da colônia. Os olhos umedeceram-se-lhe, e antes do hino acabar, lágrimas escaldantes rolavam-lhe pelas faces.

Alongavam-se os cantores num acorde final, quando se ouviu lá fora um grito que não parecia humano nem sequer deste mundo e que penetrou profundamente não só na caverna mas também nos corações de quem o escutava.

- O que foi aquilo? - murmurou Alice, passados uns instantes.

- O que foi aquilo? - repetiu Heyward, em voz alta.

Nem olho-de-Águia nem os índios responderam. Escutavam como se estivessem à espera que o som se repetisse, de um modo que patenteava bem o seu próprio espanto. Por fim, falaram uns com os outros, gravemente, no dialecto delaware, e Uncas, passando pela abertura estreita da gruta, saiu cautelosamente da caverna. Quando ele saiu, o batedor falou em inglês.

- O que é ou o que não é, nenhum de nós sabe dizer, embora já tenhamos todos percorrido estas florestas, há mais de trinta anos!

- Não foi então o grito dos guerreiros quando desejam intimidar os inimigos? - perguntou Cora.

- Não, não, foi um grito de horror que não parecia de um ser humano. - E, falando no dialecto delaware para o jovem índio que voltara a entrar. - Então, Uncas? O que achas? As nossas luzes veem-se através das mantas?

A resposta foi curta e aparentemente determinada.

- Lá fora não se vê nada - continuou Olho-de-Águia, abanando a cabeça - e o nosso esconderijo mantém-se às escuras! O melhor é passarem para a outra gruta e procurarem dormir. Temos de nos levantar antes do nascer do Sol, e andar depressa para chegarmos ao Forte Edward, enquanto os Mingos estiverem no sono da manhã.

Cora deu o exemplo, com firmeza, indicando à tímida Alice que era necessário obedecer. Mas antes, esta pediu, em voz baixa, a Duncan que as acompanhasse. Uncas levantou a manta para eles passarem, e quando as irmãs se voltaram para lhe agradecer, viram que o batedor se sentara de novo junto à lareira quase apagada, com a cara apoiada nas mãos, de um modo que mostrava bem quão profundamente ele estava preocupado com aquilo que inesperadamente viera interromper as devoções daquela noite.

Heyward pegou numa acha a arder, iluminou frouxamente o novo aposento.

- Não nos deixe, Duncan - disse Alice. - Não podemos dormir num lugar destes, pois ainda temos nos ouvidos aquele horrível grito!

- Primeiro, vamos examinar a segurança da nossa fortaleza - respondeu ele - e depois falamos do resto.

Aproximou-se da extremidade da gruta, de uma saída que, como as outras, estava tapada por uma manta e, levantando-a, respirou o ar fresco que vinha da catarata. Um braço de rio corria por uma ravina estreita e profunda, formando uma defesa eficiente, segundo o seu parecer, contra qualquer perigo. - A natureza construiu uma barreira intransponível, deste lado -

continuou ele, apontando para o declive quase vertical que ia dar à corrente, antes de deixar cair a manta -, e, como sabem, aqueles bons homens estão de guarda, do outro lado. Não vejo por isso razão para que o conselho do nosso anfitrião não seja seguido. Tenho a certeza de que Cora me apoiar é dizendo que precisam ambas de descansar.

Mal Duncan se calara e ainda fitava os olhos de Alice, quando um grito tão forte e horrível como o anterior atroou os ares. Sucedeu-lhe um pesado silêncio, durante o qual olharam uns para os outros, temendo ouvi-lo repetir-se. Por fim, a manta levantou-se devagar dando passagem ao batedor que ali ficou, numa atitude que demonstrava claramente que a sua confiança estava abalada diante de um mistério que parecia ser prenúncio de um perigo desconhecido, contra o qual a sua astúcia e a sua experiência provariam ser inúteis.

VII

- Seria uma negligência da nossa parte desprezar o aviso que nos é dado para nosso bem e continuarmos aqui escondidos - disse Olho-de-Águia, quando se ouviram aqueles sons vindos da floresta.

- O perigo que corremos , assim tão grande? - perguntou Cora.

- Só Deus o sabe, mas aqueles sons tão estranhos podem ser um aviso. E seria uma rebelião contra a Sua vontade se eu ficasse metido na toca ao ouvir tais avisos! Até aquela alma que passa os dias a cantar, está perturbada com os gritos e, como ele diz, “está pronto para a batalha”. Se fosse apenas uma batalha, era uma coisa que todos nós compreendíamos, e de fácil resolução; mas eu ouvi dizer que quando estes gritos não são nem dos céus nem da terra, é prenúncio de outra espécie de guerra. Há trinta anos que ouço todos os sons da floresta, pois a vida e a morte de um homem dependem da rapidez do seu ouvido. Não há nenhum grunhido de puma, nem assobio de tordo, nem qualquer invenção daqueles diabólicos Mingos que me engane! Mas nem os Moicanos nem eu, podemos explicar o grito ouvido agora.

- Isso é extraordinário! - exclamou Heyward, pegando nas pistolas. - Mas seja um sinal de paz ou um sinal de guerra tem de se ir investigar. Vá à frente, amigo, que eu vou consigo. Ao

saírem, todos se sentiram reanimados por haverem trocado o ar abafado do esconderijo pela frescura revigorante que se desprendia dos remoinhos e da força da queda-d'água.

A Lua já se erguera do céu e a sua luz refletia-se, aqui e além, nas águas do rio; mas a extremidade do rochedo, onde eles se encontravam, ainda permanecia mergulhada em profunda escuridão. À exceção dos sons produzidos pelo marulhar das águas e ocasionalmente pelo sussurrar da brisa, tudo se mostrava tão calmo e silencioso como a noite.

Em vão investigaram as praias do outro lado do rio, procurando qualquer sinal de vida que pudesse explicar o que eles haviam ouvido.

- Não se vê nada, apenas a escuridão de uma noite bela e calma - murmurou Duncan.

- Ouçam! - interrompeu Alice.

Qualquer advertência era desnecessária, pois mais uma vez se ouvira o mesmo som, vindo do leito do rio, e que, ecoando nas margens rochosas, se espraiava por toda a floresta.

- Alguém saberá dar um nome a este grito? - perguntou Olho-de-Águia. - Eu acho que não é coisa deste mundo. - Nisso posso enganar-lo - disse Duncan. - Conheço este som muito bem por já o ter ouvido no campo de batalha, em situações muito frequentes na vida de um

soldado. É o grito horrendo de um cavalo agonizante. O meu cavalo está sendo vítima dos animais da floresta ou vê o perigo e não pode evitá-lo. Dentro da gruta, o som podia induzir-me em erro, mas ao ar livre não me engana.

O interesse com que o batedor e os companheiros ouviram esta simples explicação foi o de quem assimila ideias novas e ao mesmo tempo se livra de outras mais velhas, que haviam provado ser companhias desagradáveis.

- Não posso contradizer as suas palavras - disse aquele -, pois sou pouco entendido em cavalos, embora tivesse nascido numa terra onde eles abundam. Os lobos devem andar a rondá-los e eles pedem socorro à sua maneira. Uncas, mete-te na canoa e atira uma acha a arder para o meio da matilha, ou faz com que os lobos desistam da sua ideia e nos deixem os cavalos porque temos ainda muito que andar.

Já o jovem nativo se metera à água quando um longo uivo se elevou da margem do rio e penetrou profundamente por toda a floresta, como se os animais de comum acordo, tivessem abandonado as suas presas, tomados de súbito terror. Uncas recuou precipitadamente e, de novo, os três homens da floresta conferenciaram.

- Temos andado como caçadores que perderam o norte - disse Olho-de-Águia voltando-se. - E agora começamos a saber outra vez por onde caminhar. Sentem-se na sombra e esperemos pelo que Deus nos quiser mandar. Falemos o mais baixo e até seria melhor se cada um se ficasse com os seus pensamentos. Era evidente que a fraqueza momentânea do batedor se dissipara com a explicação do mistério, e que agora, frente à realidade, ele já se preparava para a enfrentar com a maior energia.

Também parecia ser esse o sentimento dos nativos que se tinham colocado em posição de poder observar as duas margens.

Em tais circunstâncias, a mais elementar prudência ordenava que Heyward e as suas companheiras usassem das mesmas precauções. O jovem oficial agarrou num molho de sassafrás e colocou-o na fenda entre as duas grutas, para aí se instalarem as duas irmãs, de modo a ficarem protegidas pelas rochas, de algum projétil.

Desta maneira se foram passando as horas sem mais interrupção. A Lua aproximou-se do zênite e espalhou a sua luz suave, perpendicularmente, sobre as duas irmãs que dormitavam calmamente nos braços uma da outra. Duncan estendeu-lhes por cima o grande xale de Cora, e apoiou a cabeça na rocha. David começou a risonar. Em resumo, todos menos Olho-de-Águia e os moicanos deixaram adormecer os sentidos, num sono profundo. Mas a vigilância dos seus protetores não abrandou. Tão imóveis quanto os rochedos, dos quais pareciam fazer parte, ali ficaram, olhando, atenta e constantemente, para as árvores que orlavam as margens adjacentes da estreita corrente. Nem um som se lhes ouvia, e nem pareciam respirar. E assim permaneceram até que a Lua desapareceu, e uma pálida claridade, por cima da copa das árvores, anunciou a aproximação do dia.

Só então Olho-de-Águia se mexeu. Arrastou-se por cima do rochedo e abanou Duncan.

- Está na altura de começarmos a nossa jornada - murmurou. - Acorde as meninas e estejam prontos a entrar na canoa assim que eu a trouxer para aqui.

- A noite foi sossegada? - perguntou Heyward. Quanto a mim, o sono foi mais forte.

- Está tudo tão calmo como à meia-noite. Agora não fale e ande depressa.

Entretanto Duncan, que já acordara completamente, foi puxar o xale que tapava as duas irmãs.

- Cora! Alice! Acordem! Chegou a hora de partirmos. Respondeu-lhe um grito agudo da mais nova das irmãs, enquanto a outra se punha de pé, completamente transtornada. Heyward ia para falar, quando se levantou um enorme alarido que lhe fez refluir o sangue ao coração. Por momentos, a impressão que sentiu foi que todos os diabos do inferno haviam invadido por completo o ar que os rodeava e estavam dando livre curso aos seus caprichos selvagens, soltando sons bárbaros. Parecia que os gritos surgiam de todos os lados, embora fosse evidente que partiam da floresta e que penetravam nas grutas das quedas-d'água, nos rochedos, no leito do rio e se propagavam por todo o ar. David ergueu a sua enorme estatura no meio de tão infernal algazarra e, tapando os ouvidos, exclamou:

- De onde vem tal dissonância? Abriu-se o inferno para saírem de lá todos os seus habitantes?

O brilho dos disparos rápidos de uma dúzia de espingardas, vindos da outra margem da corrente, visaram esta exposição incauta do mestre de canto, deixando-o inanimado sobre a rocha onde ele estivera a dormir. Os moicanos responderam intrépidos ao grito intimativo dos inimigos, que haviam soltado um brado de triunfo ao presenciarem a queda de Gamut. O tiroteio entre ambas as partes intensificou-se, mas todos eram suficientemente destros para se

não exporem à pontaria dos adversários.

Duncan, com ansiedade, procurava ouvir as pancadas dos remos, crente que a única saída seria a fuga. O rio corria, veloz e cintilante, mas a canoa não se via. Já imaginava terem sido cruelmente abandonados pelo batedor, quando viu um clarão que provinha de uma rocha mais abaixo, e um grito feroz, de mistura com um grito de agonia, lhe anunciou que o mensageiro da morte, protagonizado pela arma fatal de Olho-de-Águia, tinha feito uma vítima. Ao sofrerem tal revés, os assaltantes recuaram de imediato e, a pouco e pouco, aquele lugar tornou-se tão tranquilo como antes de tão súbito tumulto.

Duncan aproveitou a ocasião e correu para o corpo de Gamut e transportou-o para a fenda que protegia as irmãs. E logo depois, todos se agruparam naquele ponto de relativa segurança.

- Este pobre homem conseguiu salvar o couro cabeludo - disse Olho-de-Águia, passando a mão sobre a cabeça de David. - Foi uma perfeita loucura ter exposto este corpanzil à fúria daqueles selvagens. Admiro-me como escapou com vida. - Não morreu? - perguntou Cora, numa voz em que se adivinhava como o horror se debatia com a sua habitual firmeza.

- Não não! O coração ainda bate, e depois de dormir um pouco voltará a si; e o melhor , manter-se prudente até que chegue realmente a sua verdadeira hora - retorquiu Olho-de-Águia, relanceando, de novo, a vista sobre o corpo inanimado, ao mesmo tempo em que recarregava a espingarda com o maior cuidado.

- Leva-o, Uncas, e deita-o em cima do sassafrás.

- Acha que eles vão atacar de novo? - perguntou Heyward.

- É de esperar que um lobo contente a sua fome com uma só dentada? Perderam um homem, e é seu costume, quando sofrem um revés e falham a surpresa, recuarem. Mas não de voltar com novos expedientes para nos enganar e para nos arrancarem os escalpes. A nossa esperança - continuou - é conseguirmos nos ater aqui neste rochedo até Munro mandar um destacamento com socorros! Que Deus os mande depressa e que quem vier a comandá-lo conheça bem os costumes dos Índios!

- Ouviu o que nos espera, Cora - disse Duncan. - E sabe que temos de contar com a experiência de seu pai. Venha então com Alice para dentro da gruta, onde, pelo menos, poderão estar protegidas dos tiros mortíferos dos nossos inimigos, e dispensar alguns cuidados a este nosso infeliz irmão.

As irmãs seguiram-no e foram encontrar David que começava a dar sinais de recobrar os sentidos; e então, tendo deixado o ferido entregue aos seus cuidados, foi juntar-se ao batedor e aos seus companheiros que ainda se encontravam sob a proteção da pequena fenda entre as duas grutas.

- Uncas - dizia aquele -, estás a desperdiçar pólvora, e o coice da espingarda prejudica a tua pontaria! Pouca pólvora, chumbo leve e um braço comprido raras vezes erram um alvo como um mingo. Pelo menos, é o que eu sei por experiência própria. Vamos, amigos, voltemos para os nossos abrigos, pois ninguém é capaz de dizer quando e por onde um macua pode atacar!

Os índios, silenciosamente, voltaram para as suas posições anteriores, para umas fendas das rochas, de onde podiam dominar quem se aproximasse da base da cascata. No centro daquela ilhota, havia uma pequena mata de pinheiros baixos, para a qual Olho-de-Águia correu, veloz como um gamo, seguido por Duncan, e aí se entrincheiraram, tanto quanto as circunstâncias o permitiam, entre arbustos e fragmentos de pedra solta. Mais acima, havia um rochedo arredondado, de um e outro lado do qual a água saltava, para depois mergulhar lá em baixo nos abismos, como já atrás descrevemos. À medida que o dia clareava, as margens iam-se tornando mais nítidas, e já se podia distinguir qualquer coisa por entre as árvores da floresta.

Seguiu-se uma longa e penosa vigilância, mas sem que houvesse qualquer indício de um novo ataque; e em Duncan surgiu a esperança de que o fogo que haviam feito tivesse sido mais fatal do que haviam suposto e que os inimigos tivessem na verdade sofrido um revés. Quando se aventurou a comunicar esta opinião ao companheiro, Olho-de-Águia respondeu, abanando a cabeça:

- Bem se vê que não conhece os Macuas, visto que pensa que eles são tão facilmente derrotados, sem levar um escalpe! Aqueles diabos, esta manhã, não eram menos de quarenta! E eles sabem muito bem quantos somos e o que valemos, para desistirem de nos caçar tão cedo. Olhe para a água ali em cima é mesmo no ponto em que ela se quebra nos rochedos. Ou muito me engano ou aqueles demônios arriscaram-se a vir a nadar desde lá de cima, e para pouca sorte nossa, vieram direitinhos aportar aqui à ilha! Fique quieto, se não quiser ficar sem cabelo num abrir e fechar de olhos!

Heyward ergueu a cabeça e contemplou aquilo que classificou como um prodígio de temeridade e perícia. O rio tinha corroído a borda da rocha mais macia, de tal modo que tornara o declive menos abrupto e menos íngreme do que é habitual numa queda-d'água. Sem outro guia que não fosse a ondulação da corrente é onde ela se encontrava com a ponta da ilha, um grupo daqueles insaciáveis inimigos tinha-se deitado à água e nadado até esse ponto,

sabendo que por ali, com sorte, poderia chegar às suas vítimas.

Mal Olho-de-Águia se calara, viram-se quatro cabeças humanas espreitando por detrás de uns cepos de madeira que se tinham alojado naquelas rochas, o que provavelmente havia sugerido a ideia de tão arriscado empreendimento. Meteu um dedo à boca e soltou um assobio prolongado e estridente, ao qual responderam os moicanos que se encontravam no seu posto, mais abaixo. Duncan, logo que ouviu o sinal, avistou as cabeças por cima dos cepos, mas estas desapareceram tão subitamente como haviam aparecido. A seguir, sentiu atrás de si uma rosthada, e, voltando à cabeça, viu Uncas, arrastando-se em sua direção. Olho-de-Águia falou-lhe em delaware, e o jovem chefe tomou o seu lugar com singular precaução e imperturbável calma. Para Heyward, aquele era um momento de incerteza; mas o batedor escolhera essa ocasião para fazer um sermão aos seus jovens companheiros sobre a arte de usar as armas de fogo com prudência.

- De todas as armas - começou ele -, a espingarda de cano comprido e guarnecida de metal macio é a mais perigosa em mãos hábeis, embora exija braço forte, olho certo e grande decisão para tirar dela o maior rendimento. Os espingardeiros demonstram poucos conhecimentos quando fazem as armas com o cano curto...

Aqui, foi interrompido por uma expressiva exclamação de Uncas.

- Estou a vê-los, meu rapaz! - prosseguiu Olho-de-Águia. - Estão a juntar-se para investir, senão manter-se-iam escondidos atrás dos cepos. Deixa-os - acrescentou, examinando a espingarda -, o mais certo é o que vier à frente caminhar para a e, mesmo que seja o próprio Montcalm.

Naquele instante, toda a floresta se encheu novamente de enorme alarido, e, a esse sinal, os quatro selvagens saltaram por cima dos cepos. Heyward sentiu um desejo ardente de correr direito a eles, no que foi refreado pelo exemplo intencional dado pelo batedor e por Uncas. Quando os inimigos pularam sobre as rochas, soltando os gritos mais selvagens, e se encontraram a poucos metros, a espingarda de Olho-de-Águia ergueu-se, por entre os arbustos, e projetou sobre eles todo o seu mortífero conteúdo. O índio que vinha à frente saltou como um gamo ferido de morte e caiu de cabeça para baixo, entre as fendas da ilha.

- Agora, Uncas! - gritou o batedor, sacando da faca. - Toma conta daquele diabo que vem atrás; dos outros dois tratamos nós!

Foi obedecido; mas restavam ainda dois inimigos. Heyward dera uma das suas pistolas a Olho-de-Águia, e ambos correram diretos aos adversários, disparando as armas, mas, tanto um como o outro, sem sucesso.

- Eu sabia! Eu disse-o! - murmurou o batedor, atirando com desprezo a pequena arma para a cascata. - Venham cé, seus cães do inferno! Venham lutar com um homem de sangue sem misturas! Mal pronunciara estas palavras, encontrou-se diante de um selvagem de estatura gigantesca e semblante feroz. Na mesma altura, Duncan viu-se também a contas com outro, em idênticas circunstâncias, numa luta corpo a corpo. Com pronta destreza, Olho-de-Águia e o adversário prenderam o braço um do outro, que já se erguiam empunhando a faca. Por minutos, fitaram-se, olhos nos olhos, experimentando a força dos seus músculos. Por fim, o braço do homem branco prevaleceu. O do nativo foi cedendo, e o batedor, despreendendo a mão que se encontrava armada da faca, cravou-lhe a fina lâmina no coração.

Entretanto, Heyward via-se envolvido em intensa luta. A espada quebrara-se-lhe logo ao

primeiro embate. Como não possuía outro meio de defesa, a sua salvação dependia agora da força e da determinação. Embora lhe não faltassem essas qualidades, encontrara pela frente um inimigo seu igual.

Felizmente, depressa conseguiu desarmar o adversário, cuja faca caiu na rocha a seus pés, e a partir desse momento, a luta tornou-se feroz, tendo em vista conseguir atirar o outro daquela vertiginosa altura para uma gruta próxima das quedas-d'água. Cada um deles concentrava o máximo das suas energias naquele esforço, e o resultado era que ambos se encontravam prestes a despenhar-se no precipício. Heyward sentia os dedos do inimigo na garganta, apertando-a cada vez mais, e via o seu horrendo sorriso. Tentava ainda fazer-lhe o mesmo, mas sentia já o corpo lentamente perdendo as forças, quando, nesse instante de extremo perigo, a mão escura e a faca de Uncas se meteram de permeio. O índio afrouxou o aperto, enquanto o sangue lhe escorria em volta do pulso, e foi despenhar-se irremediavelmente lá em baixo no precipício. - Para o abrigo! - gritou Olho-de-Águia, que também acabara com o seu adversário. - Vamos para o abrigo, pois o trabalho ainda nem sequer está meio feito!

O jovem moicano soltou um grito de triunfo e, seguido por Duncan, subiu pelo declive que descera para ir combater e procurou o refúgio amigo das rochas e dos arbustos.

VIII

O aviso do batedor não fora despropositado. Durante a ocorrência anterior, nenhuma voz humana se veio interpor ao bramido da cascata. Mas logo que a luta acabou, ouviu-se um alarido tão feroz e selvagem que traduzia bem os sentimentos de vingança que animavam os adversários. E este foi seguido por rápidos disparos das espingardas que despediam rajadas de chumbo, que passavam por cima das rochas, como se os assaltantes quisessem descarregar a sua fúria inútil sobre a cena de tão fatal contenda.

- Deixem-nos gastar a pólvora - disse o batedor, enquanto balas sucessivas assobiavam em volta do lugar onde ele se abrigara. - Aqueles diabos hão de se cansar antes que estas pedras digam basta!

- Mas este tiro foi mais certo do que os outros! - exclamou Duncan, encolhendo-se instintivamente, ao sentir uma das balas bater na rocha a seu lado, fazendo ricochete. Olhode-Águia estendeu a mão para a bala achatada e abanou a cabeça ao examiná-la, dizendo:

- O chumbo quando cai não fica amolgado! Só se for mandado das nuvens!

Mas a espingarda de Uncas, deliberadamente apontada para o céu, fez com que os olhares dos companheiros para lá se dirigissem e se esclarecesse todo o mistério. Na margem direita do rio, no ponto exatamente oposto ao sítio onde se encontravam, crescera um carvalho que, procurando espaço, se inclinara tanto para a frente que os seus ramos mais altos se estiravam por cima daquele braço da corrente. E entre a folhagem do topo, aninhava-se um feroz selvagem, dissimulado em parte pelo tronco da árvore, como se procurasse descortinar o efeito produzido pelo seu tiro traiçoeiro.

- Estes demônios são capazes de escalar o céu só para darem cabo de nós - disse Olho-de-Águia. - Não o percas de vista, enquanto eu vou buscar a espingarda e, depois, atiraremos os dois, para um e outro lado da árvore, ao mesmo tempo.

Uncas esperou até o batedor dar ordem para atirar. Os tiros partiram, folhas e lascas de tronco da árvore voaram pelo ar e foram levadas pelo vento, mas o índio respondeu-lhes com uma gargalhada de troça, juntamente com outro disparo que fez saltar o gorro de Olho-de-Águia. A gritaria selvagem ecoou, ainda outra vez, pela floresta e uma saraivada de balas assobiou por cima das cabeças dos sitiados.

- Isto não pode ficar assim! - disse o batedor, olhando em redor, preocupado. - Uncas, chama o teu pai. Precisamos de todas as nossas armas para arrancar aquele velhaco do poleiro.

Transmitido o recado, e antes mesmo que Olho-de-Águia tivesse tido tempo de recarregar a espingarda, já Chingachgook se encontrava a seu lado. Olho-de-Águia e os moicanos trocaram entre si algumas palavras e, em seguida, cada qual retomou o seu posto, para executar o plano rapidamente estabelecido. O guerreiro, do cimo do carvalho, continuava a disparar, mas sem resultado, pois a sua pontaria fora contrariada pelas precauções dos inimigos que procuravam atingi-lo em qualquer parte do corpo menos protegida. No entanto, as suas balas continuavam a chover no meio do grupo que se abrigara atrás da rocha, perfurando a farda de Heyward por várias vezes, até lhe passar de raspão por um dos braços, de onde o sangue começou a escorrer.

Por fim, acirrado pela contínua e paciente vigilância do inimigo o hurão tentou uma pontaria mais certa e fatal. Mas os olhares penetrantes dos moicanos visaram a linha escura dos seus membros inferiores, por entre a folhagem, a pouca distância do tronco da árvore. E as espingardas dispararam ao mesmo tempo quando, ao descair sobre a perna ferida, parte do seu corpo ficou à vista. Rápido como o pensamento, Olho-de-Águia aproveitou a ocasião e descarregou a arma em direção ao topo do carvalho. As folhas agitaram-se desusadamente, a espingarda caiu e, passados uns instantes em que se debateu em vão, o corpo do selvagem oscilou, tentando agarrar-se desesperado à árvore. Por fim, uma das mãos soltou-se e ele tombou como chumbo na espuma das águas, onde desapareceu para sempre.

Nenhum grito de triunfo se seguiu a tão importante vitória; os moicanos apenas olharam um para o outro, horrorizados. Na floresta, tudo voltou a ficar em silêncio. Olho-de-Águia abanou a cabeça.

- Foi a última pólvora do meu polvorinho, e a última bala da minha cartucheira! - disse ele. - Uncas, desce à canoa e traz de lá o polvorinho grande; é tudo o que nos resta e precisamos dele até ao último grão, ou então não percebo mais nada sobre a natureza dos Mingos.

O jovem moicano obedeceu imediatamente, deixando o batedor virando e revirando a cartucheira e o polvorinho com ar descontente. Esta inspeção foi interrompida por uma exclamação de raiva de Uncas, que até os ouvidos pouco habituados de Duncan se aperceberam ser um sinal de nova e inesperada calamidade.

Aquele grito imprevisto fez sair do seu refúgio as duas irmãs assim como David, e todos

compreenderam imediatamente a natureza do desastre que tinha perturbado até a habitual serenidade do jovem índio. A curta distância da rocha, via-se a canoa flutuando nas águas redemoinhantes em direção ao rápido de um modo que era fácil deduzir ser empurrada por alguém que se escondera por detrás.

Logo que o batedor se apercebeu do que se passava, assestou a arma, mas do cano nada saiu.

- É tarde demais! - exclamou Olho-de-Águia, amargamente desapontado. - O miserável entrou na força da corrente, e mesmo que tivesse pólvora, dificilmente poderia fazer o chumbo andar mais depressa do que ele já vai.

Mal acabara de falar, o hurão ergueu a cabeça por cima da borda da canoa e, enquanto deslizava rápido pelo rio, ergueu a mão e soltou um brado de vitória. A esse brado responderam da floresta gritos e gargalhadas de exultação, como se cinquenta demônios se regozijassem com a queda de uma alma cristã.

- Bem podem rir, filhos do inferno! - disse o batedor, sentando-se numa saliência de rocha e deixando cair aos pés a espingarda - porque as três melhores armas destas florestas agora não valem nada!

- E então o que havemos de fazer? - perguntou Duncan, esquecendo o desânimo inicial e desejoso de entrar em ação. O que vai ser de nós?

A resposta de Olho-de-Águia foi passar um dedo em volta da cabeça, de um modo tão significativo que ninguém podia ter dúvidas sobre o que ele queria dizer.

- Mas com certeza que o nosso caso não é assim tão desesperado - exclamou o jovem oficial. - Os Hurões ainda não estão aqui. Podemos defender as grutas, podemos opor-nos ao seu desembarque.

- Com quê? - perguntou friamente o batedor.

- Com as flechas de Uncas ou com as lágrimas das mulheres? Não, não! Eu sei que é jovem e rico. tem amigos e custa morrer nessa idade! Mas - continuou ele, olhando para os moicanos -, nós que somos homens de sangue puro temos de ensinar a esses nativos da floresta que o sangue dos brancos também se derrama tão livremente quanto o deles, quando a nossa hora chega. - E porque havemos de morrer todos? - exclamou Cora, deixando o lugar onde o horror instintivamente a pregara ao chão.

- O caminho está aberto: corram para a floresta e peçam auxílio a Deus! Vão, pois já lhes devemos bastante. Não os queremos envolver mais na nossa desgraçada sorte. - A senhora não conhece a astúcia dos Iroqueses se julga que eles deixaram algum caminho aberto na floresta! - retorquiu Olho-de-Águia, que logo acrescentou com simplicidade: - É certo que a força da corrente nos poderia arrastar para longe do alcance das suas espingardas.

- Então, tentem ir pelo rio. Porquê ficarem e aumentar o número de vítimas dos nossos

impiedosos inimigos?

- Porquê? - repetiu o batedor olhando em volta, com altivez. - Porque , melhor para um homem morrer em paz do que viver perseguido por uma má consciência! Que resposta daríamos a Munro quando ele nos perguntasse onde e porque abandonamos as suas filhas?

- Vão procurá-lo e digam-lhe que as deixaram para levar uma mensagem pedindo urgentemente a sua ajuda - volveu Cora. - Que os Hurões as levarão para o Norte, mas que, se proceder com rapidez e precaução, ainda irão a tempo de as salvar e se, apesar de tudo, for a vontade de Deus que o seu auxílio chegue tarde demais - continuou ela, com firmeza - deem-lhe testemunho de todo o nosso amor e das nossas últimas orações e digam-lhe que com toda a sua fé de cristão se lembre que um dia tornar a ver as suas filhas.

- As suas palavras fazem sentido! - exclamou, por fim, Olho-de-Águia, impressionado. - Chingachook! Uncas! Venham ouvir o que diz a mulher de olhos pretos!

Depois falou com os companheiros, dirigindo-se-lhes calma mas ponderadamente. O moicano mais velho ouviu com ar grave e pareceu considerar a sua importância.

Depois de uns instantes de hesitação, acenou com a mão, murmurando em inglês “Bom”, e voltando a meter a faca e o tomahawk no cinto, o guerreiro dirigiu-se silenciosamente para a borda da rocha menos visível das margens do rio. Aí fez uma pausa e, dizendo algumas palavras no seu dialeto, como se quisesse indicar que caminho ia seguir, mergulhou na água e desapareceu rapidamente.

O batedor demorou a sua partida para falar ainda com a generosa rapariga, que respirara mais aliviada, ao ver que o seu protesto fora ouvido.

- Por vezes, as pessoas jovens têm tanta sabedoria quanto as mais velhas - disse ele - e tudo o que disse foi muito acertado. Se forem levadas para a floresta, vão quebrando todos os ramos dos arbustos por onde passarem e deixem o maior número de vestígios possível da vossa passagem.

Apertou afetuosamente a mão de Cora, pegou na espingarda, e, depois de a ter contemplado por momentos com solicitude e tristeza, pousou-a de novo cuidadosamente, e desceu para o ponto onde Chingachgook desaparecera. Por instantes, suspendeu-se na rocha e, olhando em volta, acrescentou amargamente:

- Se a pólvora não tivesse faltado, esta desgraça nunca teria acontecido!

Então, soltou-se, mergulhou e também ele se deixou de ver. Agora, todos os olhos se voltavam para Uncas, que continuava imóvel, encostado à rocha. Depois de esperar alguns instantes, Cora apontou para o rio e disse:

- Os seus amigos, como deve ter compreendido, não foram vistos e o mais provável é estarem

agora a salvo; não é altura de ir atrás deles?

- Uncas fica - respondeu, calmamente, o jovem moicano. - Para aumentar o horror da nossa captura e diminuir as possibilidades da nossa libertação! Vá - continuou Cora, baixando as pálpebras ante o olhar ardente do moicano, e talvez intuitivamente consciente do seu próprio poder -, vá ter com o meu pai, como eu disse, e peça-lhe para lhe confiar os meios de comprar a liberdade das filhas. Vá, é um desejo meu, sou eu quem lho pede.

O calmo olhar do jovem chefe tornou-se triste, mas ele não hesitou mais. Silenciosamente, atravessou a rocha e mergulhou na corrente revolta.

Cora então, com os lábios trêmulos, dirigiu-se a Heyward. - Ouvi dizer que também nada muito bem, Duncan. Siga então o acisado exemplo dado por aqueles homens, simples e dedicados. - É essa a lealdade que Cora Munro exige do seu protetor - respondeu o jovem, sorrindo tristemente, mas com amargura. - Não é altura para subtilezas - retorquiu ela. - Para nós a sua presença aqui não servirá de muito, e poderá salvar a sua preciosa vida para ajudar outras pessoas mais amigas.

Ele não replicou, embora os seus olhos fossem pousar na figura esbelta de Alice, que se lhe agarrava ao braço como uma criança.

- Pensando bem - continuou Cora, depois de uma pausa, durante a qual pareceu lutar contra a sua angústia -, o pior que nos pode acontecer é a morte; mas é um tributo que temos de pagar sempre que Deus o decida.

- Há males piores do que a morte - disse Duncan, com voz rouca -, mas a presença de alguém que morra em sua defesa pode evitar.

Cora não insistiu mais, e cobrindo o rosto com o xale, arrastou Alice, quase desfalecida, para o fundo da gruta.

IX

Ainda ignorando a sorte daqueles em quem confiara Duncan pôs-se à escuta, procurando atentamente algum sinal ou som alarmante que pudesse anunciar a boa ou má sorte de tão arriscado empreendimento. Contudo a sua espera era em vão; porque, com o desaparecimento de Uncas, qualquer sinal dos aventureiros se perdera, deixando-o numa total incerteza sobre o seu destino.

Naquela difícil situação, Duncan olhava em sua volta, sem procurar a proteção das rochas que tão necessária fora antes à sua segurança. No entanto, todo o esforço empregue para detectar o mais pequeno indício da aproximação dos inimigos, que se mantinham bem escondidos, era infrutífero. As margens do rio pareciam desertas de tudo o que fosse vida animal.

- Os Hurões não se veem - disse ele, dirigindo-se a David, que ainda não se refizera dos efeitos do tiro que levara. - Vamos refugiar-nos na gruta e confiemos na Providência Divina.

David sorriu com tristeza e, apoiando-se no braço do companheiro, entrou na caverna. Duncan pegou num molho de sassafrás e à entrada, colocou-o procurando disfarçar a abertura. Já dentro, dispôs as mantas ali abandonadas de modo a escurecer a outra extremidade da gruta, que recebia um pouco de claridade da estreita ravina pela qual corria um dos braços do rio,

para de novo se juntar ao outro, alguns metros adiante.

- Recuso-me a aceitar o princípio destes nativos, que lhes diz que se devem submeter sem luta, em emergências que pareçam desesperadas - disse ele enquanto dispunha o sassafrás. - A nossa máxima que diz: “Enquanto há vida há esperança”, mais consoladora e mais adequada ao temperamento de um soldado. Para si, Cora, não são necessárias quaisquer palavras de encorajamento. É forte e serena. Mas como havemos de secar as lágrimas de sua irmã?

- Já estou mais calma, Duncan - disse Alice, endireitando-se e esforçando-se por se dominar, apesar das lágrimas -, muito mais calma agora. - Tenho a certeza de que aqui neste esconderijo estaremos a salvo e livres de qualquer mal. E podemos depositar toda a nossa esperança naqueles homens tão generosos que já correram tantos riscos em nossa defesa.

- Agora a nossa Alice está a falar como digna filha de Munro que é! - disse Heyward, apertando-lhe a mão, ao passar para a outra entrada da gruta. - Com estes dois exemplos de coragem na sua frente, um homem teria vergonha de não se portar como um herói.

Depois, sentou-se no meio da gruta, apertando com mão firme a pistola que lhe restava, ao mesmo tempo que, de sobrolho franzido, deixava entrever todo o desespero da sua resolução.

- Se os Hurões vierem, talvez não se apoderem do nosso reduto com tanta facilidade como pensam - murmurou. A estas palavras seguiu-se um profundo silêncio. Apenas David era uma exceção no meio de tantas e tão diferentes emoções. Um raio de luz, vindo lá de fora, iluminou-lhe o semblante e iluminou as páginas do pequeno volume que folheava, em procura

de algum salmo adequado à circunstância que ele nunca defrontara. Por fim, a sua paciente busca foi recompensada, pois, sem qualquer explicação ou desculpa, tirou um longo e suave som do seu lamiré, e depois entoou numa voz musical as modulações preliminares de um cântico. Mas ainda mal havia ecoado na abóbada das grutas as suas inflexões mais profundas, quando reboou pelos ares, lá fora, um grito que instantaneamente silenciou o seu canto, e o sufocou, como se o coração lhe tivesse saltado para a garganta.

- Estamos perdidos! - exclamou Alice, atirando-se para os braços de Cora.

- Ainda não - retorquiu Heyward, inquieto mas não atemorizado. - O som veio do meio da ilha, e foi solto por verem os seus companheiros mortos. Ainda não fomos descobertos e ainda há esperança.

Embora as probabilidades de escaparem fossem fracas e quase desesperadas, as palavras de Duncan não foram ditas em vão, pois reanimaram as duas irmãs de tal modo que, em silêncio, aguardaram o que se iria passar. Um segundo grito seguiu o primeiro, e uma vozeria foi-se espalhando por toda a ilha, de uma ponta a outra até atingir a rocha por cima das grutas, onde, depois de um brado de triunfo, o ar se encheu de exclamações e guinchos, como só um homem ferozmente bárbaro pode soltar. e Depressa os sons se espalharam em todas as direções. Uns chamavam da beira do rio e outros respondiam-lhes lá de cima.

No meio de todo este tumulto, elevou-se outro grito de triunfo a alguns metros da entrada das grutas. As esperanças abandonaram por completo Heyward que acreditou ser um sinal de que haviam sido descobertos. De novo essa impressão se dissipou quando percebeu que as vozes provinham do ponto onde o batedor abandonara desgostoso a sua espingarda. Pelo meio das palavras proferidas em dialeto índio, ele ouvia distintamente algumas palavras em francês, gritadas por várias vozes:

“Carabina Comprida!”, um nome que Heyward se lembrava de ter ouvido, um nome que fora dado pelos inimigos a um afamado caçador e batedor dos ingleses, e que ele agora compreendia ser aquele que os ajudara.

“O Carabina Comprida! O Carabina Comprida!” passou de boca em boca, até que todo o grupo se juntou em redor daquele troféu que parecia um prenúncio da morte do seu temível possuidor. Depois de uma conferência ruidosa, que, por vezes, era abafada por gritos de alegria selvagem, separaram-se, atroando os ares com o nome do adversário, cujo corpo esperavam encontrar entalado em alguma fenda da rocha.

- Agora - murmurou Duncan para as irmãs que se mostravam assustadas -, agora chegou o momento da incerteza! Se o nosso refúgio escapar a esta busca, continuaremos a salvo! Pelo que depreendi, podemos ter a certeza de que os nossos amigos conseguiram escapar, e então, dentro de duas horas chegará o auxílio de Webb.

Seguiram-se alguns minutos de um silêncio aterrador, durante os quais Heyward percebeu que os selvagens procediam a uma busca com grande atenção e minúcia. Mais de uma vez distinguiu os seus passos, roçando pelo sassafrás e fazendo estalar as folhas e os ramos secos. Por fim, o monte das plantas cedeu um pouco, uma ponta da manta descaiu e um raio de luz iluminou frouxamente o fundo da gruta.

Cora, angustiada, abraçou Alice, e Duncan pôs-se de pé, num salto. Nesse momento, ouviu-se um grito, como que vindo do centro da rocha e que anunciava terem entrado na gruta ao lado. E logo o número e a intensidade das vozes deram a entender que todo o grupo se reunira

dentro e fora do esconderijo.

Como a entrada para as grutas era muito próxima, Duncan vendo que a salvação já não seria possível, pôs-se diante de David e das duas irmãs, tentando interpor-se a uma primeira investida de tão temível grupo. Considerando desesperada a situação, aproximou-se da frágil barreira que o separava apenas uns metros dos seus implacáveis perseguidores e espreitou a abertura, já de todo indiferente ao que eles poderiam fazer.

Ao alcance de um braço, encontrava-se o ombro musculoso de um índio gigantesco que, em voz profunda e autoritária, parecia comandar os outros. Olhando mais para diante, Duncan observava a gruta do outro lado, que se encontrava cheia de selvagens, revolvendo e pilhando os humildes haveres do batedor.

Mas o ferimento de David tingira de vermelho as folhas do sassafrás. E um dos mais ferozes guerreiros aproximou-se do chefe, com um braçado daquele arbusto, apontando, exultante, para aquelas manchas e demonstrando a sua alegria com uns gritos cujo significado Heyward só conseguiu compreender pela expressão “O Carabina Comprida!”. Quando estas demonstrações de triunfo acabaram, atirou o ramo para cima da pilha que Duncan colocara à entrada da gruta, tapando-lhe a vista. O exemplo foi seguido pelos outros, que trazendo mais ramos da gruta do batedor, os foram também lançando para a pilha, ajudando assim, inconscientemente, à segurança daqueles a quem procuravam.

Mais aliviado, Duncan voltou para o meio da gruta, para um lugar de onde podia observar a abertura junto ao rio. Enquanto o fazia, os índios, como se tivessem mudado de tenção, de comum acordo, saíram como um só e ouviram-se correr de novo para o topo da ilha, para o ponto por onde tinham entrado. Aí, outro clamor lamentoso indicou que eles se haviam juntado em volta dos seus camaradas mortos.

Duncan voltou-se então para os companheiros pois, durante os momentos de maior perigo, temera que o seu rosto refletisse a ansiedade que sentia e que esta os alarmasse mais. - Foram-se embora, Cora! - murmurou ele. - Alice, eles voltaram para de onde vieram e nós estamos salvos! Louvado seja Deus!

- Deus seja louvado! - exclamou a mais nova, desprendendo-se dos braços de Cora e ajoelhando-se no chão, em ação de graças.

Mas as palavras tolheram-se-lhe nos lábios entreabertos, o rubor deu lugar a uma palidez de morte, e os olhos contraíram-se-lhe de horror; as mãos que erguera para o céu tombaram e os dedos apontaram para diante convulsivamente.

Heyward voltou-se, rápido, nessa direção e avistou, espreitando mesmo por cima de uma saliência da abertura da gruta, o rosto malévolos e feroz de Raposa Matreira. Naquele instante de horrível surpresa, a presença de espírito de Heyward não o abandonou. Percebera pelo rosto do índio, que a sua vista, habituada à claridade do dia, ainda não fora capaz de penetrar na escuridão da gruta. Pensara até em se refugiar na curvatura natural da rocha, que poderia ainda escondê-lo a si e aos seus companheiros, quando, por uma súbita mudança de expressão no rosto do selvagem, viu que era tarde demais e que haviam sido descobertos.

Esquecendo tudo o mais instintivamente, Duncan apontou a pistola e fez fogo. O eco do tiro repercutiu-se na gruta como a erupção de um vulcão, e, quando o fumo se desfez, o rosto do guia traidor desaparecera. Correndo para a abertura, Heyward entreviu o seu vulto, esgueirando-se por detrás de um rochedo que depressa o ocultou.

À explosão que saíra das entranhas do rochedo, sucedeu um silêncio assustador. Mas quando o Raposa Matreira ergueu a voz num longo e claro grito de guerra, um outro lhe respondeu, saído espontaneamente de todas as bocas dos índios que o haviam ouvido. Uma algazarra ensurdecadora voltou a descer a ilha e é antes que Duncan se recompusesse, a barreira formada pelos ramos de sassafrás foi atirada aos quatro ventos, a gruta invadida pelos dois lados, e ele e os companheiros arrastados do seu abrigo para a luz do dia, onde permaneceram rodeados pelo grupo triunfante dos Hurões.

X

Passados os primeiros instantes sobre o infortúnio que se abatera sobre eles, Duncan começou a observar o aspecto e os modos dos seus captores. Contrariamente ao procedimento habitual dos nativos, na euforia da sua vitória, eles haviam respeitado não só as duas irmãs como a ele próprio. Os ornamentos da sua farda haviam sido tocados várias vezes, por alguns membros da tribo, com olhares cobiçosos; mas antes que a violência habitual se concretizasse, a voz autoritária do gigantesco guerreiro atrás mencionado sustivera a mão já erguida, e convencera Heyward de que o destino que lhes estava reservado era outro e em algum momento especial.

Contudo, enquanto os mais novos assim se manifestavam, os guerreiros mais experientes prosseguiam as suas buscas em ambas as cavernas, num afã que denotava estarem longe de se sentirem satisfeitos com os resultados que haviam obtido até ali. Sedentos de vingança e incapazes de descobrirem mais vítimas, aproximaram-se dos prisioneiros, pronunciando o nome “O Carabina Comprida” com uma ferocidade que não enganava. Duncan fingiu não compreender o significado dos seus repetidos e violentos interrogatórios. Por fim, cansado de ser importunado e apreensivo por estar a irritar os seus captores com tão obstinado silêncio, olhou em volta, procurando Magua, que podia servir de intérprete àquelas perguntas que, a cada momento, se tornavam mais insistentes e ameaçadoras.

O procedimento deste selvagem era em tudo diferente do de todos os outros. Enquanto os demais se mostravam extremamente ocupados, procurando satisfazer o seu gosto infantil pelos adornos, o Raposa Matreira conservara-se a pouca distância dos prisioneiros, com o ar calmo e satisfeito, de quem manifestamente conseguira levar a efeito a sua traição. Quando os olhos

de Heyward encontraram os do seu antigo guia, desviou-os, horrorizado, ao deparar com o seu olhar sinistro embora sereno.

Contudo, vencendo a sua repulsa, dirigiu-se-lhe:

- Raposa Matreira é um verdadeiro guerreiro, e por isso não vai recusar explicar a um homem desarmado o que dizem os seus vencedores.

- Eles perguntam pelo caçador que conhece todos os atalhos da floresta - respondeu Magua, com o sorriso feroz, levando a mão às folhas que lhe cobriam a ferida do ombro. - O Carabina Comprida! A sua espingarda é boa, e tem boa pontaria, mas tal como a arma do chefe branco não pode tirar a vida de Raposa Matreira.

- Raposa Matreira , valente demais para se lembrar dos ferimentos que recebeu na guerra, ou das mãos que lhos fizeram!

- Era uma guerra quando os índios fatigados estavam a descansar à sombra dos bordos, a comer o seu milho? Quem mandou os inimigos virem a rastejar pelo mato? Quem espetou a faca? Quem falava em paz e tinha o coração só a pedir sangue? Foi a mão de Magua que desenterrou o machado de guerra?

Como Duncan não queria retorquir àquela acusação, lembrar-lhe a traição premeditada e aplacar o seu ressentimento com desculpas, conservou-se calado. Também Magua parecia disposto a não continuar a conversa, pois voltou à sua posição anterior, encostando-se À rocha. Mas o grito “O Carabina Comprida” voltou a ouvir-se quando os selvagens, impacientes é perceberam que o diálogo findara.

- Como estás a ouvir - disse Magua, com obstinada indiferença - os Hurões exigem a vida de Carabina Comprida ou então o sangue daqueles que o esconderam!

- Ele fugiu... Escapou-se, está muito longe. Raposa Matreira sorriu friamente, quando respondeu:

- Quando um rosto-pálido morre, acha que está em paz; mas os Índios sabem torturar até os fantasmas dos inimigos. Onde está o corpo? Os Hurões querem ver o escalpe.

- Ele não morreu. Escapou-se.

Magua abanou a cabeça, incrédulo, e continuou:

- Ele é algum pássaro para poder voar? Ou um peixe para nadar debaixo de água? O homem branco lê nos livros e pensa que os Hurões são parvos!

- Embora não seja peixe, o Carabina Comprida sabe nadar.

Quando a pólvora acabou, ele foi a flutuar pelo rio abaixo. - E porque é que o chefe branco ficou? - perguntou o índio, ainda incrédulo.

- O homem branco acha que só os cobardes abandonam as mulheres.

Magua murmurou qualquer coisa entredentes, antes de prosseguir em voz mais audível:

- Os Delawares sabem nadar tão bem como sabem rastejar no mato? Onde está a Serpente Grande?

Duncan, percebendo que, pelo nome que lhe davam, o seu companheiro era melhor conhecido dos seus inimigos do que dele próprio, respondeu:

- Também se foi embora pelo rio.

- O Veado Ligeiro também não está aqui.

- Não sei a quem dão esse nome - disse Duncan, agarrando aquele pretexto para ocasionar uma demora.

- Uncas - retorqui Magua.

- O Delaware mais novo também foi rio abaixo.

Como nenhuma maneira de se escapar era impossível para um índio, Magua acreditou no que ouvira, com uma prontidão que traduzia a pouca importância que dava a tão insignificantes prisioneiros.

Os Hurões haviam-se mantido silenciosos, esperando o resultado deste curto diálogo. Quando Heyward se calou, voltaram os olhos para Magua, pedindo, à sua maneira, uma explicação do que fora dito. O intérprete apontou para o rio e informou-os mais por gestos do que por palavras. Quando todos perceberam o que tinha acontecido, os selvagens fizeram um tremendo alarido, demonstrando assim o seu desapontamento. Uns correram para a beira do rio, gesticulando, enquanto outros cuspiam na água, em sinal de ressentimento pela traição que se havia cometido contra os seus reconhecidos direitos como vencedores. Alguns lançavam

olhares malévolos e ameaçadores aos cativos ainda em seu poder.

Contudo, as apreensões de Duncan abrandaram quando viu que o cabecilha chamara os seus guerreiros para conferenciarem. A reunião não foi demorada, e, pelo silêncio da maioria, a decisão foi tomada por unanimidade. Pelo modo como, várias vezes, alguns apontavam na direcção do aquartelamento de Webb, via-se que temiam algum perigo que dali poderia vir. Este motivo devia ter apressado a sua resolução e, subsequentemente, o seu procedimento. Já foi relatado que a metade superior da ilha era composta por rocha nua e destituída de qualquer defesa além de alguns troncos trazidos pelo rio.

Eles haviam escolhido aquele ponto para descerem, tendo, para esse fim, trazido a canoa através do bosque, em volta da queda-d'água. Colocadas as armas dentro do barco, doze homens, agarrados a ambos os lados, deixaram-se levar pela canoa, que era dirigida por dois dos mais hábeis guerreiros, postados em lugares de onde pudessem descortinar os perigos da travessia. Assim, com este auxílio, haviam atingido a extremidade da ilha, no ponto que fora fatal para os primeiros que ali se haviam aventurado a desembarcar, mas com a vantagem de serem em número superior e de possuírem armas.

Duncan percebeu que fora por aquele ponto que eles tinham descido, pois agora levavam o barco dali e colocavam-no sobre a água que ficava perto da entrada da outra gruta. Assim que tudo ficou pronto, o chefe, por sinais, deu a entender aos prisioneiros que podiam descer e entrar nele.

Como resistir era impossível e protestar para nada servia, Heyward deu o exemplo, dirigindo-se para a canoa, onde se sentou com as duas irmãs e o ainda atordoado David. Quando o piloto escolhido para dirigir o barco tomou o seu lugar, todo o grupo mergulhou de novo no rio, a canoa deslizou pela corrente, e, pouco depois, os cativos encontraram-se na margem sul, no ponto oposto àquele onde tinham embarcado na véspera.

Aí deu-se uma breve troca de impressões, durante a qual os cavalos, a cujo pânico os donos atribuíam a sua desgraça, foram trazidos da floresta para aquele sítio abrigado. O grupo então dividiu-se. O grande chefe, montando o cavalo de Heyward, abriu caminho através do rio, seguido por quase todos os seus homens, e desapareceu na floresta, deixando os prisioneiros à guarda de seis selvagens à cabeça dos quais se encontrava o Raposa Matreira.

Duncan observava todos os seus movimentos com renovada inquietação. Ansioso por saber o que de pior lhes poderia acontecer e desejando, em tal emergência, tentar a sua força, dominou a sua relutância e falou a Magua.

- Queria falar com Magua, mas só convém que tão grande chefe ouça.

O índio olhou, desdenhoso, para o oficial, enquanto respondia:

- Fala, então; as árvores não têm ouvidos.

- Mas os Hurões não são surdos. Se Magua não ouvir, o oficial do rei sabe ficar calado.

O selvagem disse qualquer coisa aos companheiros que se encontravam ocupados a preparar os cavalos para as duas irmãs, voltou-se mais para um lado e, cautelosamente, fez sinal a Heyward que o seguisse.

- Agora, fala - disse -, se essas palavras são dignas de Magua ouvir.

- Raposa Matreira provou ser digno do nome ilustre que os seus pais canadianos lhe deram - começou Heyward. - Vejo que é sensato, e hei-de lembrar tudo o que fez por nós quando chegar a hora de ser recompensado. Sim! Sim! Raposa Matreira provou não só que é um grande chefe, mas que também sabe enganar os seus inimigos!

- O que fez então o Raposa Matreira? - perguntou o índio, com frieza.

- O que fez? Ele não viu que a floresta estava cheia de grupos de inimigos escondidos e que a serpente não podia passar por eles sem ser vista? E não fez de conta que se perdera só para enganar os Hurões? Não fingiu ele que ia voltar para a sua tribo, que tão mal o tratara e o afastara das suas wigwams como um cão? E quando vimos o que ele queria fazer, não o ajudámos nós, fingindo-nos assustados, para que os Hurões julgassem que o homem branco acreditava que o seu amigo era um inimigo? É ou não verdade? E não o deixaram eles na margem sul do rio, com os prisioneiros, e não foram tolamente para o norte? E não quer o Raposa Matreira voltar para trás e levar ao escocês rico as suas filhas? Sim, Magua, eu vi tudo e tenho estado a pensar que a sensatez e a honestidade têm de ser recompensadas. Primeiro, o chefe do Forte William Henry dar-te-á tudo o que puder por este serviço: os dólares serão tantos quantos os calhaus da margem do Horican.

Raposa Matreira ia ouvindo, no mais profundo silêncio, o hábil discurso de Heyward. Duncan via que o índio hesitava. E, a fim de completar a sua vitória, ia recomeçar a enumerar as recompensas, quando Magua o interrompeu com um gesto:

- Basta! Raposa Matreira é um chefe astuto e o que fizer se verá depois. Agora sai daqui e fica de boca calada. Quando Magua falar, será a altura de responder.

Heyward, compreendendo que os olhos do seu companheiro fitavam cautelosos o resto do grupo, afastou-se de imediato para evitar que suspeitassem de alguma conspiração entre eles. Magua aproximou-se dos cavalos e aparentou estar satisfeito com a diligência e a habilidade dos camaradas. Depois, fez sinal a Heyward para ajudar as duas irmãs a montarem.

Já não havia mais pretextos plausíveis para maior demora, e Duncan viu-se obrigado, embora com relutância, a obedecer.

Enquanto executava aquela ordem em voz baixa, pôs as duas jovens a par das suas esperanças. Estas, temendo fitar os rostos dos seus captores mal se atreviam a levantar os olhos do chão.

A égua de David também seguira com o grande chefe e, por isso o seu dono, tal como Duncan, viu-se obrigado a fazer o caminho a pé.

Quando já tudo se encontrava a postos, Magua fez sinal para iniciarem a marcha, avançando ele à frente, a servir de guia. A seguir ia David que, a pouco e pouco, se compenetrava da sua situação, à medida que os efeitos do ferimento se iam tornando menos visíveis. Atrás, as irmãs, com Heyward ao lado, enquanto os índios flanqueavam o grupo e fechavam a marcha, com uma precaução que não parecia abrandar.

Seguiam rumo ao sul, numa direcção quase oposta a William Henry.

Contudo os quilómetros foram passando, sempre através daquela infundável floresta, penosamente e com poucas esperanças de verem terminar depressa aquela jornada.

Apenas Cora se lembrava das recomendações do batedor e sempre que se lhe oferecia uma oportunidade estendia um braço e partia algum galho que encontrasse à mão. Mas a vigilância dos índios tornava difícil e perigoso todo o gesto de precaução. Várias vezes foi desencorajada do seu propósito ao ver os olhares que eles lhe lançavam. E de uma delas, quando quebrava um ramo de um grande sumagre, teve a súbita inspiração de, ao mesmo tempo, deixar cair uma das luvas. Este sinal, destinado àqueles que os poderiam seguir, foi observado por um dos seus guardas que lhe devolveu a luva, quebrou o resto dos ramos do arbusto, de modo a parecer ter sido forçado por algum animal e depois levou a mão ao tomahawk com um olhar tão significativo que pôs fim a estes vestígios da sua passagem.

Vinte vezes teve Heyward vontade de chamar o guia e de protestar mas o semblante do selvagem não era de modo algum encorajador. E, durante todo o tempo, Magua nunca se voltou para os que o seguiam e nunca lhes dirigiu a palavra. Só com o Sol por guia e auxiliado por vestígios imperceptíveis que só a sagacidade de um nativo conhece, ia sempre

caminhando ao longo de pinhais e de pequenos vales férteis, e atravessando riachos e ribeiros, por colinas ondulantes, com a segurança instintiva e directa de um pássaro. Parecia não ser afectado pela fadiga. Sempre que os olhos dos viajantes se erguiam das folhas que juncavam o chão por onde eles passavam, deparavam com o seu vulto por entre os troncos das árvores, sempre à frente, quase sem mexer a cabeça, vendo-se apenas a pluma que a ornava ondulando ao vento.

Mas toda esta diligência tinha um objectivo. Depois de atravessar um pequeno vale, começou de súbito a trepar por uma colina, tão escarpada e difícil de subir que obrigou as duas irmãs a desmontar, para o poderem acompanhar. Quando atingiram o cume, encontraram-se num planalto espessamente coberto de arvoredos, sob o qual Magua se estendeu, pronto a procurar um descanso de que todos os outros também necessitavam.

XI

O índio escolhera para o seu apetecível repouso uma daquelas colinas em forma de pirâmide, que tão frequentemente se encontram nos vales dos estados americanos. Esta era alta e escarpada, tendo um planalto no seu topo e possuindo por isso a vantagem de tornar uma defesa mais fácil e um ataque de surpresa quase impossível.

Não obstante a rapidez com que haviam caminhado, um dos índios tivera oportunidade de abater com uma flecha uma pequena corça e carregara aos ombros, até ali, os mais apetecíveis pedaços da sua vítima. Utilizando-a assim mesmo, sem a cozinhar, ele e os outros companheiros começaram logo a devorá-los com apetite voraz. Só Magua se sentou à parte, sem participar de tão repugnante refeição, e parecendo mergulhado em profundos pensamentos.

Esta temperança, tão extraordinária num índio, acabou por atrair a atenção de Heyward. O jovem oficial convencera-se de que o hurão cogitava na maneira mais apropriada para iludir a vigilância dos companheiros, de modo a ficar apenas para si a prometida recompensa. Com vista a ajudá-lo nos seus planos, dando-lhe alguma sugestão deixou a faia onde se encostava e afastou-se, como que casualmente, para o ponto onde o Raposa Matreira se encontrava sentado.

- Não andou Magua já o suficiente com o Sol na cara para fugir ao perigo dos Canadianos? - perguntou ele, como se não tivesse dúvidas quanto ao bom entendimento estabelecido entre eles. - E não ficaria o chefe do William Henry muito mais satisfeito se visse as filhas antes que outra noite passe e o coração se lhe endureça por causa de as ter perdido? E isso não o tornaria mais generoso na sua recompensa?

- Os rostos-pálidos gostam menos dos filhos de manhã do que à noite? - perguntou o índio, com frieza.

- De modo algum - retorquiu Heyward, ansioso por emendar o erro que cometera. - O homem branco pode esquecer o lugar onde os seus pais foram enterrados; às vezes, não se lembra daqueles que devia amar e prometeu acarinhar; mas a afeição de um pai pelos seus filhos não morre nunca.

- E o chefe branco tem o coração bondoso e pensa nos filhos que as suas mulheres lhe deram? Ele é duro para os seus soldados, e os seus olhos parecem de pedra!

- Ele é severo para com os tolos e os fracos, mas para os que são sensatos e merecedores é um chefe justo e humano. Tu viste o chefe branco em frente dos seus guerreiros, Magua, mas eu vi os seus olhos rasos de água quando falava com as filhas que estão agora em teu poder!

Heyward calou-se, porque não sabia como interpretar a estranha expressão que se vislumbrava no rosto escuro do índio. Primeiro, pareceu-lhe que a lembrança da prometida recompensa se mantinha viva no seu pensamento, mas à medida que Duncan falava, a sua

expressão de alegria tornou-se tão feroz e malévola, que era impossível não a atribuir a qualquer sentimento mais sinistro.

- Vai - disse o hurão, com uma expressão mais calma -, vai dizer à filha de cabelo escuro que Magua quer falar com ela. O pai lembrar-se-á do que a filha prometer.

Duncan, que interpretou este discurso como o desejo de alguma recompensa adicional à já prometida, voltou ao lugar, devagar e de má vontade, onde as irmãs descansavam, para comunicar a Cora o pedido.

- A Cora conhece os gostos dos índios - concluiu ele, enquanto a conduzia ao lugar onde era esperada. - Seja pródiga em oferecer pólvora e mantas. No entanto, as bebidas alcoólicas são as mais apreciadas por gente como ele. Lembre-se, Cora, que da sua presença de espírito e da sua habilidade podem depender a sua vida e a de Alice.

- E a sua, Heyward!

- A minha tem pouca importância. Mas, já estamos perto do índio. Magua, está aqui a senhora com quem querias falar.

O índio levantou-se devagar, e ficou por momentos parado, silencioso e imóvel. Depois, fez

sinal a Heyward que se afastasse, dizendo com frieza:

- Quando o hurão fala com as mulheres, a tribo tem de tapar os ouvidos.

Como Duncan se demorasse, Cora disse, sorrindo, calmamente:

- Não ouviu, Heyward? Pelo menos, por delicadeza, tem de se afastar. Vá para junto de Alice e conforte-a com as nossas novas perspectivas.

Esperou até que ele partisse e então voltando-se para o nativo com toda a dignidade, acrescentou:

- O que quer dizer Raposa Matreira á filha de Munro?

- Ouve - disse o índio, pegando-lhe com firmeza num braço como se quisesse obrigá-la a prestar a maior atenção às suas palavras. - Magua nasceu um chefe e um guerreiro entre os Hurões dos lagos; viu os sóis de vinte Verões derreterem as neves de vinte Invernos, antes de ver um rosto-pálido, e era feliz! Então os seus pais do Canadá vieram para a floresta e ensinaram-no a beber água-de-fogo e ele tornou-se mau. Os Hurões expulsaram-no de junto da sepultura dos seus pais, como costumam fazer nas caçadas aos búfalos. Ele fugiu pelas praias dos lagos e seguiu até perto da cidade do canhão. Ali caçou e pescou, até que novamente o

expulsaram da floresta para as terras dos inimigos. O chefe, que nascera um hurão, acabou por se tornar um guerreiro entre os Mohawks!

- Já tinha ouvido contar isso - disse Cora, quando ele fez uma pausa. - E que tenho eu a ver com as tuas desgraças, para não falar dos teus erros?

- Ouve - repetiu o índio. - Quando os pais ingleses e franceses desenterraram os machados de guerra, o Raposa Matreira foi combater com os Mohawks outra vez contra a sua própria nação. Os rostos-pálidos expulsaram os peles-vermelhas dos seus terrenos de caça e agora, quando combatem, é o homem branco quem os guia. O velho chefe dos Horican, o teu pai, era o grande comandante dos nossos guerreiros. Ele dizia aos Mohawks que fizessem isto ou aquilo e eles faziam. Ele fez uma lei que se um índio bebesse água-de-fogo e entrasse nas tendas dos seus guerreiros, isso não seria esquecido. Magua abriu a boca como um tolo e aquela bebida quente levou-o a entrar na tenda de Munro. E o que fez o chefe de cabelo branco? A sua filha pode dizê-lo.

- Ele não se esqueceu do que dissera e fez justiça, punindo aquele que violou a lei - disse a destemida rapariga.

- Justiça! - repetiu o índio, olhando furioso para a expressão firme do rosto dela. - É justiça fazer o mal e depois castigar por isso? Magua estava fora de si; foi a água-de-fogo que o fez agir assim, mas Munro não acreditou. O chefe hurão foi amarrado diante dos guerreiros rostos-pálidos e chicoteado como um cão.

Cora permaneceu silenciosa, porque não sabia como desculpar a severidade precipitada de seu pai, de modo que um índio pudesse compreender.

- Olha - continuou Magua, afastando o pano que mal lhe cobria as pinturas do corpo -, estas marcas são as das facas e das balas, e destas orgulha-se um guerreiro; mas o homem de branco deixou umas marcas nas costas do chefe hurão que ele tem de esconder, por debaixo deste trapo.

- Se o meu pai te fez essa injustiça, mostra-lhe que um índio pode perdoar uma ofensa, e restitui-lhe as filhas. Já ouviste da boca do major Heyward...

Magua abanou a cabeça, para impedir a repetição dos oferecimentos que ele tanto desprezava.

- Então o que queres? - continuou Cora, depois de ter ficado calada por momentos, pensando que Duncan fora cruelmente enganado pela astúcia do selvagem.

- O que o hurão gosta de fazer... pagar o bem com o bem, e o mal com o mal.

- Então o que pretendes fazer, Magua? - disse Cora, esforçando-se por falar com firme tranquilidade. - Queres levar-nos como prisioneiros para a floresta ou estás a planear um mal ainda maior? Não há recompensa, não há nenhum meio de desculpar a ofensa, e abrandar o teu

coração? Ao menos, liberta a minha irmã e vinga-te em mim.

- Ouve - repetiu o índio. - A mulher de olhos claros pode voltar para o Horican e dizer ao velho chefe o que aconteceu, se a mulher dos cabelos pretos jurar pelo Grande Espírito dos seus pais que não fará promessas falsas.

- E o que devo eu prometer? - perguntou Cora. - Quando Magua deixou o seu povo, a sua mulher foi dada a outro chefe; e ele agora fez amizade com os Hurões e irá voltar para junto das sepulturas da sua tribo nas margens do grande lago. A filha do chefe inglês tem de ir com ele, e viver na sua wigwam para sempre.

Embora revoltada com a proposta, e não obstante a sua extrema repulsa, Cora conteve-se e conseguiu retorquir sem revelar qualquer sinal de fraqueza.

- E que prazer sentiria Magua em compartilhar a sua cabana com uma mulher de quem ele não gosta, de uma nação e cor diferentes das dele? Seria melhor aceitar o ouro de Munro e conquistar com prendas e generosidade o coração da mulher da tribo dos Hurões.

O índio não respondeu logo, mas lançou uns tais olhares a Cora que esta, envergonhada, baixou os olhos. E, quando temia ouvir alguma proposta ainda pior, a voz de Magua respondeu num tom profundamente malévolos:

- Quando as feridas arderem nas costas do hurão, ele saberá onde encontrar uma mulher para lhe aliviar a dor. A filha de Munro irá buscar-lhe água, cavar o milho e cozinhar o que ele caçar. O corpo do homem branco dormiria entre os seus canhões, mas o seu coração ficaria ao alcance da faca de Raposa Matreira.

- Monstro! Mereces bem o nome de matreiro! - gritou Cora, não podendo conter a sua indignação. - Só um demónio poderia cogitar tal vingança!

A resposta do índio foi um horrível sorriso, significando que nada alterava a sua proposta, enquanto a mandava embora, como se desse por terminada a conversa. Cora, lamentando a sua precipitação, preparava-se para aquiescer, mas já Magua se afastara e se aproximara dos seus companheiros.

Heyward correu para junto da rapariga e perguntou-lhe qual o resultado daquele diálogo que ele observara de longe tão ansiosamente. Porém, não querendo alarmar Alice, ela evitou dar uma resposta directa, mas o seu olhar angustiado não se afastava dos seus captores. Às novas e mais insistentes perguntas da irmã acerca do seu provável destino só conseguiu responder, apontando para o grupo formado pelos índios, com uma perturbação que não podia disfarçar, e murmurando, enquanto apertava Alice contra o peito:

- Olha para ali e lê o nosso destino nas caras deles! Mas veremos, veremos!

Os modos e a expressão alterada de Cora diziam mais do que quaisquer palavras e depressa

chamaram a atenção para aquele ponto onde a sua se concentrava com uma insistência que só a importância das contingências poderia ocasionar.

Quando Magua chegou ao pé do grupo dos selvagens que, saciados com tão repugnante refeição, se encontravam estirados no chão, começou a falar-lhes com toda a dignidade de um chefe índio. As primeiras sílabas que pronunciou tiveram o dom de fazer com que os seus ouvintes se endireitassem e o escutassem com a mais respeitosa atenção.

Primeiro, a linguagem tal como os gestos de Magua mostraram-se calmos e decididos. Falou da longa e penosa caminhada que haviam feito, deixando os seus terrenos cheios de caça e as suas aldeias, para virem combater contra os inimigos dos seus pais canadianos. E enumerou todos os guerreiros daquele grupo, seus méritos, os serviços prestados à nação e os seus ferimentos. Apontou para o jovem oficial cativo e descreveu a morte de um dos melhores guerreiros, que tinha sido precipitado na ravina pela sua mão. E contou rapidamente como cada um dos amigos tinha caído, nunca deixando de frisar a sua coragem e as suas mais reconhecidas virtudes. Quando falou de Cora, os olhares dele mostraram-se atentos; quando aludiu aos males sofridos, os olhos deles brilharam de fúria; quando mencionou os insultos inflingidos às suas mulheres, baixaram a cabeça penalizados; quando apontou o modo como se haviam de vingar, tocou num ponto que nunca deixava de fazer vibrar o peito de um índio. Em resposta àquela insinuação, todo o grupo se levantou como um só homem, e, dando largas à sua fúria, no meio dos gritos mais frenéticos, correram para os prisioneiros com as facas e os tomahawks erguidos. Heyward correu a colocar-se entre as duas irmãs e os inimigos, agarrando o que vinha à frente com uma força desesperada que, por instantes, refreou a sua violência. Esta resistência inesperada deu tempo a Magua de intervir e, numa breve exposição e com gestos expressivos, fez voltar de novo para si a atenção de todo o grupo, distraindo os seus camaradas do seu propósito e convidando-os a prolongar o sofrimento das suas vítimas. A proposta foi recebida entusiasticamente e executada com a mesma rapidez do pensamento.

Dois vigorosos guerreiros lançaram-se sobre Heyward, enquanto outro se ocupava a prender o menos expedito mestre de canto. Nenhum dos cativos, no entanto, se submeteu sem desesperada mas infrutífera luta. Até mesmo David conseguiu atirar o seu atacante ao chão; e nem Heyward foi dominado, até que, tendo vencido o companheiro, os índios congregaram

todos os seus esforços na sua pessoa. Então, foi amarrado e preso ao tronco de uma árvore.

Quando o jovem militar recuperou os sentidos, teve a dolorosa certeza de que igual destino fora reservado a todo o grupo. À sua direita, estava Cora, pálida e trêmula, numa situação semelhante à sua, mas sempre seguindo com os olhos os movimentos dos inimigos. À sua esquerda, os juncos que a atavam a um pinheiro, prestavam a Alice o serviço que as suas pernas se recusavam a fazer, impedindo-a que tombasse no chão. David resignara-se e a novidade da situação em que se encontrava mantinha-o silencioso e reflectindo sobre a justeza de tão pouco habitual ocorrência.

Enquanto os do grupo preparavam, diante dos olhos daqueles que iriam sofrer, os habituais meios de tortura, Magua aproximou-se de Cora e mostrou-lhe, com expressão malévola, o destino que a esperava:

- Então o que diz a filha de Munro? A cabeça dela é boa de mais para um travesseiro na wigwam de Raposa Matreira. Achará ela melhor rolar por esta colina abaixo e ir servir de divertimento aos lobos?

- O que quer dizer esse monstro? - perguntou Heyward, surpreendido.

- Nada! - foi a resposta dela. - É um selvagem, bárbaro e ignorante, que não sabe o que faz. À hora da nossa morte, peçamos a Deus perdão para ele.

- Perdão! - repetiu o feroz hurão, não percebendo bem o significado das suas palavras. - A memória de um índio, maior do que o braço dos rostos-pálidos, e a sua misericórdia mais curta do que a justiça deles! Diz lá: mando a mulher dos cabelos loiros para o pai e tu segues Magua até aos grandes lagos para lhe acarretares a água e lhe cozeres o milho?

Cora repeliu-o com um gesto de aversão que foi incapaz de reprimir.

- Deixa-me - disse -, tu fazes com que eu ponha amargura nas minhas orações e metes-te entre mim e o meu Deus!

- O que, que ele diz, Cora? - perguntou Alice, com voz trêmula. - Ele falou em me mandar para junto do nosso pai?

Por instantes a irmã mais velha olhou para a mais nova com uma expressão hesitante e emocionada. Por fim, falou, com uma voz terna, quase maternal:

- Alice - disse ela -, o hurão oferece-nos a vida... e não só a nós duas... Também restitui Duncan ao nosso querido pai... se eu me humilhar e consentir...

Nessa altura, a voz faltou-lhe, e, enclavinando as mãos, olhou para o céu, como que pedindo inspiração a uma Sabedoria infinita.

- Continua! - gritou Alice. - Consentir em quê, Cora? Se mo propusessem para te salvar, animar o nosso pai e para restituir Duncan, eu morreria de boa vontade!

- Morrer! - repetiu Cora. - Isso era mais fácil. Mas talvez a alternativa não seja essa. Ele quer que eu vá com ele para a terra dos Hurões e que ali fique e seja sua mulher! Agora diz, Alice, e o major Heyward diga também. Ajudem-me! Pode a vida ser comprada com tamanho sacrifício?

- Cora! Está a gracejar com a nossa desgraça - exclamou o rapaz, indignado. - Nem fale nisso outra vez! Só esse pensamento é pior do que mil mortes.

- Eu sabia que essa seria a sua resposta! - exclamou Cora, com as faces ruborizadas e os olhos brilhantes de emoção. - E o que dizes, Alice? Por ti eu sacrificar-me-ia sem um lamento.

Mas embora Heyward e Cora esperassem uma resposta, nada se ouviu. Parecia que Alice se retraíra sobre si mesma, ao escutar aquela proposta. Contudo, momentos depois, a cabeça começou a mover-se, e, em sinal de profunda reprovação, o olhar iluminou-se com os sentimentos que a oprimiam e ela encontrou forças para murmurar:

- Não, não! Mais vale morreremos tal como vivemos... juntas!

- Então, morram! - gritou Magua, arremessando-lhe o tomahawk, violentamente, e rangendo os dentes, raivoso, ao ver tanta firmeza naquela que julgava ser a mais fraca de todo o grupo. O machado cruzou o ar diante de Heyward, e, cortando alguns anéis do cabelo de Alice, foi enterrar-se, vibrando, na árvore por cima da sua cabeça. Duncan, ao ver isto, louco até ao desespero, reunindo todas as forças, rebentou com os liames que o prendiam e correu para outro dos selvagens que se preparava, com grandes gritos e mais pontaria, para repetir a façanha. Depois de uma renhida luta, acabaram por cair os dois, ainda agarrados um ao outro. Mas o corpo do adversário, escapando ao abraço de Heyward, assentou-lhe um joelho sobre o peito, com uma força digna de gigante, obrigando-o a permanecer deitado. Já Duncan lhe via a faca brilhando no ar, quando um som sibilante lhe passou por perto acompanhado por um estampido de espingarda. Sentiu que a pressão sobre o seu peito afrouxava, viu o olhar do selvagem tornar-se cada vez mais vago e depois o índio cair prostrado e morto a seu lado.

XII

Com a súbita morte de um dos seus, os Hurões ficaram aterrados. Depois, logo a seguir, viram Olho-de-Águia avançar na sua direcção, brandindo a arma que já recuperara, e varrendo o ar com ela. No entanto, a rapidez e a audácia do batedor foram ultrapassadas por um vulto ágil e vigoroso, que, passando-lhe adiante, pulou com incrível ousadia para o meio dos Hurões, onde se postou, rodopiando o tomahawk e brandindo a faca, ameaçadoramente, em frente de Cora. Mais veloz do que os pensamentos daqueles que seguiam tão inesperadas evoluções, uma figura, armada e ostentando o símbolo da morte, surgiu como um espectro diante deles e assumiu igual atitude ameaçadora ao lado do outro.

Os selvagens recuaram perante estes intrusos guerreiros e exclamaram surpreendidos:

- O Veado Ligeiro! O Serpente Grande!

Mas o avisado e cauteloso chefe dos Hurões não se perturbava com tanta facilidade. Olhando em volta, compreendeu, de imediato, a natureza do assalto e, encorajando os companheiros com a sua voz e o seu exemplo, puxou pela faca e, soltando um grito de guerra, correu para Chingachgook, que já se encontrava em guarda. Foi o sinal para que o combate se generalizasse. Ninguém possuía armas de fogo e a luta tinha de ser travada corpo a corpo e só

com armas ofensivas. Uncas respondeu ao grito de guerra, saltando sobre um dos inimigos, e, com um só golpe do tomahawk, fendeu-lhe o crânio. Heyward, arrancando do tronco da árvore o machado de Magua, tomou rapidamente parte na refrega. Como os combatentes eram agora em igual número, cada qual se encarregou de um deles. Tendo outro inimigo ao seu alcance, Olho-de-Águia só com uma pancada da sua arma atirou-o ao chão. Heyward, embora de longe, arremessou o tomahawk que foi atingir o índio na testa o que atrasou por instantes a sua investida. Encorajado por esta ligeira vantagem, o jovem oficial prosseguiu furiosamente o seu ataque e saltou desarmado sobre o inimigo. Mas bastaram-lhe uns segundos para se convencer da sua temeridade, pois logo se viu forçado a empenhar toda a sua força e coragem para procurar defender-se da faca empunhada pelo hurão. Não conseguindo furtar-se ao ataque de um inimigo tão pronto e tão prevenido, deitou-lhe os braços em volta do corpo e conseguiu prender-lhe os membros, num abraço de ferro, mas que já quase exausto, não poderia aguentar por muito mais tempo. Quase no extremo dos seus limites, ouviu uma voz ali perto que gritava:

- Exterminemos estes velhacos! Não demos quartel a estes malditos mingos!

E logo a seguir, a coronha da espingarda de Olho-de-Águia abatia-se sobre a cabeça do seu adversário, cujos músculos pareceram afrouxar com a pancada, ao mesmo tempo que tombava inerte dos braços de Duncan.

Uncas, depois de ter desfeito o crânio do seu primeiro antagonista voltou-se como um leão esfomeado em busca de outro. O quinto hurão, que não tomara parte na primeira investida, vendo que todos à sua volta estavam entregues a uma luta de morte, procurou levar a cabo a sua vingança. Soltando um grito de vitória, correu para junto de Cora e atirou-lhe o seu machado, como que para lhe anunciar a sua aproximação. O tomahawk roçou-lhe o ombro e foi cortar os juncos que a prendiam à árvore, deixando-a livre. Fugindo às mãos do selvagem e, sem se importar com a sua própria segurança, correu para Alice, procurando com os dedos trêmulos quebrar os liames que prendiam a irmã. Qualquer outra pessoa compadecer-se-ia ao ver tão generosa e pura afeição, mas o hurão, naquele momento de fúria, não se enterneceu. Agarrando Cora pelas tranças, arrancou-a das mãos da irmã e obrigou-a a ajoelhar-se com brutal violência. Puxando-lhe os cabelos e, erguendo-os a todo o comprimento do braço, passou a faca em volta da cabeça da sua vítima com uma gargalhada de escárnio. Foi então

que Uncas viu aquela cena. Saltando e correndo como um raio, arremessou-se sobre o peito do inimigo, atirando-o para longe dali. A violência do esforço fez com que o jovem moicano caísse a seu lado. Logo ambos se levantaram, lutando e escorrendo sangue. Mas este conflito depressa terminou; o tomahawk de Heyward e a espingarda de Olho-de-Águia caíram sobre a cabeça do hurão, no mesmo instante em que a faca de Uncas se lhe enterrava no coração.

A batalha estava praticamente terminada, à exceção da prolongada luta entre o Raposa Matreira e o Serpente Grande. E os dois guerreiros davam provas de que os nomes, recebidos por feitos e guerras anteriores, eram bem merecidos. A princípio, haviam perdido tempo a furtar-se aos rápidos golpes com que pretendiam atingir-se mutuamente. De repente, atiraram-se um ao outro, numa luta corpo a corpo, rolaram pelo chão, enlaçados, como serpentes. Como um só, Heyward e os companheiros rodearam os guerreiros. Em vão procurava Uncas furar a nuvem de pó que os envolvia e cravar a faca no coração do adversário do pai; em vão a espingarda de Olho-de-Águia se erguia ameaçadora; em vão se esforçava Duncan por agarrar os membros do hurão. De tal modo se encontravam cobertos de pó e de sangue que os dois combatentes pareciam formar um só corpo. A cena do combate ia-se deslocando do centro para a borda do planalto, até que o moicano conseguiu uma oportunidade de vibrar uma vigorosa facada em Magua que, de súbito, afrouxando o braço, caiu para trás sem se mover aparentemente sem vida. O seu adversário pôs-se de pé e lançou por toda a floresta o seu grito de vitória.

- Bravo! Vitória para o moicano! - gritou Olho-de-Águia, erguendo a espingarda. - O golpe de misericórdia vai ser meu, mas não te roubo a honra de ficares com o escalpe!

Mas, no exacto momento em que a arma ia descer, o manhoso hurão pôs-se a salvo, rapidamente, rolando pela borda do precipício; e, tendo caído de pé, de um pulo, embrenhou-se na parte mais espessa da mata. Os delawares, que haviam julgado o inimigo morto, surpreendidos, preparavam-se para o perseguir quando ouviram a voz do batedor que os fez mudar de propósito e voltar para trás:

- Deixem-no ir! O homem não tem espingarda nem arco e está a muitas milhas dos seus amigos franceses. E tal como uma serpente sem presas, não pode fazer mal durante algum tempo. Agora é bom ir dar uma volta por aí e apalpar estes patifes que aqui ficaram, pois pode algum deles escapar para a floresta e piar como um gaio ferido na asa!

Mas Uncas, contrariamente aos seus hábitos, acompanhara Heyward até junto das duas irmãs e, libertando Alice, foi colocá-la nos braços de Cora.

Entretanto, Olho-de-Águia aproximara-se de David e soltara-o dos laços que o prendiam e que ele suportara até àquele momento com a mais exemplar das paciências.

- Pronto - exclamou o batedor. - Já tem os membros livres. E se quer um conselho de uma pessoa que não é mais velha que o senhor, mas que tem vivido muito tempo na floresta e tem muita experiência disto, dê o seu instrumento ao primeiro que encontrar e compre uma arma que é mais útil.

- As armas e o clarim são para a guerra e os cânticos de acção de graças para a vitória! - respondeu David. - Amigo - acrescentou, estendendo a mão a Olho-de-Águia, com bondade, enquanto os olhos se lhe humedeciam -, quero agradecer-lhe por os meus cabelos continuarem a crescer no mesmo sítio onde a Providência Divina os enraizou e dar graças por nos termos livrado das mãos daqueles bárbaros.

Depois de levar o lamir, aos lábios, elevou a sua voz e entoou um cântico sagrado.

Olho-de-Águia ouvia-o, enquanto ia calmamente recarregando a espingarda, mas aqueles sons não lhe acordaram as emoções adormecidas. Depois, abanando a cabeça e murmurando palavras ininteligíveis, afastou-se na intenção de reunir e examinar o estado das armas capturadas aos Hurões, no que foi acompanhado por Chingachgook, que encontrou a sua arma e a do filho entre as outras. Até mesmo Heyward e David receberam armas, com as respectivas munições. Acabada a escolha e a distribuição, o batedor anunciou que chegara a hora de partirem. Ajudadas por Duncan e o jovem moicano, as irmãs desceram a encosta escarpada da colina, que antes tinham subido em condições tão diferentes, e em cujo cume quase haviam sido massacradas. Cá em baixo, encontraram os cavalos roendo a folhagem dos arbustos, e, depois de terem montado, seguiram o guia, que, no meio de tão horríveis dificuldades, dera tantas provas da sua boa amizade. Contudo, a caminhada não durou muito. Olho-de-Águia, deixando o atalho por onde os Hurões haviam metido, voltou à direita, entrou na mata, atravessou um regato e parou num estreito vale, à sombra de uns ulmeiros.

O batedor e os índios pareciam familiarizados com aquele lugar isolado onde agora se encontravam porque, encostando as espingardas aos troncos das árvores, começaram a afastar as folhas secas, e a escavar o solo lamacento, pondo à vista uma nascente de água límpida que rapidamente começou a borbulhar. Olho-de-Águia olhou então em volta, como que procurando qualquer coisa que não conseguia encontrar tão depressa como esperava.

- Aqueles diabos estiveram aqui e deitaram fora a cabaça. Sem dizer palavra, Uncas estendeu ao batedor a tão desejada cabaça que a sua irritação não lhe deixara ver, pendurada num dos ramos de um dos ulmeiros. Enchendo-a de água, foi então sentar-se num ponto onde o chão se encontrava mais seco.

Heyward vendo então que os guias se preparavam para comer, foi ajudar as raparigas a desmontar, e sentou-se a seu lado, satisfeito por gozar um momento de agradável repouso depois da sangrenta cena em que haviam tomado parte.

Enquanto cozinham, a curiosidade levou-o a perguntar-lhes quais as circunstâncias que os haviam levado de um modo tão inesperado e oportuno a chegarem a tempo de os salvar.

- Como é que nos voltámos a ver tão depressa e sem a ajuda da guarnição de Edward?

- Se tivéssemos passado a curva do rio, talvez ainda chegássemos a tempo de os sepultar, mas tarde demais para lhes salvar os escalpes - respondeu o batedor. - Não, não. Em vez de desperdiçarmos forças, atravessando até ao forte, ficámos escondidos nas margens do Hudson, esperando para ver o que os Hurões iriam fazer.

- Então presenciaram tudo o que se passou?

- De modo algum, pois a vista dos índios é penetrante demais para ser enganada, mas mantivemo-nos por perto.

- Viram a nossa captura? - perguntou Heyward logo a seguir.

- Ouvimo-la - foi a resposta. - Um grito de um índio quer dizer muito para um homem que está habituado à floresta. Mas quando desembarcaram, nós rastejámos como serpentes por baixo das folhas; e depois, perdemo-los completamente de vista, até que os vimos novamente atados às árvores e prontos para serem massacrados pelos índios.

- A nossa salvação foi obra da Providência Divina! Foi quase um milagre não se terem enganado no caminho, pois os Hurões separaram-se e cada um dos grupos tinha cavalos. - Fomos levados pelo instinto, e na verdade teríamos perdido a pista se não fosse Uncas - retorqui o batedor. - Tomámos então o caminho mais deserto, pois pensámos, e bem, que os selvagens iriam por aí com os prisioneiros. Mas depois de o termos seguido, durante muito tempo, sem vermos um único ramo partido, como eu aconselhara, julguei que me enganara, pois todas as pegadas eram de mocassins.

- Os nossos captores tiveram a precaução de nos calçarem como eles - disse Duncan, exibindo os seus sapatos.

- Ah! Isso é um artifício habitual neles, embora nós já o conheçamos e não nos afastemos de uma pista só por causa disso.

- E então a que devemos a nossa salvação?

- Uncas reparara que os animais montados por estas meninas - continuou Olho-de-Águia -, punham as patas de um lado, ao mesmo tempo, no chão, o que é contrário ao habitual, no trote de qualquer animal dos meus conhecimentos, excepto do urso! - É uma característica destes

animais que são da baía de Narraganset!

- Pode ser... Pode ser... - disse Olho-de-Águia, que ouvira atento esta explicação. - Uncas vira-os andar e as suas pegadas levaram-nos até ao arbusto quebrado. O ramo mais afastado, perto das marcas das patas de um dos cavalos, estava dobrado para cima, como quando uma senhora apanha uma flor, mas o resto estava quebrado como que pela força de um homem. Por isso, concluí que aqueles velhacos tinham visto o ramo dobrado e tinham despedaçado o resto, para nos fazer acreditar que um gamo o tinha feito com os seus galhos. - E a sua perspicácia deu certo?

- Era fácil de ver - acrescentou o batedor, cômico de ter exibido a sua extraordinária sagacidade. - E depois, lembrei-me de que os Mingos tencionariam vir aqui a esta nascente, pois os guerreiros conhecem bem as qualidades destas águas. - São assim tão famosas? - inquiriu Heyward.

- Poucos peles-vermelhas que viajam para sul e para leste dos grandes lagos não ouviram falar dessas qualidades. Quer provar?

Heyward pegou na cabaça, mas depois de ter bebido uns goles, cuspiu a água fazendo uma careta. O batedor riu e abanou a cabeça.

- Ah! Queria que tivesse o gosto daquela a que está habituado. Houve tempos em que eu também gostava dela tanto como o senhor, mas depois habituei-me. Mas Uncas já acendeu o lume e é tempo de comer, pois ainda temos uma grande caminhada na nossa frente.

Quando aquela obrigação agradável e necessária findou, Olho-de-Águia anunciou a partida. As irmãs voltaram a montar. Duncan e David agarraram nas espingardas, o batedor tomou a dianteira e os moicanos fecharam o cortejo. E todo o grupo meteu pelo atalho direito ao norte, deixando para trás aquelas águas medicinais, correndo despreocupadamente para o regato mais próximo.

XIII

O caminho tomado por Olho-de-Águia metia pelas planuras arenosas, quebradas por vezes por pequenos vales e ondulações, e que, na manhã desse mesmo dia, haviam sido atravessadas por todo o grupo, guiado pelo traidor Magua.

Tal como o selvagem, o caçador raramente abrandava a marcha e nunca parava para pensar. Um olhar rápido, e de relance, para as árvores cobertas de musgo, para o pôr do Sol ou então para os numerosos riachos que passavam a vau, era o bastante para reconhecer o caminho a seguir e contornar as maiores dificuldades.

Entretanto, a floresta começava a mudar de aspecto, perdendo os verdes-vivos que a embelezavam e adquirindo uma luz mais suave, precursora do fim do dia.

Quando os olhos das duas irmãs se esforçavam por captar, através das árvores, aquela luz dourada e gloriosa, que formava um halo luminoso em volta do Sol, colorindo aqui e além, com os seus raios cor de rubi ou debruando de um amarelo-brilhante as nuvens que se acumulavam pouco acima das colinas, Olho-de-Águia voltou-se repentinamente e, apontando para o céu esplendoroso, disse: - Aquilo é para os homens um sinal de que devem começar a procurar comida e um sítio para descansarem. Mas a nossa noite, no entanto, não será longa,

porque, logo que nasça a Lua, temos de nos levantar e nos pôr de novo a caminho. Lembro-me de ter combatido os Macuas, mais ou menos por estes lados. Se a minha lembrança não falha, havemos de encontrar esse lugar, à esquerda, um pouco mais adiante. Sem esperar por qualquer resposta, o caçador mergulhou numa espessa mata de castanheiros novos, afastando-lhes os ramos que vinham quase até ao chão, como quem procura qualquer coisa já sua conhecida. As recordações do batedor não o traíram. Depois de ter penetrado mais um pouco no bosque, matizado pela urze branca, atingiu a clareira que rodeava uma pequena colina verdejante coroada por um fortim em ruínas. Este edifício, abandonado, era uma dessas fortificações que, tendo sido construída em situação de emergência, fora abandonada ao desaparecer o perigo e agora quase esquecida, tal como as circunstâncias que a haviam erguido.

Enquanto Heyward e os companheiros hesitavam em se aproximar da construção em ruínas, Olho-de-Águia e os índios entraram, não só sem receio, mas com óbvio interesse. O primeiro examinava as ruínas, interna e externamente, com a curiosidade de quem revive, a todo o momento, o passado, e Chingachgook contava ao filho, com o orgulho de um vencedor, a breve história das lutas em que tomara parte na sua juventude, ali naquele lugar.

Entretanto, as irmãs desmontavam, satisfeitas, preparando-se para gozar aquele descanso na frescura da tarde, e uma segurança, que elas acreditavam só os animais da floresta poderem invadir.

- Não teria sido melhor escolher um sítio mais isolado e menos conhecido do que este? - perguntou Duncan.

- Há muito pouca gente que saiba da existência deste fortim - foi a resposta. - Eu era muito jovem, e reuni-me aos Delawares porque sabia que eles eram de uma raça ofendida e injuriada. Quarenta dias e quarenta noites andaram aqueles diabos dos Mahawks sequiosos do

nosso sangue, em volta deste fortim que eu desenhei e construí em parte. Os Delawares meteram mãos à obra e saímos bem. Éramos dez contra vinte, até o nosso número ser igual ao deles. Então fizemos uma surtida e nem um dos homens deles ficou para contar a história.

Acabada a conversa, o caçador e os companheiros ocuparam-se dos preparativos destinados a proporcionar algum conforto e proteção àqueles a quem serviam de guias. Uma nascente, que havia muitos anos tinha levado os indígenas a escolherem aquele lugar para a sua fortificação, depressa foi limpa das folhas, e as águas correram cristalinas pela colina verdejante. Improvisaram um telhado num dos cantos do edifício, de modo a proteger do orvalho da noite, e espalharam ramos e folhas secas por baixo, para as irmãs poderem repousar. Enquanto os homens da floresta assim se ocupavam, Cora e Alice partilhavam da refeição que o dever, mais do que a vontade, as obrigara a aceitar. Depois de entrarem no fortim e de terem dado graças pelos favores recebidos, e pedido a continuação das mercês divinas, deitaram-se e, apesar da lembrança do que se passara e dos pressentimentos que tinham, depressa mergulharam num sono, que a Natureza veio a suavizar com a esperança.

Duncan preparava-se para passar a noite vigilante, junto a elas; mas o batedor, apercebendo-se da sua intenção, apontou para Chingachgook, estendeu-se na erva e disse:

- Os olhos dos homens brancos são pesados e cegos demais para uma vigília destas! O moicano será a nossa sentinela. E assim, o melhor é dormirmos.

O jovem oficial fingiu concordar e encostou-se à parede do fortim, firmemente determinado a não pregar olho até entregar as pessoas que lhe haviam sido confiadas, nas mãos do próprio Munro.

Durante alguns minutos, Duncan conseguiu conservar todos os seus sentidos despertos e atentos a qualquer som que viesse da floresta. Por fim, mergulhou num sono profundo.

Quanto tempo esteve Duncan adormecido nunca soube, pois foi acordado com uma leve pancada num ombro, que o fez pôr de pé de um salto, lembrando-se do dever que impusera a si mesmo, no começo da noite.

- Quem vem lá? - perguntou, levando a mão ao sítio onde habitualmente usava a espada. - Fala! Amigo ou inimigo?

- Amigo - respondeu em voz baixa Chingachgook. - A Lua nasceu e o forte do homem branco fica longe. É tempo de partir enquanto o sono fecha os olhos dos franceses!

- É verdade! Chama os teus amigos e sela os cavalos, enquanto eu vou ajudar as minhas companheiras a prepararem-se para a viagem.

- Já estamos acordadas - disse a voz de Alice, de dentro do fortim -, e prontas para a viagem, depois de um sono tão reparador. Mas o Duncan ficou acordado toda a noite, para nos defender, depois de um dia tão cansativo...

- Diga antes que eu queria ter ficado de vigia, mas se os meus olhos me traíram.

- Não, Duncan, não diga isso - exclamou Alice, sorrindo. - Não podemos demorar-nos mais um bocadinho para que o Duncan descanse? De boa vontade, Cora e eu, ficaremos de vigília.

- Se a vergonha me pudesse impedir de adormecer, nunca mais voltava a fechar os olhos.

Mas o rapaz foi interrompido por uma exclamação de Chingachgook e pelo ar profundamente atento do filho.

- Os moicanos ouvem um inimigo! - murmurou Olho-de-Águia que, tal como os outros, já estava desperto. - Eles farejam o perigo no vento!

- Que Deus não o permita! - exclamou Heyward. - Já houve sangue que baste!

Enquanto falava, pegou na espingarda e avançou, disposto a expor a sua vida em defesa daquelas que se encontravam à sua guarda.

- Talvez seja algum animal, rondando em busca de comida! - continuou, em voz baixa.

- Chiu! - pediu o batedor, atento. - É um homem, distingo-lhe os passos, embora os meus sentidos não valham nada em comparação com os dos índios! O hurão que fugiu encontrou-se com um dos homens de Montcalm e seguiram o nosso rasto. Gostava muito de não derramar mais sangue humano, neste lugar - acrescentou, olhando em volta. - Mas o que tem de ser... Leva os cavalos para dentro do fortim, Uncas; os meus amigos vão também. Embora velho, ainda oferece alguma proteção!

Os moicanos obedeceram-lhe de imediato, levaram os Narragansets para dentro das ruínas, onde todos se abrigaram, no mais profundo silêncio.

Agora ouviam-se os passos, nitidamente, não deixando lugar para a mais pequena dúvida. A estes misturou-se o som de vozes, falando um dialecto índio que o caçador afirmou a Heyward ser a linguagem dos Hurões. Quando o grupo atingiu o ponto onde os cavalos tinham entrado na mata que rodeava o fortim, ficaram desorientados por terem perdido os vestígios que os haviam guiado até ali na sua perseguição.

Pelas vozes, parecia que uns vinte homens se haviam reunido naquele lugar, discutindo, com grande algazarra. A seguir, ouviu-se uma voz grave de alguém que falava com autoridade, no meio de um silêncio que denotava o respeito com que as suas ordens e recomendações eram recebidas. Depois do que o restolhar de folhas e o estalar de ramos secos dava a entender que se haviam separado para prosseguir em busca do rasto perdido. Felizmente para os perseguidos, a luz da Lua não era suficientemente forte para penetrar nas profundezas da floresta, onde tudo ainda se encontrava na sombra. A procura, porém, não obteve resultado. E assim, não tardou muito que não se ouvissem os selvagens, batendo o mato, cada vez mais próximos do denso bosque dos castanheiros que rodeavam o fortim.

- Vêm aí! - murmurou Heyward. - Façamos fogo se eles se aproximarem!

- Conservem-se na sombra - retorquiu o batedor. - A mais pequena coisa pode fazer com que os velhacos nos caiam em cima.

Os selvagens encontravam-se tão perto que o mais leve movimento dos cavalos ou até uma respiração mais ofegante poderia trair os fugitivos. Mas ao descobrirem a pequena colina, a atenção dos Hurões pareceu dirigir-se para outro objectivo. Falavam todos ao mesmo tempo, em voz baixa e solene, num misto de temor e respeito. Depois, foram recuando cautelosamente, sempre com os olhos fixos nas ruínas, como se temessem que os fantasmas dos mortos saíssem daquelas paredes silenciosas. Tendo atingido o bosque dos castanheiros, dirigiram-se vagarosamente para a mata e desapareceram.

Olho-de-Águia esperou até que um sinal de Chingachgook lhe assegurasse que qualquer som, provindo dos inimigos, fora completamente engolido pela distância, e então fez sinal a Heyward que trouxesse os cavalos e ajudasse as irmãs a montar. Assim que tudo ficou pronto, saíram e tomaram silenciosamente a direcção oposta àquela por onde haviam entrado.

XIV

O batedor voltou a ocupar o seu lugar à frente do grupo. Depois de ter posto uma considerável distância entre ele e os inimigos, tornou-se mais cauteloso do que anteriormente, por não conhecer bem os pontos da floresta por onde passava. Várias vezes parou para conferenciar com os moicanos, quer apontando para a Lua quer examinando a casca das árvores com extremo cuidado. Nesses momentos, parecia que toda a região se encontrava mergulhada em sono profundo; nem o mais leve som se desprendia da floresta, excepto o sussurrar distante de algum riacho. E se acaso houvesse algum animal ou homem em tão erma extensão, deveria estar igualmente adormecido. Mas os sons do regato, mesmo fracos e murmurantes, serviam para dissipar aos guias qualquer hesitação, e levava-os a prosseguir de imediato o caminho na sua direcção.

Quando atingiram as margens da corrente, Olho-de-Águia descalçou-se e convidou Heyward e Gamut a seguirem-lhe o exemplo. Então, meteram pela água e, durante quase uma hora, percorreram o leito do riacho, não deixando assim qualquer rasto que os pudesse pôr em perigo. A Lua desaparecera por detrás das nuvens negras, que pairavam no horizonte, quando eles voltaram à planície arenosa, mas arborizada. Aqui, o batedor parecia mais à vontade, pois prosseguia o caminho com a segurança de quem se move em terreno conhecido. De súbito, Olho-de-Águia parou e, depois de esperar que todos se lhe juntassem, disse:

- É fácil reconhecer os trilhos e encontrar os cursos de água numa terra selvagem. Mas, ao ver-se este lugar, quem poderá dizer se um exército poderoso se encontra entre estas árvores silenciosas e estas montanhas áridas?

- Então, não estamos muito longe de William Henry! - disse Heyward, aproximando-se do batedor.

- Ainda falta percorrer um caminho longo e fatigante - foi a resposta do outro. - Olhe - prosseguiu ele, apontando, através das árvores, para um lençol de água onde se reflectiam as estrelas - aquilo é a lagoa de Sangue e encontramos-nos num sítio por onde não só tenho passado muitas vezes, mas onde combati o inimigo desde o nascer ao pôr do Sol! - Ah! Então esta lagoa é a que serviu de túmulo a muitos franceses valentes que tombaram a combater! Já ouvi falar dela mas nunca aqui tinha estado!

- Santo Deus! Vem ali um vulto humano! Mantenham-se alerta, amigos, pois não sabemos quem será.

- Quem vem lá? - perguntou uma voz, num francês provinciano.

- O que diz ele? - sussurrou o batedor. - Não é índio nem inglês!

- Quem vem lá? - repetiu a mesma voz, que foi seguida por um tinir de armas e num tom ameaçador.

- França - gritou Heyward, saindo da sombra das árvores até pouca distância da sentinela.

- De onde vem ou para onde vai tão cedo? - perguntou o granadeiro sempre no mesmo francês.

- Venho da frente e vou deitar-me - disse Duncan também em francês.

- É oficial do rei?

- Com certeza! Sou capitão dos caçadores e tenho aqui comigo as filhas do comandante do forte. Fi-las prisioneiras junto ao outro forte e levo-as ao general.

- Tenho muita pena, minhas senhoras! - exclamou o soldado, fazendo continência. - São azares da guerra!... Mas o nosso general é boa pessoa e será delicado para com as senhoras.

- É uma característica dos militares - disse Cora, com todo o sangue-frio. O soldado fez nova continência e Heyward acrescentou:

- À bonne nuit, mon camarade! - e prosseguiu resolutamente o caminho, deixando a sentinela, junto à margem da lagoa, sem suspeitar que fora ludibriada pela desfaçatez do inimigo. - Eu logo vi que era um desses franceses. E foi bom para ele ter-nos falado tão amigavelmente, senão podia ser que os seus ossos fossem parar ao pé dos seus patrícios - disse o batedor quando já se encontravam a uma certa distância.

Foi interrompido por um prolongado gemido, vindo da lagoa, como se na verdade os espíritos dos mortos pairassem por sobre as águas que lhes serviam de sepulcro.

- Mas isto é de gente de carne e osso! - continuou ele. - Era de um vivo, mas se o desgraçado ainda está neste mundo é que eu duvido - disse Heyward, olhando em volta e dando por falta de Chingachgook.

Outro gemido mais fraco que o primeiro foi seguido pelo tombar de um corpo na água. Enquanto ainda hesitavam sobre o que se teria passado, o vulto do índio saiu da floresta e juntou-se a eles, prendendo ainda, com uma das mãos ao cinto, o escalpe do infeliz francês e, com a outra, tornou a pôr no seu lugar a fâca e o tomahawk com que tinha derramado o seu sangue.

O batedor deixou pender a espingarda e, por instantes, manteve-se calado e pensativo. Depois, abanando a cabeça, murmurou:

- Teria sido um acto cruel e desumano se fosse praticado por um branco; mas isto está na natureza de um índio, e não se lho pode censurar!

- Não falemos mais nisso! - disse Heyward, temendo que as irmãs compreendessem o motivo daquela paragem. - O que está feito, está feito e não podemos voltar atrás. O que podemos verificar é que nos encontramos muito próximos das sentinelas do inimigo. O que pensa fazer?

- É verdade - disse Olho-de-Águia - os franceses cercaram o forte e vai-nos ser muito difícil passar através deles. - E temos pouco tempo para o fazer - acrescentou Heyward, olhando para a neblina que envolvia a Lua prestes a desaparecer.

- E pouco tempo para o fazer - repetiu o batedor. - A coisa pode ser feita de duas maneiras se a Divina Providência nos ajudar e sem a qual nada pode ser feito!

- Diga lá depressa, que o tempo urge.

- Uma seria fazer desmontar as senhoras, mandar os moicanos à frente e passar por cima das sentinelas mortas.

- Isso não! Isso não! - interrompeu Heyward. - Um soldado pode forçar a sua passagem, dessa maneira, mas nunca no nosso caso.

- Então temos de voltar um pouco atrás e sair da linha das sentinelas, virarmos a ocidente e metermo-nos pelas montanhas, onde nos poderemos esconder de modo a que os cães a soldo de Montcalm nos percam o rasto durante meses e meses.

- Vamos a isso - retorquiu o jovem, impaciente - e já. Não foram precisas mais palavras, porque Olho-de-Águia, dando ordem para que o seguissem, meteu pelo caminho por onde tinham vindo. Passado pouco, desviou-se dessa linha e, cortando em direcção à montanha, internou-se com os companheiros nas sombras profundas projectadas pelos seus cumes, altos e irregulares. Quando saíram da mata que revestia a encosta da montanha, já a manhã despontava, rosada, por sobre os pinheiros de uma colina que ficava do lado oposto do vale de Horican.

Então o batedor disse às irmãs que desmontassem, e, tirando os freios e as selas aos cavalos, soltou-os para que pudessem procurar entre os arbustos e a pouca vegetação daquela região qualquer coisa que comer.

- Já não precisamos mais deles? - perguntou Heyward. - Olhe e julgue por si - disse o batedor, avançando até à beira oriental da montanha. - Se fosse tão fácil ver o coração dos homens como espiar o acampamento de Montcalm deste ponto, haveria menos hipócritas.

Quando os viajantes se aproximaram da borda do precipício, reconheceram imediatamente a

verdade da declaração do batedor. A seus pés, a margem sul do Horican espreada-se num largo semicírculo que ia de uma montanha a outra, formando uma larga plataforma que depois se elevava como que num planalto. Para o norte, estendia-se o límpido e estreito lençol de água do lago Sagrado, recortado por inúmeras baías e fantásticos promontórios e salpicado por um número sem conto de pequenas ilhas. Junto à praia, mais perto da margem ocidental, encontravam-se as muralhas e os outros edifícios mais baixos do Forte William Henry. Dois dos vastos bastiões pareciam repousar na água, que lhes banhava as bases, enquanto um profundo fosso e extensos pântanos lhes defendiam os outros lados. O terreno fora limpo do arvoredo, em volta de todo o edifício, mas o resto do cenário continuava envolvido pelo verde da Natureza, excepto onde as águas límpidas tornavam a paisagem mais suave ou as rochas escarpadas projectavam os seus cumes negros e áridos, no cimo da linha ondulante da cordilheira. Diante deles, viam-se as sentinelas que vigiavam atentas os numerosos adversários, e, dentro das muralhas, os viajantes podiam ainda observar os homens ainda sonolentos por uma noite de vigília. Mais para sudeste, mas junto ao forte, sobre uma elevação rochosa, encontrava-se um campo entrincheirado, no qual Olho-de-Águia assinalou a presença dos regimentos auxiliares que havia pouco tinham vindo de Hudson.

Mas o espectáculo que mais interessou Heyward foi a margem ocidental do lago, muito perto da sua extremidade sul. Numa nesga de terra, que parecia estreita demais para conter tal exército, mas que, na verdade, se estendia por muitas centenas de metros desde as margens do Horican até ao sopé da montanha, podiam ver-se as tendas brancas e os engenhos militares de um acampamento de dez mil homens. À frente, as baterias encontravam-se a postos, e mesmo na altura em que os espectadores as olhavam lá de cima, como se fosse um mapa que se estendesse a seus pés, o troar da artilharia elevou-se do vale e espalhou-se, rugindo e ecoando por toda a montanha.

- A manhã está agora a chegar lá abaixo - murmurou o batedor - e as sentinelas têm de acordar os dorminhocos com o som do canhão. Estamos com várias horas de atraso! Montcalm já encheu toda a floresta com os seus malditos Iroqueses. - Mas não haverá processo de entrarmos? - perguntou Duncan. - A prisão dentro do forte seria muito preferível a cair de novo nas mãos dos índios.

- Repare! - exclamou o batedor, chamando a atenção de Cora para o aquartelamento do pai. - Aquele tiro fez voar as pedras da empena da casa do comandante! Aí, estes franceses vão destruí-lo em menos tempo do que ele levou a construir! - Heyward, aflige-me presenciar um perigo que não posso compartilhar - disse Cora. - Vamos ter com Montcalm e pedir-lhe que nos deixe entrar; ele não vai negar este favor a uma jovem!

- Antes de encontrar a tenda do francês ficaria sem o cabelo! - disse o batedor, bruscamente. - Se eu tivesse um só daqueles barcos que estão ali na praia, poderia fazer-se qualquer coisa. Mas daqui a pouco o tiroteio irá parar porque vem aí um nevoeiro que fará com que o dia pareça noite e tornará as flechas mais perigosas do que um bom canhão. Agora, se tiverem coragem e quiserem seguir-me, eu vou fazer uma tentativa, pois estou desejoso de ir lá abaixo àquele acampamento, mesmo que seja só para dar cabo de algum daqueles cães dos Mingos que eu estou a ver emboscados perto da mata dos vidoeiros.

- Temos coragem! - disse Cora, com firmeza. - E nesta eventualidade, estamos dispostos a enfrentar qualquer perigo.

O batedor voltou-se para ela com um sorriso de aprovação, e respondeu:

- Quem me dera ter mil homens tão vigorosos e perspicazes, e que temam tão pouco a morte, como a senhora! Mandaria os franceses de volta para os seus covis, em menos de uma semana, uivando como cães acorrentados. Mas reparem que o nevoeiro está a baixar rapidamente, e temos apenas o tempo necessário para chegarmos lá abaixo e ocultarmo-nos nele. E lembrem-se de que se me acontecer qualquer coisa sigam os moicanos.

Acenou então para que o seguissem e lançou-se pela encosta abaixo, rápida mas cautelosamente. Heyward ajudava as duas irmãs a descer e em poucos momentos já se encontravam no sopé da montanha que haviam subido com tanto esforço.

A direcção tomada por Olho-de-Águia levou-os até ao nível da planície, a um ponto quase oposto a uma porta da muralha ocidental do forte, que ficava a cerca de meia milha do ponto onde ele parou, para permitir a Duncan que se lhe viesse juntar com as duas jovens. Levados pela impaciência e favorecidos pelo terreno, eles tinham-se antecipado ao nevoeiro que rolava pesado sobre o lago, e era necessário descansar até que o acampamento do inimigo se envolvesse no seu manto de névoa. Os moicanos aproveitaram a demora para se internarem na floresta e inspeccionarem o que por ali se passava. Eram seguidos, a curta distância, pelo batedor, com vista a obter informações mais depressa, e também para procurar saber qualquer coisa sobre os locais mais próximos.

Pouco depois, voltava, vermelho de raiva, expressando o seu desapontamento em palavras pouco brandas.

- Os manhosos dos franceses postaram um piquete mesmo no nosso caminho, composto por peles-vermelhas e brancos.

- Não podemos dar uma volta para evitar o perigo, e voltar de novo ao nosso trilho depois de os passarmos? - perguntou Heyward.

- Quem sair do caminho, no meio deste nevoeiro, como pode saber se é capaz de o encontrar?

- Os nevoeiros do Horican não são como o fumo de um cachimbo da paz! Falava ele ainda, quando se ouviu um estrondo e se viu uma bala de canhão penetrar na floresta, embater no tronco de uma árvore e fazer ricochete no chão. No mesmo instante, surgiram os índios, e Uncas começou a falar de um modo grave, em dialecto delaware.

- Pode ser isso, meu rapaz - murmurou o batedor, quando ele acabou. - Venham, que o nevoeiro está a tornar-se mais denso. Heyward, percebendo que tinha acontecido qualquer coisa em que era mais necessária a acção do que as palavras, colocou-se entre as irmãs e empurrou-as brandamente para diante, não perdendo de vista o guia.

Depressa se tornou claro que Olho-de-Águia não exagerara a força do nevoeiro, porque mal tinham andado poucos metros já era difícil verem-se uns aos outros.

Tinham feito um pequeno desvio para a esquerda e já haviam voltado de novo à direita, quando foram interpelados por uma voz que parecia muito próxima, perguntando em francês:

- Quem vem lá?

- Continuem! - segredou o batedor, virando de novo à esquerda.

- Continuem! - repetiu Heyward, quando a interpelação foi renovada por uma dúzia de vozes,

todas elas ameaçadoras.

- Um amigo da França.

- Tens mais cara de ser inimigo do que um amigo da França. Para! Senão envio-te para o diabo. Fogo, camaradas!

A ordem foi de imediato obedecida e o nevoeiro agitou-se com a explosão de cinquenta mosquetes. Por felicidade, a pontaria errou e as balas cortaram o ar em direcções diferentes à tomada pelos fugitivos, mas, no entanto, tão próximas que para os ouvidos pouco experientes de David e das duas raparigas, lhes parecia assobiarem a poucos centímetros deles. De novo se ouviu a ordem, não só para fazer fogo mas também para os perseguirem. Quando Heyward explicou o que aquelas palavras queriam dizer, Olho-de-Águia parou e falou com voz firme e decidida:

- Vamos também fazer fogo. Eles julgarão que é uma surtida e desistirão ou esperarão por reforços. O esquema fora bem concebido, mas o efeito falhou. Assim que os franceses ouviram os seus disparos, toda a planície entrou em efervescência, e os mosquetes estrondaram por todo o lado, desde as margens do lago até aos mais longínquos confins da floresta.

- O exército inteiro vai cair sobre nós, e provocar um verdadeiro assalto - disse Duncan. - Siga em frente, meu amigo, pela sua vida e pela nossa.

- Deixem-me passar! - disse Olho-de-Águia, que depois de se orientar se pôs logo em movimento.

Agora os gritos, as vociferações, as vozes chamando uns e outros, tal como os estampidos dos mosquetes, eram rápidos e contínuos, e pareciam sair de todos os lados. De súbito, uma luz brilhante atravessou toda aquela cena, o nevoeiro subiu em espiral, vários canhões dispararam sobre a planície e o seu rugido foi ecoar pesadamente na montanha.

- Isto vem do forte! - exclamou Olho-de-Águia, voltando para trás. - E nós, como loucos, estávamos a correr direitos à floresta e às facas dos Macuas.

Logo que o erro foi reconhecido, todos se apressaram a emendá-lo o mais depressa possível. Duncan soltou o braço de Cora que foi aceitar o de Uncas. Os homens enfurecidos continuavam a persegui-los, ameaçando-os, a cada instante, capturá-los se não matá-los. - Não demos quartel a esses patifes! - gritou um dos perseguidores, que parecia dirigir as operações do inimigo.

- Aguentem firmes e estejam prontos a disparar! - comandou de repente, uma voz por cima deles. - Esperem até ver o inimigo, façam fogo e varram a esplanada.

- Pai! Pai! - exclamou uma voz de mulher, saindo do nevoeiro. - Sou eu! Alice! Poupe-nos!

Salve as suas filhas!

- Alto! - gritou a pessoa que falara antes. - É ela! Deus restituiu-me as minhas filhas! Abram a porta de surtida! Saiam para o campo, mas não disparem, senão matam-me as minhas filhas! Rechassem esses cães dos franceses com as espadas.

Duncan, ouvindo o chiar dos gonzos enferrujados, correu direito a esse ponto, guiado pelo som, e encontrou uma fileira de soldados que se dirigiam rapidamente para a esplanada. Reconhecendo-os como pertencendo ao seu próprio batalhão, pôs-se à sua cabeça e depressa varreu todos os seus perseguidores das proximidades do aquartelamento.

Por instantes, Cora e Alice haviam ficado desnorteadas com tão inesperada deserção; mas antes de terem tempo de falar, um oficial de porte gigantesco, com os cabelos embranquecidos pelos anos e pelas campanhas, correu para o nevoeiro e apertou-as contra o peito, enquanto as lágrimas lhe corriam pelo rosto pálido e enrugado, exclamando com o seu sotaque escocês:

- Por isto tudo, Te dou graças, Senhor!

XV

Alguns dias se passaram por entre as privações, o alvoroço e os perigos do cerco, que se ia apertando, e contra o qual Munro não possuía meios para resistir. Era como se Webb e o seu exército, repousando calmamente nas margens do Hudson, tivessem esquecido por completo as dificuldades a que os seus irmãos se encontravam reduzidos.

Montcalm espalhara por toda a floresta os seus selvagens, cujos gritos de guerra, ao chegarem ao aquartelamento britânico, faziam gelar os corações dos homens e aumentava a preocupação do perigo em que se encontravam.

Contudo, os sitiados animados pelas palavras e estimulados pelos exemplos dos seus chefes, mostravam-se corajosos e procuravam manter a reputação que haviam ganho com um zelo que fazia justiça ao carácter severo do seu comandante.

Foi ao cair da tarde do quinto dia de cerco e do quarto em que ali prestava serviço, que o major Heyward se aproveitou de um toque de parlamentar, para subir a uma das muralhas de um dos bastiões, e respirar um pouco de ar fresco do lago e para inspeccionar o avanço do cerco. Estava só, não falando do soldado que fazia sentinela no baluarte, pois os artilheiros também haviam procurado aproveitar a suspensão temporária das suas árduas tarefas.

Duas pequenas bandeiras brancas haviam sido hasteadas uma num dos torreões do forte e outra na bateria mais avançada dos sitiados, símbolo das tréguas que haviam estabelecido, não só das acções mas também, como parecia, da inimizade dos combatentes. Atrás destas, ondulavam os estandartes rivais da Inglaterra e da França.

Uma centena de jovens e despreocupados franceses lançavam uma rede de pesca na praia de seixos, nas proximidades dos canhões agora silenciosos do forte. Alguns corriam a divertir-se nas águas do lago, e outros procuravam escalar as colinas e satisfazerem a sua curiosidade insaciável. Aqui e além, grupos da guarda avançada elevavam as vozes numa canção ou juntavam-se em danças que atraíra a atenção dos selvagens e os levava a sair da floresta, silenciosos e surpreendidos. Em resumo, tudo isto mais se assemelhava a um dia de lazer do que a uma hora roubada aos perigos e fadigas de uma guerra sangrenta e vingadora.

Duncan, pensativo, contemplava toda aquela cena, quando a sua atenção foi atraída para a esplanada em frente da porta da surtida, mencionada anteriormente, pelo som de passos que se aproximavam. Dirigiu-se para um dos cantos do bastião e avistou o batedor que avançava direito ao forte sob custódia de um oficial francês. Não trazia a sua arma e tinha mesmo os braços atados atrás das costas. Naqueles últimos dias, haviam sido tantos os parlamentários que Heyward, ao olhar meio distraído para aquele grupo, esperava ver um oficial dos inimigos, encarregado de tal função; mas logo que reconheceu a figura alta e vigorosa do seu amigo caçador, ficou surpreendido e voltou-se para descer do bastião.

Contudo, o som de outras vozes fê-lo esquecer-se, por momentos, dos seus intentos. No canto interior do baluarte, encontravam-se as duas irmãs, passeando ao longo do parapeito, em busca, tal como ele, de um pouco de ar e de alívio, depois de tanto tempo de reclusão. Ainda se não haviam voltado a ver desde o dia em que ele as deixara, exaustas pelas preocupações e pelas fadigas; agora, via-as revigoradas embora inquietas. Por tal motivo, não admirava que o jovem oficial tivesse desviado a sua atenção, por uns tempos, de outros assuntos, só para se

lhes dirigir. No entanto, a voz ardente e jovial de Alice antecipou-se-lhe:

- Então, este vadio, este cavaleiro infiel abandonou as donzelas mesmo no meio da liça, para ganhar os louros, na refrega! - exclamou ela, fingindo repreendê-lo. - E aqui temos estado nós quase há anos, esperando vê-lo a nossos pés, implorando o nosso perdão para tão covarde deserção...

- E a Cora também está de acordo? - replicou Duncan, respondendo àquela censura com um sorriso de franco prazer. - E o que diz a sua sensata irmã? Não achar que o dever de um soldado desculpa a negligência de um cavaleiro?

Cora não respondeu logo, e voltou o rosto para o lago, como se estivesse a contemplar o Horican.

Mas quando fitou o jovem oficial, os seus olhos pareciam tão angustiados que ele perguntou solícito:

- Não se sente bem, Miss Munro?

- Não, nada - respondeu ela, recusando, com uma reserva muito feminina, a sua ajuda. - É que eu não sou capaz de ver o lado agradável da vida e sentir qualquer entusiasmo. É uma questão

de experiência e talvez de feitio. Olhe em volta, major Heyward, e diga-me que perspectivas há aqui para a filha de um soldado cuja maior felicidade é a sua honra e a sua fama como militar?

- Que não devem ser nem serão deslustradas pelas circunstâncias, sobre as quais não tem domínio - replicou Duncan, calorosamente. - Mas as suas palavras fizeram-me lembrar o meu dever. Tenho de ir falar com o seu pai, para saber o que ele determinou com respeito à nossa defesa. Deus lhe conceda muita sorte, Cora.

Ela estendeu-lhe a mão, embora os lábios lhe tremessem e as faces se lhe tornassem mais pálidas.

- Em qualquer circunstância, sei que será sempre digna de admiração. Adeus, Alice, havemos de nos encontrar outra vez; como vencedores, tenho a certeza, e no meio do maior regozijo!

Sem esperar pela resposta das raparigas, o jovem oficial correu pelas escadas do bastião e, atravessando rapidamente a parada, depressa se encontrou na presença do comandante. Munro percorria a sala, de um lado para o outro, com ar preocupado e largas passadas, quando Duncan entrou.

- Antecipou-se aos meus desejos, major Heyward - disse. - Ia agora mesmo pedir-lhe o favor de aqui vir.

- Lamento, senhor, que o mensageiro que eu tão vivamente recomendei tivesse voltado sob custódia dos franceses! Espero que não haja razão para perder a confiança nele!

- A lealdade de Carabina Comprida , já muito minha conhecida - retorquiu Munro - e está acima de qualquer suspeita. Montcalm deitou-lhe a mão, e com a execrável delicadeza francesa, enviou-mo com a lamentável explicação de que “sabendo quanto eu prezo esse indivíduo, ele não podia retê-lo em seu poder”. Uma maneira diplomática, major Duncan, de lembrar a uma pessoa os seus reveses!

- Mas o general e os seus reforços? - Olhou para o sul, quando entrou, e não os viu? - disse o velho soldado, rindo amargamente. - Está muito impaciente, meu rapaz, nem os deixa descansar pelo caminho!

- Vêm, então? O batedor disse isso?

- Quando? E por onde? Aquele estúpido não mo quis dizer? Parece que também há uma carta; e isso é a única coisa agradável no meio disso tudo. Com as suas habituais delicadezas, se as notícias da carta fossem más, a gentileza desse senhor francês já o tinha levado a informar-nos delas!

- Ele ficou então com a carta e libertou o mensageiro?

- Tal qual.

- Mas o que diz o batedor? Ele tem olhos, ouvidos, e língua! O que conta ele?

- Tudo isso tem ele, e pode dizer o que viu e ouviu. Mas resume-se nisto: há um forte de Sua Majestade nas margens do Hudson, chamado Edward, em honra de Sua Alteza o Príncipe de York, e está cheio de homens armados tal como uma fortaleza dessas deve estar!

- Mas não havia lá movimentação, nem sinais de intenção de nos virem socorrer?

- Havia paradas de manhã e à tarde. E deve haver qualquer coisa naquela carta que devíamos saber!

- A nossa decisão tem de ser rápida - disse Duncan. - Não posso ocultar-lhe, senhor, que o quartelamento não pode resistir por muito tempo; e lamento dizer-lhe que as coisas não vão melhores aqui na fortaleza: mais de metade das nossas armas estão inutilizadas.

- Major Heyward - disse Munro, voltando-se para o seu jovem ajudante, com dignidade -, eu

teria servido Sua Majestade durante meio século e embranquecido a cabeça em vão se ignorasse tudo o que está a dizer e a premente natureza das nossas circunstâncias; no entanto, temos a obrigação de considerar tudo o que é devido à honra das forças do rei. Enquanto houver esperança de socorro, esta fortaleza defender-se-á, mesmo que tenha de ser com os seixos das margens do lago. Por essa razão, precisamos ver essa carta, para sabermos as intenções do homem que o conde de Londres nos deixou como seu substituto.

- E eu poderei ser útil nessa questão? - Pode. O marquês de Montcalm, acrescentando mais uma às suas amabilidades, convidou-me para uma entrevista pessoal no seu acampamento, a fim de, como ele diz, comunicar mais algumas informações. Eu acho que seria mais sensato não mostrar grande ansiedade em me encontrar com ele, e gostaria de enviá-lo a si em minha substituição.

Duncan assentiu de boa vontade em tomar o lugar do veterano, na entrevista que iria ter lugar. Seguiu-se então uma conversa confidencial durante a qual o jovem oficial recebeu mais algumas instruções do comandante, depois do que se retirou.

Como Duncan era apenas o representante do comandante da fortaleza, as cerimónias, que deviam acompanhar a entrevista entre os chefes das forças adversas, foram dispensadas. Ainda durante as tréguas, Duncan saiu pela porta de surtida, dez minutos depois, acompanhado pelo rufar dos tambores e protegido por uma bandeira branca. Recebido previamente pelo oficial francês, com as habituais formalidades, foi imediatamente levado à tenda do notável militar que comandava as forças de França.

O general inimigo recebeu o jovem parlamentar, rodeado pelos seus principais oficiais e por um grupo de chefes nativos, que o haviam seguido com os guerreiros das suas várias tribos. Heyward hesitou quando, ao relancear a vista por estes últimos, avistou o rosto malévolos de Magua, que o fitava atentamente com uma expressão serena e taciturna. Uma

exclamação de surpresa quase se soltou da sua boca, mas ao lembrar-se da missão de que estava investido voltou-se para o seu adversário que já se adiantava para o receber. O marquês de Montcalm estava, na época que descrevemos, na flor da idade e também no auge da fortuna. Mas apesar daquela invejável situação, era afável e distinguia-se tanto pela sua cortesia como pela sua denodada coragem, Duncan, ao afastar os olhos do rosto maligno de Magua, pousou-os com agrado nas feições risonhas e afáveis e no nobre porte militar do general francês.

- Monsieur - disse este, em francês. - Tenho muito gosto em... Onde está o intérprete?

- Acho, monsieur, que não é necessário - respondeu Heyward. - Eu falo um pouco de francês.

- Ah! Ainda bem - disse Montcalm, pegando familiarmente no braço de Duncan e conduzindo-o para dentro da tenda, fora do alcance de outros ouvidos. - Embora eu me considerasse muito honrado se recebesse o seu comandante, estou satisfeito por ele ter escolhido um oficial tão distinto e tão agradável quanto o senhor.

Duncan inclinou a cabeça, lisonjeado, a despeito da sua mais heroica determinação em não se deixar envolver de modo a esquecer os interesses do seu príncipe. E Montcalm, depois de uma pausa, como que para ordenar os seus pensamentos, continuou:

- O seu comandante é um homem valente, e tem todas as qualidades para repelir os meus assaltos. Mas, monsieur, não será tempo de começar a tomar mais em consideração o bem da humanidade e menos a nossa própria coragem? Tanto uma como a outra são qualidades de um

herói!

- Consideramos essas qualidades inseparáveis -olveu Duncan, sorrindo. - Mas se no vigor de Vossa Excelência encontramos motivo de estímulo para uma, não vemos ainda razão especial para exercer a outra.

Chegou a vez de Montcalm inclinar ao de leve a cabeça. E depois de reflectir um momento acrescentou:

- É possível que os meus binóculos me tivessem traído, e que o vosso forte resista melhor aos nossos canhões do que eu suponho. Sabe a quanto montam as nossas forças?

- Os nossos cálculos variam - disse Duncan, despreocupadamente. - O mais alto, contudo, não excede vinte mil homens.

O francês mordeu os lábios e fitou os olhos no outro, como que para ler os seus pensamentos; então, com uma prontidão muito sua, continuou, como se confirmasse a verdade desse número:

- É um triste elogio à vigilância dos nossos soldados, monsieur, pois fazemos o que fizemos, não conseguimos ocultar o nosso número. E embora ache ainda cedo demais para ouvir os apelos ao bem da humanidade - acrescentou, sorrindo maliciosamente - permito-me acreditar

que a galanteria não é esquecida por uma pessoa tão nova como o senhor. Eu soube que as filhas do comandante conseguiram entrar no forte já depois de estar cercado.

- É verdade, monsieur; mas ao contrário de enfraquecer os nossos esforços, elas deram-nos um exemplo de coragem com a sua força. Se fosse apenas preciso uma resolução para repelir um tão ilustre militar quanto o marquês de Montcalm, eu entregaria a defesa de William Henry à mais velha dessas senhoras.

- Se as qualidades nobres são hereditárias, creio plenamente em si, embora, como já disse, a coragem tenha os seus limites e a humanidade não deva ser esquecida - disse Montcalm, secamente. - E espero que venha autorizado a tratar da rendição do forte.

- Temo que Vossa Excelência esteja iludido quanto às forças de William Henry e aos meios de que a sua guarnição dispõe! - Não tenho estado sentado diante de Quebeque, mas de uma fortaleza de adobe, defendida por dois mil e trezentos soldados - foi a resposta lacónica.

- Os nossos baluartes são feitos de adobe e não estão assentes nas rochas do cabo Diamond, mas estão situados naquela margem que provou ser tão funesta para Dieskau e o seu exército. E há também uma força poderosa a poucas horas daqui e com que contamos como parte dos nossos meios de defesa.

- Uns seis a oito mil homens - retorquiu Montcalm, aparentando indiferença - cujo chefe julga ser mais prudente manter-se no seu aquartelamento do que em campo de batalha.

Foi a vez de Heyward morder os lábios, mortificado, por o outro ter aludido a uma força da qual ele sabia ter exagerado o valor. Ambos permaneceram em silêncio, até que Montcalm retomou a conversa, dando a entender que acreditava ter a visita do seu convidado apenas a finalidade de propor a capitulação. Por outro lado, Heyward começou a tecer várias considerações com o fim de descobrir o que é que o general francês tinha sabido através da carta interceptada. Contudo, nenhum artifício empregado por ambos deu resultado; e depois de uma prolongada e infrutífera conversa, Duncan retirou-se, bem impressionado com a cortesia e a habilidade do comandante inimigo, mas tão ignorante sobre o que viera saber como quando ali chegara.

XVI

O major Heyward encontrou Munro acompanhado apenas pelas filhas. Alice estava sentada nos seus joelhos e, delicadamente, apartava-lhe da testa os cabelos grisalhos. E quando ele fingia zangar-se por causa disso, ela aplacava a sua ira simulada, beijando-lhe amoravelmente o sobrolho franzido. Cora, sentada junto deles, olhava-os, calma e divertida, fitando a irmã mais nova com o ar maternal que caracterizava o seu amor por Alice.

Duncan, que na pressa de dar contas da sua chegada, tinha entrado sem se ter feito anunciar, parou, por momentos, a observar deliciado aquele quadro. Mas o olhar vivo de Alice surpreendeu-o reflectido num espelho, o que a fez saltar, corando, dos joelhos do pai e exclamar:

- O major Heyward!

- Vá! Vão-se embora, meninas! - pediu o pai. - Como se eu já não tivesse preocupações suficientes, tenho também o forte cheio de crianças atrevidas e tagarelas!

Alice, rindo, seguiu a irmã para fora da sala, percebendo que a sua presença não era, na altura, ali desejada. Mas, Munro, em vez de perguntar ao jovem oficial o resultado da sua missão, pôs-se a andar de cá para lá, mergulhado nos seus pensamentos. Por fim, ergueu os olhos, que brilhavam de ternura paternal e exclamou:

- São umas excelentes raparigas, Heyward, e de quem qualquer pessoa se poderia orgulhar!

- Não é necessário que eu lhe diga qual a minha opinião sobre as suas filhas, coronel Munro.

- É verdade, meu rapaz - interrompeu-o este, impaciente.

- Já mo disse no dia em que aqui chegou; mas eu não achei conveniente para um velho soldado falar em bênçãos nupciais e casamentos numa altura em que os inimigos do rei pretendiam ser convidados indesejáveis para a festa! Mas estava errado Duncan... Estava errado nesse ponto, e estou agora pronto a ouvir o que tem a dizer-me.

- Se bem que me alegre com essas palavras, sir, sou portador de uma mensagem de Montcalm...

- O francês e o seu exército que vão para o diabo! - exclamou o veterano, franzindo o sobrolho. - Ele ainda não manda em William Henry, nem nunca mandará desde o momento em que Webb prove ser o homem que deve. Não. Graças a Deus, ainda não estamos em apuros tais que se possa dizer que Munro tem muita pressa em se descartar dos pequenos deveres para com a sua família!

Heyward, que percebia que o seu superior sentia um malicioso prazer em mostrar o seu desprezo pela mensagem do general francês, replicou, afectando indiferença:

- A minha pretensão, como sabe, sir, não era mais do que ter a honra de vir a ser seu filho.

- Meu rapaz, as suas palavras deram-me bem a entender! Mas deixe-me que lhe pergunte: foi assim tão explícito com a minha filha?

- Dou-lhe a minha palavra que não - exclamou Duncan, com ardor. - Seria um abuso da minha parte, aproveitar-me da situação para tais propósitos!

- Os seus sentimentos são os de um cavalheiro, major Heyward. Mas Cora Munro é muito assisada, e de espírito tão nobre e superior que não precisa de tutela, mesmo de um pai. - Cora!

- Não está a falar da sua pretensão à mão de Miss Munro?

- Eu... não me parece que tenha mencionado o nome dela - disse Duncan, gaguejando, embaraçado.

- E então, para quem pediu o meu consentimento para se casar, major Heyward? - perguntou o velho soldado, erguendo-se, como se a sua dignidade tivesse sido ofendida.

- O senhor tem outra filha, e não menos encantadora.

- Alice! - exclamou o pai, admirado.

- É para ela que vão todos os meus desejos, sir.

O jovem oficial esperou em silêncio, o resultado do efeito extraordinário que tal comunicação ocasionara e que, como parecia, fora totalmente inesperada. Durante alguns minutos, Munro percorreu a sala em rápidas passadas, absorvido nos seus pensamentos. Por fim, parou mesmo em frente de Heyward e, fixando os seus olhos nos dele, disse, com os lábios trêmulos:

- Duncan Heyward, eu sempre gostei de si, não só pelas suas qualidades como por pensar que iria contribuir para a felicidade de minha filha. Mas toda esta afeição se tornará em ódio, se tiver a certeza de que o que eu tanto suspeito for verdade. Quer ser meu filho, Duncan, mas ignora a história do homem a quem quer chamar pai. Sente-se, meu jovem, que eu vou reabrir todas as feridas do meu coração dolorido.

“Já sabe, major Heyward, que a minha família, tão antiga como ilustre - começou o escocês -, embora não dotada de grandes riquezas. Eu era assim um jovem como o major, quando prometi casamento a Alice Graham, a única filha de um proprietário das redondezas, de igual posição social. Mas isto não agradou ao pai dela, por outras razões além da minha pobreza. Eu fiz então o que qualquer homem honesto faria: libertei a filha do seu compromisso e parti para longe ao serviço do rei. Já tinha visto muitas terras e derramado nelas o meu sangue, antes que o dever me tivesse chamado às Antilhas. Aí, quis o destino que eu conhecesse alguém que se tornou minha mulher e veio a ser a mãe de Cora. Ela era filha de um cavalheiro dessas ilhas e de uma senhora, cujo infortúnio era ser descendente, ainda que remotamente, daquela infeliz classe que, em princípio, está escravizada a satisfazer as vontades das pessoas que vivem no luxo! Isto, na Escócia, é amaldiçoado como sendo contra as leis da Natureza uma união com estrangeiros e pessoas que se dedicam ao comércio. Mas se eu encontrasse um homem que se atrevesse a desconsiderar a minha filha, iria sentir o peso da minha cólera! Ah! O major Heyward também nasceu no Sul, onde esses desafortunados seres são considerados de raça inferior à sua!”

- Infelizmente é verdade, sir - disse Duncan, embaraçado. - E, por isso, despreza a minha filha! E é por isso que não quer misturar o sangue dos Heywards com outro tão degenerado, embora ela seja encantadora e virtuosa? - perguntou, indignado, o pai.

- Deus me proteja de um tal preconceito tão contra a razão! -olveu Duncan. - A beleza e o encanto de sua filha mais nova, coronel Munro, podem explicar os meus motivos, sem me atribuir tal injustiça.

- Tem razão, major - retorquiu Munro, falando mais suavemente -, esta minha filha , a imagem da mãe quando tinha a sua idade. Quando a morte me privou de minha mulher, voltei à Escócia, enriquecido pelo casamento. E acredita, Duncan, que ela se conservara solteira, durante vinte anos, e por amor a um homem que a poderia ter esquecido? E fez mais: perdoou a minha infidelidade e casou comigo.

- E foi a mãe de Alice? - exclamou Duncan.

- Foi, na verdade, mas pagou caro essa alegria. Só vivi com ela um curto tempo de felicidade, para quem passou toda uma mocidade sem esperança!

Heyward não ousava proferir qualquer palavra de consolação. Munro permanecia alheio à sua presença, a angústia reflectida no rosto, e as lágrimas rolando pela face. Por fim, levantou-se e, com toda a dignidade própria de um militar, aproximou-se do companheiro:

- Major Heyward, qual é a comunicação do marquês de Montcalm que tem a transmitir-me?

Duncan, por seu turno, estremeceu, e começou a repetir, atrapalhado, a mensagem que já quase esquecera. À medida que Munro ouvia todos os pormenores dados por Duncan, os sentimentos do pai iam gradualmente dando lugar às obrigações do seu cargo; e quando o outro acabou, na

sua frente, estava apenas o veterano cujos sentimentos de soldado haviam sido feridos.

- Já disse o bastante, major Heyward! - exclamou. - Então esse senhor convida-me para uma entrevista, e quando eu lhe envio um substituto válido, ele responde-me com um enigma!

- Lembre-se que o convite que ele agora volta a fazer era para o comandante do forte e não para um ajudante - retorquiu Duncan, sorrindo.

- Um substituto revestido de todos os poderes e dignidades! Mas ele quer conferenciar com Munro! Então, vá, major Heyward, mande dar um toque de corneta e envie-lhes um mensageiro a anunciar a minha ida.

O jovem oficial deixou a sala para ir cumprir as ordens recebidas; e, como o dia estava a chegar ao fim, apressou-se a proceder aos preparativos indispensáveis. Poucos minutos foram necessários para formar na parada alguns soldados e expedir uma ordenança com uma bandeira, a anunciar que o comandante se aproximava. Depois disto, Duncan comandou a guarda até à porta de surtida, junto da qual encontrou o seu superior. Assim que as cerimónias habituais foram efectuadas o veterano e o seu companheiro deixaram a fortaleza seguidos pela escolta.

Haviam andado apenas uns metros, quando se viu a guarnição que acompanhava o general francês desembocar de um vale que corria por entre as baterias dos sitiados e o forte. Logo que Munro saíra da fortaleza e se encontrara frente ao inimigo, a sua expressão tornara-se mais altiva e o seu passo mais marcial. Assim que avistou a pluma branca que guarnecia o

chapéu de Montcalm, os olhos brilharam-lhe, consciente da sua própria intrepidez e parecendo não ter a idade exercido qualquer influência na sua figura imponente e musculosa.

- Diga aos rapazes que estejam de atalaia - disse, em voz baixa, a Duncan - e tenham as armas a postos, pois nunca se sabe se podemos confiar nos súbditos desse rei Luís. E, ao mesmo tempo, temos de lhes mostrar a nossa segurança.

Interrompeu-o o rufar de um tambor dos franceses que logo foi correspondido quando cada um dos destacamentos deu ordem para avançar, com uma bandeira branca, e o escocês parou, seguido pela sua guarda. Logo que esta saudação acabou, Montcalm veio ao seu encontro, em passo rápido, descobrindo-se diante do veterano e roçando quase pelo chão a pluma do seu chapéu. Se o aspecto de Munro era mais imponente e másculo era falho, no entanto, de à-vontade e de cortesia insinuante como o francês. Por instantes, olharam-se mutuamente com curiosidade e interesse, mas sem falar. Então, como lhe competia devido à sua graduação superior e à natureza da entrevista, Montcalm quebrou o silêncio. Depois das costumadas palavras de saudação, dirigidas a Munro, voltou-se para Duncan e continuou ainda em francês:

- Congratulo-me, monsieur, por nos ter dado o prazer da sua companhia nesta ocasião. Assim, não haverá necessidade de um intérprete vulgar, pois, nas suas mãos, sinto-me tão seguro como se eu próprio falasse a vossa língua.

Duncan agradeceu o cumprimento; mas já Montcalm prosseguia: - Solicitei esta entrevista ao seu superior, porque creio que ele se deixará persuadir de que já fez tudo o que é possível em honra do seu príncipe, e que agora irá atender às razões humanitárias. Eu darei sempre testemunho de que a sua resistência foi heroica e assim continuaria enquanto lhe restasse alguma esperança.

Quando todo este prelúdio foi traduzido a Munro, este respondeu com dignidade, mas também com suficiente cortesia: - Conquanto eu preze tal testemunho da parte do marquês de Montcalm, este terá mais valor quando for mais bem merecido. O general francês sorriu, quando Duncan lhe transmitiu o significado da sua réplica, e observou:

- O que é agora livremente concedido a tão provada coragem, pode ser recusado a uma obstinação inútil. Queira o senhor visitar o meu acampamento e verificar, por si mesmo, o nosso número e a impossibilidade de lhe resistir com bom êxito.

- Eu sei que o rei de França é bem servido - retorquiu, inalterável, o escocês, logo que Duncan acabou a tradução - mas o meu próprio rei tem tantas e tão fiéis tropas quanto ele.

- Embora não à mão, felizmente para nós - disse Montcalm, vivamente, sem esperar pelo intérprete. - Na guerra, há um destino ao qual um homem valente sabe submeter-se com a mesma coragem com que defronta o inimigo.

- Se eu estivesse ciente que o marquês de Montcalm dominava tão bem o inglês, eu teria poupado a mim mesmo o trabalho de tão constrangedora tradução - disse Duncan, secamente.

- Peço perdão, monsieur - replicou o francês, corando. - É que há uma enorme diferença entre perceber e falar uma língua estrangeira. Por favor, continue a ajudar-me. - E acrescentou:

- Estas colinas permitem-nos todas as oportunidades de tomarmos conhecimento das vossas defesas, messieurs, e eu estou bem informado das condições precárias em que se encontram.

- Pergunte ao general francês se os seus binóculos podem ver até ao Hudson - disse Munro, com altivez. - E se sabe quando e onde se ir defrontar com o exército de Webb.

- É o próprio general Webb quem lhe irá responder - retorquiu Montcalm, estendendo uma carta aberta a Munro, enquanto falava: - E ficará então a saber, monsieur, que as suas manobras não irão criar embaraços ao meu exército.

Sem esperar que Duncan lhe traduzisse o discurso, o veterano agarrou no papel com tal ansiedade que denunciava bem quão importante para ele era o seu conteúdo. Assim que os seus olhos o percorreram, a expressão do seu rosto passou do orgulho militar ao mais profundo desapontamento; os lábios tremeram-lhe e, deixando cair o papel, baixou a cabeça como se as suas esperanças tivessem ruído todas de uma só vez. Duncan apanhou o papel do chão e, sem mesmo pedir licença, leu, de relance, o que ele dizia. Webb, longe de os encorajar a resistir, aconselhava-os a renderem-se rapidamente, alegando, com todas as letras, a sua impossibilidade de lhes mandar um só homem para os auxiliar.

- Aquele homem traiu-me! - exclamou por fim Munro, amargamente. - Trouxe a desonra aonde a desgraça nunca antes habitara e cobriu de vergonha os meus cabelos brancos! - Messieurs - disse Montcalm, adiantando-se, magnânimo -, não conhecem Louis de St. Véran se o julgam capaz de se aproveitar desta carta para humilhar homens valorosos ou para criar para si uma reputação desonesta. Ouçam as minhas condições antes de partirem.

- Marquês de Montcalm, estamos prontos a ouvi-lo - disse o veterano, calmamente.

- Conservar o forte , agora impossível - disse o generoso inimigo. - É preciso que, para interesse do meu rei, ele seja destruído. Mas, para os senhores e para os seus bravos camaradas, não há qualquer privilégio caro a um militar que lhes possa ser negado.

- As nossas bandeiras? - perguntou Heyward.

- Podem levá-las para Inglaterra e apresentá-las ao vosso rei.

- As nossas armas?

- Podem ficar com elas. Ninguém as saberá usar melhor!

- E quanto à rendição da fortaleza?

- Será feita da maneira mais honrosa para os senhores.

Duncan voltara-se para explicar estas propostas ao seu comandante que o ouviu com estupefacção, tocado profundamente por tão pouco habitual e inesperada generosidade.

- Vá, Duncan - disse ele -, vá com esse marquês, bem digno desse título, e trate tudo com ele. Com esta idade, já vivi para ver duas coisas que nunca esperei ver: um inglês com medo de apoiar um amigo e um francês demasiado honesto para se aproveitar da sua superioridade!

Dizendo isto, o veterano deixou descair de novo a cabeça para o peito e voltou lentamente para o forte deixando antever, pelo seu desânimo, à guarnição que o aguardava ansiosa que era portador de más novas.

Duncan ficou para estabelecer os termos da capitulação.

Viram-no voltar à fortaleza, às primeiras horas da noite, e, logo depois de uma conversa com o comandante, sair de novo. Foi então anunciado que as hostilidades deviam cessar, pois Munro havia assinado um tratado pelo qual a praça devia ser entregue ao inimigo, na manhã seguinte; a guarnição conservava as suas armas, as suas bandeiras e, por conseguinte, de acordo com o conceito militar, a sua honra.

XVII

O primeiro rufar dos tambores franceses ecoou perto do forte; e, logo a seguir, o vale encheu-se de acordes de marchas militares, erguendo-se vibrantes por sobre os sons roucos do acompanhamento. Os cornetins preludiavam alegres e vitoriosos até que o último retardatário do acampamento tomasse o seu posto. Mas no instante em que os pífaros britânicos se fizeram ouvir, agudos e penetrantes, tudo se calou. Entretanto, amanhecera, e, quando as fileiras do exército francês se encontravam prontas a receber o general, já os raios de um Sol brilhante cintilavam em todo o seu esplendor. Então a vitória, já por todos conhecida, foi anunciada oficialmente; o destacamento designado para montar a guarda ao forte desfilou diante do comandante. Foi dado o sinal para se aproximar e tudo se preparou como habitualmente para uma mudança de comando.

Uma cena muito diferente passava-se nas linhas do exército anglo-americano. Assim que o sinal de aviso fora dado, começaram a notar-se os sinais de uma partida rápida e forçada. Soldados taciturnos, punham ao ombro as suas espingardas descarregadas e tomavam os seus lugares, como quem só desejava uma oportunidade para vingar a sua afronta. Mulheres e crianças corriam de um lado para o outro, umas transportando a sua escassa bagagem, outras procurando, nas fileiras, alguém que lhes desse proteção.

No meio das suas tropas silenciosas, apareceu Munro, firme mas abatido. Era evidente que tão súbito golpe o ferira profundamente, embora se esforçasse por suportar o seu infortúnio com a maior dignidade.

Duncan sentia-se impressionado com tal calma exibição de dor. E, terminado o seu serviço, aproximara-se do velho comandante, para se informar de como lhe poderia ser útil. - As minhas filhas - foi a resposta breve, mas expressiva. Duncan não esperou para ouvir mais. Sem perder um só daqueles preciosos momentos, correu para o alojamento de Munro em busca das irmãs. Foi encontrá-las à porta do edifício, já preparadas para a partida, e rodeadas por outras mulheres que se lamentavam e choravam. Embora as faces de Cora estivessem pálidas e a sua expressão preocupada, não perdera a calma; mas os olhos de Alice, vermelhos, mostravam que chorara amargamente. No entanto, ambas receberam o jovem oficial com sincero prazer.

- O forte está perdido - disse Cora, sorrindo melancolicamente - mas o nosso bom nome não saiu manchado.

- Miss Munro, as tradições militares exigem que o vosso pai e eu acompanhem as tropas, durante um certo tempo. Tenho de arranjar alguém que as proteja no meio de toda esta confusão! - Não é preciso - retorquiu Cora. - Quem se atreveria a insultar ou a maltratar as filhas de tal pai, e numa altura como esta?

- Não as queria deixar sozinhas - continuou o rapaz, olhando em volta. - Lembre-se de que Alice não é dotada da sua firmeza, e só Deus sabe o terror que ela irá sentir.

- Tem razão - replicou Cora, voltando a sorrir, mas com um ar ainda mais triste do que antes. - Ouça, a Providência Divina já nos mandou o amigo de que necessitamos.

Duncan apurou o ouvido e compreendeu o que ela queria dizer. Notas graves e solenes de música sacra levaram-no de imediato a um edifício próximo que já fora desocupado. Aí, encontrou David, dando largas aos seus piedosos sentimentos através do único meio que possuía. Duncan esperou até que o cântico acabasse e, pondo-lhe a mão no ombro, explicou-lhe em poucas palavras o que desejava.

- É isso mesmo - replicou aquele - eu irei ajudá-las quando tiver acabado o meu salmo matinal.

Heyward esperou até que a estrofe chegasse ao fim; quando viu David tirar os óculos e fechar o livro continuou:

- O seu dever será ver se ninguém se aproxima das senhoras com más intenções ou para lhes insultar o pai.

- É isso mesmo.

- Pode acontecer que algum índio ou algum soldado do inimigo se intrometa; nesse caso, chame-lhes a atenção para os termos da capitulação e ameace participar o seu procedimento a Montcalm.

Gamut acedeu de boa vontade e ambos foram logo juntar-se às raparigas. Cora recebeu este extraordinário protector com gentileza; e até o rosto pálido de Alice se animou quando agradeceu a Heyward os seus cuidados.

Nessa altura, foi dado o sinal de partida, e a coluna inglesa pôs-se em marcha. As duas irmãs sobressaltaram-se, olharam em volta e viram que os uniformes brancos dos granadeiros franceses já haviam tomado posição junto aos portões do forte.

- Vamos! - disse Cora. - Isto já não é lugar para as filhas de um oficial inglês!

Alice agarrou-se ao braço da irmã e juntas abandonaram a parada, acompanhadas pela multidão que ainda as rodeava.

Quando passaram os portões, os oficiais franceses, que sabiam quem elas eram, inclinaram-se, abstendo-se, no entanto, de qualquer outro gesto que eles sentiam poder não ser bem recebido.

Quando toda aquela gente saiu, confusa e timidamente, de dentro das muralhas protectoras do forte, é que viu o que se passava na planície. À direita, a pouca distância, o exército francês armado observava, silenciosa mas atentamente, os vencidos que passavam, prestando-lhes as honras militares da ordem e não hostilizando os seus desafortunados inimigos. Cerca de três

mil ingleses seguiam lentamente através da planície e chegavam-se uns aos outros à medida que se aproximavam do ponto em que a estrada que levava ao Hudson entrava pela floresta. Ao longo da orla desta, grupos de selvagens, olhando a passagem dos inimigos, rondavam à distância, como abutres, apenas inibidos de se arremessarem sobre a presa pela presença de um exército em número superior. Já a guarda avançada, com Heyward à cabeça, atingira o desfiladeiro e desaparecera lentamente, quando chamou a atenção de Cora um soldado que sofria o castigo da sua desobediência, ao ser despojado daqueles mesmos bens que o haviam feito desertar do seu lugar nas fileiras. As vozes subiam de volume e tornavam-se cada vez mais iradas e, como que por magia, surgiram centenas de selvagens onde, apenas alguns minutos antes, havia uma escassa dúzia deles. Foi então que Cora avistou Magua, insinuando-se por entre os homens e falando-lhes com a sua fatal e astuta eloquência. O grupo das mulheres e das crianças estacou, alarmado. Mas a cupidez do índio foi satisfeita e as forças militares puseram-se de novo a caminho.

Os selvagens agora haviam recuado e pareciam deixar que os inimigos avançassem sem serem molestados. Mas quando as mulheres se aproximaram, as cores vistosas de um xale atraíram os olhares de um hurão. Este, sem hesitar, adiantou-se para lhe deitar a mão. A mulher, aterrorizada, envolveu nele o filho e apertou ambos ao peito. Cora ia dirigir-se-lhe, para a aconselhar a largar o xale, quando o selvagem lhe arrancou a criança dos braços.

Nessa altura, Magua levou as mãos à boca e soltou um aterrador grito de guerra.

A este sinal, mais de dois mil selvagens em fúria irromperam da floresta e lançaram-se pela planície fora, numa alegria feroz. Não nos demoraremos a falar sobre os horrores mais repugnantes que se passaram a seguir. Só se viam mortos por todo o lado. As forças do exército juntaram-se imediatamente, numa massa compacta, tentando formar uma frente militar para amedrontar os assaltantes. Esta tentativa, de certo modo, deu resultado, embora muitos dos soldados consentissem em ser despojados dos seus mosquetes, na esperança vã de apaziguar os selvagens. Durante dez minutos, as irmãs ficaram pregadas ao chão, paralisadas pelo terror e indefesas. Quando se dera a primeira cena, as companheiras, gritando, haviam-se agrupado em sua volta, tornando qualquer fuga impossível; e agora que o medo e a morte as dispersara a quase todas, elas não viam nenhuma saída senão a que as levava direitas aos

tomahawks dos seus adversários. Por todo o lado se ouviam gritos, gemidos, exortações e insultos.

Em dada altura, Alice avistou a alta figura do pai, atravessando a planície e dirigindo-se ao exército francês. Procurava Montcalm, indiferente a qualquer perigo, e exigia a escolta, como ficara antes combinado, e que não chegara ainda. Cinquenta machados e lanças o ameaçaram, mas os selvagens, mesmo no auge da sua fúria, pareciam respeitar a sua alta patente e o seu sangue-frio.

- Pai... Pai... Estamos aqui! - gritou Alice, quando ele ia a passar perto delas, sem disso se aperceber. - Ajude-nos, pai, senão morremos!

O grito foi repetido vezes sem conta e num tom que seria de partir um coração, mas ficou sem resposta. Uma das vezes, porém, pareceu ao velho ouvir qualquer coisa que o fez parar; mas Alice acabara por desmaiar e Cora ajoelhou-se a seu lado temendo pela sua vida. Munro abanou a cabeça, desanimado, e continuou, levado pelo seu alto sentido do dever.

- Senhora - disse Gamut que, embora não pudesse fazer nada, nem pensara em desertar do seu posto -, isto é o jubileu dos demónios, e este não é um lugar próprio para cristãos. Levantemo-nos e fujamos!

- Vá - disse Cora, continuando a olhar para a irmã inconsciente -, salve-se. Já não pode fazer nada por mim.

David compreendeu a inflexibilidade da sua resolução, pelo gesto expressivo que acompanhara as suas palavras. Olhou, por instantes, para aquelas figuras que agiam como demónios em sua volta e, a sua estatura, já de si alta, pareceu crescer ainda mais.

- Se o jovem judeu, com os sons da sua harpa e com os seus salmos, pôde domar o espírito maligno, talvez se possa experimentar aqui a força da música - disse ele.

Então, elevando a voz o mais possível, entoou um cântico, em altos gritos de modo a poder ser ouvido acima da algazarra daquele campo de morte. Mais do que um selvagem correria para eles, na intenção de atacar as duas irmãs indefesas; mas ao darem com os olhos naquela estranha figura, imóvel, pararam a ouvir. Depressa o espanto dava lugar a admiração, e então passavam para outras vítimas menos corajosas, expressando abertamente a sua satisfação por ver a firmeza com que aquele guerreiro branco cantava a sua canção de morte.

Estes sons pouco vulgares chegaram aos ouvidos de um selvagem que se encontrava mais adiante, e que, enfurecido, corria de grupo em grupo, como quem, olhando desdenhoso para a gente do povo, procurava uma vítima mais digna da sua reputação.

Era Magua, que soltou um grito de satisfação ao ver que os seus antigos prisioneiros se encontravam de novo à sua mercê.

- Anda - disse ele, pousando a sua mão suja de sangue no vestido de Cora -, a wigwam do hurão está vazia. Não será melhor do que este lugar?

- Vai-te embora! - gritou Cora, tapando os olhos para o não ver. O índio deu uma gargalhada escarninha enquanto erguia a mão mal cheirosa, e respondeu:

- Este sangue é vermelho, mas é das veias dos brancos!

- Monstro! Há muito sangue correndo na tua alma, e foste tu quem provocou toda esta cena.

- Magua é um grande chefe! - replicou o selvagem, triunfante. - A mulher do cabelo preto vai para a tribo dele? - Nunca! Mata-me, se quiseres, e completa assim a tua obra de vingança.

Ele hesitou, por momentos; depois, arditamente, carregando nos braços o corpo inanimado de Alice, correu rápido, direito à floresta.

- Para! - gritou Cora, seguindo-o como uma louca. - Deixa essa criança! Miserável! Que vais fazer?

Mas Magua fazia-se surdo; ou então conhecia bem o seu poder e estava determinado a afirmá-lo.

- Fique aqui, senhora - chamava Gamut. - O encanto do sagrado está a fazer-se sentir, e daqui a pouco vai ver como todo este horrível tumulto se acalmará.

Compreendendo que, por sua vez, também não era atendido, o fiel David seguiu atrás de Cora, sempre cantando o salmo em voz muito alta, e varrendo o ar a compasso, com o seu braço enorme, como acompanhamento. Desta maneira, foram atravessando a planície, por entre os fugitivos, os feridos e os mortos. E Cora teria sido mais de uma vez atacada pelos selvagens, não fora aquele extraordinário ser que corria no seu encalce e que, aos olhos atónitos dos nativos, surgia como que possuído pelo espírito protector da loucura.

Magua, que sabia como evitar os perigos mais difíceis e as perseguições, entrou na floresta por um barranco, onde depressa encontrou os Narragansets, que os viajantes haviam abandonado pouco antes. Pousando Alice sobre um destes cavalos, fez sinal a Cora que montasse o outro.

Não obstante o horror sentido pela presença do seu captor, era uma oportunidade que se oferecia à rapariga de escapar a todo aquele drama que se desenrolava na planície e a que ela não podia ficar insensível. Montou e estendeu os braços para a irmã de um modo tão suplicante que até mesmo o hurão não foi capaz de não atender. Colocando então Alice sobre o mesmo animal que Cora, pegou nas rédeas, e começou a andar, internando-se na floresta.

David, percebendo então que o iriam deixar só e o abandonavam como a qualquer coisa sem importância que nem sequer valia a pena destruir, atirou-se para a sela do animal que eles tinham deixado e procurou alcançá-los tão depressa quanto as dificuldades do caminho o permitiam.

Em breve, começaram a subir; mas como os movimentos do cavalo pareciam acordar os sentidos da irmã, a atenção de Cora dividiu-se entre os seus cuidados para com Alice e os gritos que ainda se ouviam na planície, e por isso não notou que direcção tomavam. Contudo, quando atingiram o planalto e se aproximaram do precipício, ela reconheceu o lugar como sendo aquele para onde já fora levada em circunstâncias bem mais favoráveis, pelo batedor.

Aqui, Magua fê-las desmontar e, não obstante a sua situação de prisioneiras, a curiosidade que parecia inseparável do horror levou-as a observar o espectáculo que se desenrolava lá em baixo.

Por todo o lado, os que eram apanhados e tentavam fugir aos seus implacáveis perseguidores, enquanto as colunas do rei cristão permaneciam imóveis, numa indiferença que nunca foi explicada e que para sempre deixou uma mancha na reputação do seu comandante.

XVIII

O espectáculo sangrento e desumano a que fizemos referência no capítulo anterior vem referido nas páginas da história colonial com o merecido título de “O Massacre de William Henry”. E é de longe muito maior esta mancha do que um anterior e muito semelhante acontecimento deixou na reputação do comandante francês e que não foi inteiramente apagada pela sua precoce e gloriosa morte. O tempo foi-a desvanecendo, e milhares de pessoas que agora sabem que Montcalm morreu como um herói, nas planícies de Abraão, devem também ficar a saber quanto lhe faltava de coragem moral sem a qual nenhum homem pode ser verdadeiramente grande. E como a história, tal como o amor, está sempre pronta a rodear os seus heróis num halo de imaginário esplendor, é muito provável que Louis de St. Véran venha a ser visto pela posteridade como um valente defensor do seu país, e que seja esquecida a sua cruel indiferença, nas margens do Oswego e do Horican.

Três dias depois da tomada do forte, os conquistadores já tinham partido; e o seu acampamento, onde o exército dera largas à sua alegria, ao festejar a vitória, permanecia deserto e silencioso. A fortaleza fora reduzida a uma ruína fumegante, onde vigas chamuscadas, material de guerra inutilizado e pedras das muralhas se amontoavam numa confusão e desordem indescritíveis.

Uma hora antes do pôr do Sol, nesse mesmo dia, podiam ver-se a sair de entre as árvores da floresta cinco homens que avançavam em direcção ao forte arruinado. A princípio, lentamente e com precaução, como que relutantes por se encontrarem naquele local sinistro ou temessem o recomeço de tão medonhos incidentes.

Uma figura mais ligeira precedia as outras, com toda a cautela e agilidade próprias de um nativo, subindo a toda e qualquer elevação em missão de reconhecimento, e indicando por gestos aos companheiros que seguissem pelos caminhos que ele achava menos perigosos. Os que vinham atrás mostravam-se igualmente cautelosos e atentos aos bem conhecidos ardis da floresta.

Um deles, que também era índio, afastou-se um pouco e observou demoradamente a orla da floresta com olhos de quem estava habituado a descobrir o mais pequeno sinal de perigo. Os outros três eram brancos, embora envergando trajes adaptados, tanto na qualidade como na cor, a uma audaciosa empresa: seguir a retirada de um exército numa região desértica.

De certeza que o leitor já descobriu, por esta descrição, que eram os moicanos e o seu amigo batedor, juntamente com Munro e Heyward.

Na verdade, era o pai que procurava as filhas, ajudado pelo oficial e por aqueles valentes e leais habitantes da floresta que já haviam demonstrado a sua lealdade e destreza durante as cenas atrás relatadas.

Quando Uncas, que ia à frente, atingiu o meio da planície, soltou um grito que atraiu os companheiros para aquele ponto. O jovem guerreiro parara junto a um grupo de mulheres mortas. Não obstante o horror de tal cena, Munro e Heyward correram para o monte de cadáveres, ansiando descobrir qualquer vestígio daquelas que procuravam. Foi momentâneo o alívio experimentado por ambos, embora soubessem que o sofrimento de uma incerteza era

quase tão insuportável como a verdade mais repugnante.

- Ui! - exclamou o jovem moicano.

- O que foi, meu rapaz? - murmurou o batedor.

Uncas, sem responder, deu um salto e, logo a seguir, viram-no arrancar de um arbusto e exhibir, triunfante, um pedaço do véu usado por Cora. Este gesto e este grito atraíram a atenção de todos os outros.

- A minha filha! - disse Munro, como louco. - Encontra-me a minha filha!

- Uncas fará tudo o que puder - foi a resposta. - Aqui não há mais gente morta! - disse Heyward, em cuja voz transparecia a apreensão. - A tempestade parece não ter passado por estes lados.

- Isso é bem verdade - retorquiu o batedor. - Mas tanto ela como quem a raptou passaram por aqui, pois eu lembro-me muito bem do véu com que ela ocultava o rosto. Uncas, tens razão. A mulher de cabelos pretos esteve aqui e fugiu, como uma corça assustada, para a mata. Vamos procurar se deixou pegadas. Pois para os olhos dos índios até parece que os colibris deixam rasto no ar!

O jovem moicano, ao ouvir isto, partiu imediatamente, e mal o batedor acabara de falar, ele soltou um grito de vitória, à entrada da floresta. Quando ali chegaram, todos puderam ver outro pedaço do véu, pendurado num ramo baixo de uma faia.

- Devagar, devagar - disse o batedor, barrando a passagem ao ansioso Heyward. - Estamos em bom caminho, mas um passo dado depressa demais pode estragar-nos o trabalho. Que as encontrámos, não se pode negar.

- Deus o abençoe! Bom homem! - exclamou o pai, excitado. - Para onde fugiram as minhas filhas?

- Depende das circunstâncias. Se fugiram sozinhas, é quase certo que tanto podem ter andado às voltas como seguido a direito, e até podem estar a umas doze milhas de nós; mas se os Hurões lhes deitaram as mãos, é provável que estejam muito perto do Canadá. Mas isso não importa - continuou o batedor, decidido, ao observar as expressões de ânsia e desapontamento dos que o ouviam -, os moicanos e eu estamos numa das pontas da pista e havemos de encontrar a outra, mesmo que esteja a cem léguas de distância!

- Oh! - exclamou Chingachgook, que estivera ocupado a examinar uns arbustos e que apontava para o chão com o ar de quem observava, com aversão, uma serpente. - Está aqui uma pegada de homem, perto da lagoa! - gritou Heyward. - Não pode haver engano! Elas foram feitas prisioneiras!

- É melhor do que terem morrido à fome no deserto - retorquiu o batedor. - Observa bem, Uncas, e diz-me de quem pode ser este mocassin.

O jovem moicano abaixou-se, afastando as folhas que rodeavam a pegada, examinou-a minuciosamente. Por fim, levantou-se, parecendo satisfeito com o resultado do seu exame.

- Então, meu rapaz - perguntou o batedor -, o que é que ela diz?

- É do Raposa Matreira.

- Ah! Esse diabo outra vez! Isto não acaba enquanto a minha espingarda lhe não disser umas palavrinhas!

Heyward, incrédulo, disse:

- Os mocassins são todos iguais. Pode haver engano!

- Os mocassins são todos iguais! Também pode dizer que os pés são todos iguais, embora todos saibamos que uns são grandes e outros pequenos, uns largos e outros estreitos, uns com o peito alto e outros baixo! Um mocassim é tão igual a outro quanto um livro! Embora quem saiba ler num, poucas vezes seja capaz de ler em outro. Deixa-me ver, Uncas. Tens razão, meu rapaz. Tem a marca que já vimos tantas vezes noutras ocasiões quando andávamos a caçar, entre o Glenn e as nascentes. Olha também, Sagamore. Já viste estas pegadas mais de uma vez. Chingachgook acedeu e, depois de um breve exame, pronunciou uma só palavra: - Magua.

- Então, é certo; por aqui passou a mulher de cabelos pretos e Magua. - Perguntou Heyward, assustado.

- E Ali, que temos ali? Uncas, vai buscar aquilo que está pendurado no espinheiro.

O índio obedeceu e o batedor depois de receber o objecto ergueu-o no ar e sorriu, antes de dizer:

- É do mestre de canto! Uncas, vê se vê as marcas de sapato de um homem com quase dois metros de altura. Começo a sentir uma certa esperança de que ele tenha desistido de guinchar para se dedicar a melhor ofício.

- Pelo menos, cumpriu a promessa - disse Heyward.- Cora e Alice não estão sós, têm um

amigo.

- É verdade - disse Olho-de-Águia, com desdém -, mas só servirá para lhes cantar, pois não é capaz de matar um gamo, de as guiar através da floresta ou de cortar o pescoço a um hurão.

- Bom, meu rapaz, vês algum sinal deste monumento?

- Há aqui uma pegada de alguém que calçava sapatos - disse Heyward.- Será o nosso amigo?

- Toque nas folhas com cuidado, pois pode estragar a pegada. Aí está! É a marca de um pé, mas é da mulher de cabelo preto. É muito pequena! E agora que possuímos estes rastos, continuemos a andar. Numa altura destas, um segundo pode parecer uma vida para os prisioneiros. Pelo menos, sabemos que o diabo ri do hurão, a mulher de cabelos pretos e o cantor passaram por aqui. Mas onde está a mulher de cabelos loiros e olhos azuis?

Heyward hesitou. Todo o entusiasmo que pusera naquelas buscas parecera desvanecer-se instantaneamente. Como se não notasse a mudança que se operara no outro, o batedor continuou, depois de uns momentos de reflexão:

- Num deserto como este, só duas mulheres podiam ter deixado uma marca assim: ou a de cabelos pretos ou a irmã! Sabemos que a primeira passou por aqui; mas onde estão os sinais

da outra? Continuemos por este caminho e, se não virmos mais nada, voltamos para trás e procuramos outra pista. Anda, Uncas, observa bem as folhas secas. Eu observo as moitas e o teu pai fica atento ao chão.

- E eu posso fazer alguma coisa? - Perguntou Heyward, ansiosamente.

- Pode - respondeu o batedor -, pode vir atrás de nós, e ter cuidado em não pisar qualquer pista.

Não tinham andado muito quando os índios pararam e pareceram observar alguns sinais no chão com interesse redobrado. Tanto o pai como o filho falavam rapidamente e em voz alta, ora contemplando aquilo que lhes despertara a atenção, ora olhando um para o outro com inegável satisfação.

- Encontraram marcas do pé mais pequeno! - exclamou o batedor. - Então o que temos aqui? De novo os cavalos! Está desvendado o mistério. Elas montaram aqui. Ali estiveram presos os animais. E além, segue o caminho para o Norte, para o Canadá.

- Mas continua a não haver sinais de Alice - disse Duncan. - A menos que aquela coisa brilhante que Uncas apanhou do chão venha a provar-se ser um.

Heyward reconheceu imediatamente um berloque que Alice gostava de usar, e que ele se lembrou de ter notado, na manhã do massacre, pendurado ao pescoço da rapariga. Agarrou na tão apreciada joia e, ao anunciar esse facto, esta desapareceu tão repentinamente da vista do batedor que em vão a procurava ainda no chão, muito tempo depois de ela se encontrar junto ao coração de Duncan.

- Ora esta! - dizia Olho-de-Águia, desapontado, deixando de remexer as folhas com a espingarda. - Um berloque tão brilhante e não se vê. Gostaria de o encontrar e de o levar à dona. Seria como se ligasse as duas pontas de uma grande pista, porque agora... São Lourenço ou os Grandes Lagos já não estão muito longe de nós.

- Mais uma razão para não nos demorarmos - volveu Heyward. - Vamos embora.

- Nós não vamos para uma caçada no Horican, mas temos de atravessar regiões desérticas, durante dias e noites, onde poucos homens puseram o pé e onde não há nenhum livro que ensine a atravessá-lo sem correr perigo. Os índios nunca partem para uma expedição destas sem reunirem o conselho em volta da fogueira e sem fumarem o seu cachimbo. E embora eu seja branco, louvo esses costumes por achar que são ponderados e sensatos. Agora, voltemos atrás, e acendamos a nossa fogueira nas ruínas do forte; de manhã, estaremos frescos e prontos para encetarmos o nosso trabalho como homens e não como mulheres tagarelas ou rapazolas estouvados.

Heyward viu que, pela maneira de falar do batedor, não valia a pena discutir. Munro caíra de novo numa espécie de apatia que se apoderara dele desde a desgraça que lhe acontecera. O jovem oficial pegou no braço do veterano e seguiu os passos dos índios e do batedor que já haviam voltado ao caminho que os levava à planície.

XIX

As sombras do anoitecer aumentavam mais a tristeza daquele lugar, quando o grupo penetrou nas ruínas de William Henry. E logo o batedor e os companheiros iniciaram os preparativos para ali passarem a noite sem, contudo, se poderem alhear da lembrança de todos os horrores que tinham presenciado. Alguns pedaços de barrotes foram erguidos contra uma parede enegrecida; quando Uncas os cobriu com uma leve camada de mato, aquelas instalações foram consideradas suficientes para uma acomodação temporária.

Ao acabar o seu trabalho, o jovem índio apontou para a cabana e Heyward, que percebera o significado daquele gesto, insistiu delicadamente para que Munro lá entrasse, deixando o desolado velho a sós com os seus pensamentos. Duncan voltou para o ar livre, excitado demais para poder encontrar o repouso que recomendara ao amigo.

Enquanto Olho-de-Águia e os índios acendiam uma fogueira, e tomavam a sua refeição da noite, apenas um pedaço de carne de urso seca, o oficial dirigiu-se para a muralha do forte em ruínas, que ficava virada para o Horican.

Durante alguns minutos, Duncan ficou ali observando extasiado aquela cena que o ligava a tantas recordações do passado.

Os olhos erravam do terreiro, onde os homens se haviam sentado à roda da fogueira, para a luz fraca que ainda se espraiava pelos céus, e foram pousar demorada e ansiosamente na escuridão, que era como que um triste espaço vazio onde repousavam tantos mortos.

Por momentos, teve a impressão de que, daquele lugar, se erguiam uns sons de tal modo indistintos e vagos que faziam pôr em dúvida a sua natureza e até mesmo a sua existência.

Envergonhado pelos seus receios, o rapaz voltou-se para o lago, e procurou distrair-se com as estrelas que cintilavam confusamente na sua superfície agitada. No entanto, os seus ouvidos continuavam a avisá-lo de qualquer perigo oculto. Por fim, pareceu-lhe ouvir passos rápidos, atravessando a escuridão. Incapaz de calar por mais tempo as suas apreensões, Duncan chamou o batedor em voz baixa, pedindo-lhe que subisse à muralha. Olho-de-Águia atirou a espingarda para o braço e anuiu, mas com uma expressão tão impassível e calma, como se quisesse provar quanto se sentia em segurança naquele lugar.

- Ouça - disse Duncan, quando o outro se lhe juntou -, há uns ruídos abafados na planície. Seria bom apagar a fogueira e ficar à espreita... Escute! Está a ouvir o ruído de que lhe falei?

- Quando a comida falta ou quando a comida abunda, os lobos tornam-se mais ousados - disse o impassível batedor. - Mas... o que se passa ali?

- Não é o tropel dos lobos, como disse?

Olho-de-Águia abanou a cabeça devagar e acenou a Duncan para que o seguisse até onde o clarão do fogo não chegava. Depois de tomar essa precaução, esperou atentamente que se repetisse o som surdo que o sobressaltara. No entanto, toda a sua vigilância parecia ser em vão, porque depois de uma espera infrutífera, murmurou para Duncan:

- Temos de chamar Uncas. O rapaz tem os sentidos apurados dos índios e pode ouvir aquilo que nós não conseguimos.

O jovem moicano, que falava em voz baixa com o pai, ao ouvir o pio de um mocho pôs-se em pé de um salto e olhou para as muralhas, como se procurasse de onde vinha o som. O batedor repetiu o sinal e pouco depois Duncan viu o vulto de Uncas, movendo-se furtivamente ao longo do paredão até onde eles se encontravam.

Olho-de-Águia explicou-lhe o que desejava, em poucas palavras. Assim que Uncas percebeu a razão por que fora chamado, estendeu-se no chão, onde aos olhos de Duncan pareceu ficar quieto e imóvel. Surpreendido com a atitude do jovem guerreiro, Heyward deu uns passos, inclinou-se e descobriu que Uncas desaparecera, sem ele dar por isso.

- O que aconteceu ao moicano? - perguntou, admirado.

- Fale baixo, pois não sabemos que ouvidos nos poderão estar a escutar. Quanto a Uncas, já está na planície, e o macua, se há por aí algum, irá encontrar alguém que não lhe ficará atrás.

- Vamos avisar os nossos companheiros, para que estejam alerta. Somos cinco e sabemos enfrentar o inimigo.

- Nem uma palavra, se dá valor à sua vida! Olhe para o Sagamore e repare como um grande chefe índio se senta ao pé de uma fogueira! Se houver por aí algum patife escondido na escuridão, nunca perceberá pela sua atitude que ele suspeita de algum perigo. Ele sabe pelo sinal que fiz a Uncas que nós estamos a farejar alguma coisa! E vou dizer-lhe que estamos na pista dos Mingos: a sua natureza de índio lhe ditará como há-de agir.

Então o batedor meteu os dedos à boca e soltou um som tão sibilante que fez sobressaltar Duncan por julgar que ouvira uma serpente. Chingachgook apoiava o queixo na mão, como que absorvido pelos seus próprios pensamentos; mas assim que ouviu aquele sinal, endireitou-se e os seus olhos viraram-se, rápida e agudamente, para um e outro lado. Neste súbito e involuntário movimento se traduziu toda a sua surpresa ou alarme. Não agarrou na espingarda, embora a tivesse à mão. E todo o seu corpo pareceu retomar a posição de descanso. Depois disso, o nativo esperou o resultado com uma calma e uma firmeza de que só um guerreiro índio seria capaz.

- Olhe para ele! - sussurrou Olho-de-Águia, apertando o braço de Heyward. - Ele sabe que basta um olhar ou um movimento para perturbar a nossa prudência e pôr-nos à mercê daqueles diabos...

Foi interrompido por um tiro de espingarda. O ar encheu-se de chispas no ponto onde os olhos de Heyward se haviam cravado com admiração. Um segundo olhar deu-lhe a perceber que

Chingachgook desaparecera no meio daquela confusão. Entretanto, o batedor puxara pela espingarda e esperava impaciente que lhe surgisse o inimigo pela frente. Mas naquele atentado infrutífero contra a vida de Chingachgook parecia resumir-se todo o ataque. Depois de uma breve pausa, ouviu-se um mergulho na água, seguido imediatamente por outro tiro.

- Foi Uncas! - disse o batedor. - O rapaz tem uma boa espingarda! Conheço-lhe o som tão bem como um pai conhece a fala de um filho, porque foi minha até ter arranjado outra melhor.

- E o que quer dizer isto? - perguntou Duncan. - Estamos a ser vigiados e, segundo parece, o nosso destino é sermos abatidos.

- Aquele tição pode testemunhar que as intenções não eram boas e este índio pode assegurar que não aconteceu nada - volveu o batedor, descansando a espingarda no braço e seguindo Chingachgook, que voltara a aparecer dentro do círculo de luz.

- Então, Sagamore? Eram os Mingos ou apenas um daqueles répteis que vêm atrás dos exércitos para tirarem os escalpes aos mortos?

Chingachgook, muito calmo, voltou a ocupar o seu lugar, sem dar qualquer resposta até ter examinado o tição que fora atingido pela bala e quase lhe fora fatal. Depois do que se limitou a replicar, espetando um dedo:

- Um!

Nessa altura, Uncas surgiu também no círculo de luz e sentou-se junto à fogueira, com o mesmo ar impassível arvorado pelo pai.

- Então o que aconteceu ao nosso inimigo, Uncas. - perguntou Duncan. - Ouvimos que tu disparaste e espero que o tiro não fosse em vão.

O jovem chefe levantou uma ponta da camisa e mostrou um tufo de cabelo, que trazia como símbolo da sua vitória.

Chingachgook pegou no escalpe e observou-o, por momentos, com profunda atenção. Depois, largou-o e, com forte aversão estampada no rosto, exclamou:

- Oneida!

- Oneida! - repetiu o batedor, que não estava a prestar grande atenção à cena. - Por Deus! Se os Oneidas seguem o nosso rasto, iremos ser cercados por todos os lados, por esses demónios! Aos olhos de um branco não há diferença alguma entre este pedaço de pele e o de

qualquer outro índio, mas Sagamore declara que vem da cabeça de um mingo. E até diz o nome da tribo do pobre diabo, que até parece que o escalpe , a folha de um livro e cada cabelo uma letra! Meu rapaz, a que gente pertencia o patife?

Uncas fitou o batedor e respondeu: - Oneida.

- Oneida outra vez! Quando um índio faz uma afirmação destas é porque é verdade; mas quando os outros confirmam é como se fosse um evangelho!

Depois, satisfeito com a força das suas próprias opiniões o bom do batedor afastou-se da fogueira. Heyward deixou a muralha, demasiado inquieto e muito pouco acostumado a operações na floresta, para ficar calmo à ideia da possibilidade de algum ataque traiçoeiro. Com o batedor e os moicanos não acontecia assim. Os seus sentidos argutos e experientes cujo poder muitas vezes excedia os limites da mais vulgar credibilidade, depois de terem detectado o perigo, permitiam-lhes avaliar a sua importância e duração. Nenhum dos três parecia duvidar, agora, da sua perfeita segurança, como se podia ver pelos preparativos que faziam para se reunirem e deliberarem sobre a sua próxima maneira de proceder.

Duncan conhecia suficientemente os costumes dos índios para compreender a razão por que a fogueira fora reavivada e porque os guerreiros, sem exceptuar Olho-de-Águia, se sentavam debaixo do seu anel de fumo, com ar grave e digno. Afastando-se para um recanto da fortaleza, de onde poderia presenciar toda a cena, ao mesmo tempo que se conservava atento a qualquer perigo que pudesse vir do exterior, esperou o resultado, com tanta paciência quanto era capaz naquela ocasião.

Após uma curta pausa, Chingachgook acendeu o cachimbo. Depois de ter aspirado por várias vezes aquele fumo suave e aromático, passou-o para as mãos do batedor. Desta maneira o cachimbo deu três voltas, no meio do mais profundo silêncio, antes que algum deles abrisse a boca para falar. Então, Sagamore, como o mais velho do grupo, em poucas palavras mas graves, apresentou o assunto para deliberação. O batedor respondeu-lhe e Chingachgook retorquiu-lhe quando o outro pôs objecção às suas opiniões. Mas o jovem Uncas continuava calado e ouvindo com todo o respeito até que Olho-de-Águia, complacente, lhe pediu o seu parecer. Heyward deduziu, pelo modo de eles falarem, que o pai e o filho eram da mesma opinião, ao passo que o homem branco parecia discordar.

A linguagem dos moicanos era acompanhada por gestos tão expressivos que Heyward não tinha dificuldade em seguir a linha dos seus argumentos. Pela frequência com que os índios apontavam para os rastos da floresta era evidente que insistiam em seguir por terra, enquanto o repetido apontar de Olho-de-Águia para o Horican denotava que ele defendia a passagem pelo lago.

Os moicanos ouviam-no com toda a gravidade e com a expressão de quem ponderava o parecer do orador. Gradualmente, a persuasão ia-os ganhando, e no fim do discurso de Olho-de-Águia já as suas frases eram acompanhadas pelas habituais exclamações de aprovação. Em resumo, Uncas e o pai aderiam à sua maneira de pensar, abandonando as suas anteriores opiniões, com grande generosidade e lhanza.

Uma hora depois, Chingachgook, abruptamente, anunciou o seu desejo de ir dormir, tapando a cabeça com a manta e estendendo-se no chão. Então, Uncas, cuidadosamente, ajeitou as brasas de modo a que o seu calor incidisse sobre os pés do pai e procurou um lugar para se deitar, entre as ruínas. Sentindo renovada a sua confiança por causa da segurança mostrada por aqueles homens experientes, Heyward depressa lhes seguiu o exemplo e, muito antes da meia-noite todos os que se encontravam no forte desmantelado pareciam dormir um sono quase tão profundo como o daquela multidão inanimada, cujos ossos começavam a branquear na planície circundante.

XX

Ainda o céu se encontrava crivado de estrelas quando Olho-de-Águia veio acordar os companheiros. Afastando os capotes, Munro e Heyward puseram-se de pé, logo que o batedor os chamou em voz baixa, à entrada do tosco abrigo onde haviam passado a noite. Quando saíram, a única saudação que lhes fez foi um gesto significando que não fizessem barulho.

- Venham. Vamos por este lado do fosso, e coloquem os pés só nas pedras e nos pedaços de madeira. Os companheiros obedeceram, embora para um deles essas razões fossem ainda um mistério. Quando atingiram o fosso, que rodeava o forte por três dos seus lados, viram que a passagem estava obstruída pelas ruínas. Com cautela e paciência, contudo, conseguiram ir trepando atrás do batedor, até chegarem à margem arenosa do Horican.

- Esta é uma pista que só um faro apurado poder descobrir - disse ele, satisfeito, olhando para trás. - A erva é um tapete muito traiçoeiro, mas na madeira e na pedra não ficam pegadas. Empurra a canoa mais para terra, Uncas; nesta areia tudo deixa marcas. Devagar, rapaz, não toque na areia, senão os patifes ficarão a saber por que caminho nós saímos daqui.

O jovem tomou todas as precauções; e o batedor, colocando uma tábua desde as ruínas até à canoa, fez sinal aos dois oficiais para que entrassem. Feito isto, tudo foi repostado tal qual na

mesma desordem anterior; Olho-de-Águia conseguia alcançar também o pequeno barco sem deixar atrás de si marca alguma. Heyward manteve-se calado até que os índios remando conseguissem afastar-se suficientemente do forte, e ao abrigo da sombra que as montanhas projectavam sobre a superfície do lago, e depois perguntou:

- Por que razão partimos nós tão furtivamente e com tanta pressa?

- Já se esqueceu daquele réptil que Uncas matou. - Retorqui o batedor.

- De modo algum. Mas disseram que ele estava sozinho, e de homens mortos não há nada a recear!

- Estava sozinho naquela altura! Mas um índio, cuja tribo tem tantos guerreiros, raramente teme que o seu sangue corra sem que seja vingado rapidamente. Entre nós, só temos as águas do lago, e a menos que aqueles diabos falem com os peixes para saberem quem o atravessou esta manhã deixaremos todo o comprimento do Horican atrás de nós, antes que eles resolvam qual o caminho a tomar.

Aproximavam-se agora do estreito, no meio de um silêncio cauteloso.

Chingachgook pousou o remo, enquanto Uncas e o batedor faziam avançar o pequeno barco

por entre um emaranhado de canais, onde a cada passo um perigo súbito os podia expor a qualquer atraso do caminho. Os olhos do Sagamore observavam atentamente todas as ilhotas e todo o arvoredo à medida que a canoa ia andando.

Heyward que se mostrava duplamente interessado por tudo o que via, tanto devido à beleza do lugar como por causa da apreensão natural que sentia, começava a acreditar que não havia razão para alarmes, quando os remos pararam, obedecendo a um sinal de Chingachgook.

- Oh! - exclamou Uncas, quase na mesma altura em que o pai dava uma leve pancada na borda da canoa, avisando que se aproximava qualquer perigo.

- O que há? - perguntou o batedor.

O índio, com ar grave, ergueu o remo e apontou na direcção do seu olhar. Alguns metros à sua frente encontrava-se uma das ilhotas, mas parecia tão solitária e pacífica como se nunca tivesse sido perturbada pela presença de qualquer ser humano.

- Não vejo nada. Apenas terra e água. Uma beleza.

- Psiu! - interrompeu-o o batedor. - O Sagamore tem sempre razão naquilo que faz! Vê-se ali uma sombra que não é natural.

O major vê a neblina que paira sobre a ilha. Pode chamar-lhe nevoeiro, pois parece uma nuvem muito leve... Mas o que é aquele fumo mais negro que paira na parte mais baixa da mata das aveleiras? É de um fogo, mas, no meu entender, de um fogo que arde sem grande chama. Acho que devemos andar mais depressa e passar a correr por entre estas ilhotas. Está certo o que digo, Sagamore?

O índio, como resposta, meteu o remo na água e impeliu a canoa para a frente. Todos agora remavam vigorosamente e pouco depois atingiam um ponto de onde podiam abranger toda a margem norte da ilha, o lado que até ali estivera oculto.

- Ali estão eles! - murmurou o batedor. - Duas canoas e o fumo! Os patifes ainda não nos viram, senão já tínhamos ouvido os seus gritos. Vamos deixá-los e daqui a pouco estaremos fora do alcance do assobio das balas.

O já bem conhecido disparo de uma espingarda, cuja bala foi ressaltar na superfície plácida do canal, seguido de um alarido vindo da ilha anunciando que a sua passagem fora descoberta, interrompeu este discurso. Logo a seguir, vários selvagens correram para as canoas, lançando-se como loucos em sua perseguição. Estes terríveis prenúncios de uma nova luta não produziram qualquer mudança na atitude dos três guias, tal como Duncan se pôde aperceber, além de o bater dos remos se tornar mais apressado e mais certo, o que fez com que o barco aumentasse a sua velocidade como se fosse um ser dotado de vida e de vontade.

- Aguenta-os, Sagamore - disse Olho-de-Águia, olhando para trás, por cima do ombro esquerdo, e brandindo o remo. - Aguenta-os aí. Os Hurões nunca tiveram uma espingarda que

atinja esta distância, mas a minha tem um cano com o qual um homem pode sempre contar.

Tendo o batedor confirmado que bastavam os moicanos para manterem a distância necessária, pôs o remo de lado e ergueu a espingarda. Por várias vezes a apontou e, quando os companheiros esperavam que disparasse, outras tantas a baixou para pedir aos índios que deixassem o inimigo aproximar-se mais um pouco. Por fim, pareceu satisfeito, e já erguia o cano quando uma exclamação de Uncas o fez suspender de novo o tiro.

- O que temos agora, rapaz? - perguntou Olho-de-Águia. - Salvaste um hurão da morte. Tens razões para o que fizeste?

Uncas apontou para a margem rochosa, um pouco mais à frente, onde outra canoa estava prestes a cortar-lhes o caminho. Era óbvio que agora a situação era perigosa. O batedor largou a espingarda e tornou a pegar no remo, enquanto Chingachgook inclinava a proa da canoa para a margem ocidental, de modo a aumentar a distância entre eles e o novo inimigo. Entretanto, a presença daqueles que vinham atrás era-lhes lembrada por gritos selvagens e triunfantes. Esta cena era de tal modo movimentada que até Munro despertou da apatia em que se encontrava mergulhado devido aos seus infortúnios.

- Vamos para terra, entricheiramo-nos nos rochedos - dizia tomando uma decisão firme e digna de um militar experimentado -, e damos batalha a estes selvagens. - Quem quiser ser bem sucedido numa luta com os índios - retorquiou o batedor -, deve ter a humildade de aprender com o talento de um nativo. Aproxima mais o barco da costa, Sagamore; estamos entre dois grupos de patifes que nos querem cortar o caminho.

Olho-de-Águia não se enganava, pois quando os Hurões se aperceberam de que assim não os apanhariam, começaram a cortar o caminho de modo que as duas canoas se encontravam agora correndo a par, a menos de duzentos metros uma da outra. Duncan observava com inquietação o batedor que começava a olhar ansiosamente em volta, como que procurando outro meio de fuga.

- Afasta-o um pouco mais do Sol, Sagamore - dizia o batedor. - Afasta-o mais do Sol e ficamos com a ilha entre nós.

O expediente não deixou de resultar. A pouca distância, havia uma ilha comprida e, logo que se aproximou dela, a canoa que os perseguia foi compelida a tomar o lado oposto àquele por onde passou a perseguida. O batedor e os companheiros não desperdiçaram esta vantagem e assim que ficaram escondidos pelos arbustos, redobram os esforços que já antes pareciam prodigiosos. As duas canoas saíram cada uma de seu lado da ilha como dois cavalos de corrida, indo os fugitivos na dianteira.

- Estão a preparar-se para atirar - disse Heyward -, e como estamos na linha deles, será difícil falharem.

Uma descarga dos Hurões interrompeu-o. As balas começavam a assobiar em volta deles e uma atirou com o remo do chefe pelo ar. De novo os Hurões soltaram os seus gritos e dispararam outra descarga.

Vozes gritando: Serpente Grande, Carabina Comprida e Veado Ligeiro saíram das canoas que

vinham atrás, e isto pareceu dar-lhes novo alento. Então o batedor pegou na espingarda com a mão esquerda e erguendo-a acima da cabeça agitou-a com ar triunfante. Os selvagens responderam ao insulto com um grito feroz, e de imediato dispararam outra rajada. Uma das balas foi embater no remo de Olho-de-Águia mas sem lhe causar dano.

Agora já chega - disse o batedor. - E se o major quiser tentar utilizar este pedaço de madeira, vou fazer com que a minha espingarda tome parte na conversa.

Heyward pegou no remo, aplicando-se esforçadamente ao trabalho, enquanto Olho-de-Águia inspeccionava a espingarda. Olho de Águia apontou e disparou. O hurão que se encontrava na proa do barco da frente e que se levantara, com igual intenção, caiu para trás. Nessa altura, os companheiros suspenderam os seus esforços, as duas canoas aproximaram-se e pararam. Chingachgook e Uncas aproveitaram para recobrar alento, embora Duncan continuasse a remar com a maior diligência.

- Deem-me as minhas filhas! - disse Munro, com voz rouca.

O hábito de executar as ordens dos seus superiores ensinara ao batedor a virtude da obediência; por isso, lançando um olhar às canoas que haviam ficado para trás, pôs de parte a espingarda e, substituindo Duncan que já se mostrava cansado, voltou a pegar no remo. Heyward respirou aliviado.

Em lugar de seguir ao longo da margem ocidental, para onde pretendiam ir, o moicano, prudentemente virou direito às colinas, por detrás das quais se sabia que Montcalm levava o

seu exército para a enorme fortaleza de Tinconderoga. Como, segundo parecia, os Hurões haviam abandonado a perseguição, não havia razão para tão excessiva cautela. Contudo, assim prosseguiram durante horas, até atingirem a baía próxima da extremidade norte do lago. Aqui, a canoa foi levada para a praia e todos desembarcaram.

Depois, tiraram-na da água e levaram-na aos ombros. Meteram então pela floresta, deixando o maior número possível de vestígios da sua passagem, atingiram um ribeiro que atravessaram, e continuaram em frente até chegarem a um extenso rochedo. Nesse ponto, onde sabiam que as suas pegadas não se veriam, voltaram para trás até ao regato, com o maior cuidado. Seguiram então pelo leito do riacho até ao lago, no qual lançaram imediatamente a canoa outra vez. A margem do lago era orlada por densa vegetação e, ocultos por aquele abrigo natural, prosseguiram o caminho, pacientemente, até o batedor declarar que achava ser mais prudente desembarcar outra vez.

A paragem prolongou-se até à noite. Então voltaram a meter-se ao caminho e, protegidos pela escuridão, dirigiram-se, silenciosamente, para a margem ocidental. Embora o contorno rugoso da montanha para a qual rumavam não apresentasse, aos olhos de Duncan, nada de especial, o moicano entrou na pequena enseada que escolhera com o cuidado de um piloto experimentado.

De novo retiraram o barco da água e o levaram para a floresta, onde foi cuidadosamente escondido debaixo de uns arbustos. Os aventureiros pegaram nas armas e nas mochilas, e o batedor anunciou a Munro e a Heyward que tanto ele como os índios estavam, enfim, prontos a continuar o caminho.

XXI

O grupo desembarcara nos limites de uma região menos conhecida dos habitantes dos Estados do que os desertos da Arábia ou as estepes da Tartária. Era o distrito, acidentado e desértico, que separa os afluentes do Chaplain dos do Hudson, do Mohawk e do São Lourenço.

Mas como Olho-de-Águia e os moicanos haviam muita vez atravessado as montanhas e os vales desta região imensa, não hesitaram em se internar nas suas profundezas com o à-vontade de quem estava acostumado a privações e dificuldades. Durante horas, os viajantes foram abrindo caminho, guiados pelas estrelas ou seguindo o percurso de algum riacho, até que o batedor fez uma paragem e, depois de uma troca de impressões com os índios, acenderam uma fogueira e fizeram os preparativos para passarem ali o resto da noite.

Seguindo o exemplo dos companheiros mais experientes, Munro e Duncan, embora sentindo um certo receio, conseguiram deitar-se e dormir sossegados. Já o orvalho se evaporara e o Sol dissipara as névoas e derramara a sua luz forte e clara pela floresta quando os viajantes retomaram a jornada.

Após alguns quilómetros, a marcha de Olho-de-Águia, que tomara a dianteira, tornou-se mais acautelada. Parava muitas vezes, examinando as árvores. E não atravessava um riacho sem

observar atentamente a quantidade, a velocidade e a cor das suas águas. Desconfiado da sua própria opinião, os apelos ao parecer de Chingachgook tornavam-se frequentes. Durante uma dessas consultas, Heyward notou que Uncas se mantinha silencioso, embora muito atento. Sentiu-se fortemente tentado a dirigir-se ao jovem chefe e pedir a sua opinião; mas a atitude calma e digna do nativo levou-o a crer que, tal como ele próprio, o outro dependia inteiramente da sagacidade e da inteligência dos mais velhos. Por fim, o batedor explicou a situação:

- Quando percebi que o caminho para a terra dos Hurões segue para o norte - disse -, achei que não era preciso pensar muito para saber que iriam seguindo pelos vales e por entre as águas do Hudson e do Horican até atingirem as nascentes dos rios do Canadá. E, no entanto, estamos agora a curta distância do Scaroon e não encontramos sinal de rastros! A natureza humana é fraca e é possível que não tenhamos tomado a pista certa!

- Deus nos livre de tal erro! - exclamou Duncan. - Voltemos para trás e examinemos tudo com olhos mais atentos. O que é que o Uncas diz?

O jovem moicano lançou um olhar rápido ao pai, mas logo no mesmo instante retomou o seu ar reservado e permaneceu silencioso. Chingachgook, que vira o seu olhar, ergueu a mão e ordenou-lhe que falasse. Assim que a licença lhe foi concedida, o semblante de Uncas, de grave e tranquilo, passou a brilhar de inteligência e alegria. Pulando como um gamo, correu para uma pequena encosta, uns metros mais adiante, e parou triunfante junto a um pedaço de terra que parecia ter sido revolvida, havia pouco tempo, pela passagem de um animal pesado.

- Ali está uma boa pista! - exclamou o batedor. - O rapaz tem uma vista aguda e é muito perspicaz para a sua idade!

- Olhem! - disse Uncas, apontando para o norte e para o sul, para as marcas que se viam de um e de outro lado dele. A mulher de cabelos pretos foi para o lado dos gelos.

- Um cão não tem tanto faro - replicou o batedor. - Ah!, e aqui estão os dois cavalos.

A boa disposição do batedor, e o espantoso êxito da sua busca, só fizeram aumentar a esperança de todos eles.

A meio da tarde, já haviam passado o Scaroon e estavam a seguir a direcção do ocaso. Depois de descerem para um vale, através do qual corria um rápido, atingiram subitamente o local onde Raposa Matreira e os seus haviam acampado. Mas embora a terra estivesse calcada e as pegadas dos homens e dos animais fossem visíveis por todo o lado, o rasto parecia ter desaparecido de repente.

Era fácil seguir as pegadas dos Narragansets, mas parecia que apenas haviam andado sozinhos, de um lado para o outro, e sem qualquer objectivo que não fosse procurarem qualquer coisa para comerem. Por fim, Uncas que, juntamente com o pai, tinha tentado encontrar o trilho seguido pelos cavalos, descobriu sinais recentes da sua presença. Antes de prosseguir, comunicou o que achara aos companheiros e, ainda os outros comentavam o acontecimento, já o jovem voltara a aparecer, trazendo os dois cavalos, com as selas despedaçadas e os xairéis sujos, como se os tivessem deixado à solta durante vários dias.

- O que é que isto quer dizer? - disse Duncan, empalidecendo, e olhando em volta, como se temesse que os arbustos e as folhas ocultassem algum segredo terrível.

- Que o nosso caminho está a chegar ao fim e que nos encontramos em território inimigo - retorquiu o batedor. - É verdade que os cavalos estão aqui, mas os Hurões foram-se embora. Temos de descobrir por onde , que seguiram.

E Olho-de-Águia e os moicanos continuaram a procurar afincadamente e com o maior cuidado. Mas toda aquela procura não levava a qualquer descoberta. As pegadas eram inúmeras, mas todas elas pareciam ser de homens que andassem de um lado para o outro, naquele ponto, sem intenção de partir dali. De novo, o batedor e os companheiros deram a volta ao acampamento, muito devagar, cada um por seu lado, até que mais uma vez se encontraram no centro, sabendo tanto como antes. - Temos de voltar a ver tudo melhor, Sagamore, começando pela nascente e percorrendo o terreno palmo a palmo. Os Hurões não se hão-de gabar que a sua tribo tem pés que não deixam pegadas!

Dando o exemplo, o batedor recomeçou a procura com renovado zelo. Nem uma folha ficou por revolver. Cada graveto, cada pedra iam sendo levantados, pois sabiam que os índios astuciosamente de tudo se servem para cobrir cada pegada à medida que avançam. Mas mesmo assim, nada se descobria. Por fim, Uncas examinou a terra do pequeno riacho, que por ali corria, e desviou-lhe o curso. Assim que o seu leito começou a secar, inclinou-se sobre ele com olhar atento. O grito de triunfo que o jovem guerreiro soltou a seguir anunciava que fora coroada de êxito a sua experiência. Todos correram para o sítio onde Uncas apontava uma pegada de um mocassim.

- O rapaz faz honra ao seu povo! - disse Olho-de-Águia, olhando para aquelas marcas com admiração. - E, no entanto, isto não é a pegada de um índio! Há um peso excessivo no calcanhar.

O batedor e Chingachgook examinaram atentamente aquela pegada para, no fim, declararem sem hesitação que era do pé de David, que fora obrigado a trocar os sapatos por mocassins.

- Agora estou a compreender tudo. Mandaram o cantor à frente, e os outros seguiram-lhe os passos.

- Mas - exclamou Duncan -, não vejo sinais de...

- Das senhoras - interrompeu o batedor. - O patife arranjou qualquer maneira de as transportar, de modo a conseguir despistar os perseguidores. Aposto que daqui a poucos metros iremos ver as marcas dos pés delas. Então o grupo continuou o caminho, seguindo o leito do riacho, e mantendo os olhos fixos nas marcas do chão. Dali a pouco, a água voltava a correr pelo seu leito, e depois de terem examinado bem de um e de outro lado, prosseguiram a caminhada. Alguns metros adiante, o riacho passava junto a um extenso rochedo. Aqui, fizeram outra paragem a fim de se certificarem de que os Hurões não tinham saído do riacho. E felizmente que o fizeram, pois Uncas descobriu a pegada de um pé de índio que inadvertidamente pisara o musgo. Seguindo na direcção indicada por esta descoberta, entrou na mata sozinho e descobriu o rasto tão visível como antes de terem atingido o curso de água.

- Está tudo muito claro menos uma coisa, que é a maneira que o patife inventou para transportar as senhoras sem deixarem sinais.

- Será que isto explicará essa dúvida? - disse Heyward, apontando para os pedaços de uma espécie de padiola toscamente construída com ramos de árvores.

- Isso explica tudo - gritou Olho-de-Águia, excitado. - Se aqueles velhacos não levaram mais de um minuto a pôr-se aqui, em compensação levaram horas a disfarçar todas as pistas! Temos três pares de mocassins e dois pés delicados. É extraordinário como alguns mortais são capazes de viajar com pés tão pequenos!

Animados e seguros daquilo que tinham descoberto, que afinal se revelara tão simples, todo o grupo se pôs em andamento, depois de uma breve paragem para uma apressada refeição.

Quando acabaram de comer, o batedor lançou um olhar ao Sol que se punha, e avançou mais rapidamente, no que foi imitado por Heyward e por Munro. Como os Hurões haviam desistido de disfarçar as pegadas, a perseguição não sofreu mais demoras. Contudo, ainda não passara uma hora quando Olho-de-Águia abrandou a marcha; e, em vez de olhar em frente, começou a olhar em volta, como se estivesse consciente de que se aproximavam de qualquer perigo. Pouco depois, parou de novo e esperou que todos se lhe reunissem.

- Estou a farejar os Hurões - disse ele para os moicanos. - Já devemos estar próximos do acampamento deles: Sagamore, sobe aí a essa encosta do lado direito. O Uncas vai pelo riacho à esquerda e eu vou seguir o rasto. Se acontecer alguma coisa, eu imito o crocitar de um corvo três vezes.

Os índios partiram de imediato, sem levantarem objecções. E Olho-de-Águia pediu a Heyward que fosse para a orla da floresta, onde a vegetação era mais espessa, e esperasse aí a sua volta, pois ele desejava examinar alguns sinais que se lhe haviam tornado suspeitos. Duncan acedeu e logo se encontrou numa posição de onde podia abranger um vasto panorama.

A pouca distância do sítio onde ele se encontrava, o riacho parecia ir desaguar a um pequeno lago que cobria as terras baixas entre as montanhas. Na margem desse lago havia cerca de uma centena de cabanas feitas de barro, algumas das quais se encontravam dentro de água, como se esta tivesse transbordado para fora dos seus limites. Os tectos arredondados, construídos de modo a protegê-las contra o tempo, denotavam mais engenho e previdência do que os empregues pelos nativos nas suas habitações. No entanto, parecia estar deserta, pelo menos foi o que a princípio pensou Duncan. Mas, por fim, imaginou alguns seres humanos, rastejando na sua direcção e arrastando qualquer coisa pesada. Nesse instante, surgiram das cabanas umas cabeças escuras e, de repente, aqueles seres apareceram por todo o lado, deslizando de abrigo para abrigo tão rapidamente que não se percebia qual a sua ocupação. Alarmado com tão inexplicável movimentação, ia começar a imitar o crocitar dos corvos quando um restolhar de folhas ali perto o fez olhar nessa direcção. Estremecendo e recuando instintivamente alguns passos viu, a poucos metros de si, um índio muito estranho. E em vez de dar o alarme, que lhe poderia ser fatal, permaneceu onde estava, observando os passos do outro.

Uns instantes bastaram para se assegurar de que não fora descoberto. Tal como ele, também o indígena parecia observar a aldeia e os seus habitantes. Mas era impossível perceber qual a sua expressão por debaixo das grotescas pinturas que lhe disfarçavam as feições, embora parecessem a Duncan que era mais de tristeza do que de ferocidade. A cabeça estava rapada como a de qualquer índio, com excepção de um penacho de onde pendiam três ou quatro penas de asa de falcão, e o corpo meio encoberto por um pano de algodão, tendo por baixo uma camisa vulgar. As pernas, nuas, encontravam-se cheias de arranhões e feridas provocados pelas silvas. Contudo, nos pés calçava um bom par de mocassins de pele de urso. No conjunto, o seu aspecto era miserável.

Ainda Duncan observava aquela personagem com curiosidade, quando o batedor se lhe reuniu, silencioso e com todas as cautelas.

- Como vê, encontrámos o acampamento deles - murmurou o oficial -, mas este selvagem encontra-se num sítio que nos vai tolher os movimentos.

Olho-de-Águia estremeceu quando viu a direcção para onde Heyward apontava. Depois, baixando a arma, esticou o pescoço para proceder a um exame atento.

- Aquele diabo não é um hurão - disse ele -, nem pertence a nenhuma tribo do Canadá! Mas vê-se pelas suas roupas que andou a pilhar um branco. Pode ver onde é que ele tem a espingarda ou o arco?

- Parece não ter armas, nem estar com más intenções. A menos que dê o alarme aos companheiros que, como vê, estão ali na água, não temos de o temer.

O batedor virou-se para Heyward e fitou-o com espanto não dissimulado. Depois, abrindo a boca, desatou a rir, embora silenciosamente tal como o perigo lhe ensinara a proceder.

- Conserve-o sob a mira da sua espingarda, enquanto eu passo pelos arbustos e o apanho vivo. Não atire de modo algum!

Pouco depois, encontrava-se encoberto pelas folhas. Duncan esperou impaciente, enquanto não voltou a ver o batedor. Então, este reapareceu rastejando pelo chão, do qual mal se distinguiu, mesmo por detrás daquele que pretendia aprisionar. A poucos metros deste levantou-se silencioso. Nesse mesmo instante, algumas pancadas na água fizeram Duncan voltar a cabeça mesmo a tempo de ver uma centena de vultos escuros, mergulhando no lago. Apertando a espingarda, voltou de novo os olhos para o índio que, em vez de dar qualquer alarme, observava também todo aquele movimento com ar curioso. Entretanto, a mão já erguida de Olho-de-Águia, sem razão aparente, desviou-se, e o seu dono soltou outra enorme gargalhada silenciosa. Quando acabou de rir, em vez de apertar o pescoço da vítima, bateu-lhe ao de leve no ombro e exclamou em voz alta:

- E então, amigo? Faz tenção de ensinar os castores a cantar?

- É isso mesmo - foi a resposta pronta. - Estou em crer que se Deus lhes deu o poder de tão bem utilizar os seus dons, não lhes recusaria voz para O louvarem.

XXII

O leitor pode imaginar a surpresa de Heyward. Os seus índios, de repente, transformavam-se em animais de quatro patas e o lago, numa poça de castores; e o inimigo suspeito no seu provado amigo David Gamut, o mestre em salmodia. A presença deste criava tantas e tão súbitas esperanças em relação às duas irmãs que, sem hesitar nem um momento, o rapaz saltou do sítio onde se emboscara e foi juntar-se aos dois principais protagonistas daquela cena.

O riso de Olho-de-Águia não se acalmava facilmente. Sem cerimónia, com a sua mão rude, fazia rodar docilmente Gamut sobre os calcanhares, e, mais de uma vez, afirmou que os Hurões se tinham esmerado no seu traje. Depois, pegando-lhe na mão, apertou-a com tal força que fez chegar as lágrimas aos olhos do plácido David, desejando-lhe felicidades na sua nova situação.

- Estava a ver se punha os castores a cantar? - perguntou ele. - Estes espertalhões já sabem metade dessa arte, pois são capazes de bater o compasso com a cauda, como ouviu há pouco. Conheci maiores tolos do que estes castores que sabiam ler e escrever. Mas quanto a voz, estes animais nasceram mudos. E o que acha desta cantiga?

David tapou os ouvidos, e até Heyward, apesar de o sinal ter sido previamente combinado,

ergueu a vista à procura do corvo quando ouviu crocitar.

- Olhem - continuou o batedor, rindo e apontando para os outros companheiros que, em resposta a este sinal, já se aproximavam. - Esta música tem as suas virtudes; atrai para junto de nós duas boas espingardas, sem falar nas facas e nos tomahawks. Mas já vimos que salvou a pele. E agora diga-nos o que aconteceu às meninas.

- Os pagãos têm-nas cativas - disse David. - E embora se sintam inquietas, são bem tratadas.

- Ambas? - perguntou Heyward ansioso.

- É isso mesmo. Embora a nossa caminhada tivesse sido penosa, e a nossa alimentação escassa, temos pouco de que nos queixar, salvo da violência feita aos nossos sentimentos por termos sido trazidos cativos para terras distantes.

- Que Deus o abençoe pelas suas palavras! - exclamou Munro, estremeando. - As minhas filhas hão-de ser-me restituídas. - Eu não sei se a sua libertação será para breve - retorquiu David, hesitante. - O chefe destes selvagens está possesso de um espírito mau, que nenhum poder, além do Omnipotente, é capaz de dominar.

- Onde está esse patife? - interrompeu, bruscamente, o batedor.

- Hoje anda à caça dos alces com outros guerreiros, e amanhã, segundo ouvi, vão para mais longe, para as florestas próximas do Canadá. A menina mais velha foi levada para uma tribo aqui próxima, cujas tendas estão para lá daquele pico rochoso; e a mais nova está junto das mulheres dos Hurões, a cerca de duas milhas daqui, num planalto.

- E porque é que o deixam andar por aí sem ser vigiado? David, com ar humilde, retorquiu:

- A minha pessoa tem pouca importância. Mas o poder dos salmos tem certa influência mesmo sobre as almas dos pagãos e assim eles permitem que eu ande por aí à vontade.

O batedor riu e, batendo significativamente na testa, explicou:

- Os índios nunca fazem mal a quem não regula bem da cabeça. Mas, olhe, amigo, eu fazia tenção de acender o lume com este seu instrumento, mas como tem estima por isto, aqui o tem e assopre nele sempre que lhe apeteça!

Foi com a maior alegria que Gamut o recebeu, pois achava-o compatível com as funções para que se andava a treinar.

Contudo, Heyward interrompeu a conversa e continuou a fazer perguntas sobre a situação das prisioneiras. Dessa maneira, ficaram a conhecer algumas circunstâncias importantes que lhe poderiam vir a ser úteis para conseguirem o seu objectivo, isto é, a libertação das duas irmãs. A narração de David foi simples, e os factos poucos.

Magua esperara na montanha até se lhe apresentar uma ocasião favorável para dali partir, e então pôs-se a caminho ao longo do Horican, na direcção do Canadá. Como o hurão conhecia bem todos os atalhos, e sabia que não havia perigo de serem logo perseguidos, caminharam sem pressas e sem fadigas. Dava a impressão de que a julgar pelas palavras de David a sua presença fora mais tolerada do que desejada, embora Magua não estivesse inteiramente isento do sentimento de veneração com a qual os índios olham aqueles cujo intelecto foi punido pelo Grande Espírito. Ao chegarem ao acampamento do seu povo, Magua, em obediência a um plano habitualmente usado, separou as prisioneiras. Cora fora mandada para uma tribo que ocupava temporariamente um vale ali próximo, mas David ignorava por demais os costumes e a história dos nativos para ser capaz de dizer qualquer coisa sobre o nome e as características deles. Apenas sabia que não tinham tomado parte na expedição contra William Henry, e que, tal como os Hurões, eram aliados de Montcalm.

Os moicanos e o batedor ouviam tudo o que David contava, embora atrapalhadamente, com um interesse que ia aumentando à medida que ele prosseguia; e foi quando tentava explicar as actividades da comunidade, na qual Cora se encontrava, que aquele perguntou abruptamente:

- Viu como eram as facas deles? Eram do feitio das inglesas ou das francesas?

- Os meus pensamentos não estavam voltados para essas coisas, mas antes associados aos das

meninas para as consolar. Só sei que eles não se reúnem para louvar a Deus, e parecem estar entre os idólatras mais heréticos.

- Então desconhece inteiramente a natureza dos índios, pois até mesmo os Mingos adoram o Deus verdadeiro.

- Até pode ser - disse David. - Mas eu vi umas estranhas e fantásticas pinturas a que eles prestam veneração, em especial a uma bem repugnante.

- Era uma serpente? - perguntou vivamente o batedor.

- Parecia uma tartaruga horrível.

- Ah! - exclamaram os dois moicanos; e o batedor abanou a cabeça como se tivesse feito uma descoberta importante, mas nada agradável. Então o pai falou, no dialecto dos Delawares, e com uma calma e uma dignidade que atraíram de imediato a atenção até mesmo daqueles para quem as palavras eram ininteligíveis. Os seus gestos eram impressivos e por vezes enérgicos. De uma das vezes, ergueu um dos braços, que ao baixar afastou as pregas do seu manto, apoiando um dedo no peito como se quisesse reforçar o que queria dizer aquele gesto. Os olhos de Duncan seguiram esse movimento e notaram que o animal que havia sido mencionado antes estava desenhado a tinta azul, quase apagado, no peito do chefe.

Tudo o que ouvira dizer sobre a violenta cisão da grande tribo dos Delawares lhe acudiu ao pensamento e esperou, com uma ansiedade quase intolerável, uma ocasião para falar, mostrando o seu interesse. Contudo, ao seu desejo antecipou-se o batedor que, voltando-se, disse:

- Encontrámos aquilo que pode ser bom ou mau para nós, segundo a vontade de Deus. O Sagamore , do mais puro sangue dos Delawares, e é o grande chefe dos Tartarugas. E claro que, pelas suas palavras, alguns desta tribo estão entre o povo de que o cantor falou. Mas também estamos a mover-nos em terreno perigoso, porque um amigo que nos virou a cara, por vezes é pior do que um inimigo. - Então suspeita que é entre essa gente que se encontra Cora?

O batedor disse que sim com a cabeça, embora parecesse ansioso por evitar qualquer discussão sobre um assunto que lhe parecia doloroso. Duncan, impaciente, fazia agora propostas apressadas e desesperadas para tentar libertar as duas irmãs. Mas o batedor, depois de o ter deixado acalmar, arranhou maneira de o convencer da loucura de uma tal precipitação num assunto que deveria requerer a maior ponderação.

- Seria melhor - acrescentou -, deixar que este homem volte para lá, como de costume, e dê notícias às meninas que estamos próximos, até o chamarmos por meio de um sinal a combinar. O meu amigo sabe distinguir o crocitar de um corvo do piar de um noitibó?

- Essa ave agrada-me - retorquiu David -, as suas notas são suaves e melancólicas!

- Bom, visto que gosta desse piar, será o seu sinal - disse o batedor. - Lembre-se então de que quando ouvir um noitibó piar três vezes, tem de vir aqui até à mata, que é onde o pássaro se deve encontrar.

- Espere, eu vou consigo - interrompeu Heyward.

- O senhor! - exclamou Olho-de-Águia, espantado. - Já está cansado de viver?

- David é uma prova de que os Hurões são humanos.

- Ah! Mas David sabe usar a garganta como nenhum outro homem em seu perfeito juízo seria capaz.

- Eu também posso fazer de maluco. E o senhor é capaz de me disfarçar. Pinte-me como quiser. Transforme-me em qualquer coisa... Oiça. Este fiel acompanhante das prisioneiras disse que os índios são de duas tribos, se não de Nações diferentes.

Com uma delas, que o senhor pensa ser um ramo dos Delawares, está a senhora do cabelo escuro, como lhe chama; a outra, a mais nova, está inegavelmente com os nossos inimigos declarados, os Hurões. Por conseguinte enquanto o senhor estiver a negociar com os nossos amigos a libertação de uma das irmãs eu ajudo a outra ou morro.

Olho-de-Águia, embora demasiado habituado a todos os estratagemas dos índios para não prever os perigos que podiam resultar de tal experiência, não sabia muito bem como rebater esta súbita resolução. Mas, em lugar de se opor a este plano de Duncan, mudou de opinião e decidiu executá-lo. - Venha cá - disse ele, com um sorriso bem-humorado. - Chingachgook tem muitas tintas de todas as cores e sabe como usá-las! Sente-se aqui neste cepo, e aposto que ele o transformar num autêntico bobo.

Duncan assentiu, e o moicano, que estivera atento a toda aquela conversa, depressa meteu mãos à obra. Com a longa prática de todas as subtilezas das artes próprias da sua raça, pintou, com grande destreza e rapidez, os traços fantasiosos daquilo a que os nativos se haviam acostumado a considerar os sinais de uma índole amigável e jocosa.

Em resumo, evitando qualquer traço guerreiro, as pinturas transformaram-no num troão. Tais exibições eram vulgares entre os índios. E como o traje que usava já era quase um disfarce, havia uma certa razão para acreditar que, com os seus conhecimentos de francês, passasse por um politiqueiro de Ticonderoga, que andava vagueando por entre as tribos aliadas e amigas.

Quando achou que ele já estava suficientemente pintado, o batedor fez-lhe algumas recomendações amigáveis, combinou sinais e indicou-lhe o lugar onde se haviam de encontrar, no caso de ambos serem bem sucedidos.

- E agora, que Deus o proteja!

Duncan apertou calorosamente a mão do companheiro, recomendou mais uma vez Munro aos seus cuidados, e, desejando-lhe também boa sorte, fez sinal a David para partirem.

Durante uns momentos, Olho-de-Águia seguiu com a vista o corajoso jovem, com sincera admiração. Depois, abanando a cabeça, em ar de dúvida, voltou-se e conduziu os outros para a floresta.

O caminho tomado por Duncan e David passava pela clareira dos castores e pela margem da lagoa. Quando o primeiro se viu sozinho, apenas na companhia de um homem tão ingênuo e tão pouco capaz de prestar algum auxílio em caso de emergência, começou a pensar nas dificuldades da tarefa que tinha empreendido. Então, lembrou-se de Alice, da sua angústia, do perigo que ela corria, e qualquer ideia de riscos que podia correr se esvaiu.

XXIII

Não é vulgar encontrar um acampamento de indígenas guardado por homens armados, tal como os dos brancos. Bem informado da aproximação de um perigo, quando este ainda se encontra a distância, o índio, geralmente, sente-se seguro devido aos conhecimentos que tem da floresta e dos difíceis caminhos que o separam daqueles de quem tem razão para temer. Mas o inimigo que, por uma infeliz confluência de acidentes, conseguir iludir a vigilância dos batedores, muitas vezes encontra sentinelas prontas a dar o alarme. A juntar a estes usos habituais, as tribos amigas do rei francês conheciam muito bem o peso dos acontecimentos mais recentes, para temerem um perigo imediato vindo das Nações hostis tributárias da coroa britânica.

Quando Duncan e David se encontraram no meio das crianças que andavam brincando, ninguém dera pela sua aproximação. Mas assim que elas os viram, todas se levantaram e soltaram um grito de alarme; e, logo depois, desapareceram, como por magia, da vista dos recém-chegados. Os corpitos escuros dos garotos acorados confundiam-se de tal modo, àquela hora, com a vegetação seca que, à primeira vista, parecera, na verdade, que a terra os engolira.

O grito das crianças fizera com que, de uma cabana mais próxima, saísse uma dúzia de guerreiros que ficaram aguardando, com ar grave, aqueles que haviam surgido tão inesperadamente.

David, já de certo modo familiarizado com tudo aquilo, abriu caminho em direcção a essa mesma cabana. Era a principal construção da aldeia, embora toscamente feita apenas de casca e de ramos de árvores, por ser onde a tribo se reunia em conselho, durante a sua residência temporária junto à fronteira da província inglesa.

Duncan teve dificuldade em assumir um ar indiferente, ao passar por entre os selvagens que se apinhavam à entrada; mas consciente de que a sua vida dependia da sua presença de espírito confiou no companheiro e seguiu-lhe os passos, esforçando-se por pôr em ordem os seus pensamentos. O sangue gelara-se-lhe nas veias ao ver-se tão perto daqueles inimigos tão ferozes e implacáveis; no entanto, conseguindo dominar os seus sentimentos, entrou na cabana, arvorando um ar impassível. Seguindo o exemplo do decidido Gamut, pegou num braçado de arbustos, que se encontravam a um canto, e sentou-se em silêncio.

Assim que o visitante entrou, os guerreiros abandonaram a porta e postaram-se à sua volta, parecendo esperar pacientemente o momento em que aquele desconhecido falasse. Grande número deles encostavam-se indolentemente aos postes que suportavam a construção, enquanto três ou quatro dos mais importantes chefes se sentaram, como era seu costume, no chão, um pouco mais à frente. Estes chefes mal olharam para ele e depois baixaram a vista, com uma expressão que podia ser interpretada como respeitosa, mas que se via bem traduzir desconfiança.

Por fim, um deles, cujo cabelo começava a embranquecer, mas cujos membros denotavam ainda vigor, avançou da escuridão de um canto, onde possivelmente se postara para o observar sem ser visto, e falou. Usava o dialecto dos Hurões, e, em consequência disso, as suas palavras eram ininteligíveis para Heyward, embora lhe parecesse, pelos gestos que as acompanhavam, serem mais de cortesia do que de hostilidade.

- Alguns dos meus irmãos fala francês ou inglês? - perguntou ele, olhando em volta, na esperança de que alguém dissesse que sim.

Apesar de mais do que uma cabeça se voltar, como que para apreender o sentido das suas palavras, estas ficaram sem resposta.

- Sentir-me-ia muito contristado - continuou Duncan, falando devagar e em francês -, se soubesse que ninguém desta valente nação compreendia a língua que o Grande Monarca usa quando fala aos seus filhos. E o coração dele ficaria triste se desconfiasse que os seus guerreiros índios não tinham para com ele essa consideração!

Seguiu-se um silêncio, durante o qual nenhum movimento, nenhum olhar traiu a impressão que este comentário havia produzido. Duncan, que sabia ser este silêncio uma virtude própria dos seus hospedeiros, ficou satisfeito por esse costume lhe permitir ordenar os pensamentos. Por fim, o mesmo guerreiro que se lhe dirigira antes replicou, secamente, no francês incorrecto dos índios do Canadá:

- Quando o nosso Grande Pai fala ao seu povo, é na língua dos Hurões?

- Ele não faz diferença entre os seus filhos, não se importa se a cor da sua pele é vermelha, preta ou branca - retorquiu Duncan, evasivo -, embora esteja muito satisfeito com a bravura dos Hurões.

- De que maneira falará ele - perguntou o chefe, com desconfiança -, quando os mensageiros lhe contarem quantos escalpes, há cinco noites atrás, cresciam na cabeça dos ingleses?

- Eram seus inimigos - disse Duncan, estremeando involuntariamente -, e, sem dúvida, que dirá que é bom... Os Hurões são muito valentes.

- O nosso Pai do Canadá não acha isso. Em vez de olhar para a frente e recompensar os índios, os seus olhos estão voltados para trás e só vê os ingleses mortos. Os seus ouvidos estão abertos para os Delawares, que não são nossos amigos e que os enchem de mentiras.

- Não pode ser. Ele encarregou-me, a mim, que sou um homem que sabe a arte de curar, de vir ter com os seus filhos, os Hurões dos Grandes Lagos, e perguntar-lhes se está alguém doente! Um outro longo e profundo silêncio se sucedeu ao anúncio desta qualidade que Duncan possuía. Todos os olhares se cravaram nele, como que para averiguar se era verdadeira ou falsa esta declaração.

- Os homens sábios do Canadá também pintam a pele? - prosseguiu o hurão, com frieza. - Ouvimos dizer que se gabam de os seus rostos serem pálidos.

- Quando um chefe índio aparece aos seus pais brancos - retorquiu Duncan, com firmeza -, ele põe de lado o seu traje feito de pele de búfalo para vestir a camisa que lhe ofereceram. Os

meus irmãos ofereceram-me as tintas e eu uso-as.

Um murmúrio de aprovação deu a entender que aquela atenção para com a tribo fora bem recebida. O chefe mais idoso fez um gesto de aprovação no que foi imitado pela maior parte dos seus companheiros que estenderam uma das mãos, ao mesmo tempo que soltavam uma breve exclamação de agrado.

Depois de alguns minutos de silêncio, levantou-se outro guerreiro e tomou a atitude de quem queria falar.

Mas quando se preparava para o fazer, ouviu-se, vindo da floresta, um som grave e terrível, logo seguido por um grito agudo que se prolongou lamentoso como um uivo de um lobo. Esta súbita e terrível interrupção fez sobressaltar Duncan. No mesmo instante, os guerreiros saíram como um só da cabana, e encheram o ar, cá fora, de berros estridentes que quase abafavam os horríveis sons que se repercutiam por toda a floresta.

Incapaz de se controlar por mais tempo, o rapaz saltou do lugar e viu-se no meio de uma multidão em desordem, composta por quase tudo o que tivesse vida. Homens, mulheres e crianças, velhos, novos e enfermos, tudo ali se encontrava. Uns gritavam, outros batiam palmas com alegria frenética. Admirado a princípio, com tamanha algazarra, Heyward depressa percebeu qual a razão, pela cena que se seguiu.

No céu, ainda havia luz suficiente, que, passando através das copas das árvores, ia iluminar os vários caminhos que ligavam a floresta à clareira. Por um deles, aproximava-se uma fila de

guerreiros que avançava devagar para a aldeia. O que vinha à frente trazia uma vara de onde pendiam alguns escalpes humanos.

Ao chegarem a pouca distância da aldeia, os guerreiros detiveram-se. Os seus gritos lamentosos e terríveis, que pretendiam imitar os lamentos dos mortos e o triunfo dos vencedores, haviam cessado. Então, um deles pronunciou em voz alta algumas palavras não mais inteligíveis para quem as entendia do que os seus gritos expressivos. E todo o acampamento, de um momento para o outro, se tornou palco do mais violento alvoroço e de excitação. Os guerreiros sacaram das suas facas e brandiram-nas, abrindo alas desde o caminho da floresta até às cabanas. As mulheres pegaram em cacetes, machados ou qualquer outra coisa que servisse de arma ofensiva e correram a tomar parte na cena cruel que se ia desenrolar. Enormes pilhas de mato encontravam-se espalhadas pela clareira, e uma mulher já velha ocupava-se a lançar-lhes fogo de modo a poderem iluminar o que se ia passar. Um pouco mais adiante, estavam dois homens que, aparentemente, haviam sido separados dos outros para serem os principais actores do que se iria seguir. A luz não era suficientemente forte para se lhes distinguir as feições, embora fosse evidente que as emoções que elas exprimiam eram bem diferentes.

Enquanto um se mantinha direito e firme, preparado para enfrentar a sua sorte como um herói, o outro curvava a cabeça, como que paralisado pelo terror ou assaltado pela vergonha. Duncan instintivamente sentiu admiração e pena pelo primeiro, embora não se lhe oferecesse ocasião de mostrar os seus sentimentos generosos. Observando tudo o que se passava com olhar ansioso, insensivelmente foi-se aproximando das filas dos Hurões. Nessa altura, soou um sinal, e a calma momentânea que se estabelecera foi quebrada por uma explosão de gritos, maiores ainda que os anteriores. A mais miserável das duas vítimas continuava imóvel; mas a outra saltou do seu lugar, ao ouvir o grito, com a agilidade de um gamo. Em vez de passar através das fileiras hostis, como era de esperar, deu uma volta e pulou por cima de um grupo de crianças e alcançou o lado exterior de toda a formação. Uma centena de vozes ergueu-se em protesto e a multidão excitada, espalhou-se por toda a clareira numa confusão desordenada.

Facilmente se compreendia que no meio de tantos inimigos sedentos de vingança não seria

permitida ao fugitivo qualquer trégua. Em determinado momento, quando pareceu que ele iria atingir a floresta, todos os seus captosres como um só lhe fizeram frente, obrigando-o a voltar para o meio dos seus implacáveis perseguidores. Virando-se então como um veado acossado, disparou como uma seta, pelo meio das labaredas de uma das pilhas de mato e surgiu incólume do outro lado. Aí, também o esperavam alguns dos Hurões mais velhos. Ainda uma vez mais, ele tentou atravessar a multidão, misturando-se com ela, e alguns segundos se passaram, durante os quais Duncan julgou que o corajoso desconhecido conseguiria fugir. Nada se distinguia naquela massa de corpos humanos, envolvida numa indescritível confusão. Armas, facas e cacetes erguiam-se sobre todas as cabeças, mas os golpes eram dados ao acaso. De súbito, a multidão recuou e aproximou-se de Duncan. Os que estavam atrás empurraram as mulheres e as crianças que se encontravam à frente. No meio de toda esta balbúrdia, avistou-se de novo o desconhecido que, aproveitando a ocasião, fugiu do meio dos guerreiros e fez um esforço desesperado e uma última tentativa para chegar à floresta. Como se compreendesse que nenhum perigo poderia vir do oficial, o fugitivo, na sua corrida, roçou por ele. Um enorme hurão seguiu-lhe no encalço. Duncan meteu-lhe um pé à frente, o que fez com que o selvagem fosse cair alguns passos adiante. Mais rápido do que o pensamento, o fugitivo aproveitou esta vantagem e passou como um meteoro diante de Duncan, que logo a seguir o viu calmamente encostado a um pequeno poste, defronte da cabana principal.

A curiosidade levou-o a aproximar-se do desconhecido, encontrando-o com um braço em volta do poste protector. Estava agora sob a proteção de um uso imemorial e sagrado, até que a tribo em conselho deliberasse e determinasse a sua sorte. As mulheres, desapontadas, não poupavam o estranho a nenhuma das injúrias conhecidas na língua dos Hurões. A nada disto respondia o prisioneiro, conservando sempre a mesma atitude, na qual se misturava a dignidade com o desdém.

O efeito desta indiferença estendeu-se aos outros espectadores, e um dos rapazes agitou o seu tomahawk diante da vítima: Nessa ocasião, o prisioneiro virou a cabeça para a luz e olhou para ele ainda com maior desprezo. Depois, voltou a encostar-se calmamente ao poste. Mas este movimento permitiu a Duncan cruzar o seu olhar com o de Uncas. Mudo de espanto, e preocupado com a crítica situação do amigo, Heyward recuou, temendo que a sua expressão pudesse prejudicar a sorte do prisioneiro. Nessa altura, um dos guerreiros abriu caminho por entre a multidão exasperada. Empurrando as mulheres e as crianças, pegou em Uncas por um braço e levou-o direito à porta da cabana do conselho. Todos os chefes e os guerreiros mais importantes o seguiram, tendo Heyward conseguido maneira de entrar no meio deles, sem

atrair perigosamente as atenções para si próprio.

No centro da cabana encontrava-se Uncas, de pé, calmo e imperturbável. O seu porte altivo não deixava indiferentes os seus captores que, por vezes, o olhavam com uns olhos que traíam a admiração pela sua coragem.

A situação era diferente quanto ao outro indivíduo que Duncan observara junto ao amigo, antes da desesperada tentativa de se escapar e que permanecera, durante todo aquele tumulto, como uma estátua, apresentando uma expressão de vergonha e desonra. Também ele entrara na cabana, como que impelido por um destino a cuja decisão se submetia, aparentemente, sem luta. Contudo, em vez de se misturar com os da sua tribo, sentou-se à parte, encolhido, como que pretendendo ocupar o menos espaço possível. Depois de todos terem tomado os seus lugares e reinar um silêncio absoluto, o chefe de cabelos grisalhos falou na língua dos Lenni Lenape(1):

(1) Dos Lenni Lenape descendiam muitas tribos, entre as quais a dos Moicanos. Os Ingleses deram-lhes o nome de delawares pelo facto de os terem encontrado junto ao rio Lord Delaware. (N. da T.)

- Delaware - disse ele -, provaste ser um verdadeiro homem.

Dar-te-ia alimento, mas aquele que come com um hurão tem de ser seu amigo. Fica em paz até ao nascer do Sol, e falaremos então contigo.

- Sete noites e outros tantos dias, eu jejei no rasto dos Hurões - replicou Uncas, com frieza. - Os filhos de Lenape sabem trilhar o caminho justo, sem pararem para comer. - Dois dos meus guerreiros andam a perseguir o teu companheiro. Quando voltarem, os nossos anciãos te dirão: “Vive ou morre!”

- Os Hurões não têm ouvidos? - exclamou Uncas, desdenhoso. - Depois de ter sido feito prisioneiro, o delaware já ouviu por duas vezes o tiro de uma arma que ele bem conhece! Os teus guerreiros já não voltam mais.

Uma curta pausa sucedeu a esta afirmação. Duncan, que ouvira o moicano aludir à fatal espingarda do batedor inclinou-se para observar o efeito que ela produzira nos vencedores; mas o chefe contentou-se em retorquir:

- Se os Lenape são tão hábeis, porque é que um dos seus mais valentes guerreiros está aqui?

- Ele seguiu o rasto de um cobarde que ia a fugir e caiu numa armadilha.

E enquanto replicava assim, ia apontando para o hurão solitário. As palavras desta resposta produziram forte sensação entre os ouvintes.

Entretanto, ao centro, o mais velho dos chefes conferenciava com os outros. E os que estavam mais afastados puseram-se em bicos de pés para verem melhor; e até mesmo o culpado, por instantes, esqueceu a sua vergonha e ergueu o rosto para lançar um olhar ansioso à assembleia dos chefes. Por fim, o profundo silêncio foi quebrado pelo guerreiro mais velho. Levantou-se e, passando em frente do imóvel Uncas, colocou-se com ar digno diante do infractor.

- Caniço-que-verga - disse ele, dirigindo-se ao culpado -, embora o Grande Espírito te tivesse feito agradável à vista, teria sido melhor não teres nascido. O inimigo conhece-te bem e nunca viu a cor dos teus olhos. Três vezes chamaram por ti e, como costumas fazer, não respondeste. O teu nome nunca mais será mencionado na tua tribo, e até já foi esquecido.

Enquanto o chefe pronunciava vagarosamente estas palavras, o culpado ergueu o rosto, e nele se podia ler a vergonha, o horror e o orgulho. Também ele se levantou e, desnudando o peito, olhou com firmeza para a faca afiada que já o seu inexorável juiz erguia.

Quando a arma lhe penetrou lentamente no coração, ele até sorriu, como se achasse a morte menos temível do que supusera e caiu pesadamente aos pés do vulto firme e decidido de Uncas. Todos os que haviam assistido a esta cena saíram então da cabana e Duncan teve a impressão de que só ele e o corpo da vítima de um julgamento índio eram os únicos que ali

havam ficado.

XXIV

Contudo, bastaram uns segundos para que Duncan se convencesse de que estava enganado. Sentiu que lhe apertavam um braço com força e a voz de Uncas murmurar-lhe ao ouvido:

- O homem de cabelo grisalho e Chingachgook estão a salvo, e a espingarda de Olho-de-Águia não está a dormir. Vai! Tu e Uncas agora não se conhecem.

Heyward gostaria de ter sabido mais qualquer coisa, mas um leve empurrão do amigo em direcção à porta advertiu-o de que poderia haver perigo se descobrissem que eles se conheciam. Devagar, deixou a cabana e misturou-se com a multidão. As fogueiras, extinguindo-se, lançavam uma luz fraca e trêmula, sobre aqueles que silenciosamente por ali andavam.

Um grupo de guerreiros voltou a entrar e a sair da cabana, transportando o cadáver do hurão para a floresta. Depois daquele final solene, Duncan andou vagueando pelo meio das cabanas, sem se fazer notar, esforçando-se por encontrar qualquer rasto daquela por quem corria tantos riscos. Por fim, abandonando todas as buscas que se mostravam infrutíferas, voltou à cabana onde se realizavam os conselhos, resolvido a procurar David e terminar com as suas temíveis dúvidas. Ao chegar lá, verificou que toda a excitação já passara. Os guerreiros haviam-se

reunido de novo, e estavam fumando calmamente, enquanto discutiam com ar grave os incidentes da sua última expedição. Sem hesitar, entrou e sentou-se com igual gravidade. Um olhar de relance foi o suficiente para ver que embora Uncas permanecesse onde o havia deixado, David não voltara a aparecer. A liberdade do índio estava apenas restringida pela vigilância atenta de um jovem hurão, que se colocara a seu lado, e por um guerreiro armado que se encostara a um dos postes da entrada.

No entanto, não participava da discussão e mais parecia uma estátua do que um ser vivo e dotado de vontade própria. O desejo de Heyward fora ficar quieto e calado, pois se descobrissem quem era, isso poderia ser-lhe fatal. Infelizmente os outros eram de opinião contrária. Não havia muito que se sentara na sombra, quando um dos guerreiros mais velhos, que falava francês, se lhe dirigiu:

- O meu Pai do Canadá não se esquece dos seus filhos! - disse ele. - Estou-lhe agradecido, pois um espírito mau tomou conta da mulher de um dos meus filhos. Poderá o sábio estrangeiro expulsá-lo?

Consciente da necessidade de manter com dignidade a sua falsa posição, Heyward dominou os seus sentimentos e respondeu de um modo misterioso:

- Os espíritos são diferentes uns dos outros. Uns cedem ao poder da sabedoria, enquanto outros são demasiado fortes.

- O meu irmão é um grande feiticeiro! - disse o selvagem. - Queres tentar?

Um gesto de assentimento foi a resposta. O hurão ficou satisfeito com essa promessa e, voltando a meter o cachimbo na boca, esperou o momento propício de se levantar. Os minutos passavam, mais parecendo horas ao falso curandeiro, até o hurão pôr o cachimbo de lado e traçar o manto sobre o peito, como se estivesse resolvido a dirigir-se à cabana da doente. Mas nessa altura, surgiu à entrada um guerreiro alto e forte, que, silenciosamente, se sentou numa ponta do monte de ervas secas onde se encontrava Duncan. Este lançou um olhar impaciente ao seu vizinho e sentiu a pele arrepiar-se-lhe de horror quando se viu lado a lado com Magua.

O súbito regresso de tão temido chefe originou uma demora na partida do hurão. Alguns cachimbos que se haviam apagado foram de novo acesos, enquanto o recém-chegado, sem pronunciar uma só palavra, tirava o tomahawk do cinto e, enchendo o forninho que tinha na ponta, começou a fumar, com tanta indiferença como se não tivesse andado dois dias numa caçada estafante. Dez minutos, que pareceram anos a Duncan, passaram assim. E já os guerreiros se encontravam envolvidos completamente por uma nuvem de fumo branco quando um deles exclamou:

- Bem-vindo sejas! O meu amigo encontrou algum alce?

- Os rapazes vêm aí carregados - respondeu Magua. - Seguiu-se um profundo silêncio.

Depois, um dos chefes dirigiu a palavra a Magua:

- Os Delawares têm andado, como ursos em volta de potes de mel, a rondar a minha aldeia. Mas quem é que alguma vez encontrou um hurão a dormir?

A escuridão das nuvens que precede o estrondo de um trovão não era mais negra do que o semblante de Magua quando exclamou:

- Os Delawares dos lagos?

- Esses não. Aqueles que usam saias como as mulheres. Um deles passou pela tribo.

- Os rapazes tiraram-lhe o escalpe?

- As pernas dele eram boas, embora o braço fosse melhor para a enxada do que para o tomahawk - retorquiu o outro, apontando para o vulto imóvel de Uncas.

Em vez de manifestar uma curiosidade só própria de mulheres, e olhar para o prisioneiro de uma tribo que era bem sabido ter razões para odiar, Magua continuou a fumar, com o ar pensativo que lhe era habitual quando não havia necessidade de mostrar a sua astúcia ou a sua eloquência. Foi só um bom bocado depois que ele sacudiu as cinzas do cachimbo, tornou a

colocar o tomahawk no seu lugar, apertou o cinto e, levantando-se, voltou o seu olhar na direcção do prisioneiro que se encontrava um pouco atrás dele. Perto de um minuto ficaram aqueles dois seres, audaciosos e indomáveis, fitando-se mas nenhum deles baixando a vista ante o olhar feroz do outro. Magua foi o primeiro a ceder, mostrando enorme alegria ao pronunciar tão terrível nome:

- Veado Ligeiro!

Todos os guerreiros se puseram de pé, ao ouvirem aquela denominação tão sua conhecida e, durante algum tempo, os nativos ficaram completamente mudos de espanto. O nome odiado, mas apesar disso respeitado, foi repetido como uma só voz, de modo a ser ouvido muito para lá das paredes da cabana.

Uncas, regozijando-se da sua vitória, contentou-se em exhibir o seu triunfo, apenas com um sorriso de altivez.

Magua notou-o e, erguendo um braço, ameaçou o prisioneiro, falando em inglês:

- Moicano, vais morrer!

- As águas que curam não ressuscitam os Hurões mortos! - retorquiu Uncas, na língua musical

dos Delawares. - Os rios que correm lavam os seus ossos! Vai... Chama todos os cães dos Hurões, para que possam contemplar um verdadeiro guerreiro! As minhas narinas sentem-se ultrajadas pois cheira-lhes a sangue de um covarde!

Esta última insinuação feriu profundamente o injuriado que se exasperou.

Muitos dos Hurões compreendiam a língua em que o prisioneiro falara, estando Magua incluído nesse número. Este astuto selvagem imediatamente procurou tirar vantagem disso. Deixando descair do ombro o manto de pele, estendeu o braço e começou a falar, empregando toda a sua artilosa eloquência.

Voltou a contar os acontecimentos do ataque à ilha em Glenn, a morte dos seus companheiros e a fuga dos seus maiores inimigos. Depois, descreveu o monte para onde levara os prisioneiros que lhe tinham caído nas mãos. Das suas intenções para com as duas jovens e da sua premeditação frustrada nada disse, passando rapidamente para a surpresa do seu ataque a Carabina Longa e do seu fim fatal. Aqui, fez uma pausa, olhando em redor e afectando respeito pelo morto à mas, na verdade, para observar o efeito da sua narração.

- Estão os ossos dos nossos homens - concluiu ele -, na sepultura dos Hurões? Todos sabem que não. Os seus espíritos foram para o lado onde o Sol se põe, e estão a atravessar as grandes águas, para as felizes terras onde abunda a caça. Mas partiram sem alimentos, sem armas, sem mocassins, nus e pobres como nasceram. É justo que assim seja? Irmãos, não devemos esquecer os nossos mortos; um pele-vermelha nunca pode deixar de os lembrar. Ponhamos toda essa carga às costas do moicano e mandemo-lo atrás dos nossos homens. Que este delaware morra! Era notória, especialmente num dos guerreiros, um homem de semblante feroz, a atenção com que acompanhara as palavras do orador. E assim que Magua acabou, levantou-se e soltou um grito demoníaco, rodopiando o machado por cima da cabeça e arremessando-o. Foi como se um raio partisse da sua mão, mas que logo foi interceptado pelo

braço de Magua que se adiantara para lhe desviar o percurso.

- Não! - disse Magua. - O Sol tem de iluminar a sua vergonha. As mulheres têm de ver a sua carne a tremer, senão a nossa vingança seria uma brincadeira de crianças. Vá, levem-no para onde houver silêncio. Vamos ver se um Delaware pode dormir na véspera da sua morte.

Os homens que estavam encarregados da guarda do prisioneiro, ataram-lhe rapidamente os braços e levaram-no da cabana no meio de um silêncio profundo e ameaçador.

Magua, sacudindo o manto e cruzando-o sobre o peito, deixou também aquele lugar, sem insistir num assunto que poderia vir a ser fatal para aquele que se encontrava a seu lado.

Quando o chefe que pedira ajuda a Duncan acabou de fumar, fez um movimento em direcção à entrada, e Duncan sentiu-se satisfeito, quanto mais não fosse por poder respirar o ar puro de uma fresca noite de Verão.

Em vez de meter por entre as cabanas onde Heyward já andara fazendo as suas buscas infrutíferas, o índio virou para outro lado e dirigiu-se para a base de uma montanha sobranceira à aldeia. O clarão de uma fogueira iluminava-lhes o caminho e aumentava o aspecto selvagem do cenário. A pouca distância de um rochedo escavado, entraram numa clareira que se prepararam para atravessar. Nessa altura, um clarão mais forte reflectiu-se sobre a superfície clara da montanha, destacando um ser escuro e misterioso que lhes saíra inesperadamente ao caminho.

O índio parou, como se hesitasse em prosseguir, o que permitiu ao companheiro juntar-se-lhe.

O enorme vulto negro que a princípio parecia ter parado começou a mover-se de uma maneira incompreensível para Duncan. Outro clarão incidiu sobre aquele corpo e então Duncan percebeu que se tratava de um urso. Embora grunhisse com ar feroz e, por instantes, se lhe vissem os dois olhos faiscar, não dava outros sinais de hostilidade. Por fim, o hurão pareceu seguro de que as intenções de tão singular intruso eram pacíficas porque, depois de o examinar atentamente, prosseguiu o seu caminho.

Duncan, sabendo que por vezes este animal era domesticado pelos índios, seguiu o exemplo do companheiro, julgando que a fera viera em procura de comida. Mas o animal não lhes fez mal. Heyward ia olhando sempre para trás com medo de ser atacado, e a sua inquietação não diminuiu quando percebeu que o animal lhes seguia os passos. Ia para falar quando o índio empurrou a porta feita de casca de árvore e entrou numa caverna aberta na montanha.

Duncan correu atrás dele, e era com satisfação que ia fechar aquela porta quando esta lhe fugiu da mão empurrada pelo animal cujo vulto enorme tapou a entrada. Encontravam-se agora numa galeria comprida e estreita, e voltar para trás sem passar por aquela fera era completamente impossível. Resignando-se à sua situação, avançou o mais chegado que podia ao seu guia. O urso seguia-os rugindo e, por uma ou duas vezes, lhes bateu com as suas grandes patas, como se quisesse evitar que eles penetrassem mais profundamente naquela caverna. Ao fundo, via-se uma luz e, por fim, chegaram ao lugar de onde ela provinha.

Uma grande cavidade da rocha fora adaptada de modo a formar vários compartimentos, separados apenas por uma mistura de pedras, paus e casca de árvores. Em cima, algumas aberturas deixavam entrar a luz do dia; e à noite, fogueiras e archotes substituíam a claridade do Sol. Era para ali que haviam levado a mulher doente, supostamente vítima de um poder sobrenatural. A divisão na qual Duncan e o seu guia entraram fora arranjada para a receber. Este último aproximou-se da cama, que estava rodeada de mulheres, no meio das quais Heyward se admirou de ver seu amigo David. Um único olhar foi o suficiente para o pretenso curandeiro avaliar que estava muito para além dos seus poderes curar a doente.

Gamut, que se preparava para pôr toda a sua alma num cântico quando os visitantes entravam, depois de esperar alguns momentos, arrancou uma nota do seu instrumento musical e começou um hino que teria feito milagres se a fé na sua eficácia servisse para alguma coisa. Ainda os últimos compassos vibravam nos ouvidos de Duncan, quando este foi acometido de um sobressalto ao ouvi-los repetidos, atrás de si, por uma voz meio-humana meio-sepulcral. Olhando em volta, avistou o monstro sentado a um canto, na parte mais escura da caverna, balançando o corpo e repetindo, em grunhidos, qualquer coisa semelhante à melodia do cantor.

O efeito de tal eco sobre David seria mais fácil de imaginar do que de descrever. Arregalou os olhos, como se duvidasse do que ouvia, e, de espanto, a voz sumiu-se-lhe na garganta. O plano que idealizara destinado a comunicar uma importante informação a Heyward, apagou-se-lhe da memória, devido a uma emoção, muito semelhante ao medo, mas que ele, de bom grado, acreditaria ser de admiração. Sob essa influência, exclamou em voz alta:

- Ela está à sua espera, aqui perto! - e saiu precipitadamente da caverna.

XXV

Havia tanto de ridículo como de solene naquela cena. O animal continuava balançando, incansável, embora o seu esforço absurdo para imitar a melodia de David tivesse cessado logo que este se calara. As palavras de Gamut haviam sido ditas na sua língua, e para Duncan pareciam cheias de qualquer significado oculto, embora nada ali o pudesse ajudar a descobrir o que elas queriam dizer. Contudo, rapidamente as suas conjecturas chegaram ao fim quando o chefe avançou para a cama da doente e mandou embora todas as mulheres que, curiosas, desejavam observar a habilidade daquele desconhecido. E quando ouviu o bater da porta, ao fundo da galeria, apontou para a rapariga inanimada e disse:

- Agora, o meu irmão que mostre o seu poder.

Ao ouvir aquele apelo para que exercesse as funções da sua suposta profissão, Heyward ficou apreensivo pois a mais pequena demora poderia tornar-se perigosa. Esforçando-se por ordenar as ideias, preparou-se para começar uma espécie de bruxedo, uma série de estranhos ritos sob os quais os feiticeiros índios costumam esconder a sua ignorância e as suas incapacidades. Era mais que provável, tal era o estado dos seus pensamentos, ir cair em qualquer erro que o tornaria suspeito se as suas tentativas incipientes não tivessem sido interrompidas por um grunhido feroz do quadrúpede. Três vezes renovou os esforços para começar, e três vezes se defrontou com a mesma oposição, sendo cada uma das interrupções mais selvagem e ameaçadora que a precedente.

- Ele está com ciúmes - disse o Hurão. - Eu vou-me embora. Meu irmão, a mulher é casada com um dos meus mais valentes guerreiros; trata-a devidamente. Paz - acrescentou ele, recomendando ao animal que ficasse sossegado. - Vou-me embora.

Sem perder tempo o chefe saiu, deixando Duncan naquela desolada habitação, só com a doente e a perigosa fera. Esta ficou atenta aos movimentos do índio, com o ar sagaz próprio de um urso, até perceber que ele deixara a caverna; e então, bamboleando-se, aproximou-se de Duncan, em frente do qual se sentou, como se fosse um homem. O rapaz olhava em volta, aflito, procurando uma arma, com que se pudesse defender de qualquer ataque.

No entanto, parecia que o humor do animal mudara repentinamente. Em vez de continuar os seus grunhidos de descontentamento, todo o seu corpo estremecia violentamente como que agitado por qualquer convulsão interna. Enquanto Heyward o fitava com extrema atenção, a cabeça horrenda descaiu para a banda e, em seu lugar, surgiu o rosto enérgico do batedor, com um ar de gozo e alegria.

- Psiu! - disse ele, interrompendo a exclamação de surpresa de Heyward. - Os velhacos andam perto, e qualquer som que não seja o de feitiçaria fará com que todos entrem por aí dentro! - Conte-me lá o que quer dizer toda esta mascarada, e por que razão se meteu nesta aventura arriscada?

- Como uma história deve sempre começar pelo princípio, vou-lhe contar tudo por ordem. Depois de nos separarmos, pus o comandante e Sagamore numa cabana dos castores, onde estão mais resguardados dos Hurões do que no Forte Edward, pois os índios do Noroeste continuam a venerar os castores. Depois disso, Uncas e eu dirigimo-nos para o outro

acampamento, como se combinara. Viu por aí o rapaz?

- Com grande desgosto meu, está preso e foi condenado a morrer ao nascer do Sol.

- Tive o pressentimento de que seria esse o seu destino -olveu o batedor, com voz triste. - A sua má sorte foi a verdadeira razão que me trouxe aqui, pois não iria abandonar aquele rapaz aos Hurões! Seria excelente para estes guerreiros se conseguissem amarrar o Veado Ligeiro e o Carabina Comprida ao mesmo poste!

- Continue a sua história - atalhou Heyward, impaciente. - A todo o momento podem entrar os Hurões.

- Bom, Uncas e eu encontrámo-nos com uns desses velhacos que regressavam à aldeia. O rapaz é atrevido demais para batedor, mas não o podemos criticar por ser tão temerário. E, no fim de contas, um dos Hurões provou ser um cobarde e, ao fugir, levou-o a cair numa emboscada.

- E pagou cara essa fraqueza! - exclamou Duncan.

O batedor assentiu, enquanto dizia:

- Compreendo o que quer dizer. - E continuou:

- Ao perder de vista o rapaz, voltei-me para os Hurões - como deve calcular. Por isso, depois de dar um tiro àqueles diabos, cheguei aqui perto das cabanas. Então o que foi uma sorte para mim, encontrei-me mesmo no sítio onde o mais famoso dos feiticeiros da tribo se estava a vestir, para travar uma batalha com Satanás. Mas porque hei-de chamar sorte ao que agora me parece uma determinação da Divina Providência? Por isso, uma oportuna pancada na cabeça do impostor deixou-o estirado no chão por uns tempos, e eu vesti a pele de urso por causa das operações que se iriam seguir.

- E representou admiravelmente bem o seu papel.

- Eu não saberia nada, se ao fim de tantos anos de andar nestas terras selvagens, não soubesse imitar os movimentos e os modos de tal animal! Mas o nosso trabalho ainda está todo por fazer. Onde está a menina?

- Só Deus sabe! Examinei todas as cabanas da aldeia sem descobrir o mais leve rasto da sua presença.

- Mas ouviu o que disse o cantor: “Ela está à sua espera aqui perto!”

- Eu julguei que ele aludia a esta infeliz mulher.

- Aquele simplório estava assustado e agiu desastradamente. Mas queria dizer qualquer coisa. Há aqui muitas paredes e muitas divisões. Um urso sabe trepar, e eu vou olhar por cima de todas elas. Pode ser que haja algum pote de mel escondido, e eu sou um animal que gosta muito de coisas doces. Ainda a rir, o batedor trepou à divisória, imitando os movimentos desajeitados de um urso; mas ao chegar ao topo, fez sinal para não se fazer barulho e deixou-se escorregar com a maior precipitação.

- Ela está ali - murmurou -, e se for por aquela porta, encontrá-la-á. Ter-lhe-ia dado uma palavra de conforto, se não fosse o medo de a assustar por causa do meu aspecto. Embora quanto a essa matéria, o major, com as suas pinturas, não esteja mais atraente.

Duncan, que já se preparava para sair, voltou para trás desanimado ao ouvir tais palavras.

- Estou assim tão repugnante? - perguntou ele, pesaroso.

- Já houve tempos em que o vi com melhor aspecto - volveu o batedor. - A sua cara toda às riscas pode agradar a uma mulher índia, mas uma senhora de pele branca deve preferir alguém da sua própria cor. Olhe - disse ele, apontando para um ponto da rocha por onde a água

escorria, formando uma fonte cristalina -, ali pode ver-se livre com facilidade das pinturas do Sagamore e, quando voltar, tentarei pintá-lo de novo.

Não eram precisos mais argumentos de Olho-de-Águia para reforçar o seu conselho. Ainda ele falava, já Duncan fazia uso da água. Depois de pronto para a entrevista com a sua amada, deixou apressado o companheiro e desapareceu pela passagem indicada.

Duncan apenas tinha por guia uma luz débil e distante mas que para ele era como a Estrela Polar. Mas a sua ajuda era insuficiente para penetrar na enseada das suas esperanças, que era apenas outra divisão da caverna, que fora a única apropriada para um tão importante prisioneiro como a filha do comandante do William Henry, pois estava profusamente juncada pelos despojos da malfadada fortaleza. No meio de toda aquela confusão, encontrou Alice, pálida, inquieta e aterrorizada. David preparara-a para aquela visita.

- Duncan! - exclamou ela, com voz trêmula.

- Alice! - respondeu ele, saltando por cima das malas, das caixas, das armas e dos móveis, até se encontrar a seu lado.

- Eu sabia, Duncan, que nunca me iria abandonar - disse ela, olhando-o com um sorriso de prazer.

Duncan observando que ela tremia de tal modo que mal se podia ter de pé, fê-la sentar enquanto lhe contava todos os incidentes que se haviam passado.

- E agora, Alice - acrescentou -, é preciso que saiba o que ainda esperamos de si. Com a ajuda do nosso inestimável amigo, o batedor, havemos de conseguir fugir destes selvagens, mas precisamos que seja forte.

- E a Cora, Duncan? Com certeza que não se esqueceram dela. - Não, não a esquecemos. O seu pai não faz diferença entre as duas filhas. Mas eu... a Alice não ficará ofendida se eu lhe disser que, para mim, Cora é menos importante...

- Então, não conhece as virtudes de minha irmã - disse Alice. - Ela fala de si como um dos seus maiores amigos!

- Acredito - retorquiu Duncan, apressadamente. - Mas consigo, Alice, eu tenho licença de seu pai para aspirar a um laço mais íntimo e mais querido.

A rapariga tremia violentamente e, por momentos, voltou a cara, comovida.

- Heyward - disse ela depois olhando-o nos olhos -, dê-me primeiro a sagrada presença de meu pai antes de eu insistir mais nesse assunto.

O rapaz ia responder quando sentiu uma pancadinha num ombro. Voltando-se, deu de caras com o rosto malévolos de Magua. O riso gutural do selvagem soou a Duncan como o escárnio infernal de um demônio. Se houvesse cedido ao seu primeiro impulso, ter-se-ia atirado ao hurão e envolvido em luta de morte. Mas sem armas de espécie alguma não sabendo que auxílios teria o seu astuto inimigo, e empenhado como estava na salvação daquela que mais amava abandonou tão violentas intenções.

O índio, triunfante, voltara a assumir o seu ar severo, embora recuasse prudentemente ante o olhar ameaçador do rapaz. Fitou por instantes os dois prisioneiros com firmeza e depois, afastando-se para um lado, atirou um tronco de madeira contra uma porta diferente daquela por onde Duncan entrara. As suas primeiras medidas eram evidentemente evitar que o novo prisioneiro fugisse. E nem se dignou lançar um olhar às figuras imóveis que se encontravam no centro da caverna até ter cortado todas as esperanças de retirada pela passagem de que ele se servira.

Quando conseguiu o seu objectivo, aproximou-se dos prisioneiros e disse em inglês:

- Os rostos-pálidos armam laços aos castores; mas os peles-vermelhas sabem como apanhar os Ingleses.

Enquanto falava, voltou-lhes as costas e preparava-se para sair por onde Duncan entrara

quando um grunhido ameaçador lhe chegou aos ouvidos e o fez hesitar. Então o vulto de um urso surgiu à porta, onde parou, bamboleando-se. Magua olhou para ele demoradamente, como que para se assegurar do que era aquilo. Estava muito acima das superstições da sua tribo e, assim que reconheceu o disfarce do feiticeiro, preparou-se para passar por ele descansadamente. O falso animal recuou um pouco à sua frente, levantou-se nas patas traseiras e agitou as outras no ar tal qual como um urso verdadeiro.

- Idiota! - exclamou o chefe hurão. - Vai brincar com as crianças e as mulheres; deixa os homens em paz. E mais uma vez tentou passar, nem se dando ao trabalho de puxar pela faca ou pelo tomahawk que lhe pendia do cinto. De súbito, o animal estendeu os braços e envolveu-o num abraço capaz de rivalizar com o de um verdadeiro urso.

Heyward presenciara com profundo interesse todos os movimentos de Olho-de-Águia. Então, pegou numa tira de pele de gamo e, quando viu o inimigo com os braços unidos ao corpo pelos músculos de aço do batedor, correu para ele e atou-lhos eficientemente. Braços, pernas e pés foram rodeados por vinte voltas da correia, em menos tempo do que leva a relatar. Durante toda esta rápida operação, Magua, embora se debatesse violentamente, não soltara a mais pequena palavra. Mas quando Olho-de-Águia, para explicar o seu procedimento, tirou a cabeça peluda do animal e mostrou o seu verdadeiro rosto ao hurão, ele dignou-se proferir uma exclamação de espanto.

- Ah! Já encontraste a língua! - disse o batedor. - Mas agora, para a não usares contra nós, temos de te tapar a boca. Mas por onde entrou este demónio? - continuou ele, assim que acabou o trabalho. - Ninguém passou por mim quando nos separámos.

Duncan apontou para a porta por onde Magua entrara e que agora estava por demais obstruída para permitir uma retirada rápida.

- Traga para aqui a menina - continuou o amigo. - Temos de fugir para a floresta, pela porta do outro lado.

- Isso é impossível! - disse Duncan. - Ela assustou-se e desmaiou.

- Embrulhe-a nestas roupas dos índios. Tape-a bem. Agora, eleve-a nos braços e deixe o resto comigo. Duncan pegou em Alice e seguiu o batedor. Encontraram a mulher tal como a haviam deixado, ainda sozinha, e, passando adiante, chegaram rapidamente à entrada. Quando se aproximaram da porta, um murmúrio de vozes anunciou-lhes que as amigas e parentes da doente se haviam ali juntado, esperando pacientemente que as chamassem para entrar.

A porta abriu-se um pouco como se alguém lá fora tivesse ouvido o que se passava do lado de dentro, o que obrigou o batedor a interromper as suas instruções. Um grunhido feroz afastou toda a gente, e então o batedor empurrou a porta e saiu, representando o seu papel de urso. Duncan seguiu-lhe na pegada e depressa se encontrou no meio de umas vinte pessoas que o fitaram ansiosas.

A multidão recuou e permitiu que o pai e outro homem, que parecia ser o marido da doente, se aproximassem.

- O meu irmão conseguiu afastar o espírito mau? - perguntou o primeiro. - O que leva nos braços?

- A tua filha - respondeu Duncan, com ar grave. - A doença saiu dela e encontra-se fechada na caverna. Levo esta mulher para longe onde eu lhe darei uma coisa para a fortalecer contra os ataques. Quando o Sol nascer, ela estará na wigwam do marido.

Quando o pai traduziu o significado daquelas palavras, um murmúrio abafado anunciou a satisfação com que a notícia fora recebida. O próprio chefe fez sinal a Duncan para continuar o caminho, dizendo: - Vai... Eu sou um homem e vou entrar na caverna para combater o espírito mau! Heyward já se afastava quando estas palavras assustadoras o fizeram parar.

- O meu irmão está louco! - exclamou. - Ele é cruel e entrará em ti ou então perseguirá a tua filha. Não. Se o espírito aparecer, bate-lhe com um cacete. Este aviso singular teve o efeito desejado. Em vez de entrarem na caverna, o pai e o marido pegaram nos tomahawks e tomaram posição para tirarem desforra do atormentador imaginário da doente, enquanto as mulheres e as crianças pegavam em ramos ou em pedras com igual intenção. Aproveitando esse momento, os falsos feiticeiros desapareceram.

Alice, ao contacto com o ar livre, recobrou os sentidos.

- Deixem-me agora seguir pelo meu pé - disse, ao chegarem à floresta. - Já me sinto bem.

- Não, Alice, está ainda muito fraca.

A jovem debateu-se nos braços de Heyward para se libertar, e, embora relutante, ele foi obrigado a largá-la. Quando se encontraram a uma desejável distância da aldeia, o batedor parou e começou a falar sobre um assunto de que era profundo conhecedor:

- Este caminho vai levá-los ao riacho - disse. - Sigam pela margem norte até chegarem a uma queda-d'água. Subam a colina à direita e verão as fogueiras de outra tribo. Vão ter com essa gente e peçam-lhes proteção. Se eles forem Delawarees verdadeiros, estão salvos. Vão, e que a Divina Providência os acompanhe!

- E o senhor? - perguntou Heyward, surpreendido. - Não nos vai deixar agora!

- Os Hurões têm o orgulho dos Delawarees; o último e o mais nobre dos moicanos está em seu poder! - retorquiu o batedor. - Vou ver o que posso fazer para o ajudar. Mas se o jovem Sagamore for levado ao poste das torturas, os índios hão-de ver que um homem branco também sabe morrer.

E o batedor voltou para trás em direcção à aldeia. Depois de terem ficado parados até o perderem de vista, Heyward e Alice retomaram o caminho para a distante aldeia dos Delawarees.

XXVI

Não obstante a sua firme determinação, Olho-de-Águia conhecia muito bem todas as dificuldades e perigos a que se ia expor. À medida que se aproximava da aldeia, os seus passos tornavam-se mais cautelosos e a sua vigilância não abrandava, embora não avistasse qualquer sinal quer amigável quer hostil. Uma cabana meio desmantelada ficava um pouco afastada das outras e parecia ter sido abandonada ainda por acabar, provavelmente por falta de qualquer material importante. Contudo, uma luz muito fraca brilhava através das fendas, o que indicava que, embora por acabar, era habitada.

Imitando os movimentos do animal que encarnava, Olho-de-Águia arrastou-se até uma das aberturas, de modo a ver o que se passava no seu interior, e descobriu que era aí que habitava David Gamut. No preciso momento em que o batedor o avistou, era ele próprio o objecto das profundas reflexões daquele ser solitário que, embora acreditasse nos milagres dos tempos passados, se sentia descrente em matéria de ursos cantores.

Dando, primeiro, a volta à cabana para se assegurar que por ali não havia ninguém, aventurou-se a entrar pela porta e encontrou-se em presença de Gamut.

- Monstro escuro e misterioso! - exclamou este, enquanto que, com as mãos a tremer, punha os

óculos e procurava o livro dos salmos, a que recorria sempre que se via em apuros. - Não sei o que és nem as tuas intenções. Mas se tens na ideia fazer qualquer coisa contra um dos mais humildes servos do templo, ouve a linguagem inspirada de um jovem de Israel e arrepende-te.

O urso bamboleou-se, inexplicavelmente emocionado, e então ouviu-se uma voz bem conhecida:

- Larga o instrumento musical e ensina a modéstia à tua garganta. Cinco palavras em inglês têm agora mais utilidade do que uma hora de cantoria.

- Quem és tu? - perguntou David, quase sem poder respirar tal era o espanto.

- Um homem como tu e que tem tanto de urso como a tua pessoa.

- Como , que isso pode ser? - voltou David, já respirando melhor, pois começava a perceber de quem se tratava.

- Vá lá - disse Olho-de-Águia, descobrindo o rosto -, assim já pode ver a pele que, se não é tão branca como a das meninas, não é também tão pintalgada como a dos peles-vermelhas. Agora, falemos a sério.

- Primeiro, diga-me o que aconteceu à menina e a Duncan que foi tão corajoso em vir procurá-la.

- Estão livres dos tomahawks destes patifes! Mas poderá o senhor pôr-me na pista de Uncas?

- O rapaz está preso e temo que o condenem à morte.

- Pode levar-me aonde ele está?

- Não é difícil - respondeu David, embora hesitante. - Mas receio que a sua presença vá agravar a situação.

- Não diga mais nada e leve-me lá - retorquiu Olho-de-Águia, ocultando de novo o rosto e saindo da cabana.

Durante o caminho o batedor certificou-se de que o companheiro podia visitar Uncas devido a um privilégio concedido por causa da sua imaginária enfermidade e também por concessão de

um dos guardas que, por saber um pouco de inglês, fora escolhido por David com objectivo de uma conversão religiosa.

A cabana onde Uncas fora encerrado encontrava-se mesmo no centro da aldeia, e situada de modo a dificultar uma aproximação ou uma saída sem se ser visto. Fiado no seu disfarce e no seu talento para manter o papel que tinha assumido, Olho-de-Águia tomou o caminho mais directo para lá. A hora, contudo, proporcionava-lhe uma certa protecção, mas a que ele parecia não ligar importância. As crianças já estavam a dormir, e as mulheres e a maior parte dos guerreiros já se haviam retirado para as suas cabanas. Só quatro ou cinco destes homens ainda se encontravam à porta da prisão de Uncas.

Ao verem Gamut, acompanhado por alguém vestido com a bem conhecida máscara do feiticeiro, prontamente abriram passagem para eles. Por outro lado, era evidente que estavam dispostos a demorarem-se por ali, interessados manifestamente em alguma facécia misteriosa que poderia ser esperada de tal visita. Devido à total incapacidade de o batedor se poder dirigir aos Hurões na sua língua, foi obrigado a deixar toda a conversa a cargo de David, que pôs em prática as instruções que recebera anteriormente.

- Os Delawares são mulheres! - exclamou ele, dirigindo-se a um dos selvagens que percebia um pouco a língua em que falava. - Quer o meu irmão ouvir o Veado Ligeiro a chorar em frente dos Hurões no poste das torturas?

A exclamação de assentimento proferida em voz forte pelo selvagem exprimiu a sua satisfação por ir assistir a tal prova de fraqueza por parte de um inimigo tão odiado e tão temido.

- Então, afasta-te para o homem dos feitiços mostrar os seus poderes e soprar sobre esse cão!
Diz isto aos meus irmãos.

O hurão explicou aos outros o que dissera David e estes, por seu turno, ouviram aquele propósito com uma satisfação que só um selvagem poderia sentir por tal crueldade. Afastaram-se então da entrada e fizeram sinal ao pretense feiticeiro para entrar. Mas o urso em vez de obedecer, sentou-se e começou a grunhir.

- O homem dos feitiços tem medo que o seu sopro caia sobre os seus irmãos e que também lhes tire a coragem - continuou David, seguindo as instruções recebidas. - Têm de ficar mais longe.

Os Hurões, que temiam tal desgraça como a pior das calamidades que os poderia atingir, recuaram como um só, mantendo-se a distância, mas, ao mesmo tempo, de modo a não perderem de vista a entrada da cabana. Então, como se ficasse satisfeito por eles se encontrarem a salvo, o batedor levantou-se e entrou.

Tudo se encontrava silencioso e escuro, pois só lá se achava o prisioneiro, apenas alumado pelas cinzas incandescentes de uma fogueira quase extinta. O batedor, que deixara David junto à porta para se certificar que não eram observados, preferiu conservar o seu disfarce até se assegurar de que estavam sozinhos. Assim que David deu o sinal combinado ouviu-se dentro da cabana um som sibilante, em vez dos grunhidos do urso.

Uncas, que se encostara à parede, com os olhos fechados, como se pretendesse não ver o que

o rodeava, ao ouvir o silvo da serpente, levantou-se e olhou para todos os lados, inquiridor, até que deu de caras com o monstro que fitou insistentemente, como sob o poder de um encanto. Ainda outra vez se ouviu o mesmo som, que era evidente provir da boca do animal. De novo os olhos do rapaz erraram pelo interior da cabana e voltaram ao mesmo ponto, enquanto soltava uma exclamação por ter reconhecido o batedor.

- Corte-lhe as correias - disse Olho-de-Águia a David, que se aproximava.

Este obedeceu e Uncas foi libertado. No mesmo instante, a pele do urso abriu-se e surgiu lá de dentro a figura do batedor. O moicano pareceu compreender intuitivamente a natureza da tentativa empreendida pelo amigo, mas não manifestou a mais pequena surpresa. Depois de se ter despojado do seu disfarce, Olho-de-Águia puxou de uma faca e entregou-a a Uncas.

- Os Hurões estão ali fora - disse ele -, temos de estar preparados.

Ao mesmo tempo, levou a mão a outra arma igual, fruto das suas proezas junto dos inimigos, naquela tarde.

- Vamos, então! - disse Uncas.

- Para onde?

- Para os Tartarugas. Eles são descendentes dos meus antepassados.

- Ai, rapaz - disse o batedor -, o que havemos de fazer com os Mingos à porta? Eles são seis, e este cantor não serve para nada.

- Os Hurões são fanfarrões - disse Uncas, com desdém -, mas correm tanto como caracóis. E os Delawares são descendentes da tartaruga e correm mais que o veado.

- É verdade o que dizes, rapaz. Mas o poder de um branco reside mais nas suas armas do que nas suas pernas. Quanto a mim, posso fazer saltar os miolos de um hurão melhor que muitos outros, mas quanto a corridas, os patifes passam-me à frente.

Uncas, que já se aproximara da porta, pronto a sair, recuou e voltou para o seu lugar ao fundo da cabana.

- Então - disse o batedor, olhando-o com surpresa -, porque paraste?

- Uncas fica - foi a resposta calma.

- Para quê?

- Para combater com o irmão do seu pai e morrer com o amigo dos Delawares.

- Ah, rapaz! - exclamou Olho-de-Águia, apertando a mão de Uncas. - Procederias como um mingo e não como um moicano se me abandonasses. Mas na guerra o que não pode ser feito só com a coragem deve ser feito por meio de um stratagem. Veste esta pele... Estou convencido de que és tão capaz de fazer de urso quanto eu. E agora, amigo - continuou ele, dirigindo-se a David -, se mudar de roupa será muito bom para si. Vista a minha camisa de caça e o meu gorro e dê-me a sua manta e o seu chapéu. Confie-me o seu livro e os seus óculos, assim como o seu instrumento. Se vierem melhores dias e nos voltarmos a encontrar, restituir-lhos-ei então com os meus agradecimentos.

David desfez-se daqueles objectos com uma presteza que seria prova de generosidade se não tivesse a certeza de ir beneficiar em vários aspectos com aquela troca. Assim que ficaram prontos, o batedor virou-se para David e deu-lhe algumas indicações.

- É medroso? - perguntou bruscamente. - É que o maior perigo que vai correr será quando os selvagens perceberem que foram ludibriados. Se não lhe derem logo uma pancada na cabeça, o facto de ser considerado meio-louco vai protegê-lo, e então terá boas razões para esperar vir a morrer na sua cama. Se ficar, tem de se sentar aqui na sombra e fazer de conta que é o Uncas, até que os índios descubram que foram enganados. E, como lhe disse, nessa ocasião é

que pode ter algum aborrecimento. Agora, é a sua vez de escolher: quer fugir ou quer ficar aqui?

- É isso mesmo - disse David, com firmeza. - Eu tomarei o lugar do Delaware; ele foi muito generoso e valente ao bater-se por mim, e isto é tudo o que eu posso fazer para lhe ser prestável.

- Falou como um homem. Mantenha a cabeça curvada e encolha as pernas, pois o seu tamanho podia denunciá-lo cedo demais. Conserve-se calado, o mais que puder; e quando se vir obrigado a falar, solte um daqueles seus berros, que servirão para lembrar aos índios que o senhor não é tão responsável quanto deveria ser. Se mesmo assim lhe arrancarem o escalpe, o que eu não acredito que aconteça, Uncas e eu nunca esqueceremos a sua morte e vingá-lo-emos como verdadeiros amigos.

Dizendo isto, o batedor apertou cordialmente a mão de David, e, depois dessa prova de amizade, saiu seguido de Uncas, disfarçado agora de urso.

Logo que Olho-de-Águia se viu observado pelos Hurões, endireitou-se, imitando David, estendeu um braço como se estivesse a bater o compasso e começou a cantar qualquer coisa que ele pretendia que fosse um salmo. Quando se aproximou deles, aquele que falava inglês deteve o falso cantor.

- O cão Delaware está com medo? Os Hurões vão ouvi-lo gemer? - perguntou ele, inclinándose para a frente e tentando ver a expressão do outro.

Um grunhido, extremamente feroz e natural, soltado pelo urso, fez com que o índio desse um passo atrás, sobressaltado. Todo o grupo recuou como um só, e deixou que o feiticeiro e o seu inspirado assistente continuassem o caminho.

Depois de deixarem a aldeia, já eles se encontravam ao abrigo da floresta quando um enorme grito saiu da cabana onde Uncas estivera preso. O moicano pôs-se em pé e procurou libertar-se da pele que o cobria como se esta o constrangesse.

- Espera! - disse o batedor, pondo-lhe a mão no ombro. - Deixa-os gritar outra vez! Este grito foi só de espanto!

Mas não era ocasião para demoras, pois logo a seguir uma explosão de gritos encheu o ar e percorreu toda a aldeia. Uncas tirou a pele e surgiu com o seu aspecto natural.

- Agora, aqueles diabos que venham atrás de nós! - disse o batedor, tirando duas espingardas debaixo de um arbusto e entregando uma das armas a Uncas. - Pelo menos, dois deles encontrarão a morte.

Então, empunhando as armas, como se se aprontassem para ir à caça, correram e desapareceram na escuridão da floresta.

XXVII

A impaciência dos selvagens em volta da prisão de Uncas, como se viu, havia suplantado o temor do sopro do feiticeiro. Aproximaram-se cautelosamente e ansiosos de uma greta por onde se podia entrever a luz fraca da fogueira quase apagada. Por instantes, tomaram o vulto de David pelo do prisioneiro; mas aquilo que Olho-de-Águia previra, aconteceu. Cansado de ter as pernas encolhidas, o cantor, a pouco e pouco, foi-as estendendo, até que os seus enormes pés acabaram por se aproximar e empurrar as brasas da fogueira. A princípio, os Hurões acreditaram que o delaware havia sido deformado pela feitiçaria; mas quando David, sem saber que era observado, voltou a cara e deixou ver a sua expressão simplória, em lugar das feições duras e altivas do prisioneiro, isso excedeu a credulidade até mesmo do nativo mais ingênuo. Correram para dentro da cabana, e, agarrando sem cerimônias o prisioneiro, perceberam de imediato a impostura. Então soltaram o primeiro berro ouvido pelos fugitivos. Contudo, David, firme na sua determinação em cobrir a retirada dos amigos, estava agora acreditando que a sua hora final havia chegado. Desprovido do seu livro e do seu instrumento, resignou-se a confiar na memória, que raramente lhe falhava naquele ponto e, irrompendo num cântico, em voz alta e veemente, esforçou-se por tornar mais fácil a sua passagem para o outro mundo, ao cantar as estrofes de uma antífona fúnebre. Os índios, lembrando-se a tempo da sua enfermidade, correram para fora e alertaram toda a aldeia como já atrás se disse.

Ainda mal se tinha ouvido o primeiro alarme, já duzentos homens estavam de pé e prontos para a batalha ou a caçada, como cada qual reclamava.

Logo que souberam da fuga, toda a tribo se reuniu em torno da cabana do conselho, esperando

impaciente as ordens dos chefes. Num tão súbito pedido de justiça, a presença do astuto Magua era imprescindível, e mandaram mensageiros solicitando a sua comparência.

Dali a poucos minutos, os mais velhos e os mais importantes dos chefes encontravam-se reunidos na cabana. Logo a seguir, o clamor de várias vozes anunciava a aproximação de um grupo que poderia trazer informações que explicassem todo o mistério. A multidão cá fora abriu caminho e alguns guerreiros entraram, trazendo com eles o desgraçado feiticeiro que fora agredido pelo batedor. Ainda que este homem não gozasse da mesma estima de todos os Hurões, pois uns acreditavam absolutamente no seu poder e outros consideravam-no um impostor, foi ouvido por todos com a máxima atenção. Quando a sua história acabou, o pai da mulher doente avançou e em poucas frases, mas expressivas, relatou, por sua vez, o que sabia.

Em vez de correrem desordenadamente direitos à caverna, dez dos homens mais prudentes e resolutos de entre os chefes foram escolhidos para continuarem as investigações. Ao chegarem à entrada, os mais novos que iam à frente deixaram passar primeiro os mais velhos, e todos eles entraram pela galeria escura, com uma firmeza digna de guerreiros, prontos a sacrificarem-se ao bem público, embora secretamente receosos da natureza do poder com que se iriam confrontar.

Na caverna reinava o silêncio e a escuridão. A mulher encontrava-se tal qual no mesmo lugar e na mesma posição, embora aqueles que ali haviam estado afirmassem terem-na visto levar para a floresta, pelo “médico dos homens brancos”. Como tudo aquilo estava em evidente contradição com o que o pai dissera, todos os olhares se voltaram para ele. Irritado com a acusação silenciosa e preocupado com tão estranha ocorrência, o chefe avançou para a cama e, debruçando-se, lançou um olhar para o rosto dela como que duvidando da realidade. A filha estava morta.

O velho guerreiro desviou os olhos onde se lia tristeza e desapontamento. Depois, recobrando

o domínio de si mesmo, virou-se para os companheiros e disse:

- A mulher do meu rapaz deixou-nos! O Grande Espírito está zangado com os seus filhos.

Esta informação foi recebida no meio de um silêncio solene. Um dos índios mais velhos ia para falar, quando se viu qualquer coisa escura que saía, rebolando, de uma outra divisão. Não sabendo com que seres se iriam defrontar, todos deram um passo atrás e olharam esgaziados até aquilo se aproximar da luz e se erguer, terrível, mostrando as feições desfiguradas, mas ainda ferozes e sombrias, de Magua. A descoberta foi seguida por uma exclamação geral de espanto.

Contudo, assim que compreenderam a verdadeira situação do chefe, várias facas surgiram, prontas a libertarem-lhe os membros e a língua. O hurão levantou-se e sacudiu-se como um leão ao sair do seu covil. Nem uma palavra saiu da sua boca, embora a mão se apoiasse convulsivamente no cabo da faca e olhasse ameaçadoramente para o grupo, como se procurasse alguém em quem exercer a sua vingança.

Encontrando apenas as faces daqueles que reconhecia como amigos, o selvagem rangeu os dentes e engoliu a sua fúria, por falta de vítima sobre quem a descarregasse. Esta demonstração de cólera fora observada por todos os presentes. Contudo, logo que ela passou, o chefe mais velho dirigiu-lhe a palavra: - O meu amigo encontrou-se com um inimigo! - disse ele. - Se está perto, os Hurões vão vingá-lo!

- O delaware tem de morrer! - exclamou Magua, com voz de trovão.

Seguiu-se um longo e expressivo silêncio, que foi quebrado, como antes, com as devidas precauções, pelo mesmo chefe.

- O moicano corre muito depressa - disse ele - mas os meus guerreiros estão no seu rasto.

- Ele fugiu? - perguntou Magua, numa voz tão gutural que parecia provir do fundo do peito.

- Um espírito maligno esteve entre nós, e o delaware cegou-nos.

- Um espírito maligno! - repetiu o outro, amargamente. O espírito que tirou a vida a tantos Hurões. O espírito que matou os meus guerreiros no “rio das águas revoltas” e que lhes arrancou os escalpes na “fonte que cura”, e que agora atou os braços ao Raposa Matreira!

- De que está a falar o meu amigo?

- Do cão que tem a coragem e a astúcia de um hurão por debaixo de uma pele branca: o Carabina Comprida.

Este nome tão terrível produziu o efeito habitual entre aqueles que o ouviram. Mas quando depois de reflectirem os guerreiros se lembraram que o seu inimigo tão temido tinha estado no acampamento, as injúrias e a raiva substituíram o espanto, e todo aquele furor que possuía Magua se transferiu, de súbito, para os companheiros.

Magua, após alguns momentos de reflexão, mudou de atitude e assumiu o ar de quem sabe pensar e agir com toda a dignidade.

- Vamos ter com o meu povo - disse ele. - Eles esperam por nós.

Os companheiros concordaram, em silêncio, e todos deixaram a caverna e voltaram para a cabana onde se reuniam em conselho. Depois de se sentarem, todos os olhos se voltaram para Magua, que percebeu estarem à espera que ele relatasse o que se passara. Levantou-se e contou tudo sem duplicidade ou reserva; pondo a claro todo o embuste levado a efeito tanto por Duncan como por Olho-de-Águia. Quando acabou, voltou a tomar o seu lugar, e os homens da tribo olharam uns para os outros, espantados com a audácia e o triunfo dos seus inimigos. A seguir, ponderaram os meios e as ocasiões de se vingarem.

Mais perseguidores foram mandados no rasto dos fugitivos. Várias propostas foram apresentadas pelos guerreiros mais velhos, e a todos Magua ouviu em respeitoso silêncio. Este astuto selvagem recobrou o domínio sobre si mesmo e agora prosseguia em direcção ao seu objectivo com a habitual cautela e habilidade. Foi só depois de cada homem ter manifestado os seus sentimentos que ele se preparou para expor as suas próprias opiniões. Alguns dos mensageiros haviam regressado com a notícia de que os inimigos estavam já muito

longe, o que não deixava dúvidas de que tinham procurado refúgio no acampamento dos Delawares, seus presumíveis aliados.

Nessa altura, Magua, pondo de parte todas as sugestões que lhe haviam sido feitas, assumiu o ar grave e autoritário necessário para manter a dignidade do seu cargo. Foram enviados outros mensageiros em várias direcções, e mandados espiões para vigiar o acampamento dos Delawares. Os guerreiros foram mandados para casa, com o aviso de que os seus serviços seriam solicitados logo que necessários.

Depois destas várias ordens terem sido dadas, Magua atravessou a aldeia e retirou-se para a sua cabana.

Contudo, muito antes da manhã romper, já todos os guerreiros, um a um, haviam entrado na cabana de Magua, até se terem reunido uns vinte. Cada um trazia a sua espingarda e todo o equipamento de guerra.

Então Magua levantou-se e deu o sinal de partida. Em vez de tomar o caminho que levava directamente ao acampamento dos Delawares, Magua conduziu os seus homens pelas sinuosidades do regato e junto ao lago artificial dos castores. Quando chegaram à clareira, que fora formada por aqueles sagazes e laboriosos animais, o dia começava a clarear. Uma ou duas vezes, os seus vultos escuros emergiram da água, o que agradou ao hurão, que antes lhes dirigira a palavra.

Mas, mesmo no fim, a cabeça de um grande castor apareceu À entrada da cabana meio

arruinada e que todos julgavam não ser habitada, para logo se retirar precipitadamente.

Assim que os índios se afastaram, e tão silenciosamente que nenhum ser humano vulgar os ouviria, o mesmo castor ousou deitar de novo a cabeça de fora. Se os Hurões tivessem olhado para trás, poderiam ver que o animal observava os seus movimentos com tal interesse e sagacidade que poderia ser tomado por um ser racional. E, na verdade, tão precisos e tão claros eram os movimentos do quadrúpede que até o mais experiente dos observadores se teria enganado até ao momento em que o grupo se embrenhou na floresta e se viu, no animal que saía da toca, o rosto grave e atento de Chingachgook livre da sua máscara de pele.

XXVIII

A tribo, aliás a meia tribo dos Delawares, de que já falámos por várias vezes, e cujo acampamento estava situado temporária mente perto da dos Hurões, podia dispor de um número de guerreiros igual ao destes últimos.

Naquela manhã em que Magua conduziu os seus homens desde a colónia dos castores até à floresta, como atrás se descreveu, o Sol nascente iluminava o acampamento dos Delawares, como se irrompesse subitamente sobre um povo que activamente se entregava às habituais ocupações como se fosse já dia claro. As mulheres corriam de cabana em cabana, algumas preparavam a refeição da manhã, poucas procurando o necessário para o seu conforto habitual, mas parando muitas vezes para trocar alguma palavra rápida e em voz baixa com as amigas. Os guerreiros, em grupos, ociosos, meditando mais do que falando. E, de vez em quando, os olhos de todos eles convergiam simultaneamente para a cabana maior que se encontrava no centro da aldeia, como se esta contivesse o objecto comum a todos os pensamentos. No meio desta cena surgiu um homem no extremo da plataforma rochosa onde se encontrava a aldeia. Não trazia armas, e a pintura do rosto parecia mais disfarçar do que aumentar a severidade das suas feições, austeras e vincadas. Já mais perto dos Delawares, fez um gesto amigável, levantando um braço para o alto e depois deixando-o descair até ao peito, com ar solene. Os habitantes da aldeia responderam à saudação, dando-lhe as boas-vindas, e incitando-o a que se aproximasse com iguais sinais de amizade. Encorajado por tais manifestações dirigiu-se com ar digno para o centro da aldeia. Enquanto se aproximava, nada mais se ouvia do que o chocalhar dos adornos de prata que lhe ornamentavam o braço e o pescoço, e o tilintar dos guisos que debruavam os seus mocassins de pele de veado. Quando chegou junto do grupo onde se encontravam os principais chefes, parou, e então os Delawares reconheceram o vulto aprumado do chefe hurão: o Raposa Matreira.

A recepção que lhe fizeram foi grave, silenciosa e circunspecta. Os guerreiros que se encontravam mais à frente recuaram e deixaram passar aquele dos seus oradores que falava todas as línguas usadas pelos aborígenes do Norte. - Seja bem-vindo o prudente hurão - disse o delaware, no dialecto dos Macuas. - Vem comer com os seus irmãos dos lagos? - Vem - repetiu Magua, inclinando a cabeça com a dignidade de um príncipe oriental.

O chefe estendeu um braço e convidou o recém-chegado para a sua própria cabana e para compartilhar a sua refeição matutina. O convite foi aceite, e os dois guerreiros, seguidos por três ou quatro dos homens mais velhos afastaram-se calmamente, deixando para trás o resto da tribo desejosa de saber a razão de tão extraordinária visita.

Durante a curta e frugal refeição que se seguiu, a conversa foi extremamente cautelosa e versou inteiramente sobre os acontecimentos da caçada, na qual Magua andava empenhado ultimamente. Quando o apetite se satisfez, as mulheres levaram as cabaças e as escudelas, e os dois começaram a preparar-se para pôr à prova, subtilmente, a sua sagacidade.

- O rosto do meu Grande Pai do Canadá voltou-se de novo para os seus filhos Hurões? - perguntou o orador dos Delawares.

- E alguma vez ele agiu de outro modo? - retorquiu Magua. - Ele chama ao meu povo “o mais amado”.

O delaware apoiou gravemente com a cabeça aquilo que sabia ser falso, e continuou:

- Os tomahawks dos seus rapazes estiveram muito vermelhos!

- É verdade. Mas agora estão brilhantes e inertes porque os ingleses estão mortos e os delawares são nossos vizinhos!

O outro agradeceu o cumprimento com um gesto expressivo da mão e ficou silencioso. Então, Magua como se se lembrasse de qualquer coisa, por causa da alusão feita ao massacre, perguntou:

- A minha prisioneira dá muito trabalho aos meus irmãos?

- Com muito gosto a temos cá - O caminho entre os Hurões e os Delawares é curto e está desimpedido. Se ela der muito trabalho ao meu irmão, mande-a para junto das mulheres da minha tribo.

- Com muito gosto a temos cá - voltou o chefe dos Delawares, ainda mais energicamente.

O traiçoeiro Magua permaneceu alguns minutos em silêncio, com ar aparentemente indiferente à recusa que recebera como resposta ao seu esforço por se apoderar novamente de Cora.

Passado pouco, acrescentou:

- Não têm visto mocassins estranhos na floresta? Não têm os meus irmãos encontrado pegadas de homens brancos? Não viu o meu irmão espiões na floresta?

O delaware, cujo nome em inglês significava “Coração Duro”, dignou-se então a responder mais directamente:

- Tem havido mocassins estranhos no meu acampamento. E entraram nas minhas cabanas.

- E o meu irmão expulsou esses cães? - perguntou Magua.

- Não. Os estrangeiros são sempre bem-vindos ao povo de Lenape.

- Os estrangeiros, mas não os espiões!

- Os Ingleses costumam mandar as mulheres como espiãs? Não disse o chefe hurão que se apoderou de mulheres durante a batalha?

- E não disse mentira. Os Ingleses mandaram os seus batedores e eles estiveram nas minhas cabanas, mas lá não encontraram ninguém que lhes desse as boas-vindas. Então fugiram para os Delawares... porque, disseram, os Delawares são seus amigos; o seu pensamento afastou-se do Pai do Canadá! O afastamento desta tribo, que se havia dado pouco tempo antes, tinha, como eles muito bem sabiam, levado a que os Delawares fossem censurados pelos seus aliados franceses, e agora faziam-lhes sentir que as suas futuras acções seriam olhadas com desconfiança. Não era preciso grande discernimento para prever que tal situação lhes viria a ser prejudicial. As suas aldeias, os terrenos de caça, e centenas das suas mulheres e crianças estavam agora dentro das fronteiras do território francês. Portanto, esta insinuação foi recebida, como Magua pretendia, com manifesta contrariedade, senão com preocupação.

- É verdade - disse Coração Duro -, que os meus rapazes não entraram na guerra. Mas eles amam e veneram o grande chefe branco.

- E ele pensará assim, quando souber que o seu maior inimigo come no acampamento dos seus filhos? E quando lhe disserem que os ingleses sanguinários fumam em volta da sua fogueira? O meu Grande Pai do Canadá não é tolo.

- Quem matou os meus guerreiros? E quem é esse inimigo mortal do Grande Pai?

- O Carabina Comprida.

- O que quer dizer o meu irmão? - perguntou Coração Duro, num tom que em muito excedia a habitual indiferença da sua raça.

- Um hurão nunca mente - retorquiu Magua, friamente. - Os Delawares contem os seus prisioneiros e hão-de encontrar um cuja pele não é vermelha nem branca. A isto sucedeu-se um longo silêncio. Então o chefe conferenciou com os seus companheiros, e enviou mensageiros para chamarem alguns dos outros chefes mais importantes da tribo.

À medida que os guerreiros iam entrando iam também sendo inteirados da importante informação que Magua trouxera. A surpresa e a habitual expressão gutural foram iguais em todos eles. As notícias correram de boca em boca, até que todo o acampamento ficou efervescente. As mulheres suspenderam os trabalhos, para não perderem uma só palavra que saía da boca dos guerreiros.

Quando a excitação se acalmou um pouco mais, os anciãos consideraram seriamente no que se deveria fazer para ressaltar a honra e a segurança da sua tribo em circunstâncias tão delicadas e embaraçosas. Enquanto tudo isto se passava Magua permanecera no seu lugar encostado à parede e imóvel, como se tudo aquilo não tivesse nada a ver com ele e lhe não interessasse o resultado. Mas nem uma só das decisões que os outros iriam tomar lhe passou despercebida.

A conferência dos Delawares não foi demorada. E quando acabou, um alvoroço geral anunciou que seria seguida por uma reunião solene e formal de toda a tribo. Como tais reuniões eram raras, e só aconteciam em ocasiões da maior importância, o astuto hurão, que continuava sentado à parte observando os acontecimentos, percebeu que iria conseguir todos

os seus fins.

Então, saiu da cabana e dirigiu-se silenciosamente para o sítio onde os guerreiros se começavam a reunir.

Só meia hora depois é que todos, incluindo as mulheres e as crianças, se encontraram no seu lugar. Nessa altura, o guerreiro idoso que tinha o privilégio de falar, mantinha-se em silêncio, como que oprimido pela importância daquele caso.

Por fim, ouviu-se um sussurro e todos se puseram de pé levados pelo mesmo impulso. Nesse instante, abriu-se a porta da cabana e três homens, saindo dela, aproximaram-se do largo. Eram todos eles já velhos, mas o do centro, que vinha amparado pelos companheiros, teria muitos mais anos do que a raça humana normalmente costuma atingir. O seu corpo, que fora alto e direito como um cedro, estava curvado sob o peso de mais de um século. O seu traje era feito do mais fino cabedal, de modo a se lhe ter podido gravar uns caracteres hieroglíficos, representando vários feitos de armas, praticados em tempos remotos. O peito apresentava-se carregado de medalhas, algumas de prata maciça, e uma ou duas de ouro, dádivas de potentados cristãos durante a sua longa vida. Trazia também argolas deste precioso metal nos tornozelos. A cabeça estava rodeada por uma espécie de diadema de prata, e este, por sua vez, possuía ornamentos cintilantes, no meio de três sedosas plumas de avestruz tintas de preto que formavam contraste com os seus cabelos brancos de neve. O tomahawk era quase todo recoberto de prata, e o cabo da faca reluzia como um chifre de ouro puro.

Assim que os primeiros murmúrios de emoção e prazer, que a súbita aparição deste venerado homem originara, diminuíram um pouco, o nome de Tamenund foi pronunciado por todas as bocas. Magua ouvira muitas vezes falar na fama deste prudente e justo delaware; uma reputação que ia até lhe conferirem o dom raro de estar em secreta comunhão com o Grande Espírito.

O chefe hurão saiu do meio da multidão e foi postar-se num ponto de onde pudesse ver melhor as feições do homem cuja decisão se pensava iria ter uma profunda influência no seu próprio destino. Mas não obstante a posição em que se encontrava, aquele passou Magua sem nele reparar, e, amparando-se aos seus veneráveis ajudantes, prosseguiu o seu caminho até um assento mais elevado onde tomou lugar, no meio da sua tribo, com a dignidade de um monarca e o ar de um pai.

Depois de uma pequena pausa, os chefes principais ergueram-se e, aproximando-se do patriarca, puseram as cabeças nas mãos dele, como que pedindo a sua bênção. Quando estas provas de afeição e respeito terminaram, os chefes voltaram a ocupar os seus lugares, e por todo o acampamento reinou um profundo silêncio.

Pouco depois, alguns dos homens mais novos a quem um dos ajudantes de Tamenund dissera umas palavras, saíram do meio da multidão e entraram naquela mesma cabana que atraíra tanto as atenções, naquela manhã. Poucos minutos depois, reapareciam, escoltando as pessoas que eram causa de tão solene movimentação, até ao ponto onde iria ter lugar o julgamento. A multidão abriu alas, e, quando o grupo passou fechou-se de novo, formando como que uma enorme e densa muralha de corpos humanos em seu redor.

XXIX

Cora vinha à frente dos prisioneiros, enlaçando os seus braços nos de Alice. A seu lado, Heyward, olhando pelas duas, de tal modo que, em momentos de tanta incerteza, não se sabia a qual delas ele mais amava. Olho-de-Águia postara-se um pouco mais atrás, num gesto de deferência para com a condição social dos seus companheiros que nem a situação em que se encontravam o poderia fazer esquecer. Uncas não se achava entre eles. Logo que foi restabelecido o silêncio, depois de uma longa e impressionante pausa, um dos dois chefes mais velhos, que se sentava ao lado do patriarca, levantou-se e perguntou em voz alta, num inglês inteligível:

- Qual dos prisioneiros , o Carabina Comprida?

Nem Duncan nem o batedor responderam. O primeiro, contudo, passou a olhar por toda a assembleia silenciosa e hesitou ao ver o rosto malévolo de Magua. Percebendo imediatamente que aquele selvagem tinha qualquer propósito secreto para os acusar diante da tribo, resolveu lançar mão a tudo o que pudesse impedir a execução dos seus planos sinistros. Sem muito tempo para refletir, decidiu rapidamente encobrir o seu inestimável companheiro, mesmo que isso o fosse prejudicar. Mas antes que tivesse tempo de falar, a pergunta foi repetida em voz mais alta e sonora.

- Deem-nos armas - replicou o oficial com altivez -, e levem-nos para a floresta. Os nossos atos falarão por nós!

- É este o guerreiro de que tanto nos falaram? - perguntou o chefe, olhando para Heyward com interesse. - O que trouxe o homem branco para o acampamento dos Delawares?

- A necessidade. Vim procurar comida, abrigo e amizade.

- Não é verdade. A floresta está cheia de caça. A cabeça de um guerreiro não precisa de outro abrigo além do céu sem nuvens, e os Delawares são inimigos e não amigos dos Ingleses. A tua boca falou mas o teu coração não disse nada.

Duncan, desorientado quanto à maneira de proceder, ficou calado; mas o batedor que ouvira atentamente tudo o que se passara avançou e decidiu-se a explicar.

- O facto de eu não responder quando chamaram por Carabina Comprida não foi devido nem à vergonha nem ao medo, pois nenhum deles é próprio de um homem honesto. Mas não dou direito aos Mingos de porem nomes a quem os amigos apreciam pelas suas virtudes e, em especial, porque esse nome é uma mentira, pois eu não uso uma carabina. No entanto, sou eu quem usa o nome de Nathaniel, que vem da minha família, a alcunha elogiosa de Olho-de-Águia posta pelos Delawares, e a quem os Iroqueses se lembraram de chamar, sem minha licença, Carabina Comprida.

Os olhos de todos os presentes, que haviam estado observando Duncan, viraram-se de imediato para a figura do novo pretendente a tão distinto nome. Alguns dos homens mais velhos conferenciaram entre si e, depois, resolveram interrogar Magua sobre esse assunto.

- O meu irmão disse que uma serpente andava a rastejar pelo seu acampamento. Onde está?

O hurão apontou para o batedor mas permaneceu calado. - Um delaware prudente acredita no que diz um lobo. - exclamou Duncan. - Um cão nunca mente, mas quando é que um lobo é conhecido por dizer a verdade?

Os olhos de Magua expeliam fogo.

De novo o delaware se voltou para este:

- O meu irmão foi chamado de “mentiroso”. Os seus amigos ficaram zangados e vão mostrar que ele falou verdade. Deem armas aos prisioneiros e eles irão provar qual é o verdadeiro homem.

Magua fez um gesto de aquiescência, satisfeito porque a verdade do que dissera seria provada pela habilidade do batedor.

As armas foram entregues imediatamente aos oponentes e eles foram intimados a fazer fogo, por cima das cabeças da multidão sentada, para uma vasilha de barro que se encontrava, por acaso sobre um cepo, a cerca de cinquenta metros deles.

Heyward sorriu consigo mesmo, à ideia de uma tal competição com o batedor, embora determinado a manter o engano, até descobrir os intentos de Magua.

Erguendo a arma, com o maior cuidado, atirou. A bala raspou a madeira a poucos milímetros da vasilha, e a exclamação de satisfação que se ouviu provou que o tiro fora considerado uma prova de grande perícia. Até mesmo Olho-de-Águia acenou com a cabeça, como se quisesse dizer que fora melhor do que ele esperara. Mas, por instantes, ficou apoiado à espingarda, entregue aos seus pensamentos, dos quais foi despertado por um dos índios:

- O rosto-pálido é capaz de batê-lo?

- Sou, sim, hurão! - exclamou o batedor, erguendo a espingarda com a mão direita e brandindo-a ameaçadoramente para Magua. - Podia agora desferi-la contra ti e nada na terra o poderia evitar. Podia atravessar-te o coração com uma bala! E porque não? Porque as virtudes dos homens brancos mo proíbem. E se já alguma vez ouviste falar de Deus, agradece-lhe, do mais fundo da tua alma... pois tens razão para isso!

Mas Magua, embora suspeitasse da clemência do seu inimigo, continuava calmo e imperturbável.

- Bate-o! - repetia o delaware.

- Bate o quê? - exclamou Olho-de-Águia, ainda brandindo a espingarda por cima da cabeça. Depois, deixou-a cair pesadamente no braço esquerdo estendido, e a descarga, aparentemente produzida pelo choque, fez voar os fragmentos da vasilha, espalhando-os por todos os lados. Quase no mesmo instante, ouviu-se o estrondo da espingarda caindo por terra. A primeira impressão, perante tão estranha cena, foi de admiração. Depois, enquanto uns abertamente testemunhavam a sua satisfação por tanta destreza, outros inclinavam-se a que o tiro fora resultado de um acidente.

Mas o delaware mais velho voltou a decidir:

- Deem-lhes as armas.

Desta vez, o batedor pegou na arma com ansiedade:

- Agora é que se vai provar quem é o melhor - gritou o batedor. - Está a ver aquela abóbora pendurada na árvore? Se é bom atirador, parta-lhe a casca!

Duncan preparou-se para renovar a façanha. A abóbora era uma daquelas cabaças usadas pelos índios, e que estava suspensa de um ramo de um pinheiro pequeno por uma correia de pele de gamo a uma distância de cerca de cem metros. Atirou. E três ou quatro índios vieram dizer, aos gritos, que a bala entrara na árvore, muito perto do objeto visado. Então o batedor levantou a espingarda do chão. Todos os seus gestos eram firmes e, por momentos, ficou imóvel como pedra. Fez pontaria.

De novo os índios correram, mas voltaram desapontados, anunciando que não se via o mais pequeno sinal da bala. - Loucos! - exclamou Olho-de-Águia, imperturbável pelo que os outros pensavam. - Se quiserem achar uma bala de um bom atirador na floresta devem procurar dentro do objeto e não em volta!

Os índios perceberam imediatamente o que ele queria dizer - pois ele falara no dialeto dos Delawares - e arrancando a cabaça da árvore, levantaram-na, com um grito de triunfo, exibindo um buraco na parte inferior, que fora feito pela bala. Isto decidiu a questão, e confirmou a perigosa reputação de Olho-de-Águia.

Quando toda a excitação se acalmou, o chefe mais idoso recomeçou as suas perguntas:

- Porque é que quiseste enganar os meus ouvidos? - disse ele, dirigindo-se a Duncan. - Serão

os Delawares tão loucos que não sabem distinguir uma pantera de um gato? Irmão - acrescentou ele, virando-se para Magua -, os Delawares escutam-te.

A este apelo direto para expor o assunto o hurão levantou-se e, avançando com dignidade para o meio do círculo onde, enfrentando os prisioneiros, tomou a atitude de que ia falar. Contudo, antes de abrir a boca, os seus olhos passaram pelos rostos daqueles que o rodeavam, a fim de ajustar as suas expressões às capacidades da sua audiência. Sobre Olho-de-Águia lançou um olhar de respeitosa inimizade, sobre Duncan, de inextinguível ódio; nem se dignou reparar na figura trêmula de Alice; mas quando os seus olhos encontraram Cora, firme e enérgica demoraram-se mais um pouco e a sua expressão parecia difícil de definir. Depois começou a falar:

- Se o Grande Espírito deu línguas diferentes aos seus filhos vermelhos, foi para que todos os animais os possam entender. Colocou uns na região das neves, com os seus primos ursos. Outros, para os lados onde o Sol se põe, próximo dos bons terrenos de caça. Ainda outros, nas terras que rodeiam as grandes águas frescas. Mas aos que mais amava deu os areais do lago salgado. Sabem os meus irmãos qual o nome deste povo que foi favorecido?

- Foram os Lenape! - exclamaram vinte vozes a um tempo.

- Foram os Lenni Lenape! - continuou Magua. - Mas porque hei-de ser eu, um hurão a lembrar a tão sagaz povo a sua própria história? Porquê lembrar-lhes os seus males, a sua antiga grandeza, os seus feitos, a sua glória e a sua felicidade? E também as suas privações, as suas derrotas e a sua miséria? Não há ninguém que se lembre de tudo isto? Eu lembro-me. E por isso, calo-me. Quando Magua se calou, todos se voltaram como um só para o venerável Tamenund. Desde que se sentara, o patriarca não abrira a boca nem dera quaisquer sinais de vida, parecendo alheio a tudo. Mas quando o astuto Magua falou da sua nação, as pálpebras ergueram-se-lhe, e ele olhou para a multidão com uma expressão tão vaga que mais parecia

um espectro. Então, fez um esforço para se levantar e, amparado pelos outros dois índios, pôs-se de pé, cambaleando.

- Quem invoca aqui os filhos de Lenape? - disse, numa voz gutural, que era apenas audível devido ao silêncio profundo da multidão. - Quem fala de coisas do passado? Mais vale agradecer a Manitu o que ainda resta.

- Um iroquês - disse Magua, dando um passo em frente. - Um amigo de Tamenund.

- Um amigo! - repetiu o velho. - Serão os Mingos que governam a terra? O que vem fazer um hurão aqui?

- Pedir justiça. Os seus prisioneiros estão com os nossos irmãos, e ele vem pedir o que é dele.

Tamenund olhou para ele atentamente, depois do que disse em voz baixa e de má vontade:

- A justiça é a lei do Grande Manitu. Então, hurão, pega no que é teu e parte.

Depois de pronunciar esta solene sentença, o patriarca sentou-se e voltou a fechar os olhos. Contra tal sentença, nenhum delaware tivera coragem suficiente para se opor. E mal estas palavras foram proferidas, logo quatro ou cinco guerreiros se dirigiram para Heyward e para o batedor e ligaram-lhes os braços. Contudo, talvez o batedor não se tivesse submetido tão passivamente se tivesse compreendido bem a linguagem em que se travara aquele diálogo.

Magua olhou em redor, triunfante, antes de pôr em execução o seu propósito. Reparando que os homens estavam incapacitados de oferecer resistência, voltou-se para aquela que, para ele, tinha maior valor. Cora sustentou o seu olhar com tal firmeza que o fez hesitar. Então, recordando-se do estratagema já antes empregue, agarrou em Alice e, com um gesto, convidou Heyward a segui-lo, e a multidão a abrir passagem. Mas Cora, em vez de obedecer ao seu impulso como ele esperava, correu para junto do patriarca e exclamou:

- Justo e venerável delaware, ao teu poder e sabedoria pedimos clemência! Não dê ouvidos ao que diz aquele monstro cruel que te envenena os ouvidos com falsidades para saciar a sua sede de sangue.

Os olhos do velho abriram-se com dificuldade e, mais uma vez, olhou para a multidão. Depois, desviaram-se para Cora, que fitou com firmeza. Esta ajoelhou-se a seus pés e, de mãos postas e apertadas contra o peito, olhava-o reverentemente. Levantando-se sem ajuda e parecendo que sem esforço, perguntou numa voz que sobressaltou o auditório pela sua segurança:

- Quem és tu?

- Uma mulher. Uma inglesa. Mas que nunca te fez mal e não o fará ao teu povo, e que pede ajuda. - Diz-me, minha filha - continuou o patriarca -, onde acamparam os Delawares.

- Nas montanhas, para lá das nascentes do Horican. - Muitos Verões abrasadores vieram e foram-se embora, desde que eu bebi as águas do meu rio. Os filhos de Miquon são os homens mais justos, mas tinham sede e ficaram com elas. Eles vêm a perseguir-nos de tão longe?

- Nós não perseguimos ninguém, nós não cobizamos nada - respondeu Cora, calorosamente. - Fomos feitas prisioneiras e fomos trazidas para aqui; e só pedimos licença para partirmos livres e em paz. - E, erguendo para ele os seus belos olhos luminosos, continuou:

- Diz-me Tamenund, és pai?

O velho olhou para ela com um sorriso benevolente e respondeu:

- De uma nação.

- Para mim, não peço nada - prosseguiu ela. - Mas além está alguém que nunca conheceu os desfavores do céu. É filha de um homem já velho e enfraquecido e cujos dias se aproximam do fim. Ela tem muita gente que a ama e é boa e preciosa demais para ser vítima daquele malvado.

- Eu sei que os rostos-pálidos são orgulhosos e ambiciosos. Sei que eles pretendem não só as terras mas também que o mais inferior da sua cor é melhor do que o maior chefe dos peles-vermelhas. Mas que não se gabem diante de Manitu, em voz muito alta, pois entraram nesta terra ao nascer do Sol e podem ter de sair ao cair da noite! Já vi muitas vezes os gafanhotos devorarem as folhas das árvores, mas estas voltam sempre a florescer!

- Assim é - disse Cora, suspirando. - Mas porque é que alguém do teu próprio povo ainda não foi trazido à tua presença. Antes de o hurão partir, ouve o que ele tem a dizer. Um dos companheiros de Tamenund disse: - É uma serpente. Um pele-vermelha pago pelos Ingleses. Vamos torturá-lo.

- Que venha aqui. - Então, mais uma vez, Tamenund se afundou no assento; e fez-se silêncio, enquanto os rapazes se preparavam para obedecer à sua ordem.

XXX

Durante alguns minutos, reinou um profundo silêncio. Depois, a multidão abriu passagem e voltou a juntar-se, envolvendo Uncas que permaneceu de pé no meio do círculo. O jovem moicano olhou vagarosamente para todos os lados, enfrentando a hostilidade dos chefes com igual calma e altivez. Mas quando, por fim, o seu olhar pousou em Tamenund demorou-se nele como se de tudo o mais se esquecesse. Então, avançando, silencioso, colocou-se mesmo defronte do assento do patriarca. E assim ficou até que um dos chefes avisou este da sua presença.

- Em que língua fala o prisioneiro com Manitu? - perguntou, sem abrir os olhos.

- Como os seus pais - replicou Uncas. - Na língua dos Delawares.

Ao ouvir tão inesperadas palavras, Tamenund passou a mão pelos olhos, enquanto repetia em voz baixa e gutural, as palavras que ouvira.

- Dos Delawares! Já vivi o bastante para ver tribos dos Lenape expulsas das suas fogueiras de conselho e dizimadas como manadas de veados, nos montes dos iroqueses! Já vi os animais que correm pelas montanhas e os pássaros que voam por cima das árvores a viverem nas cabanas dos homens; mas nunca vi um delaware tão vil que se introduzisse, como uma serpente venenosa, num acampamento da sua nação.

- As aves canoras abriram os bicos - replicou Uncas, na sua voz musical -, e Tamenund ouviu o seu canto. O ancião estremeceu e inclinou a cabeça como se tivesse ouvido os leves sons de uma melodia fugaz.

- Tamenund está a sonhar! - exclamou ele. - Que voz é esta que ele escuta? Os Invernos voltaram para trás! O Verão voltará para os filhos de Lenape!

A estas palavras incoerentes saídas da boca do profeta delaware seguiu-se um solene e respeitoso silêncio. Depois, um dos homens mais velhos, suspeitando que o ancião se esquecera do caso que se estava a tratar, ousou lembrar-lhe a presença do prisioneiro.

- O falso delaware tem medo de ouvir as palavras de Tamenund - disse ele. - É um cão que uiva quando os Ingleses lhe indicam um rasto.

- E aqui - retorquiu Uncas, olhando em volta, severamente -, há cães que ganem quando os Franceses lhes atiram as vísceras dos veados!

- Delaware - prosseguiu o ancião -, não és digno desse nome. O meu povo não vê brilhar o Sol há muitos Invernos, e o guerreiro que deserta da sua tribo, e se esconde nas nuvens, é duas vezes traidor. A lei de Manitu é justa. Ele é vosso, meus filhos. Tratem dele com justiça.

Ninguém se mexera até a última palavra sair da boca de Tamenund. Então explodiu um grito de vingança vinda de toda a tribo, e um dos chefes declarou, em voz alta, que o prisioneiro seria condenado a sofrer a tortura do fogo. No meio de toda aquela provação, só Uncas se conservava sereno. Olhava imperturbável para todos os preparativos, e, quando o vieram buscar, recebeu-os com firmeza e aprumo. Um dos homens, se possível ainda mais selvagem e feroz do que os outros, agarrou na camisa do jovem guerreiro e, com um puxão, arrancou-lha do corpo. Então dando um grito de alegria frenética, saltou direito à sua vítima e preparou-se para a levar para o poste do suplício. Mas, nesse preciso momento, os olhos do Delaware pareceram querer saltar-lhe das órbitas; a boca abriu-se-lhe e ficou petrificado de espanto. Levantando a mão, muito lentamente, apontou para o peito do prisioneiro. Os companheiros comprimiam-se em sua volta, surpresos, e todos os olhos se fixavam intensamente na pequena tartaruga, belamente tatuada a tinta azul, no peito do prisioneiro.

Por momentos, Uncas saboreou o seu triunfo, sorrindo calmamente ao ver toda aquela cena. Depois, afastando a multidão, com um gesto altivo, passou por toda a tribo com o ar de um rei e falou em voz mais alta que o murmúrio de espanto da multidão.

- Homens de Lenni Lenape! - disse. - A minha raça sustenta o mundo! A vossa fraca tribo abriga-se na minha concha! Que fogo que um Delaware acendesse poderia queimar um descendente dos meus antepassados? - acrescentou, apontando orgulhosamente para o emblema gravado na sua pele: - o sangue desta estirpe apagaria as vossas chamas!

- Quem és tu? - perguntou Tamenund, levantando-se, ao ouvir a sua voz.

- Uncas, o filho de Chingachgook - respondeu o prisioneiro.

- O filho do Grande Unamis(1).

(1) Tartaruga. (N. da T.)

- A hora de Tamenund está próxima! - exclamou o ancião. - Finalmente o dia vem depois da noite! Dou graças a Manitu por haver aqui alguém que venha a tomar o meu lugar no conselho em volta da fogueira. Uncas, o filho de Chingachgook apareceu! Que os olhos da águia moribunda contemplem o Sol nascente. O jovem subiu ágil, mas orgulhoso, para a plataforma, onde toda a gente o poderia ver. Tamenund pegou-lhe num braço e examinou cada um dos traços das suas belas feições, com o olhar infatigável de quem recordasse os dias da sua própria felicidade.

- Uncas, a pantera da sua tribo, o filho mais velho dos Lenape, o Sagamore mais prudente dos Moicanos! Diz-me, Delaware, esteve Tamenund a dormir durante cem invernos? O profundo silêncio que se seguiu a estas palavras demonstrava o respeito com que o seu povo recebera a comunicação do patriarca. Ninguém respondeu. Contudo, Uncas, olhando-o de frente, com a veneração e o amor de um filho predileto, aproveitando a sua elevada estatura e reconhecida posição, replicou:

- Quatro guerreiros da sua descendência viveram e morreram, desde que o amigo de Tamenund conduziu o seu povo à batalha. O sangue do Tartaruga correu em muitos chefes que já foram para a terra de onde vieram, excepto Chingachgook e o filho.

- É verdade - disse o ancião. - Muitas vezes ouvi dizer que dois guerreiros desta estirpe estavam nas colinas dos Ingleses. Porque deixaram a fogueira do conselho durante tanto tempo?

- Noutros tempos, nós dormíamos onde podíamos ouvir o lago salgado falar quando se zangava. Nessa altura, éramos nós, os Sagamores, quem governava toda a terra. Mas quando os rostos-pálidos apareceram por todos os riachos, nós recuamos atrás dos veados até ao rio da nossa nação. Os Delawares tiveram de se ir embora! Poucos guerreiros ficaram a beber as águas de que tanto gostavam. Então, os meus antepassados disseram: “Aqui temos que caçar. As águas do rio vão para o lago salgado. Se nós formos para o lado onde o Sol se põe, encontraremos rios que correm para os grandes lagos de água doce, e aí os Moicanos morrerão, como peixes do mar, naquelas águas.” E quando Manitu disser “Vem”, seguiremos o rio até ao mar e tomaremos o que era nosso.” Dizem que esses Delawares são os descendentes do Tartaruga! Os nossos olhos estão postos no Sol nascente e não no sol poente! Nós sabemos de onde ele vem e não sabemos para onde vai. E isso basta.

Os homens de Lenape ouviam estas palavras, com todo o respeito, achando um secreto encanto na linguagem figurada com que o jovem Sagamore traduzia as suas ideias. Uncas observava o efeito da sua explicação e gradualmente ia abandonando o ar de autoridade que assumira, ao compreender que os seus ouvintes estavam satisfeitos. Então, lançando um olhar em volta, sobre a multidão silenciosa que se aglomerava em torno do assento de Tamenund, avistou Olho-de-Águia ainda amarrado. Saltando do sítio onde se encontrava, aproximou-se do amigo e, rápido, cortando as correias com a faca, pegou-lhe na mão e levou-o até junto do patriarca.

- Pai - disse ele -, olhe para este rosto-pálido. É um homem justo e amigo dos Delawares. Um guerreiro conhecido dos Ingleses e temido pelos Macuas.

- Que nome recebeu pelos seus feitos?

- Demos-lhe o nome de Olho-de-Águia - replicou Uncas -, porque a sua vista nunca falha. Os Mingos conhecem-no melhor pela morte que ele espalha sobre os seus guerreiros. Para eles é Carabina Comprida.

- Carabina Comprida! - exclamou Tamenund, abrindo os olhos e fitando o batedor severamente. - O meu filho não faz bem em lhe chamar amigo.

- Eu chamo-lhe o que ele já provou ser - retorquiu o jovem chefe, calmo mas firme. - Se Uncas é bem-vindo entre os Delawares, Olho-de-Águia está entre amigos.

- O rosto-pálido matou os meus rapazes; o seu nome é conhecido pelas desgraças que fez aos Lenape.

- Se um mingo insinuou isso aos Delawares significa que ele é um mentiroso - disse o batedor.
- Que já matei Macuas, não o nego. Mas que, intencionalmente, tenha feito algum mal aos Delawares, a isso opõe-se a minha razão, pois sou amigo deles e de todos os que pertencem a essa nação.

Um murmúrio de aprovação correu pelos guerreiros, que trocaram olhares entre si, como se só naquela ocasião começassem a perceber o seu erro.

- Onde está o hurão? - perguntou Tamenund.

Magua aproximou-se, corajosamente, do patriarca.

- Diz-me, filho do meu irmão - volveu o ancião, virando-se para Uncas -, tem o estrangeiro algum direito de conquista sobre ti?

- Nenhum. A pantera pode cair em armadilhas postas por mulheres, mas é forte e sabe como se safar delas.

- E Carabina Comprida?

- Ri-se dos Mingos. Vai, hurão! Pergunta às tuas mulheres que cor tem um urso!

- E o estrangeiro e a rapariga branca que entraram juntos no meu acampamento?

- Podem viver em paz.

- E a mulher que o hurão deixou com os meus guerreiros?

Uncas não respondeu.

- É minha! - gritou Magua, triunfante. - Moicano, tu sabes que ela é minha - acrescentou, ameaçador, para Uncas.

- O meu filho ficou calado - disse Tamenund, tentando ver a expressão do jovem, que virara a cara, com tristeza.

- É verdade - foi a breve resposta deste, em voz baixa. Seguiu-se um curto e impressionante silêncio, depois do qual o ancião, de quem apenas dependia a decisão, disse com voz firme:

- Vai, hurão!

- Tal como veio, Tamenund? - perguntou o astuto magua. - Ou levando a prova da boa-fé dos Delawares? A wigwam do Raposa Matreira está vazia. Torna-o mais forte com aquilo que é dele.

O patriarca meditou, por instantes, e inclinando a cabeça para os seus veneráveis companheiros, perguntou: - Este mingo é um chefe?

- O mais importante da sua nação.

- Rapariga, o que mais queres? Um grande guerreiro toma-te por mulher. Vai, a tua raça não acabar .

- Preferia mil vezes que ela acabasse - exclamou Cora, horrorizada -, do que submeter-me a tal degradação!

- Hurão, uma rapariga se vai de má vontade torna a tua wigwam infeliz.

- Ela é de uma raça de negociantes e quer alguém com quem faça um negócio. Que Tamenund diga o que pensa.

- Leva o wampum e a nossa amizade.

- Não, só o que Magua trouxe para aqui.

-Então leva o que é teu. O Grande Manitu proíbe que um delaware seja injusto.

Magua avançou e agarrou na prisioneira por um braço. E Cora, como se ciente de que qualquer queixa não serviria para nada, preparou-se para aceitar a sua sorte sem opor resistência.

- Espera! - gritou Duncan, dando um passo em frente. - Hurão, tem piedade! O seu resgate far-te-á a pessoa mais rica do Mundo. E a ti, Tamenund, apelo para a tua clemência.

- O delaware disse o que tinha a dizer - respondeu o ancião, fechando os olhos e recostando-se no assento, como que exausto por tanto esforço mental e físico. - Os homens não falam duas vezes.

- Que um chefe não desperdice o seu tempo a desdizer o que foi dito é sensato e razoável - disse Olho-de-Águia fazendo sinal a Duncan para se calar. - Mas é também prudente que todo o guerreiro pense bem antes de descarregar o seu tomahawk na cabeça de um prisioneiro. Hurão, eu não gosto de ti, e também não posso dizer que alguma vez um mingo tenha recebido algum favor das minhas mãos. E é fácil de concluir que, se esta guerra não acabar depressa, muitos mais dos teus guerreiros me hão-de encontrar na floresta. Agora pensa bem se preferirias levar esta prisioneira para o teu acampamento ou alguém como eu, que sou um homem que daria grande satisfação à tua nação ver indefeso nas tuas mãos.

- Quer Carabina Comprida dar a sua vida pela mulher? - perguntou hesitante, Magua, que já se preparava para abandonar o lugar com a sua vítima.

- Não, não, eu não disse tal - retorquiu Olho-de-Águia. - Era uma troca desigual, dar um guerreiro na força da vida pela melhor mulher que houvesse dentro destas fronteiras. Eu anuí a recolher-me a um quartel de Inverno, agora (pelo menos durante seis meses) sob a condição de libertar a senhora.

Magua abanou a cabeça, desdenhoso.

- O Raposa Matreira é um grande chefe; ele não muda de opinião. Um guerreiro hurão não perde tempo com conversas. Vem - disse ele, pondo a mão com familiaridade no ombro da prisioneira.

A rapariga recuou, com aversão, enquanto o rosto se lhe ruborizava, com tal indignidade.

- Eu sou tua prisioneira, e estou pronta a seguir-te na devida altura, até para a morte. Mas a violência não é necessária - acrescentou, friamente.

E voltou-se para Olho-de-Águia, dizendo: - De todo o meu coração lhe agradeço a sua generosidade. O seu oferecimento não é possível. Mas pode prestar-me um serviço: proteja aquela criança! Não a abandone enquanto a não vir entre gente civilizada.

Depois, aproximando-se de Duncan, que amparava Alice, continuou:

- Não é preciso dizer-lhe quanto amo esse tesouro. Ame-a também, Heyward.

E depois de dar um longo e terno beijo em Alice, com o rosto de uma palidez de morte mas sem uma lágrima, virou-se para o selvagem:

- Agora, se assim o quiser, segui-lo-ei.

- Vai - gritou Duncan -, vai Magua. Os Delawares têm leis que me impedem de te deter. Mas eu... eu não tenho essa obrigação. Vai, monstro perverso, porque esperas?

- A floresta está aberta - foi a resposta. - Podes seguir-me.

- Espere! - gritou Olho-de-Águia, segurando Duncan por um braço, e impedindo-o de usar de violência. - Ele levá-lo-ia até a uma emboscada e seria a sua morte.

- Hurão - interrompeu Uncas -, a justiça dos Delawares vem de Manitu. Olha para o Sol. Está agora por cima dos ramos mais altos da cicuta. Quando o vires por cima das árvores, haverá homens a seguir o teu rasto.

- Parece-me que estou a ouvir um corvo! - exclamou Magua, dando uma gargalhada.

E, dizendo isto, triunfante, dirigiu-se para a floresta, incólume, seguido pela prisioneira e protegido pelas leis invioláveis da hospitalidade dos índios.

XXXI

Enquanto o inimigo e a sua vítima se puderam avistar, a multidão permaneceu imóvel, como que sob um encantamento lançado por qualquer poder protector do hurão; mas assim que desapareceram, por toda ela perpassou uma intensa e feroz agitação.

Uncas, de pé, na plataforma, não tirava os olhos do vulto de Cora até que as cores do seu vestido se confundiram com a folhagem da floresta; então, desceu e, passando silenciosamente por entre a multidão, desapareceu na cabana que lhe servira anteriormente de morada. Alguns dos guerreiros, que se tinham apercebido do clarão de fúria que brilhava no olhar do seu jovem chefe, seguiram-no até ao lugar que ele escolhera para se entregar aos seus pensamentos.

Algum tempo depois, saiu de lá um jovem guerreiro que se dirigiu decidido para um pinheiro anão que crescia numa fenda do rochedo, cortou a casca do tronco e voltou pelo mesmo caminho, sem dizer uma única palavra. Logo a seguir, surgiu outro, que lhe arrancou os ramos, deixando apenas o tronco nu. E um terceiro veio pintá-lo com riscas vermelhas. Todas estas indicações de hostilidade por parte dos chefes eram recebidas pelos homens que permaneciam do lado de fora, com um silêncio carregado de tristeza e ameaças. Por fim, foi o próprio moicano que apareceu, despojado de todos os seus atavios, excepto o cinturão e as perneiras, tendo metade do seu belo rosto pintado de preto.

Uncas dirigiu-se para o tronco, em volta do qual começou a andar, em passo cadenciado, numa espécie de dança, ao mesmo tempo que erguia a voz, num canto de guerra, selvagem e caprichoso:

- Manitu! Manitu! Manitu! Tu és grande! Tu és bom! Tu és prudente! Manitu! Manitu! Tu és justo! Nos céus, nas nuvens, eu vejo Muitas manchas! Muito escuras! Muito vermelhas! Nos céus, eu vejo Muitas nuvens. Na floresta, no ar, eu ouço O grito de guerra, o grito de morte... Na floresta. Eu ouço O grito de guerra. Manitu! Manitu! Manitu! Eu sou fraco! Tu és forte! Eu sou lento! Manitu! Manitu! Dá-me a tua ajuda. Três vezes repetiu ele esta canção e outras tantas dançou em volta do tronco.

Ao fim da primeira volta, um chefe dos Lenape seguiu o seu exemplo. E guerreiro após guerreiro, todos foram aderindo àquela dança até se encontrarem, entre o número dos participantes, os de maior renome e autoridade. Então, Uncas enterrou com força o tomahawk no tronco e soltou um grito, o seu próprio grito de guerra. Este acto proclamava que ele assumia o comando da expedição que projectara fazer.

Foi um sinal que despertou todas as paixões adormecidas da sua nação. Uma centena de jovens correu, como um só, excitados, para aquilo que representava o inimigo e desfizeram-no em pedaços, até nada mais restar do tronco senão as raízes.

Logo que Uncas cravara o machado, saíra do círculo e lançara os olhos para os lados do Sol quase a atingir o ponto em que as tréguas com Magua chegavam ao fim. Anunciara este facto com um gesto significativo, acompanhado do respectivo grito, e toda a multidão excitada abandonou aquela representação de guerra e se preparou para experiências mais reais e arriscadas.

Entretanto, Duncan pusera Alice em segurança e fora em busca do batedor. Mas Olho-de-Águia, por demais habituado aos cantos de guerra e ao alistamento dos indígenas para mostrar algum interesse por tal cena, apenas lançou um olhar ocasional ao número e à qualidade dos guerreiros que, a pouco e pouco, iam aparecendo e manifestando a sua prontidão em acompanhar Uncas ao campo de batalha.

Depois, sempre calmo, mas apressado Uncas reuniu os chefes e dividiu o seu poder. Apresentou Olho-de-Águia como um guerreiro com grande experiência e sempre merecedor de confiança. Quando viu que este fora bem recebido, entregou-lhe o comando de vinte homens, vigorosos, destros e resolutos como ele. Deu a conhecer aos Delawares a posição de Heyward no exército inglês, e depois ofereceu-lhe um comando igual. Mas Duncan declinou o convite, manifestando a sua vontade de servir como voluntário ao lado do batedor. Depois de tomadas estas resoluções, o jovem moicano indicou vários chefes nativos para preencherem os diferentes cargos de responsabilidade, e, como urgia o tempo, deu ordem de marcha, no que foi obedecido com satisfação, mas em silêncio, por mais de duzentos homens.

A entrada na floresta decorreu tranquilamente, sem encontrarem quaisquer seres que pudessem ou dar o alarme ou fornecer qualquer indicação necessária, até chegarem ao sítio onde se encontravam os seus próprios batedores. Foi então ordenada uma paragem, e os chefes reuniram-se em conselho. Depois de conferenciarem alguns instantes, sem terem chegado a qualquer resultado satisfatório, viram aproximar-se um vulto vindo do lado do inimigo, tão manifestamente apressado que dava a entender ser um mensageiro encarregado de alguma proposta pacífica. Todos os olhares se voltaram para Uncas, como que pedindo indicações de como haviam de proceder.

- Olho-de-Águia - disse o jovem chefe, em voz baixa -, é preciso que aquele homem não volte a falar com os Hurões.

- Chegou a sua hora - disse laconicamente o batedor, apontando a espingarda, por entre a folhagem. Mas, em vez de puxar o gatilho, baixou a arma e largou a rir. - Tomei aquele diabo por um mingo, como um miserável pecador que sou - disse ele -, e afinal, é só um homem chamado Gamut, cuja morte não trará proveito a ninguém, e cuja vida, se a sua língua servir para outra coisa além de cantar, poderá ter utilidade para os nossos fins. Se as palavras não perderam a sua virtude, vou ter uma conversa com ele e numa voz mais agradável do que a fala de uma espingarda.

Dizendo isto, Olho-de-Águia pôs de lado a arma, e, rastejando por entre os arbustos, até ficar ao alcance do ouvido de David, tentou repetir o exercício musical que o salvara, quando atravessou o acampamento dos Hurões. Os sentidos apurados de Gamut não se sentiram feridos e, por conseguinte, tendo já ouvido antes aqueles sons, percebeu imediatamente de onde provinham; e assim, seguindo na direcção daquela voz, depressa descobriu o autor de tão melodiosa cantoria.

- Gostava de saber o que os Hurões pensarão disto! - disse o batedor, rindo, pegando num braço do companheiro e puxando-o brandamente para trás. - Se aqueles velhacos estiverem por aqui perto, irão dizer que há aqui dois tontos, em vez de um! Mas agora que estamos a salvo - acrescentou ele, apontando para Uncas e os seus companheiros -, conte-nos a história dos embustes dos Mingos, em voz natural, sem altos nem baixos.

David olhou em volta, para os chefes selvagens, um tanto assustado; mas mais confiante devido à presença de caras já suas conhecidas, depressa reuniu as suas ideias e conseguiu dar uma resposta inteligente.

- Os gentios andam por toda a parte e em grande número - disse David -, e, temo eu, com más intenções. Tem havido grande alarido e uma festança terrível, nestas últimas horas, tão barulhenta que eu, para falar a verdade, fugi para ir ter com os Delawares à procura de paz.

- Se tivesse andado mais depressa, os seus ouvidos não teriam ganho com a mudança - retorquiu o batedor. - Mas deixemos isso. Onde estão os Hurões?

- Estão escondidos na floresta, entre este lugar e a aldeia deles, e são tantos que a prudência aconselhá-los-ia a voltarem para trás imediatamente.

- E Magua? - perguntou Uncas.

- Está com eles. Trouxe consigo a menina que estava com os Delawares, e, deixando-a na caverna, pôs-se, como um lobo, à cabeça dos selvagens.

- O senhor diz que ele a deixou na caverna! - interrompeu Heyward. - É bom sabermos onde ela se encontra. Não se poderá fazer alguma coisa para a libertar imediatamente?

Uncas olhou intensamente para o batedor, antes de perguntar:

- O que diz Olho-de-Águia?

- Dá-me vinte espingardas e eu vou pela direita, ao longo do rio e, ao passar as cabanas dos castores, juntar-me-ei ao Sagamore e ao coronel. Daí, ouvirás o grito de guerra; com este vento, é fácil ouvi-lo a uma milha. Então, Uncas, dirige-te para lá. Quando estivermos à distância de um tiro, atacaremos a aldeia; tiraremos a mulher da caverna, quando a batalha acabar, segundo as regras dos brancos, por uma derrota e uma vitória, ou à moda dos índios, esquivando-se e cobrindo a retirada.

Depois de uma breve conferência, o plano foi amadurecido e tornado mais compreensível para todas as partes; combinaram-se vários sinais e os chefes separaram-se, cada qual para o sítio que lhe fora destinado.

XXXII

Durante todo o tempo que Uncas levou a dispor as suas forças, a floresta manteve-se tão calma e sossegada como quando havia saído das mãos do Criador Todo-Poderoso. Mas Olho-de-Águia conhecia bem demais o carácter daqueles com quem se iria defrontar, para confiar naquela falsa tranquilidade.

Quando viu todo o grupo de novo reunido, o batedor atirou a espingarda para o braço, e, fazendo sinal para o seguirem, encaminhou-se para o leito do riacho, que já haviam atravessado. Aqui parou e depois de esperar que todos os guerreiros se aproximassem, falando em delaware, perguntou:

- Sabem onde nos leva esta corrente?

Um dos Delawares estendeu a mão e respondeu:

- Antes que o Sol percorra todo o seu caminho, a água pequena chegar à grande. - E acrescentou, apontando na direcção do ponto mencionado: - Os dois chegam para os castores.

- Era o que eu pensava - retorquiu o batedor. - Vamos manter-nos a coberto das suas margens até farejarmos os Hurões.

Os companheiros soltaram a sua habitual exclamação de concordância, mas compreendendo que o chefe fazia tenção de se pôr a caminho, um ou dois deles fizeram um sinal de que se passava qualquer coisa. Olho-de-Águia, que percebera o significado dos seus olhares, voltou-se e notou que vinham a ser seguidos de longe pelo mestre de canto.

- Sabe amigo - perguntou o batedor -, que isto , um grupo de guerreiros escolhidos para um serviço arriscado e que são comandados por alguém que não os vai deixar preguiçar? E o senhor não sabe usar qualquer arma; nem traz espingarda.

- Embora não seja um Golias, arrogante e sanguinário - respondeu David, tirando uma funda de debaixo das suas vestes -, não me esqueci do exemplo do jovem judeu. Na minha juventude, exercitei-me muito com esta antiga arma de guerra e é possível que não tenha perdido por completo a minha habilidade.

- Pois! - disse Olho-de-Águia, olhando para a funda, com desdém. - Essa coisa podia prestar bons serviços se se tratasse de flechas ou até mesmo de facas; mas estes mingos foram apetrechados pelos Franceses com boas espingardas. No entanto, como parece ter o dom de passar incólume no meio do fogo, e tem sido poupado até agora, tem licença para vir

conosco. Pode-nos servir em caso de haver necessidade de gritar.

- Muito obrigado, amigo - respondeu David.

- Lembre-se - acrescentou o batedor -, que nós viemos para combater e não para musicatas. E até que o grito de guerra seja dado, só falam as espingardas.

David acenou com a cabeça, para significar a sua aquiescência, e Olho-de-Águia, lançando um olhar sobre os que o seguiam, fez sinal para continuarem o caminho. Durante cerca de uma milha, avançaram ao longo do curso de água. Embora livres do perigo de serem observados por causa das margens escarpadas e da vegetação que as cobria, nenhuma precaução contra um ataque dos índios foi negligenciada. E a sua marcha não foi perturbada até atingirem o ponto onde o riacho desaguava no outro maior. Aqui, novamente o batedor parou, para investigar qualquer sinal que houvesse na floresta.

- Temos um bom dia para combater - disse ele, dirigindo-se a Heyward e olhando para as nuvens. - Um Sol brilhante e uns canos de espingarda a luzir não são favoráveis para uma boa visão.

Sabendo que o acampamento dos Hurões ficava a meia milha do riacho, e, com a natural ansiedade de quem temia um perigo escondido, ficou perturbado por não ver o mais pequeno rasto da presença do inimigo.

Por fim, cedendo à sua pouco habitual impaciência decidiu prosseguir o caminho, cautelosa mas firmemente, e subir a corrente.

Enquanto fazia as suas observações, o batedor abrigara-se numa balsa, encontrando-se ainda os companheiros na ravina pela qual passava o riacho; mas, ao ouvirem o seu sinal, todos treparam para a margem, e, silenciosamente, agruparam-se à sua volta. Apontando na direcção que desejava seguir, Olho-de-Águia avançou e todos lhe seguiram as pisadas, em fila indiana.

Porém, mal o grupo saíra da sombra, logo um disparo de uma dúzia de espingardas se ouviu nas suas costas e um dos Delawares caiu morto.

- Eu estava à espera de uma coisa destas! - exclamou o batedor. - Abriguem-se e atirem!

O combate tornou-se violento, mas ninguém cedia. Poucos eram os feridos, pois ambas as partes se protegiam o mais possível com as árvores, nunca se expondo se não quando tinham de fazer pontaria. Mas a sorte estava a tornar-se menos favorável para Olho-de-Águia e os seus. O batedor apercebia-se do perigo, sem saber como o remediar. Via que era mais perigoso retirar-se do que manter-se no seu posto, mas também via que o inimigo ia atacar pelo flanco, o que tornava mais difícil aos delawares manterem-se a coberto, quase os obrigando a cessar fogo. Nesse momento embaraçoso, quando já começava a pensar que a tribo adversária os iria cercar a pouco e pouco, até os eliminar, ouviram um grito de guerra e o matraquear de armas, na floresta, no lugar onde Uncas se postara, junto ao leito do rio, que, de certo modo, ficava abaixo do terreno onde Olho-de-Águia e os companheiros combatiam. O efeito deste ataque foi instantâneo, e o batedor e os amigos respiraram de alívio. Parecia que, como a surpresa fora antecipada e por isso falhara, o inimigo deixara uma força muito pequena para resistir à investida do moicano. Este facto tornou-se evidente pela maneira

rápida como a batalha na floresta se desenrolou em direcção à aldeia, e pela rápida diminuição do número de assaltantes que corriam para manter a frente, o que provava ser esse o seu principal ponto de defesa.

Animando os companheiros com a voz e o exemplo, Olho-de-Águia deu ordem para carregar sobre os adversários. Os Hurões eram obrigados a retirar e a cena da batalha mudou rapidamente do campo aberto onde começara, para um local onde os atacantes encontraram uma mata onde se podiam proteger. Aqui o combate tornou-se mais prolongado e mais árduo, parecendo de difícil desfecho, pois embora não houvesse mortos entre os delawares, estes encontravam-se feridos em consequência da sua desvantagem.

Neste momento crítico ouviu-se um tiro de espingarda por detrás dos Hurões e uma bala passou zumbindo por entre as cabanas dos castores, e que foi seguido por um feroz e aterrador grito de guerra.

- É assim que fala Sagamore! - gritou Olho-de-Águia, respondendo ao grito com a sua voz de estentor. - Temo-los agora apanhados pela frente e pelas costas! O efeito sobre os Hurões foi instantâneo. Desencorajados por tão inesperado ataque, os guerreiros soltaram um grito de desapontamento e desespero e, abandonando a luta, correram pela clareira, apenas preocupados em fugir, ao mesmo tempo que iam caindo sob as balas dos Delawares que os perseguiam. Não nos demoraremos a relatar o encontro entre o batedor e Chingachgook, e a não menos comovente conversa de Duncan com Munro. Em poucas palavras foi explicada a situação de ambas as partes, e depois, Olho-de-Águia, apontando para Sagamore, entregou o comando nas mãos do chefe moicano, que o assumiu com a dignidade que dá sempre força às ordens de um chefe nativo.

Os guerreiros encontravam-se agora num terreno arborizado, onde se podiam ocultar, e que mais adiante se inclinava até a um vale estreito; e era aí, no meio de uma densa floresta, que

Uncas ainda combatia o principal corpo dos Hurões.

O moicano e os amigos avançaram até à beira da colina e daí escutaram os sons do combate. Não tardou muito que se deixassem de ouvir as detonações das espingardas, e que comesçassem a aparecer guerreiros, aqui e ali, impelidos para a orla da floresta e juntando-se à entrada da clareira onde se iria dar a batalha final. A estes se reuniram outros, procurando ali abrigo, com a obstinação do desespero. Heyward começou a impacientar-se, voltando ansiosamente o olhar para Chingachgook. O chefe encontrava-se sentado numa pedra, com a maior calma, observando toda a cena, como se estivesse ali apenas para assistir ao combate.

- É tempo do delaware atacar! - disse Duncan. - Ainda não, ainda não - retorquiu o batedor. - Quando ele sentir que os amigos estão próximos, ele dar-lhes-á a conhecer que está aqui. Olhe, os velhacos estão a juntar-se ali naquele pinhal, como abelhas em volta do cortiço.

Nesse mesmo instante, soou o grito de guerra, e uma dúzia de Hurões caiu sob os disparos de Chingachgook e dos seus companheiros. O grito que se seguiu foi respondido por outro grito de guerra, vindo da floresta, e depois por um berro como que proveniente de milhares de gargantas. Os Hurões hesitaram, abandonando o centro da sua linha de combate e Uncas surgiu da floresta pela abertura por eles deixada à cabeça de uma centena de guerreiros.

Acenando com as mãos para a direita e para a esquerda, o jovem chefe apontava os inimigos aos que o acompanhavam e que logo correram em sua perseguição.

Agora, ambas as alas dos Hurões destroçados procuravam proteção de novo na floresta,

acossados furiosamente pelos vitoriosos guerreiros do Lenape. Um minuto depois, já os sons se afastavam em várias direcções, e deixavam gradualmente de se ouvir sob as arcadas da floresta. Contudo, um pequeno grupo de Hurões não procurara ocultar-se, e batiam em retirada, devagar, pela encosta, que Chingachgook e os companheiros tinham abandonado para se irem juntar à refrega.

Na sua ânsia de apressar a perseguição, Uncas ficara quase isolado; mas assim que viu o vulto de Raposa Matreira, qualquer outra ideia foi posta de lado. Soltando o grito de guerra, que atraiu seis ou sete guerreiros, e indiferente à disparidade do seu número, correu para o inimigo. Raposa Matreira, que notara os seus movimentos, parou para o defrontar com secreta alegria. Mas na altura em que ele pensava que a temeridade do seu impetuoso atacante o deixaria à sua mercê, outro grito se ouviu, e viu-se Carabina Comprida correndo para o auxiliar, acompanhado pelos seus companheiros brancos. Rapidamente, o hurão voltou-se e iniciou uma retirada pela encosta.

Uncas, consciente da presença dos seus amigos, continuou a persegui-lo com a velocidade do vento. Em vão, Olho-de-Águia o chamou. O jovem moicano, enfrentando o fogo dos inimigos, obrigou-os a fugir. Por felicidade a corrida durou pouco e os homens brancos eram favorecidos tanto pela distância como pela posição, senão o delaware ter-se-ia adiantado demais e caído vítima da sua própria temeridade. Mas antes que tal calamidade acontecesse, os perseguidores e os perseguidos entraram na aldeia, a pouca distância uns dos outros.

Animados por se encontrarem perto das suas cabanas, e cansados da perseguição, os Hurões pararam e começaram a combater em volta da cabana onde se reuniam em conselho, com fúria e desespero. O ataque e o desfecho foram como a passagem destruidora de um furacão. O tomahawk de Uncas, as coronhadas de Olho-de-Águia, e até mesmo o braço de Munro, todos entraram em acção, e, dentro em pouco, o solo ficou juncado de inimigos. No entanto, Magua conseguira escapar a qualquer tentativa contra a sua vida e, quando viu os seus companheiros mortos, correu para fora da clareira, seguido pelos dois únicos amigos sobreviventes, deixando os delawares ocupados a despojar os mortos dos troféus sangrentos da vitória.

Mas Uncas, que em vão o procurara na refrega, correu em sua perseguição, com Olho-de-Águia, Heyward e David seguindo-o de perto. Ainda outra vez, Magua pareceu disposto a fazer um último esforço para se vingar da sua derrota. Mas abandonando rapidamente essa intenção de um salto enfiou-se na mata, no que foi seguido pelos inimigos; e, de repente, entrou na caverna atrás mencionada. Os seus perseguidores correram para lá, a tempo de verem ainda o vulto do fugitivo. A passagem deles através das galerias naturais e das divisões subterrâneas da caverna era precedida pelos guinchos e gritos de centenas de mulheres e crianças. Assim tão escassamente iluminado, aquele lugar assemelhava-se a sombrias regiões infernais, povoadas por multidões de fantasmas e demónios.

No entanto, Uncas não perdia de vista Magua, como se toda a sua vida só tivesse aquele objectivo. Heyward e o batedor seguiam-no, tanto quanto possível, movidos por um mesmo sentimento, embora talvez em menor grau. Mas o caminho tornava-se difícil através de passagens e mal vislumbravam os guerreiros fugitivos. Por momentos, julgaram ter-lhes perdido o rasto, quando avistaram um vestido branco, no outro extremo da passagem que levava à montanha.

- É Cora! - exclamou Heyward.

- Cora! Cora! - repetiu Uncas, dando um salto como um gamo.

- É a menina! - gritou o batedor. - Coragem, nós já aí vamos.

E retomaram a perseguição com uma diligência ainda maior. Mas o caminho agora tornara-se quase intransitável. Uncas largou a espingarda e correu para a frente. Heyward seguiu-lhe o exemplo, embora ambos tivessem, pouco depois, dado conta da sua loucura, ao ouvirem o som de uma descarga, que os Hurões haviam disparado ao passarem por entre os rochedos, e cuja bala foi ferir o moicano de raspão.

- Temos de terminar com isto - disse o batedor, passando à frente dos companheiros. - Aqueles patifes, a esta distância, matam-nos. E reparem que eles se servem da menina como de um escudo!

Embora não tivessem prestado atenção às suas palavras, ou até as não tivessem ouvido, o seu exemplo foi seguido pelos outros que perceberam que Cora era levada por dois guerreiros, enquanto Magua indicava por onde haviam de fugir. Por momentos, os vultos dos quatro desenharam-se na abertura contra o céu, para depois desaparecerem. Quase desvairados, Uncas e Heyward redobraram de esforços e saíram da caverna pelo lado da montanha, a tempo de avistarem o caminho que eles seguiam.

Sobrecarregado com a espingarda, o batedor deixou-os distanciar um pouco; Uncas, por seu turno, adiantou-se a Heyward.

Deste modo, rochedos, precipícios e quaisquer outros obstáculos eram vencidos, num inacreditável curto espaço de tempo, que em outra ocasião e em outras circunstâncias teriam sido considerados insuperáveis. Mas os jovens foram recompensados ao perceberem que, embaraçados com Cora, os Hurões iam perdendo terreno.

- Para, cão! - exclamou Uncas, ameaçando Magua com o tomahawk.

- Já não vou mais longe! - gritou Cora, parando inesperadamente junto a uma saliência dos rochedos que se projectava por sobre um precipício, a pouca distância do cume da montanha.
- Mata-me, se quiseres, malvado hurão, mas eu não vou mais para diante!

Os Hurões que a agarravam levantaram impiedosamente os tomahawks, mas Magua susteve-os. Depois de ter atirado com as armas dos outros por cima do rochedo, sacou da faca e voltou-se para a prisioneira, com um olhar onde sentimentos opostos se digladiavam.

- Mulher - disse ele -, escolhe: ou a wigwam ou a faca de Raposa Matreira!

Cora nem o olhou. Caindo de joelhos, ergueu os olhos e os braços ao céu, dizendo em voz humilde e confiante:

- Sou Tua, Senhor! Faz de mim o que Te aprouver!

- Mulher! - repetiu Magua, com voz rouca. - Escolhe! Mas Cora nem o ouviu, nem fez caso da

sua proposta.

Todo o corpo do hurão tremia de fúria, e levantou o braço para logo o baixar, com uma expressão feroz e perplexa, como que hesitante. Outra vez ergueu a arma, mas, nessa altura, ouviu um grito por cima da sua cabeça, e Uncas apareceu, saltando temerosamente de uma altura tremenda para a saliência da rocha. Magua recuou e um dos companheiros aproveitando a ocasião, enterrou a sua própria faca no peito de Cora.

O hurão saltou como um tigre sobre o guerreiro que já fugia, mas Uncas, ao cair, interpusera-se entre os dois combatentes. Desviada a atenção do seu objectivo por esta interrupção, e enlouquecido pelo crime que presenciara, Magua cravou a arma nas costas do delaware, soltando um grito pavoroso enquanto desfechava o golpe.

Mas Uncas levantou-se e tal como uma pantera ferida que se volta contra o inimigo, num esforço supremo, prostrou o assassino de Cora a seus pés. Então, lançando um olhar duro e firme a Raposa Matreira mostrou, pela sua expressão, tudo o que iria fazer se as forças lhe não tivessem faltado. Magua, agarrando no braço inerte do delaware, enterrou-lhe a faca três vezes no peito, enquanto a vítima, ainda fitando o inimigo, caía morta a seus pés.

- Piedade, hurão! - gritou Heyward, quase sufocado pelo horror. - Tem piedade e outros tê-la-ão para contigo!

Ameaçando com a faca ainda coberta de sangue o jovem que tal implorava, Magua soltou um grito, tão feroz e, ao mesmo tempo, de tanto júbilo, que este som de triunfo selvagem chegou

aos ouvidos daqueles que combatiam no vale, centenas de metros mais abaixo. A este respondeu um brado, saído da boca do batedor, que corria agora rapidamente em sua direção, ao longo daqueles perigosos desfiladeiros, com passadas tão confiantes e descuidadas, como se tivesse o poder de se mover no ar. Mas quando o caçador atingiu o lugar de tão cruel chacina só encontrou os mortos.

No cimo da montanha, mesmo à beira de um abismo vertiginoso, com os braços erguidos em atitude ameaçadora, via-se a figura de Magua. Sem se deter em considerações, a espingarda de Olho-de-Águia ergueu-se. Então Magua pulou sobre uma larga fenda e trepou os rochedos. Um simples salto assegurar-lhe-ia a fuga. Contudo, antes de dar o salto, o hurão acenou ao batedor, gritando:

- Os rostos-pálidos são cães! Os Delawares são mulheres! Magua deixa-os nos rochedos para os corvos!

Dando uma gargalhada, saltou com fúria, mas sem conseguir atingir o alvo, embora tentasse agarrar-se à vegetação da borda do precipício. Olho-de-Águia tremia tão violentamente que o cano da espingarda parecia uma folha sacudida pelo vento. Magua, habilmente, deixara descair o corpo a todo o comprimento dos braços e procurava um apoio para os pés. Então, reunindo todas as suas forças, conseguiu erguer os joelhos até à borda da montanha. E foi nessa altura que o batedor apontou a arma. Os braços do hurão afrouxaram e o corpo descaiu um pouco para trás, enquanto os joelhos mantiveram a mesma posição. Voltando um olhar implacável para o inimigo, ameaçou-o com uma das mãos. Mas perdeu o equilíbrio e, cortando o ar, de cabeça para baixo, deslizou pelos arbustos da encosta da montanha, num rápido voo para a morte.

XXXIII

No dia seguinte, os Lenape eram uma nação mergulhada em luto.

Os sons da batalha haviam-se calado, e eles tinham-se vingado dos Mingos, destruindo uma comunidade. A atmosfera sinistra que pairava por todo o espaço onde os Hurões haviam acampado, mostrava por si só a sorte daquela tribo nómada.

Entretanto, o Sol erguera-se sobre uma nação em luto. Nem um grito de vitória, nem um cântico triunfal se ouviam, nem demonstrações de regozijo.

O orgulho e o júbilo haviam sido suplantados pela humilhação, e as mais ferozes paixões haviam sido seguidas pelas mais profundas e inequívocas demonstrações de dor.

As cabanas encontravam-se desertas. E uma multidão de rostos graves agrupava-se em volta de um ponto, no mais profundo e terrível silêncio, e todos os olhares fitavam o centro desse

círculo, com o maior interesse.

Seis raparigas delawares, com as suas enormes tranças pretas caídas sobre o peito, encontravam-se a um lado, e só davam prova da sua existência quando, por vezes, lançavam ervas odoríferas e flores selvagens sobre um leito de plantas perfumadas onde, por baixo de uma mortalha de tecidos índios, estava agora tudo o que restava da nobre e generosa Cora. A seus pés, sentava-se Munro, inconsolável, de cabeça curvada, em aceitação ao golpe infligido pela Providência Divina. A seu lado, Gamut de cabeça descoberta aos raios do Sol, procurando ajudá-lo e dar-lhe alguma consolação. Encostado a uma árvore, Heyward esforçava-se por conter a sua dor, que só dificilmente dominava.

Mas por muito triste e desolador que fosse, como se pode imaginar, este grupo era muito menos comovedor que um outro que se encontrava no lado oposto. Sentado, como se estivesse vivo, Uncas apresentava-se ataviado com os mais sumptuosos adornos. Ricas plumas ondulavam na sua cabeça, e contas, colares, braceletes e medalhas o ornamentavam em profusão.

Mesmo em frente do cadáver, postava-se Chingachgook, sem quaisquer armas, pinturas ou adornos, excepto o emblema da sua raça gravado indelevelmente no peito descoberto.

Durante todo o tempo que a tribo ali esteve reunida, o guerreiro moicano fixara os olhos angustiados no rosto frio e sem vida do filho. Tão intenso e fixo era o seu olhar, e tão imóvel permanecera, que qualquer estranho não seria capaz de distinguir o vivo do morto.

Próximo dele, encontrava-se o batedor, pensativo e encostado à sua arma fatal e vingadora, enquanto Tamenund, amparado pelos homens mais velhos da sua nação, ocupava um lugar elevado, de onde podia contemplar a dor do seu povo.

Na parte interior desse mesmo círculo encontrava-se um militar fardado de uma outra nação, e, do lado de fora, o seu cavalo parecia pronto a encetar uma viagem para longe. A farda deste estranho revelava ter ele uma situação de responsabilidade junto do comandante do Canadá. Mas achando que os seus propósitos de paz haviam sido frustrados pela feroz impetuosidade dos seus aliados, contentava-se em permanecer como espectador, silencioso e entristecido, de uma luta a que chegara tarde demais para evitar.

O dia já findava o seu primeiro quarto, no entanto, a multidão mantinha o mesmo silêncio desde as primeiras horas da madrugada. Nada mais se ouvia além de algum soluço logo contido, nem algum movimento fora feito excepto para executar algum simples e comovedor oferecimento, de vez em quando, em honra da pobre Cora.

Começou então a ouvir-se um murmúrio de vozes entoando um cântico em louvor dos mortos. Estas vozes eram femininas, e arrebatadoramente suaves e lamentosas. Uma das raparigas aludiu às qualidades do guerreiro falecido, embelezando as suas expressões com aquelas imagens orientais que os índios trouxeram provavelmente da extremidade do outro continente. Chamou-lhe “a pantera da sua tribo”, e descreveu-o como aquele cujos mocassins não deixavam rasto no orvalho, cujos saltos eram como os de uma jovem corça, cujos olhos eram mais brilhantes que as estrelas na noite e cuja voz, durante as batalhas, era forte como o trovão de Manitu.

As outras prosseguiram, com vozes ainda mais suaves, aludindo, com a delicadeza e a sensibilidade próprias das mulheres, à estrangeira que havia deixado a terra quase ao mesmo tempo que ele, segundo a vontade do Grande Espírito. Frisaram a sua beleza inigualável e a

sua nobreza de sentimentos, acrescentando que estes dons naturais deviam compensar qualquer pequena imperfeição, fruto da sua educação.

Depois destas, ainda outras falaram da rapariga numa linguagem suave de ternura e amor. Exortaram-na a sentir-se alegre e a não temer a sua futura felicidade, pois teria a seu lado um guerreiro capaz de a proteger contra qualquer perigo. Aconselhavam-na a estar atenta às vontades do companheiro e a nunca esquecer a distinção que Manitu tão sabiamente estabelecera entre eles. A seguir, irrompeu um canto ardente de todas as vozes, em que descreviam o carácter do moicano. Diziam-no nobre, forte e generoso, com todas as qualidades dignas de um guerreiro que uma rapariga apreciaria.

Os Delawares ouviam-nas encantados. E até David apreciava aqueles tons de vozes tão doces.

Apenas para o batedor, de entre todos os homens brancos, as palavras eram inteligíveis. Mas quando elas falaram das futuras perspectivas de Cora e Uncas, ele abanou a cabeça como se reconhecesse o erro de tão simples princípios, e retomou a sua atitude anterior, que manteve até ao fim da cerimónia. Era uma felicidade que tanto Heyward como Munro não tivessem percebido o significado dos sons que ouviam.

A um sinal dado por um dos chefes mais velhos, as mulheres agruparam-se em volta do corpo de Cora. Obedientes, as raparigas ergueram o esquife à altura das cabeças e avançaram lentamente, entoando, ao mesmo tempo, outro cântico em louvor da morta. Gamut, que observara os ritos, achando-os muito pagãos, inclinou-se sobre o ombro de Munro, sussurrando:

- Levam a sua filha. Não deveríamos acompanhá-la e ver se a enterram cristãmente?

Munro, sobressaltado, olhando ansioso em volta, levantou-se e seguiu o préstito, com o porte de militar, mas com o sofrimento de um pai. Os amigos rodeavam-no com uma tristeza, grande demais para ser só de simpatia. E até o francês se juntou ao cortejo, com a expressão de um homem visivelmente tocado pela sorte de alguém tão novo e tão belo. O lugar escolhido para a sepultura de Cora fora um outeiro onde os pinheiros que aí se encontravam plantados sombreavam apropriadamente aquele local. A cerimônia de cobrir os restos mortais e disfarçar a terra revolvida, com folhas e flores, como era habitual, decorreu da mesma forma simples e também silenciosamente. Nessa altura, o batedor dirigiu-se-lhes:

- As mulheres já fizeram o que era preciso - disse. - O espírito dos rostos-pálidos não precisa de alimentos nem de vestuário. - Depois, apontou para David que pegara no seu livro de salmos: - Aquele, que conhece melhor os costumes dos cristãos, vai agora falar.

As mulheres afastaram-se modestamente, e, depois de terem desempenhado o principal papel naquela cena, passaram a observadoras humildes e atentas do que se iria passar. Enquanto David exprimiu os seus sentimentos piedosos, não se lhes viu nem um sinal de surpresa nem um olhar de impaciência. Ouviram atentamente como se compreendessem o significado de tão estranhas palavras, parecendo que sentiam a dor, a esperança e a resignação que elas procuravam transmitir. E terminou a antífona tal como a começara, no meio de um profundo e solene silêncio.

Contudo, quando soou a cadência final, uns olhares tímidos e uma agitação geral denunciaram que se esperava qualquer coisa do pai de Cora.

Munro sentiu que chegara a hora, para ele, de fazer aquilo que talvez fosse o maior esforço de que a natureza humana seria capaz. Relanceou o olhar tímido pela multidão que o rodeava, com ar firme. Depois, dirigindo-se ao batedor, disse: - Diga a estas amáveis mulheres que um homem de coração destroçado lhes agradece. Diga-lhes que Aquele a quem adoramos sob nomes diferentes se lembrará da caridade delas.

Olho-de-Águia, voltando-se então para as mulheres, transmitiu-lhes a gratidão de Munro, em palavras mais adequadas às capacidades das ouvintes.

Já Munro ia recair na sua melancolia quando o francês lhe tocou ao de leve no cotovelo. Assim que conseguiu atrair a sua atenção apontou para um grupo de índios que se aproximavam com uma liteira e depois para o Sol.

- Compreendo-o, senhor - retorquiu Munro, com uma voz que procurava ser firme. - Eu compreendo-o. É a vontade do céu e eu submeto-me. Cora, minha filha! Se as orações de um pai inconsolável te podem valer, que feliz serás! Vamos, meus senhores - acrescentou, olhando em volta com dignidade. - O nosso dever aqui findou. Partamos.

Heyward obedeceu, de boa vontade, a este convite para abandonarem um lugar onde, a todo o momento, sentia que estava a perder o domínio sobre si mesmo.

Enquanto os companheiros montavam, ele ainda arranjou tempo para apertar a mão ao batedor, e repetir que esperava voltar a encontrá-lo, nalguma guarnição do exército britânico. Depois,

saltando para o selim, esporeou o cavalo para se juntar à liteira onde apenas os soluços abafados denunciavam a presença de Alice. Deste modo, com Heyward e David seguindo-a em silêncio, e acompanhados pelo ajudante de Montcalm e os seus guardas, todos os homens brancos, à exceção de Olho-de-Águia, depressa se internaram na floresta.

Mas o laço que os unira durante toda aquela desgraça que haviam vivido juntos não seria facilmente quebrado. E muitos anos se passaram antes que a tradicional história da rapariga branca e do jovem guerreiro moicano deixasse de ser contada nas longas noites e nas marchas fastidiosas ou para estimular nos jovens o desejo de vingança sobre os seus inimigos naturais.

Por intermédio do batedor que anos mais tarde serviu de ligação entre eles e a vida civilizada, em resposta às suas perguntas, souberam que o “homem de cabelos brancos” fora pouco depois reunir-se aos seus antepassados, e que Heyward levava a filha que sobrevivera para as terras dos rostos-pálidos, onde as lágrimas por fim tinham parado de correr e haviam sido substituídas por sorrisos que mais se adaptavam à sua natureza feliz e alegre.

Mas estes acontecimentos tiveram lugar muito tempo depois da nossa história.

Abandonado por todos os da sua cor, Olho-de-Águia voltou para onde a sua simpatia o levava, com uma força que nenhuma obrigação poderia impor. E chegou mesmo a tempo de lançar um olhar de despedida ao rosto de Uncas, que os Delawares já estavam envolvendo nas suas últimas vestes de peles. Depois formou-se um cortejo semelhante ao outro e toda a nação se reuniu em volta da sepultura do chefe. O corpo foi deposto numa atitude de repouso, voltado para o Sol nascente, com todas as suas armas de guerra e de caça à mão, prontas para a jornada final.

Terminados estes ritos, todos os presentes se voltaram para a parte espiritual das cerimónias.

Mais uma vez Chingachgook se tornou objecto de todas as atenções. Ele ainda não falara, e esperava-se de tão famoso chefe, numa ocasião tão solene, quaisquer palavras de consolação. Consciente dos desejos do seu povo, o guerreiro ergueu o rosto que até aí mantivera encoberto e olhou em volta com firmeza.

- Porque se lamentam os meus irmãos? - disse ele, olhando os guerreiros que, entristecidos, o rodeavam. - Porque choram as minhas filhas? Foi um jovem que partiu para os campos da boa caça. Foi um chefe que levou a sua vida com honra. Ele era bom. Era respeitoso. Era valente. Quem o pode negar? Manitu precisava de um guerreiro assim, e chamou-o. Quanto a mim, o pai de Uncas, eu sou “um pinheiro a arder numa clareira dos rostos-pálidos”. A minha raça desapareceu das praias do lago salgado, e das colinas dos Delawares. Estou só...

- Não, não - exclamou Olho-de-Águia -, não, Sagamore, não estás só. As virtudes da nossa cor podem ser diferentes, mas Deus fez-nos encontrar para que trilhássemos o caminho juntos. Eu não tenho família, e, tal como tu, posso dizer que não tenho nação. Ele era teu filho, pele-vermelha, e do teu sangue... Mas não posso esquecer o rapaz que tantas vezes combateu a meu lado, e que foi meu companheiro em tempos de paz. O rapaz deixou-nos por uns tempos, Sagamore, mas tu não estás só!

Chingachgook apertou as mãos que, com toda a amizade, o batedor lhe estendera por cima da terra remexida, e neste gesto, os dois valentes homens da floresta curvaram as cabeças e com as suas lágrimas escaldantes regaram a sepultura de Uncas, como gotas de chuva.

No meio do impressionante silêncio com que aquela explosão de sentimentos dos dois mais famosos guerreiros daquela região foi recebida, Tamenund ergueu a voz para dispersar a multidão:

- Basta! - disse ele. - Vão, filhos de Lenape. A cólera de Manitu não está apaziguada. Porque há-de Tamenund ficar aqui? Os rostos-pálidos são donos da terra e o tempo dos peles-vermelhas ainda não veio de novo. Os meus dias foram longos demais. Ainda de manhã vi os filhos de Unamis fortes e felizes; e, no entanto, ao cair da noite vivi para ver o último guerreiro da raça dos Moicanos.